Pissurlekar

A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DOS ÚLTIMOS INCAS

AOS MEUS AMIGOS
SUL-AMERICANOS

INTRODUÇÃO

FELIZES dos autores de vidas quotidianas que podem dispor de documentos escritos pelos próprios que hão-de constituir o objecto dos seus estudos. A nós não nos é permitido beneficiar dessas facilidades para evocarmos a existência dos Índios, no tempo dos Incas, mesmo porque a escrita era ainda então desconhecida. Daí o vermo-nos constrangidos a interrogar os arqueólogos, os folcloristas e os cronistas.

A arqueologia fornece-nos vagos clarões do passado, ao acaso das descobertas.

Escrituras míticas, desenhos estilizados, sinais hieroglíficos, mais insinuam hipóteses do que fornecem soluções, mais aguçam a curiosidade do que a satisfazem.

O folclore, riquíssimo, prolonga ecos, que escutamos complacentemente, porque sabemos que o ambiente índio bem poucas transformações sofreu através dos séculos. No entanto, por mais fraca que esta evolução haja sido, o certo é que não deixou de se verificar, ainda que não possa saber-se qual a sua verdadeira extensão. De mais, os documentos da sociedade pré-colombiana do Peru encontram-se, na grande maioria dos casos, amalgamados com os da Vice-Realeza e com os da República, num conjunto inextricável.

Restam, apenas, os documentos escritos pelos Espanhóis, decerto numerosos, e muito numerosos mesmo, mas a constituírem simples massa caótica de informações políticas, económicas, sociais,

militares, religiosas, anedóticas e científicas, em regra mal apresentadas, contraditórias muitas vezes e só raramente imparciais. Insistamos ainda na dificuldade, que até os cronistas mais célebres experimentam, em apreciarem os factos e as instituições, completamente libertos das recordações da Antiguidade Clássica e dos seus preconceitos mediterrânicos, mormente de ordem política e religiosa. Garcilaso de la Vega elogia excessivamente os Incas, Sarmiento de Gamboa vitupera-os sem qualquer medida; perdem-se os secretários dos conquistadores em inúmeros pormenores de carácter militar e atascam-se os missionários em intermináveis sermões. Poma de Ayala, de extraordinária voga, hoje em dia, entre os historiadores, não apenas por ser índio, mas ainda porque o seu manuscrito só recentemente foi descoberto e se encontra recheado de desenhos ingénuos, evidencia pouca cultura e objectividade. [1]

Se, por um lado, não pudemos dispor de muitas fontes fidedignas — razão que nos levou a usar sempre da máxima prudência no manuseamento dos documentos, — também, por outro, não tivemos a vantagem de ter sido auxiliados, na nossa tarefa, pela atmosfera de grandiosidade e beleza que os poetas da Antiguidade Clássica souberam criar no mundo mediterrânico. Nenhum mestre da prosa ou do verso celebrou jamais os heróis índios.

Nestas circunstâncias, é de desculpar aos nossos contemporâneos o pouco que conhecem acerca dos Incas. Para uma visão de conjunto desta civilização, permitimo-nos chamar a atenção do leitor para o nosso trabalho — *L'Empire socialiste des Inka* (Paris, Institut d'Ethnologie, 1928) — ou, melhor ainda, no caso de compreender o espanhol, para a terceira edição da tradução, correcta e aumentada, vinda a lume, em 1955, em Santiago do Chile (Libraria Zig-Zag). Nessas obras encontrará também uma abundante bibliografia, que nos permite reduzir o número de notas deste livro, onde nos limitamos a fazer algumas referências que nos parecem essenciais. O leitor apressado terá interesse em ler a nossa brochura *Les Incas du Pérou* (Paris, Librairie de Médicis, 3.ª edição, 1947), bem como a nossa *Vie de François Pizarre* (Paris, colecção *«Les Vies des Hommes Illustres»*, Nouvelle Revue Française, Gallimard, 1930).

Devemos esclarecer ainda o leitor de que, no intuito de evitarmos uma pronúncia que, às vezes, poderia parecer ridícula, tivemos o cuidado de escrever as palavras quíchuas, não à espanhola, mas à francesa. (*) Nem o processo, aliás, traz qualquer inconveniente, pois esta língua era apenas falada, pelo que, ao tempo dos Incas, não interessava qualquer questão ortográfica.

A nossa única ambição é a de evocar, através das páginas que vão ler-se, e tão exactamente quanto possível, a vida dos Índios, durante um dos períodos mais singulares e mais conhecidos da história do mundo. Por bastante felizes nos daríamos se conseguíssemos chamar a atenção dos nossos compatriotas para essas magníficas regiões andinas, tão excitantes, não apenas pelos vestígios que encerram e esperanças que suscitam, como ainda pelos mistérios do passado e promessas do futuro.

(*) Tal questão ortográfica ter-se-á reduzido quase exclusivamente à troca do som *u* por *ou*. Na tradução portuguesa, claro está, limitámo-nos a repor as coisas no seu devido lugar. *(N. do T.)*

PRIMEIRA PARTE

O AMBIENTE E O HOMEM

CAPÍTULO I

O ESPAÇO. O DOMÍNIO DA NATUREZA

O PLANALTO INTERANDINO, REGIÃO DO MEDO

IMPOSSÍVEL é, na América do Sul, falar do homem sem, primeiramente, se evocar a natureza, pois esta foi, é e há-de continuar a ser a grande dominadora. Nada existe nela à escala do homem. Rios, montanhas, florestas, tudo é obstáculo e hostilidade. Tem-se a impressão de que, no plano de criação desse continente, o homem não foi previsto e veio a constituir um mero acidente.

Tão desmedida grandeza provoca, de início, um deslumbramento, para logo se transformar em temor. O relevo da região sobre a qual, muito particularmente, irá incidir a nossa atenção, — alternância de planaltos desolados e de cristas selvagens — é propício à manutenção do «medo original». [1] O sobre-humano transforma-se em inumano. Era a região que, outrora, os Espanhóis conheciam pelo «alto Peru», a compreendida entre as duas cordilheiras, mas que ultrapassava, em muito, os limites do Estado actual com este nome, para norte e para sul, visto estender-se para o Equador, para a Bolívia e para o noroeste da Argentina. Aí dominam, como senhores imperiosos e alucinantes, os Andes. Trata-se de montanhas jovens, no dizer dos geógrafos [2], de estrutura simples, isentas de fendas, verdadeiras muralhas, cujas brechas se situam a cerca de quatro mil metros de altitude. Surgem tais como apare-

ceram no dealbar dos tempos, ainda não roídas, alisadas ou escavadas pela acção dos ventos e das águas, apresentando uma continuidade de que só os Pirenéus, na Europa, nos podem dar uma pálida ideia. Montanhas vivas, também, porque vão prosseguindo na sua lenta evolução, indiferentes aos homens, aqui e além salpicadas de vulcões em actividade e agitadas, agora ou logo, por tremores inquietantes.

O medo é ainda agravado pelo isolamento. Para poente, atravessada que seja a cordilheira, logo se depara com um dos maiores oceanos do mundo. A Polinésia encontra-se a oito mil quilómetros de distância e a Austrália a doze mil. Para leste, ultrapassada a montanha, surge a floresta brasileira, mais intransponível do que o próprio mar. Esta região viveu, assim, dobrada sobre si própria, não se desconhecendo os esforços que se tornaram necessários para a atingir.

A zona interandina, que se evoca, é uma das que formam, actualmente, o conjunto dos Estados chamados do Pacífico, sendo os restantes o litoral e a floresta. É ela, para nós, a mais importante, visto haver sido o berço do Império dos Incas. Tal o motivo por que começaremos pela sua descrição.

Vê-se no mapa que a cordilheira, que forma o rebordo ocidental dessa longa e estreita garganta, apenas autoriza a passagem de um único rio — o Santa. Os restantes cursos de água correm para leste, através da cordilheira oriental. A seguinte singularidade ainda mais aguçava o mistério: tanto o Amazonas, como muitos dos seus principais afluentes, nascem no planalto peruano. De forma que os Índios desconheciam qual o mar inacessível para onde corriam as águas que banhavam as suas terras.

As duas cordilheiras paralelas ligam-se uma à outra por cadeias secundárias transversais, menos elevadas, formando fronteiras naturais entre as bacias. A maior destas cadeias é ocupada pelo lago Titicaca, grandioso no seu circo de gigantes nevosos. O planalto atinge, neste sítio a sua máxima largura — mais de novecentos quilómetros.

Para norte desta região, célebre na história antiga da América do Sul, outra região, não menos célebre, se alarga — a de Cusco,

capital do Império dos Incas. Aqui, as duas cadeias já não são separadas uma da outra por uma distância superior a trezentos quilómetros, servindo-lhes de limite sul a cadeia secundária de Vilcañota. Para norte, a garganta continua, estreitando-se, porém, de forma a não atingir mais de cento e oitenta quilómetros. E a série alternada de cadeias secundárias e bacias vai prosseguindo até ao território da actual República do Equador. [3]

A paisagem, que se oferece aos olhos do viajante, e o impressiona, antes de mais nada, é a da *puna* peruana, idêntica ao páramo equatorial: — vastidão herbosa, desértica, situada entre os três mil e os cinco mil metros de altitude, a estender-se, a perder de vista, para norte e para sul. Nem um ser vivo, nem uma árvore, nem um ruído. É a região do silêncio, da monotonia e da tristeza. Aqui e além, rochedos disseminados, cuspidos pelos vulcões, fendas ziguezagueantes, cavadas pelos tremores de terra. A luz crua do sol tropical é substituída pelo glacial frio nocturno das elevadas altitudes, órfãs dos doces matizes da aurora e do crepúsculo.

Entretanto, o planalto desce, por vezes, até cerca dos dois mil metros, a oferecer, então, ao viajante maravilhado, o encanto dos vales de clima quente e solo fértil. Aí se estabelecem centros de vida, sobre os cones de dejecção, nos aluviões fecundos dos cursos de água, que descem das cordilheiras. São as terras de cultura, a seguir-se às terras de pastagem.

A reacção do Europeu, em presença do planalto interandino — que os Peruanos chamam a *sierra* — é extremamente diferente, consoante os indivíduos, e sempre bastante reveladora da sua mentalidade. Ficam uns pasmados de admiração perante essa grandiosidade selvagem, esse aspecto primitivo, evocando os primeiros tempos do mundo e adivinhando a presença de Deus. Nada mais vêem outros que vazio e melancolia, massas de terra e rochedos, que destilam o tédio.

De facto, para se poder interpretar o sentido dessas paisagens, necessário se torna ultrapassr o domínio estreito das sensações. A *sierra* é um apelo à transcendência e um instrumento de selecção entre os homens. E é-o hoje como o foi outrora.

O LITORAL PERUANO, REGIAO DA SECURA

A segunda região do Peru, o litoral, é constituída por uma estreita faixa de terra, compreendida entre o oceano e a vertente ocidental dos Andes, — vertente raramente banhada pela chuva, abrupta e sem vegetação.

Apresenta duas faces distintas uma da outra: — húmida e arborizada, para norte do golfo de Guayaquil, seca e arenosa, para sul. Oriunda do Antárctico, e a dirigir-se para leste, com a largura de cento e cinquenta a duzentos quilómetros, uma massa de água, cerca de três graus mais fria do que o ar ambiente, — a corrente de Humboldt — espalha um manto verde-acinzentado por sobre o azul do mar, e vai lançar-se no litoral chileno. Sobe, de novo, para norte, ao longo do litoral, até às proximidades de Paita (Peru setentrional), onde, encontrando-se com a contra-corrente de Niño, de águas quentes e azuis, originária dos trópicos, se vê forçada a desviar-se para o largo, na direcção do ocidente. A sua temperatura, relativamente baixa e constante, corresponde a um ínfimo grau de salinidade, facto que favorece a multiplicação do plâncton, tornando-se, por essa razão, sítio ideal para considerável número de peixes, de excelente qualidade, que atraem bandos e bandos de aves, cujos excrementos irão formar montanhas de *guano*, rico em azote.

Desta forma, a sul do golfo de Guayaquil, entre a cordilheira, — que detém as nuvens vindas de leste, — e a corrente de Humboldt, — que torna mais frescas as brisas marítimas, mas sem fornecer qualquer fonte de humidade, — o litoral peruano mantém-se seco e desértico.

Nuvens pouco densas, que obscurecem o Sol, transformam-se, por vezes, em leve chuvisco — a *garoa* — que os Limenhos baptizam, pomposamente, com o nome de chuva. Esta constitui uma raridade, o que é causa de algumas catástrofes, pois que, quando, por acaso, começa a cair, nada se encontra preparado para a receber. Arrasta, então, as sementes, os casinhotos de barro e até as próprias muralhas de tijolo (adobes) das cidades antigas, como

aconteceu, em 1945, em Chimu, a antiga capital do reino do mesmo nome, para grande mágoa de arqueólogos e turistas.

Compreende-se, pois, porque é que a corrente de Humboldt arrebata a vida da terra, para a ir multiplicar nas águas.

À semelhança do planalto, o litoral é também extraordinàriamente dividido em compartimentos e, por igual, jovem, rectilíneo, sem baías ou portos naturais. Os aglomerados populacionais fixam-se nas margens dos rios, a alguma distância do mar, no meio dos campos, de que dependem, e separados uns dos outros por longos desertos de areia. Sòmente algumas aldeias de pescadores se agrupam nas proximidades do mar.

No fim de contas, em parte alguma do Peru a água se colocou ao serviço do homem. Os índios eram agricultores e não marinheiros. Por certo que, outrora, terá havido alguma navegação, dado que os primeiros habitantes do Império dos Incas, encontrados pelos Espanhóis ao largo das costas da actual República do Equador, eram negociantes, vindos de Tumbez, em jangadas.[4] Mas, no interior do Peru, as vias de comunicação eram tão-sòmente as estradas, uma das quais se estendia precisamente ao longo da costa.

É possível que se tenham verificado contactos entre os indígenas da América do Sul e os da Polinésia. Havemos de ver, mesmo, que tais movimentos populacionais foram muito prováveis, embora limitados, e, possìvelmente, produzidos em ambos os sentidos — leste-oeste e oeste-leste.

A proeza desportiva, recentemente levada a cabo por uma equipa de quatro Escandinavos, que atravessaram o Pacífico, ao sabor da corrente de Humboldt, numa jangada de modelo pré-colombiano, nada de novo nos trouxe a este respeito.[5]

Com efeito, conta o cronista Sarmiento de Gamboa que o Inca Tupac Yupanqui, após ter conquistado algumas regiões do litoral peruano, no século XV, ouvira falar de outras regiões, situadas para oeste, muito além do horizonte, e cuja existência fora revelada por viajantes vindos em barcas. Existiriam — dizia-se — muito ao longe, para as bandas do ocidente, algumas ilhas, povoadas e ricas. De início, não prestou o monarca atenção a tais ditos; mas,

depois, começou a sentir-se intrigado perante a precisão e a insistência daqueles que os referiam. Consultou, então, um feiticeiro, o qual lhe afiançou a veracidade de tais afirmações.

Em obediência ao seu espírito de aventura, e consciente do seu poder, mandou o Imperador construir uma frota de jangadas, que saiu de Tumbez, transportando para o desconhecido um verdadeiro exército. Cita o cronista o número de vinte mil guerreiros e indica os nomes dos capitães. Durou a viagem cerca de um ano. E a prova desta longa ausência é-nos fornecida pelos acontecimentos desenrolados, por essa altura, na capital, onde se acreditou que tais navegadores temerários não mais haveriam de regressar. Disso falaremos mais adiante. Por agora, bastar-nos-á saber que o *exército* peruano atingiu, provàvelmente, alguma ilha polinésica, dado que alguns objectos foram trazidos e depositados na fortaleza de Cusco, onde os Espanhóis os viram. A sua guarda encontrava-se confiada a um dignitário da raça imperial. Fornece-nos Sarmiento a descrição desses despojos de guerra, descrição, aliás, bastante estranha por indicar ouro, uma cadeira de latão, uma pele, uma queixada de cavalo e até Negros! [6]

O que mais espanta, nessa expedição, não é o facto de o soberano haver atingido terras longínquas, como fizeram os seus émulos do século XX, e de se ter tornado merecedor de uma glória semelhante à de Cristóvão Colombo, mas tão-sòmente o de ter regressado. As frágeis embarcações não se quebraram de encontro aos escolhos das Marquesas e descreveram um gigantesco périplo através do Oceano Pacífico!

A FLORESTA VIRGEM ORIENTAL, REGIÃO DO MISTÉRIO

A terceira zona do Peru, a floresta virgem, não é propícia ao desenvolvimento de qualquer civilização. Os próprios cursos dos grandes rios, como o do Amazonas, são por de mais escarpados, caudalosos e cheios de rápidos, para poderem servir de vias de comunicação.

No conjunto, opõe-se o meio natural à constituição de um império andino. Não apenas enormes extensões são incultiváveis, como até as próprias diferenças de altitude impedem que o habitante de uma região possa aclimatar-se a outra. Era por esse motivo que as tropas do Inca, ao descerem do planalto para o oceano, se demoravam algum tempo a meia-encosta da cordilheira, antes de prosseguirem a marcha. [7]

Ainda hoje os grupos populacionais se apresentam no mapa com o aspecto de uma série de ilhotas, separadas por espaços vazios. Um arquipélago humano.

Só foi possível, outrora, tornar ineficazes as forças de dispersão por meio de uma extraordinária organização, tal como actualmente só o é por meio do extraordinário invento que é o avião.

A unidade de nação, nos Estados do Pacífico, é fruto da vontade humana. Se o observador estrangeiro, de início, se mostra desencorajado, ao observar a hostilidade da natureza, não tardará a retomar confiança, logo que se dê ao estudo da acção dos homens. A história corrige, assim, a geografia.

Na América do Sul, o homem mediu forças com a Natureza, tendo conseguido triunfar dela, já no século XV, ao criar o Império dos Incas.

O LIMITADO MUNDO ANIMAL

Se é certo que a natureza se não modificou entre essa época e a actual, não é menos certo que já o mesmo não aconteceu com a paisagem. Com excepção de alguns vales privilegiados, actualmente essa paisagem não é risonha, muito embora ainda o haja sido muito menos outrora.

Nessa altura, apenas se viam alguns lamas nas pastagens, onde, hoje, se multiplicam os bovinos; e o eucalipto, tornado tão vulgar, não sombreava, então, as veredas. Se até o turista do século XX se mostra surpreendido perante a grandiosidade da *sierra*, pode fàcilmente imaginar-se qual a impressão colhida pelo Espanhol de há quatrocentos anos.

Citámos o lama, e é ele o que primeiramente deve ser mencionado. Seus irmãos, que se mantiveram no estado selvagem, — o *guanaco*, que parece ser o mais antigo da família, e a vigonha, com razão celebrada pela sua beleza, — começaram a tornar-se bastante raros, depois da conquista espanhola. Mas tanto o lama, como o seu semelhante — a *alpaca* — ambos domesticados, se tornaram os companheiros fiéis do Índio. O lama é bem conhecido de todas as crianças, que frequentam os jardins zoológicos, e também dos coleccionadores de selos postais, pelo facto de figurar no brasão do Peru. Aliás, bem merece a sua reputação. Nada mais elegante, mais distinto do que esse animal, de pescoço comprido e cabeça fina, que consente em transportar cargas leves, mas que se deixaria matar, no mesmo sítio, antes que o forçassem a dobrar-se ao peso de uma carga excessiva e que atira, em sinal de desprezo, um longo jacto de saliva sobre a cara de quem o irrita ou maltrata. [8] Nada mais útil, também, do que esse asceta, que pode passar sem alimentação, sólida ou líquida, durante vários dias, que se contenta com simples erva e que fornece a lã e o estrume — e só não diremos a carne, porque, a partir dos três anos de idade, toma um gosto amargo, devido aos vegetais de que se alimenta. Nada mais harmonioso, sobretudo no cenário dos Andes, do que a silhueta familiar desse grande carneiro ou pequeno camelo, como os Espanhóis lhe chamavam.

Animal e homem nasceram, verdadeiramente, um para o outro. Ambos sóbrios, disciplinados, sonhadores, lá vão prosseguindo na sua vida ao retardador, no cinzento das paisagens e na uniformidade dos dias. Fàcilmente se compreende a lenda daquele lama que, começando a rezar orações, conseguiu converter à fé cristã o dono maravilhado. [9]

Os cães indígenas e as cobaias, únicos que formavam, antigamente, o conjunto dos animais domésticos, tinham importância bastante secundária. Certas populações do litoral haviam domesticado o falcão.

O DISPERSO MUNDO VEGETAL

Desempenhava o milho, no mundo vegetal, papel de relevo, comparável ao do lama, no mundo animal. [10] Crescendo nas elevadas altitudes e nos terrenos pobres, fornecia, ao mesmo tempo, alimento e bebida. Com ele crescia, antigamente, outro cereal, o *manco*, completamente extinto depois da chegada dos Brancos, morto pelo trigo.

Para os Europeus, é a batata o vegetal pré-colombiano mais célebre, visto ter sido do Peru que ela veio. Rivais suas são a batata doce, a *oca* e a *jiquima*, esta desaparecida também, como o *manco*, após a conquista.

Outrora, o mais espalhado dos legumes era a *quinua*, espécie de arroz dos Espanhóis, planta anual, de que existem três variedades na montanha, e cujos grãos são comestíveis. O caule, depois de seco, serve de combustível, sendo as suas cinzas utilizadas na preparação da *lipta*, que acompanha a coca. Igualmente se consumiam a *cañahua* — com a vantagem de poder ser cultivada a mais de quatro mil metros de altitude, — a *achita* das regiões temperadas, todas as espécies de favas, que figuram, em particular, nos desenhos dos objectos de cerâmica de Chimu, e mormente o *aji*, «pimentão das Índias», condimento vulgaríssimo que se juntava, não sem excesso, à grande maioria dos pratos.

Nos vales tropicais, não só a flora é mais variada como os frutos são em maior número. Tomates, goiabas, anonas, *guabas*, *chirimóias*, ananases, *paltas* («abacates», *alegator pears*, «peras selvagens» de certos cronistas) — tudo isso se oferece ao gastrónomo. Citem-se, ainda, a *túca*, célebre pela farinha, a *chicoma* ou ajipa, de raízes comestíveis, e actualmente extinta, o amendoim *(mani)*, planta herbácea, cultivada em razão das sementes, feculenta e a servir de condimento, ao mesmo tempo, e permitindo ainda, quando esmagada, a obtenção de um óleo amarelado.

Muitas plantas se podiam classificar de industriais, na época pré-colombiana. A própria erva do planalto *(ichu)* servia, não só de forragem para os lamas, como ainda de matéria-prima para a cobertura dos tectos e para o fabrico dos tijolos, aos quais

aumentava a resistência. Procurava-se o *algarrobo*, por causa do suco, que fornecia uma espécie de goma, e dos ramos, que são combustíveis, assim como se procurava a *opúncia*, vulgar cacto arborescente de frutos vermelhos e espinhos ameaçadores, aproveitados para servirem de agulhas. Na tinturaria, empregavam-se a *artemisca* ou *malco*, a achiota, de grãos vermelhos, a *jagua*, de suco negro. A *totora*, junco das margens do lago Titicaca, é muito conhecida dos turistas, pelo facto de ser usada no fabrico das pitorescas barcas, cujas fotografias ilustram todas as obras que se referem a essas regiões. A mais útil das plantas têxteis era o *maguey* ou *cabúia*, muito espalhado, ainda hoje, em muitas regiões do planalto.[11]

Falaremos das plantas medicinais a propósito dos curandeiros.

Raras eram as árvores, no planalto. O ornamental salgueiro oferecia a sua madeira branca; a ceiba, que chega a atingir oito metros de altura, elevava-se nas margens do Apurímac e fornecia a madeira, incorruptível na água; o lódão, que chega a atingir quinze metros, utilizava-se nas construções de Cusco. Próximo das florestas tropicais, começam as espécies a ser mais belas: o *lucumo* é procurado pelos ebanistas e o cedro ultrapassa, não raro, os vinte metros de altura.

Relativamente à quantidade de animais e vegetais, de que actualmente dispomos, surgem-nos os antigos Índios como desfavorecidos. Mas, dado que nunca puderam imaginar, sequer, uma abundância como a actual, lá iam agradecendo aos deuses os raros produtos que lhes concediam. A riqueza é tão psicológica como económica: consiste ainda mais na moderação dos desejos do que na acumulação dos bens.

CAPÍTULO II

O TEMPO. A INFLUÊNCIA DO PASSADO

CONHECIDO O MEIO, PRECISEMOS O MOMENTO

SITUEMO-NOS no reinado de Huayna Capac, nos fins do século XV ou princípios do XVI, altura solene em que o Império se encontra no apogeu. Apercebem-se os dirigentes de que o organismo social ultrapassou já os limites do homem. Doze a quinze milhões de Índios, espalhados por um território, cuja superfície representa o quíntuplo da da França actual, acham-se submetidos a uma regulamentação uniforme e rigorosa. Governar um Estado em tais condições não é uma impossibilidade, mas antolha-se como uma temeridade. Para os Impérios, como para as empresas, existe uma dimensão, que não deve ser ultrapassada, — a dimensão óptima. Se o Imperador resolve dividir o território por dois filhos, irá transformar dois irmãos em inimigos mortais e irá lançar a semente de uma guerra civil. É o momento em que a civilização atinge o auge, a hora em que o destino muda de rumo, ou em que os deuses, até então propícios, voltam as costas aos adoradores.

Nem o próprio Índio do povo desconhecia o trágico de um tal momento. Limitavam-se os seus conhecimentos geográficos à estreita região, que o vira nascer. Sabia que o Império era extensíssimo, — mas sem fazer uma ideia muito nítida dessa extensão, — que constituía o mundo e que o rodeavam populações selvagens,

contra as quais se declaravam guerras, nas quais tomara ou viria a tomar parte. Aos seus conhecimentos históricos faltavam objectividade e precisão, porque o Índio era forçado a ouvir, por ocasião das festas, as narrações feitas pelos contistas oficiais, dessa forma aprendendo uma história expurgada, apologética, destinada a glorificar os antigos soberanos e repleta de lendas, onde, muitas vezes, se confundiam deuses, animais e homens. Também se transmitiam, de geração em geração, certos mitos de carácter local, a porem, agora ou logo, sua nota dissonante em tão estranha sinfonia.

O QUE O ÍNDIO DO POVO SABIA: ANTES DOS INCAS, O NADA

Não é fácil descobrir qualquer razão subjacente para tantas variações, e muito menos ainda situar no passado factos que, na grande maioria dos casos, se apresentam como remontando à criação do mundo, sem oferecerem mais do que meras relações entre eles. Entretanto, um facto haverá que pôr, desde logo, em relevo. Parece que todos os mitos, relativos à origem dos Incas, teriam sido criados para servirem de ponto de partida à história oficial. Deixaram-se os Espanhóis cair nessa esparrela, que fàcilmente poderiam ter evitado, e acreditaram em que, antes dos Incas, no planalto andino não existiam mais do que simples *beetrias*, quer dizer, a anarquia total. Até a simples presença das ruínas de Tiahuanaco, que conheceram e admiraram, teriam bastado, por elas sós, para os desenganar. Vários de entre eles notaram que tais vestígios continuavam sem explicação, sem mesmo se darem ao trabalho de aventar hipóteses a tal respeito.

Remontemos aos primeiros tempos, partindo das pretensas origens dos Incas, segundo os contistas oficiais. Os primeiros habitantes do Peru e, portanto, do mundo, — diziam esses primitivos historiadores — viviam como animais, em grupos isolados, adorando ídolos diferentes uns dos outros: cumes, plantas, animais selvagens. Medo e admiração eram os únicos inspiradores do culto. Divinizara-se o puma por causa da sua força, o condor em razão da sua imponente grandeza, o morcego porque via durante a noite, o mocho porque possuía olhos fascinantes. Tudo quanto apresentasse qualquer sombra de utilidade, imediatamente passava a ser objecto de culto: a terra, o fogo, o próprio ar, o milho, os peixes, os lamas. Eram, então, frequentes os sacrifícios humanos, que permitiam aos adivinhos a predição do futuro, através do exame do coração e dos pulmões das vítimas. Os Antis — ou seja, os habitantes das extensas florestas virgens orientais, — eram tidos por canibais, facto que não pode pôr-se em dúvida, em face de descobertas feitas por alguns exploradores modernos.

Nos trópicos, os homens da pré-história viviam completamente nus, apenas com um cinto, e usando as mulheres um simples tapa--sexo, como ainda hoje sucede em muitas regiões amazónicas. No planalto, tinham o costume de se cobrir com peles de animais e tecidos de cânhamo selvagem.

Por esta forma apresentavam os historiadores da época dos Incas aos seus auditórios, maravilhados de serem tão notàvelmente civilizados, aqueles que, em seu entender, não passavam de primitivos. Não se referiam, sequer, a todas as civilizações anteriores aos Incas, nem à história dos povos por eles submetidos. Para lá dessa dinastia, nada havia, porque nada devia haver.

A ORIGEM DIVINA DOS INCAS

Mas eis que surgem os Incas. Como não é possível olvidar os locais que, na realidade, foram teatro da civilização, que precedeu a deles, a dos Aimarás, é numa ilha do lago Titicaca que, segundo os contistas índios, surgem um homem e uma mulher, ambos criados pelo Sol.[1] Esse astro benfazejo entrega-lhes um bastão de ouro, ordenando-lhes que se dirijam para onde lhes parecer e se fixem, definitivamente, no local em que o bastão desaparecer, após terem batido com ele no solo. Ordena-lhes, ainda, que ensinem os selvagens, que povoam a terra, a adorá-lo, que lhes ditem as leis e os instruam na cultura do solo, na criação dos gados e na construção de casas e cidades. Convida-os a exercerem

o seu poder com a justiça e a benevolência com que ele próprio exerce o seu, com fornecer a luz e o calor, e fá-los soberanos de toda a terra.

Partem, pois, os dois príncipes das margens do lago Titicaca e dirigem-se para norte. Todos os dias vão batendo na terra com o bastão mágico, mas em vão. Acabam por se fixar, durante algum tempo, em Paritampu, a pouca distância do vale de Cusco. Aqui se introduz uma segunda lenda, independente da primeira, e devida a certos cronistas. Aí se erguia o Tampu Tocco — que significa «a casa com janelas», — identificada por certos autores com as ruínas actuais de uma das mais importantes moradas de Machu Pichu, a debruçar-se sobre a cadeia secundária do Urubamba, por meio de três lindas janelas, que permitem avistar um maravilhoso panorama e são exemplo único no género. Dessas janelas — diz-se — saíram os quatro irmãos «originários», que conquistaram toda a região. Nalguns casos, juntaram-se-lhes as respectivas esposas e dez *ayllus*, ou clãs, lhes obedeceram e os seguiram. [2]

Informa a primeira versão que os dois príncipes prosseguiram na viagem e que, uma vez chegados à colina de Huanacauri, no vale de Cusco, o bastão mágico desapareceu no solo ao primeiro embate. Por essa época, encontrava-se a região coberta de florestas, vivendo a população em extrema miséria e libertinagem. O príncipe e a princesa repartiram entre ambos a tarefa, que lhes fora fixada, e partiram, um para norte e outro para sul, a reunirem os habitantes. Estes, impressionados com os trajos sumptuosos, com que o Sol vestira os seus filhos, e que em nada se assemelhavam aos seus, e atraídos pelas promessas de vida feliz e fácil, que lhes faziam, imediatamente tomaram esses enviados divinos por chefes, passando a obedecer-lhes. Ràpidamente se estabeleceu a ordem, e uma era de prosperidade assentou arraiais no vale, onde se fundou a cidade de Cusco, dividida em duas partes, em recordação do casal de príncipes — primeira explicação mítica de uma divisão em secções, que ainda hoje se mantém seu tanto misteriosa.

Foi por essa altura que os Índios aprenderam a cultivar e a irrigar o solo, e as Índias a tecer e a fiar. Igualmente foram

instruídos na arte da guerra e submeteram as tribos vizinhas, de bom grado ou pela força.

Tais mitos transparentes evocam a conquista do alto Peru, levada a cabo pelos Incas, e também a do solo, por banda dos agricultores. A primeira tem por base a segunda. As epopeias guerreiras, muitas vezes, mais não são do que o sinal de chamada para as evoluções técnicas e económicas. O bastão de ouro, que desaparece no interior do solo, indica a terra mais fértil, onde a enxada primitiva pode penetrar sem grande esforço; e os quatro irmãos, vindos de Tampu Tocco, simbolizam, ao que se crê, a posse do solo pelas plantas alimentícias. Por vezes, menciona-se ainda o arbusto da coca, apresentado como a encarnação vegetal de uma mulher, descida do céu, portadora de uma mensagem de consolação para os homens que trabalham e sofrem. [3]

Encontrava o Índio de que alimentar a memória e a imaginação nessas histórias com inúmeras variantes. A evocação dos antepassados miseráveis, que outrora erravam pelo vale de Cusco, em busca da escassíssima alimentação, fazia-lhe sentir o peso da dívida que contraíra para com os Incas, assim como a evocação do local desértico, onde se encontram as ruínas de Tiahuanaco, o mergulhava num autêntico mundo de lenda e mistério.

Surpreende que, neste último ambiente de secura e altitude, a aparição do primeiro soberano, no dealbar dos tempos, se considere como acontecida após uma desastrosa inundação, por vezes acompanhada de pormenores humorísticos: — os pastores, refugiados nos mais elevados cumes, verificam, com alegria compreensível, que estes vão subindo à medida que o nível das águas vai crescendo! Todas essas fábulas, relativas a um dilúvio, de que o «tecto do mundo» americano teria sido teatro, são por de mais decalcadas, pelos cronistas, na tradição bíblica, para deixarem de se tornar suspeitas. Depois da conquista, alteraram os Índios as narrativas dos missionários, muitas vezes ajudados por apóstolos da fé cristã, pouco escrupulosos na escolha dos meios, por forma a construírem uma história santa do Novo Mundo. Chegaram mesmo a pretender que os quatro irmãos, de que falámos, bem como

as respectivas esposas, foram salvos do Dilúvio, que as janelas, por onde saltaram, são as da Arca, e que o príncipe aparecido em Tiahuanaco é Noé. Garcilaso de la Vega, ao referir-se a tais assuntos, ouvidos, durante a sua juventude, em Cusco, torna-se reticente e desculpa-se com declarar que não pretende tomar partido, mas tão-sòmente repetir o que lhe contaram. Convida o leitor a pensar o que quiser.[4]

A propósito do tema central da aparição e instalação do primeiro Inca, chamado Manco Capac, inúmeros arabescos se bordaram. Um dos mais engraçados alude a uma grosseira artimanha. Era a mãe desse primeiro monarca mulher de notável inteligência e dotada de espírito de iniciativa pouco vulgar entre os Índios. Diremos mesmo, muito astuciosa. Trabalhou por muito tempo na preparação de um sumptuoso vestuário, coberto de lâminas de ouro, e de um penacho de penas brilhantes, para vestir o filho, convidando-o, em seguida, a dirigir-se para uma gruta, situada no flanco da colina, que domina Cusco. Aguardou um dia festivo e, sob os raios escaldantes de um sol estival, que maior brilho transmitiam ao vestuário, mandou avançar o jovem herói, belo como um deus, na direcção do povo, estupefacto e esmagado de admiração. Declarou o audacioso impostor ser filho do Sol — e ei-lo proclamado Imperador.[5]

Tal lenda é muito curiosa, por ser pouco compatível com a majestade do Inca e ainda com a crença na sua origem divina. Testemunha o carácter pueril e optimista do povo, que muito se aprazia em ouvi-la e em repeti-la. Só de raro em raro surgem, na tradição do passado, alguns dramas sombrios, assassínios ou violências. As divindades tornam-se familiares e sorridentes. A poesia domina como senhora absoluta. A raposa, enamorada da Lua, sobe até ela por meio de duas sólidas cordas e fixa-se no seu disco luminoso; os cometas refugiam-se nos cumes nevosos, depois de haverem deslumbrado o mundo com os seus voos ígneos; as estrelas são as migalhas que tombam dos festins celestes.[6]

OS ECOS VINDOS DO LITORAL: O ENIGMA POLINÉSICO

Consideremos, agora, à luz de alguns raros mitos, narrados pelos cronistas, o período anterior ao domínio dos Incas. Algo estranha se torna a verificação de que não se trata do lago Titicaca, onde, no entanto, a civilização Aimará deveria ter constituído — ao que parece — fonte inesgotável de narrativas, exactas ou não, mas sim do mar, dado ser através deste que, em jangadas, surgem os primeiros chefes índios.

Viram os povos ainda selvagens da costa setentrional do Peru, situada entre Tumbez e Chimu, aportar grande número de jangadas com várias famílias, conduzidas por um chefe de nome Naimlap.[7] Nota o padre Cabello de Balboa, ao narrar esta história, que o povo em deslocação provinha do extremo do Peru — o que é ilógico e improvável, porque, a ser assim, o desembarque ter-se-ia efectuado em Tumbez, como o de Francisco Pizarro, pelo simples motivo de as jangadas, ao contornarem a margem, não poderem deixar de encontrar essa primeira escala atraente, após as intermináveis florestas virgens, que marginam a costa equatorial. Portanto, as jangadas deviam vir do oeste. Assentemos nesta conclusão. Era Naimlap soberano de um povo já bem organizado, visto encontrar-se rodeado de grande número de concubinas, criados, administradores, oficiais e personalidades não definidas. Instalou-se no interior das terras, mandou edificar casas e palácios e teve reinado longo e próspero, acerca do qual nenhuma informação possuímos. Ao sentir aproximar-se a hora da morte, pede aos íntimos que o enterrem secretamente no quarto onde dormira, enquanto vivo. Assim se fez, propalando-se que o monarca decidira deixar o seu povo, arranjara umas asas e voara. Imaginavam que, por essa forma, juntariam uma auréola de glória à memória do desaparecido. Os súbditos desse Estado modelo ficaram, porém, tão consternados com semelhante notícia, que abandonaram também a região, dispersando-se em todas as direcções, à procura do soberano, — consequência imprevista e trágica de uma mentira. Ficaram, apenas, os que já ali haviam nascido, ou seja, os ainda relativamente jovens.

A narrativa indica, a seguir, os nomes de uma série de sucessores de Naimlap, sem qualquer outra indicação, o que a torna um simples enumerado desprovido de interesse. Fica-se com a impressão de que o narrador terá procurado disfarçar, com precisões inúteis, a total ausência de informes sobre a vida de tais personalidades, o seu meio e a sua época. Trata-se de uma verificação que, infelizmente, muitas vezes poderemos fazer. Acreditaram os cronistas indígenas tudo terem dito com a simples indicação dos nomes próprios, a servirem tão-sòmente de marcos ao longo de caminho deserto.

Dessa maneira chegamos a um certo Fempellec, de que nada mais se sabe além de ter tido a ideia de mudar de local o ídolo trazido por Naimlap. Aproveitando-se dessa circunstância, ainda por explicar, um mau espírito encarnou no corpo de lindíssima mulher, a qual veio a seduzir Fempellec. O castigo não se fez esperar. E vá de caírem chuvas abundantes, a provocarem uma inundação — um dilúvio, — seguida de um período de esterilidade e fome. O povo acusou o soberano libertino de responsável por tais calamidades e atirou-o ao mar, de mãos e pés atados. Assim acabou a dinastia nascida com Naimlap.

Na sequência deste drama, o poderoso soberano de Chimu, vizinho reino meridional, cuja história desconhecemos, conquista todo o litoral. Novo desfilar de nomes próprios perpassa pela narrativa, interompendo-se ràpidamente, visto aproximarmo-nos do momento em que os Incas avançam pelo planalto e ameaçam o litoral, que acabarão por conquistar. Para nós, a parte mais interessante e enigmática dessa narrativa é o princípio — a chegada, por via marítima, de homens já civilizados. Confirma-a o padre Agnello Oliva, que pretende ter recolhido os informes da boca de um guarda de cordões de nós, chamado Catari, muito célebre pela sua ciência, e também citado por outros cronistas. [8] Os homens, acossados pelo Dilúvio, atingiram a costa equatorial. Um dos grupos, comandado por um capitão, de nome Tumbe, instala-se na margem meridional do golfo de Guayaquil, aí fundando a cidade, a que deram o nome do chefe. Um dos filhos deste herói, Quitumbe, com o fim de evitar uma invasão de gigantes, que haviam capturado

seu irmão, atravessa a cordilheira e atinge o planalto, onde funda a cidade que, mais tarde, viria a ter o seu nome — Quito.

Ao afastar-se dessa maneira, esquecera-se Quitumbe de levar consigo a própria mulher, abandonando-a por completo. A esposa abandonada enche-se de rancor. Roga aos deuses que castiguem o infiel e, para fazer jus à complacência destes, resolve sacrificar o próprio filho. Felizmente, no momento em que um acto tão cruel ia ser perpetrado, surge um condor que, apossando-se da criança, a arrebata para uma ilha do Pacífico. Tornado grande, forte e belo, constrói o jovem uma jangada e chega a terra firme, onde é capturado por selvagens, que o aprisionam. A filha do chefe desses bárbaros apaixona-se por ele e consegue entregar-lhe, a ocultas, um machado, que lhe permite evadir-se, após ter morto os guardas. Chega a um lugar encantador, onde vive uma existência idílica, na companhia daquela que lhe havia facilitado a libertação.

Finalmente, a lenda da destruição pela água, que os cronistas, inevitàvelmente, aparentavam com a do Dilúvio, é completada por F. Lopez de Gómara, que assim explica a mudança operada na costa peruana — tornada seca e desértica. O primeiro deus, surgido nas margens do Pacífico, foi Kone, criador de homens e mulheres, aos quais concedeu terras férteis para viverem. Essas criaturas tão mal se conduziram, porém, que o deus, irritado, proibiu a chuva de cair. Novo deus surgiu, então, Pachacamac, que expulsou Kone e transformou os homens primitivos em animais, criando uma nova humanidade. Mostrou-se esta reconhecida, construindo, no litoral do Peru, o célebre templo que ainda hoje conserva o nome dessa divindade. [9] Não obstante, esse benfeitor esqueceu-se também de mandar cair a chuva, pelo que o litoral, desde então, se tornou arenoso.

Todas estas narrativas incompletas e, não raro, estranhas, que só dificilmente podem ligar-se umas às outras, são, no entanto, bastante instrutivas, porque confirmam a curiosa hipótese actual da derrocada de certa região, situada entre o Novo Mundo e a Austrália, onde se teria desenvolvido uma civilização de que as estátuas da ilha da Páscoa e o monólito da ilha Fidji seriam vestígios, [10] e ainda porque concordam com a concepção de um deslo-

camento da crosta terrestre, que teria criado os Andes, tornando fria e inculta uma parte do planalto peruano-boliviano (Collao), e cavado o solo, ao longo das costas do Pacífico, onde o mar se mostra, efectivamente, profundo. Desta forma se explicariam as necrópoles isoladas ao longo das margens, como a enorme Paracas, as quais teriam funcionado como cemitérios de cidades tragadas pelo mar, e ainda os inúmeros sinais em escada, que ornam monumentos e objectos de arte, como o que se encontra exposto no museu de Cusco, e que mais não simbolizariam do que a ascensão dos Andes, levada a efeito por um povo em fuga.

Nem parece de pôr em dúvida que tenha havido contactos, nos tempos pré-colombianos, entre os indígenas da Polinésia e os da América do Sul. As provas são abundantes. De um e outro lado do Pacífico se encontram objectos semelhantes: — o propulsor, a flauta de Pã, a zarabatana, o cordão de nós. As semelhanças entre as línguas maori e quíchua são evidentes. Algumas palavras têm o mesmo sentido: — *apay* significa «trazer», *makay*, «bater», *muku*, «maculado», *mutu*, «mutilado», *pucara*, «fortaleza», *tunu*, «espantado». Muitos vocábulos possuem, manifestamente, origem comum e apenas terão sofrido leves deformações. Assim, e respectivamente em quíchua e maori: — *ajsu* e *ahu* significam «vestuário», *curaca* e *cura*, «chefe», *chuki*, «lança» e *kuki*, «estaca afiada», *illa*, «luz», e *ira*, «brilhar», *inca*, «imperador» e «guerreiro», *ipu*, «chuva fina» e «nuvem», *kaka*, «bastardo» e «descendência», *kara* e *kiri*, «pele», *karu* e *koroa*, «afastamento», *kuru* e *kutu*, «verme», *papi*, «húmido» e «enlameado», *raku*, «neve» e «cor clara», *tipa*, «agulha» e «tatuagem», *unu*, «água» e «beber água».

Outros testemunhos de prova são fornecidos pelas plantas. A batata doce, de origem americana, encontra-se também na Polinésia; o algodão americano, de vinte e seis cromosomas, parece oriundo de um cruzamento entre o algodão asiático, de treze cromosomas, e o algodão selvagem do Peru, também de treze cromosomas. Várias plantas havaianas parece haverem sido importadas pela América, em épocas muito antigas. [11]

Finalmente, descobriram os arqueólogos, há pouco tempo, nas regiões setentrionais do Peru, aldeias funerárias, situadas nos

flancos de altas falésias, constituídas por casas, cheias de figurinhas, que recordaram a tais especialistas alguns usos observados nas Celebes.

Estas últimas semelhanças, porém, tanto podem provir de migrações no sentido oeste-leste, como no sentido leste-oeste, uma vez que a viagem da frota peruana, ao tempo de Tupac Yupanqui, nos veio demonstrar essa possibilidade.

Porque o Índio gosta muito de reviver o passado, difícil se torna separar o real do imaginário numa tal amálgama de narrativas. O horror que sente pelas mudanças, o seu fundamental estatismo e a falta de escrita, despertam-lhe o gosto pelo conto, autêntico ou não. Notou um historiador moderno que a língua quíchua continha grande número de vocábulos relativos à *narração*. Palavras diferentes designam a narração de um acontecimento, de uma fábula, de factos imaginários e dignos de admiração, de um conto, etc. [12]

O QUE O ÍNDIO DO IMPÉRIO IGNORAVA: O ESPLENDOR CHIMU

Depois desta história lendária, transportemo-nos à história desprezada dos povos conquistados, de que os vencedores não mais se lembravam, e que sòmente subsistia na recordação dos vencidos, a desvanecer-se pouco a pouco, à medida que, também ela, se ia misturando com lendas. Tão completamente absorveram os Incas as regiões submetidas que as despojaram até de todo o passado. Desta maneira, apenas encontramos algumas indicações sobre tais assuntos entre os cronistas, que tiveram o necessário senso de estudar as histórias regionais, interrogando os Índios pertencentes a tribos não incaicas.

Todavia, a civilização mais antiga — a de Chavin — não figura nas crónicas e só nos é revelada através dos vestígios que deixou na *sierra* e na costa central do Peru.

Os muros ciclópicos e as representações esculpidas de monstros geométricos nenhuma informação fornecem sobre a vida dos

homens que foram seus autores. Situam, vagamente, os especialistas essa civilização nos princípios da era cristã, entre os séculos IV e VII.

Nem sequer é possível indicar um século para a civilização de Manabi, na costa da actual República do Equador. Os únicos testemunhos de importância são baixos-relevos e bancos em forma de U, todos talhados na pedra.

Ao invés, sabe-se que o soberano de Chimu conquistara a costa setentrional do Peru, até aos limites da actual República do Equador, e também, através dos relatos oficiais do tempo dos Incas, se conhecem as longas e difíceis lutas, que remataram com a submissão desse povo e sua integração no Império. Entre o período da lenda, de que falámos, e o da história, subsiste, porém, um longo hiato, que os pesquisadores contemporâneos penosamente buscam preencher, fundamentados em descobrimentos modernos de arqueólogos, etnólogos, antropólogos e linguistas.

Falavam os Chimus uma língua, de que certas palavras persistem ainda, mormente no dialecto do porto de Eten, e que levanta um problema, ainda sem solução: — era escrita? O padre Montesinos, cujas ousadas afirmações se reconheceram, por vezes, exactas, pretende que existia, outrora, no Peru, uma escrita, talvez proibida pelos soberanos incas. [13]

Tal proibição, que o leitor interpretará ao sabor da sua concepção de vida e da sua experiência pessoal, como prova de prudência ou de loucura, explicar-se-ia pelo facto de a escrita não ter, possìvelmente, nascido no planalto, antes sendo, porventura, uma dádiva dos Chimus. Por isso, os senhores de Cusco, ao submeterem essa região, por tanto tempo hostil, terão desejado, precisamente, apagar toda a sua história. Explicação pouco convincente, é certo, porquanto os Incas não hesitavam em apropriar-se das instituições dos povos conquistados, que se lhes antolhassem susceptíveis de aperfeiçoar o seu próprio sistema ou de contribuir para o seu prestígio. Assim foi que — como parece — adoptaram dos Chimus a ideia dos correios por estafetas para a transmissão das mensagens oficiais.

Num grande número de peças de cerâmica, atribuídas aos

Chimus, encontram-se desenhos representativos de Índios a correr, num deserto de dunas semeados de cactos, característica essencial da costa. Seguram um saco de pele de lama, com favas, um pedaço de quartzo, destinado a traçar linhas sobre elas, e um pó branco, cuja finalidade era tornar mais visíveis os sinais feitos nas cavidades dessas favas. Estas, às vezes, figuram à parte, como motivos decorativos. Nelas se vêem desenhos diferentes daqueles com que a Natureza as dotou, frequentemente a tomarem o aspecto de manchas ou pontos. A relação entre as favas e os mensageiros é sublinhada pela presença de umas e outros nos mesmos conjuntos e ainda pela estranha síntese dada, por vezes, sob a forma de favas, com duas pernas, também a correrem através dos campos. [14]

Não raro, possuem os mensageiros cabeça de raposa, — animal conhecido, no Novo como no Antigo Mundo, pela sua astúcia. Pretender-se-ia, com isso, aludir à habilidade de que deveria usar o correio, para levar a bom termo a sua mensagem, ou à astúcia de que, necessàriamente, havia de dar provas o especialista encarregado da decifração? Este último surge ainda nos vasos antigos, segurando na mão um instrumento pontiagudo, que não sabemos se servia para traçar os sinais ou para classificar as favas. Ainda hoje, em determinadas regiões do litoral, os guardadores de gado contam os animais por meio de favas, metidas num saquito que trazem sempre consigo. As cores dos grãos correspondem às diferentes espécies de animais: vacas, vitelos, etc.

Excepcionalmente, os mensageiros surgem representados a segurar, na mão, um objecto semelhante a espinha de peixe, provàvelmente feito de cordões ligados a um cordão principal. Tal é, sem dúvida, o antepassado do cordão de nós, de que os Incas tão maravilhosamente se serviam, como veremos.

O GRANDE NÚMERO DE REINOS CAÍDOS NO OLVIDO

Outro grande reino, que a história ensinada em Cusco deixava completamente na sombra, era o reino dos Caras, ao norte do Império.

Segundo um historiador equatoriano, [15] o nome Cara teria tido origem no nome de um chefe, Caran, que, porventura, desembarcara, em época impossível de precisar, na costa setentrional do Equador actual, no sítio que, desde essa época, tem o nome de Baía de Caracas. Ainda nisto se encontra a indicação de uma chegada por mar, em jangadas. Existe, outrossim, uma história confusa de certa invasão, levada a cabo por gigantes, em região mais meridional da mesma costa. Nem, aliás, é de pôr em dúvida a existência de uma antiga civilização em tais regiões.

Dirigiram-se os Caras para o planalto, onde chocaram com tribos não organizadas, que submeteram. Escolheram por capital a cidade de Quito, enquadrando-a no meio de dois templos — o do Sol e o da Lua — e fundaram uma sociedade, encimada pelo rei e pela nobreza. Não possuíam mensageiros nem cordões de nós, mas dispunham de contadores, que lhes serviam de auxiliares da memória. Era o contador um instrumento formado por uma lousa rectangular, dividida em vários compartimentos. Destes, os que se achavam fixados nas extremidades de uma diagonal formavam uma saliência, às vezes mesmo com dois andares. Possuíam os seixos valores diferentes, consoante as casas em que se encontravam colocados. E, como acontece em todos os instrumentos mnemotécnicos, a cor indicava a natureza do objecto contado.

Eram os Caras bons tecelões, óptimos curtidores e, principalmente, hábeis lapidários de pedras preciosas, porque tinham à disposição as esmeraldas, que deram o nome a uma das províncias costeiras do Equador. A civilização desse povo mais se assemelha à da Colômbia do que à do Peru. Muito agressivos, conseguiram, de início, estender-se para norte, para, em seguida, logo que avançaram para sul, chocarem com os Puruas, povo guerreiro habituado a servir-se da lança e da funda. Conseguiram, então, por meio de alianças e casamentos, dominar essa enorme região do reino, que o simples recurso às armas lhes não permitiria dominar sem uma longa guerra. Perigo maior que todos os outros os ameaçava, contudo, forçando-os a reservas de energias para o enfrentarem. Pouco a pouco, o Império dos Incas ia avançando na sua direcção. E, com efeito, muito em breve se deu o choque.

Outros reinos prosperaram, antes de serem também absorvidos pelos conquistadores de Cusco, em época relativamente recente, ou seja, nos séculos XIII ou XIV da nossa era. O de Cuismancu dominava os vales costeiros de Lurin e Rimac. Possuía grande importância religiosa, visto os seus templos serem particularmente numerosos e muito célebres, alguns, como o de Pachacamac. A cidade, situada próximo desse santuário, encontrava-se dividida em duas partes, sendo uma delas reservada ao alojamento dos peregrinos. No vale de Rimac, — o do Lima actual, que lhe dá o nome, — era muito célebre o ídolo de Rimac Tampu (hoje, campo de aviação de Limatambo), por causa dos seus oráculos.

A cerca de vinte quilómetros da moderna capital do Peru ficava Cajamarquilla, cidade habitada por uma população heterogénea de pastores, agricultores e pescadores, todos eles de condição modesta. Defendida por um fortim, possuía grande número de «casas-túmulos», consoante a expressão hoje adoptada, ou seja, casas com enorme cave, cujo destino mais parece ter sido o de depósitos de víveres do que o de sepulturas. As paredes eram de adobe, tijolo ou barro amassado, e cada casa possuía o seu parquezito para os lamas. A estreiteza das portas originava a deterioração dos alizares, motivada pela constante fricção do vestuário dos que entravam e saíam. [16]

Ainda na mesma região, o lugar de Ancon — hoje, praia frequentada pelos Limenhos, — foi outrora um centro importante. Os inúmeros objectos encontrados nas sepulturas, calculados em cerca de trinta e cinco mil, pertencem a três épocas diferentes — as de Chavin, de Chimu e dos Incas. A presença de objectos oriundos do planalto atesta a multiplicidade das trocas existentes entre o litoral e o interior. [17]

Para sul dos territórios, onde dominava Cuismancu, sucediam-se os vales de Chilca, Mala e Huarcu, cujo soberano se chamava Chuquimancu, muito ricos, apesar da total ausência de chuvas, graças a uma cultura intensiva. Utilizavam os agricultores um adubo de primeira ordem — cabeças de sardinha, que enterravam, juntamente com a semente do milho, em buracos profundos. Além disso, encontrava-se assegurada a irrigação por meio de

canais. Confessa Garcilaso a grande admiração, que isso lhe causou, ao tempo em que percorreu a região.

Para a defesa do vale de Huarcu (hoje, Cañete), construiu-se importante fortaleza, a qual susteve as invasões dos povos do litoral e, mais tarde, as dos Incas.

Continuando a descer a costa, encontrar-se-ão os belicosos Chinchas, sempre em luta com os vizinhos. Graças às cidades de Ica e Nasca, constituía essa região um dos maiores centros de fabrico de cerâmica da América pré-colombiana. Também aqui existem ruínas. As de Tambo Colorado ligam os restos de um palácio e de um forte incas, onde se alojavam os soldados do planalto, a fim de se habituarem ao clima tropical, antes de descerem para o nível do mar. Tão bem souberam os Chinchas resistir aos Incas que vários anos se tornaram necessários para que os últimos acabassem por triunfar de tão tenazes inimigos — e, mesmo assim, só o conseguindo os de Cusco graças a um hábil meio, sem qualquer relação com o valor guerreiro:— destruíram os canais de irrigação, que transportavam a água da montanha, ameaçando provocar a fome.[18]

Ainda mais para sul, viviam as atrasadas populações de pescadores. É, pois, para o planalto que devemos voltar-nos. Aí surge, por alturas do século X da nossa era, uma civilização, cujo centro se situa em Tiahuanaco, e do qual veio a herdar o nome. Em tão elevada região, que se conservou uma das mais estranhas e misteriosas dos Andes, podem ver-se ruínas, cuja extensão confirma a existência de uma cidade. São as mais célebres as de Acapana, santuário do qual restam pedras ainda erguidas, sem dúvida restos de uma muralha, uma escada monumental feita de lajes e, sobretudo, a porta do Sol. No litoral monolítico desse edifício, vê-se representado um deus, segurando, em cada uma das mãos, apenas com quatro dedos, uma espécie de propulsor e uma espécie de carcaz, donde saem duas flechas. De ambos os lados dessa figura central, vinte e quatro personagens, voltadas para ela, parece caminharem na sua direcção. A porta é relativamente baixa; e, por isso, jamais poderia ter sido franqueada por uma liteira. Consequentemente, deve considerar-se um simples pórtico para vista,

destinado a coroar o edifício. Daqui se infere que, para descobrir as ruínas do templo, bastaria escavar o terrapleno que as suporta. Aqui e além, na planície, amontoam-se restos de muralhas, das quais algumas se apresentam cheias de buracos, onde se espetavam alfinetes com cabeça de ouro.

Além de outros vestígios, legou-nos essa civilização a língua, cujas admiráveis qualidades haveremos de enaltecer em capítulo ulterior.

Reinaram os Aimarás no planalto, desde o século X ao século XII, encontrando-se vestígios seus em muitos locais. Da sua história, porém, tudo ignoramos.

Após a era de Tiahuanaco, estende-se um período intermediário, de que nada se sabe. Surgem, nessa altura, os primeiros Incas, envoltos numa auréola de lenda. Encontrá-los-emos, de novo, quando houvermos de falar da vida desses imperadores (II Parte, capítulo primeiro).

A CÉLULA SOCIAL DOS ÍNDIOS

Apresentava-se o Índio, em regra, demasiado fixo no espaço e extraordinàriamente indiferente ao tempo para que pudesse preocupar-se com as façanhas de antepassados longínquos. Resumia-se o seu mundo ao próprio grupo, a que ele e os parentes pertenciam, ou se supunha pertencerem, desde o início dos tempos: — o *ayllu*.

Por certo que tal designação se generalizou a um núcleo social indígena, modificado no decurso da história; mas o agrupamento manteve sempre, como característica, a solidariedade determinada, quer pelo parentesco — real ou fictício, — dos seus membros, quer pelo cultivo da terra em comum. O último elemento pressupõe, incontestàvelmente, que os indígenas se transformaram em sedentários, pelo que, adentro da lógica, há-de ter surgido após o primeiro.

Diferiam os *ayllus* uns dos outros consoante a importância relativa desses dois factores. O próprio aspecto se modificou

ou se manteve, consoante se confundiram, ou não, com comunidades das aldeias. Já se deixa ver que, nos grandes aglomerados, existiam vários *ayllus*.

Ao tempo dos últimos Incas, ainda o *ayllu* mantinha o seu triplo carácter originário: religioso, familiar e económico. [19]

Tinha o *ayllu* um tótem antigo, real ou fictício, — o *guarqui* — com forma de animal, de ser inanimado ou simples fenómeno natural: o puma, um rochedo, o raio. A confusão dos reinos surge perfeitamente expressa nas representações: a ave ou o quadrúpede, estilizados, tomam forma humana, tanto nos objectos de cerâmica como nos tecidos. Nem isso deve constituir motivo de surpresa, pois havemos de encontrar, muitas vezes, essa concepção unitária, global, desconhecedora das classificações elementares e aparentes.

Ao lado deste princípio primário de grupo, existiam divindades mais íntimas — as *conopas* —, muito variadas e, em regra, representadas por estatuetas humanas ou de animais, feitas de barro e até de simples pedras com aspecto estranho. Colocavam-se em nichos dispostos ao longo dos muros das choças. [20]

Ao falar-se do carácter familiar do *ayllu*, há-de entender-se esse epíteto em sentido muito lato. Ao princípio, o Índio não saía do seu ambiente, firmando-se-lhe a personalidade nesse meio, e a transbordar do ambiente familiar para todo o agrupamento consanguíneo, que formava o *ayllu*. Este, por seu turno, integrava-se numa fratria, ou *parcialidade (suyu* ou *saya)*, geralmente dividida em duas partes, sob os nomes de *hanan* e *hurin*, ou seja, o alto e o baixo.

Eram os *hanan* considerados superiores aos *hurin*, sem que saibamos exactamente por que razão. Talvez os últimos não passassem de recém-vindos, de imigrantes, ou fossem, pelo contrário, os primeiros ocupantes submetidos pelos *hanan* conquistadores. [21]

Certa aldeia boliviana, quase inacessível até há pouco tempo, hostil aos Brancos e respeitadora das tradições, constitui excelente exemplo dos antigos aglomerados índios. Chama-se Collana e fica situada a cinquenta quilómetros de La Paz, frente ao Illimani, a três mil e oitocentos metros de altitude. Até 1946, fora consentido

aos seus moradores o direito de conservarem a organização e a justiça próprias. Era vedado aos Espanhóis, e aos próprios missionários, morarem na aldeia. Apenas lá ia passar vinte e quatro horas, por trimestre, um padre de La Paz, e só o chefe da aldeia falava o espanhol. [22] Ora, a praça central encontra-se dividida em duas partes desiguais por meio de uma grande linha transversal. São os sítios das *sayas*, ainda hoje conhecidos, respectivamente, por *manan* (em cima) e *aran* (em baixo). O predomínio pertence à primeira dessas «parcialidades», ambas divididas ainda em duas partes, cada uma delas afecta a um *ayllu*. Embora, antigamente, tenha havido dez *ayllus*, a verdade é que hoje apenas existem quatro, com os nomes dos locais de origem: Tiahuanaco, Viacha, Huaque, Pukarani. Desta forma se indicam, na praça, os locais onde devem conservar-se os moradores, fora das reuniões gerais. A própria aldeia se encontra dividida da mesma forma. Ossos de lama, colocados verticalmente, estabelecem os limites dos *ayllus*.

Outros exemplos: Em Sechura, no litoral, existem ainda quatro «parcialidades», correspondentes aos habitantes nascidos no território, aos que nasceram fora dele e aos estranhos ao mesmo. Nos dias solenes, cada grupo ocupa um ângulo da praça.

Em Chincheros, no planalto, a vinte e cinco quilómetros de Cusco, os habitantes vivem ainda divididos em *ayllus*. [23]

Outrora, era a mãe que constituía a célula, o centro familiar, pois só a maternidade era indiscutível, no tocante ao estabelecimento da filiação, nessa época de promiscuidade primitiva. Afirmou, porém, o pai a sua autoridade, tornando-se o chefe, quando o *ayllu* nómada se transformou em grupo sedentário, agrícola, e as crianças passaram a ser o que jamais deixariam de ser no Peru — instrumentos de trabalho. Ao matriarcado sucedeu, pois, o patriarcado, embora alguns vestígios do primeiro se encontrassem ainda na época dos Incas. [24] Foram os parentes por linha masculina que estabeleceram os alicerces do *ayllu*, [25] transformando-se a mulher, que passou a um plano secundário, em simples propriedade do homem, coisa que não mais deixaria de ser, nos Andes.

Por essa mesma época se fixaram os tabus sexuais. Proibidos os casamentos dentro do próprio grupo, havia que procurar

a mulher fora dele, por meio de rapto, combate ou acordo colectivo. Entretanto, parece que o Inca faz excepção à regra, porquanto casa com uma das irmãs. Pode, porém, perguntar-se se, neste caso, não haverá erro de interpretação. Porque, no fim de contas, a palavra *irmã*, no Peru, e entre os Índios, não tem o sentido que nós lhe atribuímos. O *ego* masculino tanto chama *pai* ao autor dos seus dias como ao irmão deste (o tio, portanto) e tanto chama irmãos aos que, de facto, o são entre nós, como aos filhos do irmão de seu pai, ou seja, aos primos. Tal o motivo de certa confusão entre os autores. [26] Os tabus só desaparecem, mercê de várias circunstâncias e sem que o princípio possa vir a ser afectado, durante as festas, a prolongarem-se por vários dias e a terminarem por uma embriaguez e uma devassidão gerais. [27]

Finalmente, outro passou a ser o aspecto económico do *ayllu*, logo que os laços, derivados do sangue, se substituíram pelos que tinham origem no solo. Quer dizer: quando o grupo, instalado num território, se transformou em comunidade agrária. Essa instituição, anterior aos Incas, sobreviveu até aos nossos dias e ainda hoje se mantém como a mais sólida de quantas floresceram nos Andes. Respeitou a autonomia da família, com integrá-la no grupo, mercê de uma divisão tripartida: — madeiras e pastagens exploradas em comum, casas e terrados exclusivamente afectos à família, terras cultiváveis repartidas periòdicamente pelas famílias. Sistema banal, que deve corresponder a simples etapa necessária na evolução da humanidade, dado encontrar-se em todos os continentes. [28]

A coesão da comunidade mantém-se forte. As relações com os restantes grupos estabelecem-se pacificamente, mediante doações, que asseguram ao doador uma força mágica sobre o beneficiário, força essa de que o mesmo procura libertar-se através de uma contra-doação. Reconhece-se, em tal processo, a forma originária das trocas. Por esse modo, o indivíduo adquire prestígio, quando a importância da dádiva é de tal monta que o devedor não consegue anular-lhe os efeitos. E é desta forma que um chefe se afirma. [29]

Imaginemos o Índio do século XV, dependente da comunidade territorial, mas estreitamente ligado à família. Perguntar que género

de propriedade seria a sua, não tem qualquer sentido. Possuía a mulher, os vestuários e certos objectos de uso pessoal. E o restante? Pertencia à comunidade, ao monarca ou aos deuses? Sobre isso resolvia o Inca soberanamente, e jamais se levantavam problemas de ordem jurídica, como aconteceu com os Espanhóis.

Notámos que, em Collana, cada *ayllu* se estabelecia numa parte delimitada da aldeia. O mesmo acontecia por toda a parte. O *ayllu* fixava-se, muitas vezes, inteiramente no corpo de um edifício, formado por uma série de choças, circundadas por um muro. Em Machu Pichu, os grupos de casas diferiam entre elas pelo arranjo dos compartimentos ou por outros pormenores arquitectónicos, como, por exemplo, o corte das pedras. [30]

O *ayllu* constitui a verdadeira célula social da sociedade pré-colombiana do Peru.

CAPÍTULO III

A SOCIEDADE: O PRINCÍPIO DUALISTA

De entre os grupos étnicos, que formavam a população do Império dos Incas, distinguiremos os Chimus, os Urus, os Quíchuas e os Aimarás, todos a falarem línguas diferentes.

OS QUATRO TIPOS DE ÍNDIOS

Pouco há que dizer acerca dos dois primeiros tipos.

Os Chimus, já citados, foram submetidos pelos Incas, no século XV. A sua avançada civilização é revelada pelas ruínas da capital do reino e pelos desenhos da cerâmica e dos tecidos, encontrados nos túmulos.[1]

Os Urus enfileiram entre os últimos dolicocéfalos do continente sul-americano e parece serem de origem antiquíssima. Supõem-se oriundos da região amazónica, em razão dos hábitos de pesca. Servia-lhes a *totora* — o grande bambu do lago Titicaca, — para a construção das míseras cabanas e das graciosas barcas. Ainda hoje instalados nas margens do Desaguadoiro, a servir de canal de escoamento do lago Titicaca, mantiveram-se sempre muito primitivos e encontram-se em vias de desaparecer por completo. A descida das águas do lago Titicaca privou-os do seu ganha-pão, em virtude de ter originado o desaparecimento dos

bambus. E a sua subida, a partir de 1946, veio já bastante tarde. Na época, de que falamos neste livro, eram ainda, porém, bastante numerosos para poderem povoar as encostas dos Andes, desde o lago até ao Pacífico. [2]

Os Quíchuas e os Aimarás vivem no planalto e apresentam traços comuns: tez castanho-esverdeada, estatura pequena e maciça, motivada pela altitude do *habitat*, dentes muito brancos a contrastarem com os cabelos muito negros, olhos igualmente negros e levemente em amêndoa. Acham-nos os Europeus falhos de beleza, por causa da enorme e larga cabeça, do nariz achatado, da fronte arqueada e das maçãs do rosto salientes, embora reconheçam neles certas qualidades, aparentando-os com os Mongóis (tipo altaico).

Muitíssimo mais numerosos, formaram os Quíchuas a grande massa dos súbditos do Império dos Incas. Os Aimarás, que habitam as regiões situadas a sul e leste do lago Titicaca, foram os fundadores do império de Tiahuanaco, anterior ao dos Incas. [3] Uns e outros possuem idênticos caracteres físicos e fisiológicos; [4] mas os segundos são mais rudes e ainda mais discretos do que os primeiros, de máscara mais nobre e aspecto mais enérgico.

O Índio, cujo modo de vida iremos descrever, é o Quíchua. Seriam os próprios soberanos Incas também quíchuas? Pretende a lenda que hajam pertencido a raça diferente, mas nada autoriza a acreditar em tal. [5] É fora de dúvida que a lenda não passa de simples manifestação do desejo da diferenciação que, nesta altura, devemos pôr em relevo, visto traduzir-se por um dualismo fundamental.

O ESCOL E O VULGO

Verosímil é que a primeira distinção entre categorias de população haja sido, simplesmente, a exemplificada por todas as histórias, ao falarem de vencedores e vencidos, de dominadores e dominados. No Peru, todavia, tal distinção foi tomando, pouco a pouco, um estranho relevo, com revestir-se de um carácter extraordinàriamente racional. Foi a lógica, e não qualquer força cega, que inspirou as

relações entre as duas classes assim constituídas. Nenhuma barreira intransponível se levantou entre as classes, facto que não autoriza qualquer comparação com um regime de castas, e antes leva a falar de escol e de vulgo. [6]

Esse dualismo estendia-se a todos os domínios, sem excepção, quer fossem materiais ou espirituais. E — caso curioso — até ao próprio passado se aplicava! Com efeito, sabe-se que, enquanto o Índio do povo só conhecia a história expurgada, os membros do escol não lhe ignoravam nenhum dos segredos tão bem guardados. No próprio momento em que tomava o poder, escolhia o Imperador determinados Índios, de memória exercitada, nomeando-os historiadores do reinado. Existe, mesmo, em quíchua uma designação especial para o efeito: *Pacariscap Villa*. Ficavam tais especialistas encarregados da fixação de todos os acontecimentos, que durante o reinado se passassem, servindo-se de cordões de nós, e ainda da composição das narrativas tão-sòmente destinadas aos membros do escol. [7] Além disso, o Inca Pachacutec, grande reformador, cujas iniciativas hão-de vir à baila inúmeras vezes, mandou vir para a capital alguns Índios, notáveis pelos conhecimentos que tinham do passado, ordenando que as suas informações fossem registadas em tábuas enceradas e guardadas em edifício apropriado, próximo de Cusco, onde a ninguém era permitida a entrada sem prévia autorização. É interessante notar-se que esse género de informação, instituído pelo monarca, viria a ser repetido, no século XVI, pelo vice-rei Francisco de Toledo.

Os arquivos imperiais, assim fundados, ficavam sob a vigilância de guardas e intérpretes especiais. [8]

Só na altura do falecimento do soberano se fixava a história destinada ao vulgo. Um conselho de altos funcionários e sábios examinava os acontecimentos, sobrevindos durante o reinado que terminara, e decidia sobre o que convinha reter. Davam-se a conhecer aos contistas e cantores os temas que haviam de servir de motivo às narrativas e aos poemas. A derrota do Inca Urco pelos Chancas, por exemplo, ficou no olvido. [9]

Em tais condições, como há-de ser possível saber-se qual foi a *verdadeira* história dos Incas? Por nós, apenas iremos procurar

reconstituir a sequência dos reinados, apesar das omissões e deformações, voluntárias ou não, dos historiadores indígenas e as incompreensões e insuficiências dos cronistas. A quem queira conhecer a vida do Índio, indispensável se tornará procurar saber como ele representava o passado, quando o simples facto de pertencer ao escol lhe permitia conhecê-lo com exactidão.[10]

O QUE O ÍNDIO DO ESCOL SABIA: A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS INCAS

Começava a história oficial com Manco Capac, o primeiro a instalar-se no vale de Cusco, ao que se dizia. Na realidade, porém, suprimiu os ocupantes, cujos nomes característicos, ou totémicos, continuaram ligados aos bairros da cidade nascente: bairro do colibri, bairro dos tecelões, bairro do tabaco e bairro comum. Habitava o soberano o templo do Sol, pelo que pertencia à parte baixa da cidade *(Hurin)*, fratria a que assegurava a primazia.

Manco Capac é, porventura, nome mitológico, a designar uma dinastia inteira e não apenas uma personalidade. Segue-se-lhe, na cronologia índia, Sinchi Roca, de quem o mesmo se pode afirmar, e com tanto maior segurança quanto é certo que o termo Sinchi designa o chefe eleito para condutor da guerra. O primeiro germe de união das tribos dispersas foi a necessidade de comando único. Qualquer entendimento se torna mais fácil quando «contra» do que quando «a favor». Deste imperativo de defesa nasceram os agrupamentos de comunidades antigas, ou seja, os *ayllus*. Tratar-se-ia, pois, de chefes, que afirmavam o seu poder, e se englobaram sob tal designação. Depois de Manco Capac, a comandar uma tribo e, portanto, uma colectividade restrita, surge Sinchi Roca, a dirigir uma confederação.

Normal parece que, neste caso, o chefe seja designado por comum acordo entre os aliados. A prova disso está em que, na indicação fornecida pelos cronistas, não foi o filho mais velho de Sinchi Roca o sucessor do pai. Traduzindo: ainda não existia a tendência hereditária no que respeitava ao domínio do poder.

Na época dos Sinchis, o território submetido compreendia apenas alguns vales vizinhos do de Cusco, não ultrapassando, para sul, a cadeia secundária de Vilcañota.

A seguir a Sinchi Roca, surge Loqué Yupanqui, porventura personagem real, visto revelar carácter tão particular que lhe valeu lugar de relevo entre antepassados e sucessores. De temperamento pacífico, vai mantendo a confederação por meio de alianças. Como, no entanto, é, por vezes, forçado a sustentar guerras, encarrega o filho de comandar as tropas. No seu reinado, porém, mais devemos falar em consolidação do que em expansão.

Maita Capac, quarto filho de Loqué Yupanqui, pelo contrário, desde muito novo se destina aos combates. Nascido antes de tempo, ainda assim é dotado de força extraordinária. Esmaga a confederação dos Alcabizas, invade o Collao e chega às margens do lago Titicaca, que atravessa servindo-se de barcas. Para ocidente, é a primeira vez que as tropas do planalto descem as encostas dos Andes, avançando até Arequipa.

A subida ao poder de Capac Yupanqui encontra-se envolta em mistério. Atribuem-lhe os historiadores a morte dos irmãos ou, pelo menos, o constrangimento para que desistissem em seu favor. É ele quem manda construir a grande ponte pênsil do Apurimac, porta aberta a novas conquistas. Estabelece contacto com os Andahuailas (ou Andahnaylas), que o acolhem de bom grado. Encontra-se esse povo próspero, por sua desgraça, nas vizinhanças dos Chancas, belicosos e fortíssimos, pelo que, de sua livre vontade, ingressa na confederação de Cusco, a fim de se defender.

Graças a outra célebre ponte, — a ponte das barcas, — no desaguadoiro do lago Titicaca, penetra o exército, ao sul do mesmo lago, em regiões actualmente pertencentes à Bolívia — o lago Poopo e o vale de Cochabamba.

Parece que este imperador foi o primeiro grande técnico das conquistas, mercê da organização de meios de comunicação, estradas e pontes, e ainda das *mitimaes*, cuja natureza e forma havemos de indicar, e que consistiam em deslocações de povos, com fins de interesse colectivo.

A DINASTIA DO ALTO-CUSCO

Com Inca Roca nasce um novo período na história dos Incas. Pertence, efectivamente, o monarca aos Hanan-Cusco, ou seja, à fratria do Alto-Cusco. Qual a origem de tal mudança? Difícil se torna pronunciarmo-nos com exactidão, uma vez que os dramas da corte não figuram, como é óbvio, na história popular, nem os guardas dos cordões de nós — esses autênticos documentos de arquivo, de que, mais adiante, explicaremos a natureza e o papel, — os mostraram aos inquiridores espanhóis. Talvez a capital haja sido palco de uma tragédia familiar, dado que certa mulher, mencionada como concubina de Capac Yupanqui, surge, depois, como esposa do Inca Roca. Terá ela conseguido colocar no trono um Hanan-Cusco, após ter envenenado o imperador Hurin-Cusco, como pretende o padre M. de Morua? Nada mais há do que simples hipóteses.

Fosse, porém, como fosse, o certo é que o título de Inca fica, daí por diante, a aplicar-se ao soberano. Este, por não dever habitar a parte baixa da cidade, manda construir um palácio na parte alta. E é a partir deste reinado que cada novo Inca passa a ter nova morada. O templo do Sol fica reservado apenas para o culto. É provável que também, nessa altura, se haja verificado a separação entre elementos religiosos e civis da hierarquia, entre o grande sacerdote e o imperador, dado que, antigamente, uma só personagem possuía ambos os títulos.

Na mesma ordem de ideias, pode o Inca Roca ser considerado como o primeiro imperador que se esforçou por engrandecer e embelezar a capital. Devem-se-lhe, além do mais, as escolas onde os sábios ensinavam.

Este empreendedor soberano, que sobe ao poder por meio de um golpe de Estado, vê-se forçado a firmar a sua autoridade, no próprio país natal, combatendo partidários dos Hurin-Cusco e uma série de chefes de *ayllus*, que procuravam aproveitar-se das circunstâncias para reconquistarem a independência. Logo a seguir, é constrangido a enfrentar os Chancas, que julgaram também o momento azado para atacarem os seus rivais de Cusco, após

terem submetido os Andahuailas. Inca Roca escorraça-os para Ocidente, libertando estes últimos, que ficam na perigosa situação de Estado tampão entre duas das mais poderosas confederações do planalto andino: os Chancas (Ayacucho) e os Incas (Cusco).

Tais façanhas, porém, não impedem o soberano de adjudicar às cerimónias aquele carácter de magnificência que, desde então, mantiveram sempre. As danças e banquetes, entre cânticos e flores, acrescentam, ao prestígio das armas, o das festas, a testemunharem prosperidade no presente e confiança no futuro.

Todavia, o futuro não se apresenta muito seguro. Repousa a confederação sobre laços, cuja solidez não é completa. Na sequência de rivalidades sentimentais, bastante obscuras, e de um rapto, um dos filhos de Inca Roca é ameaçado de morte. Conta-se que, ao ouvir a sentença, começou a chorar e que os carrascos observaram, com espanto, que as lágrimas eram de sangue. Concedem-lhe a vida. O jovem, porém, consegue fugir, com a cumplicidade de uma concubina do seu carcereiro, atinge Cusco e torna-se, segundo o costume, príncipe-conjunto do monarca, com o nome de Yahuar Huacac — «o que chora sangue».

Marcado desta maneira pelo destino, parece que tal soberano ficou para sempre fraco e incapaz de se defender. Lança-o a história popular ao esquecimento, mantendo-se a sua morte envolta em mistério. Duas versões se apresentam. Teria sido assassinado, segundo uma delas, durante uma festa, por chefes de tribos, na altura em que se aprestava para ir combater os Collas, motivo por que os guardas de cordões de nós, depositários dos acontecimentos históricos reais, teriam procurado, pudicamente, encobrir os factos, quando interrogados pelos Espanhóis. Segundo outra, teriam os Chancas atacado os Incas, fazendo rebentar o pânico em Cusco, onde nada fora previsto. Depois de o próprio Imperador ter abandonado a capital, teria o filho reunido, apressadamente, alguns homens e marchado contra o invasor, que conseguira rechaçar. Após a vitória, violenta discussão se desencadeara entre pai e filho, sendo o imperador forçado a retirar-se para local afastado, onde havia de acabar, sem brilho, a sua triste existência e tendo o filho subido ao trono, com o nome de Viracocha.

Na altura da mudança de reinado, o sucesso principal foi a invasão dos Chancas. Essa fortíssima confederação, que agrupava Índios das regiões de Ayacucho, Vilcas, Cangallo, Huanta, Humanca e Huancavélica, não era muito diferente da de Cusco. As tribos, que a compunham, diziam-se também oriundas de um lago, o de Choclococha («lago das espigas de milho» — nome oriundo de certa lenda local). Menos unificadas, talvez, do que as da confederação inca, porque cada fratria lutava sob as ordens do respectivo chefe, eram também mais rudes e mais cruéis do que as suas rivais, embora lhes não fossem inferiores em pompa e ostentação. Usavam as altas personagens sumptuosos vestuários de lã de vigonha ou de lama, ornamentados com desenhos de animais e monstros. Diferiam das de Cusco, principalmente pelas caras e coberturas da cabeça; traçavam, por sob os olhos, linhas de ocre vermelho, com o vermelhão retirado do mercúrio de Huancavélica. Usavam boinas ou turbantes, quando não se apresentavam de cabeça descoberta. Por vezes, mostravam uma tonsura ou deixavam crescer o bigode.

O revés sofrido na tentativa de conquista de Cusco fez parar, por algum tempo, o impulso dos Chancas, mas nem sequer beliscou a sua sede de poderio. Viracocha conseguiu, mercê do seu êxito, toda a liberdade de acção para regular as querelas do palácio, que não faltaram quando da sua subida ao poder, uma vez que os Hurin-Cusco procuravam, a todo o momento, tirar proveito das mudanças de reinado, com o fim de retomarem o poder. Como estes últimos exerciam cargos religiosos e habitavam no templo do Sol, o conflito poderia vir a tomar um aspecto grave. Propôs-se Viracocha apaziguar os espíritos, mas só o seu sucessor havia de encontrar a solução do problema com a reforma do culto.

Absteve-se de atacar os Chancas e lançou as vistas noutras direcções, por forma a assegurar o recrutamento do exército e a consolidar o poder, antes de se lançar em nova aventura. Todos os Incas, no momento da subida ao trono, começavam por fazer uma inspecção a todo o território, no intuito de revalidarem os laços existentes com as diferentes tribos e também de impedirem algumas delas de se revoltarem com o fim de conquistarem a independência.

Volta-se, então, Viracocha para Collao, onde a ameaça, representada pela sua própria chegada, foi o bastante para levar os principais chefes à submissão, sem necessidade de combate, necessàriamente demasiado desigual em forças.

Foi Inca Urco o filho escolhido por Viracocha para, segundo o costume, reinar conjuntamente consigo. Retirado o velho imperador para a sua casa de campo, logo Urco começa de se entregar aos prazeres e vícios. Cieza de Léon, particulamente digno de crédito, apresenta-o como bêbedo e vicioso e insiste mesmo em pormenores de uma lastimável crueldade. Para cúmulo de desgraça, esse chefe indígena era covarde. Os Chancas, ao corrente da situação julgaram chegado o momento de agir.

O HOMEM PROVIDENCIAL

Enfraquecido pela idade, decidiu Viracocha partir com o seu séquito. E de novo surgiu o homem providencial, na pessoa de seu filho, Cusi Yupanqui, mais conhecido pelo nome de Pachacutec, que deveria usar em seguida. Foi ele quem se colocou à frente das tropas, organizou a resistência e levou várias tribos vizinhas a juntarem-se-lhe. Idêntica é, assim, a história, no princípio e no fim do reinado de Viracocha: ataque dos Chancas, fuga do imperador, aparecimento do herói, que esmaga o invasor e toma o poder. Desta feita, porém, a história complica-se com a presença de Urco, soberano legítimo, nomeado por seu pai, que, como monarca consciente do poder e da infabilidade, não admitirá ter-se enganado na escolha.

Demasiado confiantes na sua força, viram-se os Chancas induzidos em erro por Viracocha, o qual recebeu os seus enviados, declarando-se pronto a submeter-se e a desaprovar os preparativos de resistência do filho. Pensaram vencer, fàcilmente, a resistência de um jovem presunçoso, renegado pela própria família. No entanto, o futuro Pachacutec organizou um sistema de espionagem que lhe permitiu estar sempre ao corrente dos movimentos do adversário, dispôs os soldados nos sítios mais propícios e, depois de haver sacrificado aos deuses, entusiasmou as tropas com a narrativa de

uma visão, que tivera: o próprio Sol lhe prometera auxílio na obtenção da vitória.

Descidos da colina de Carmenca, que domina Cusco, os Chancas atacaram desordenadamente, brandindo as lanças e gritando de alegria ao simples pensamento dos ricos despojos que lhes prometia a cidade estendida a seus pés. De faces pintadas de negro e vermelho e cabelos entrançados e oleosos, os atacantes encontraram os adversários prontos a recebê-los, respondendo às frechas com pedras de funda e às lançadas com golpes de clava. Bastantes tombaram em enormes covas, cuidadosamente camufladas e prèviamente preparadas. E, enquanto lutavam nos subúrbios, o príncipe Cusi, de cabeça envolta numa pele de puma e seguido pelo escol dos guerreiros, lançou-se contra o exército assaltante, precisamente para o local onde se encontrava o ídolo trazido pelos Chancas, destinado a encorajá-los e a assistir à vitória. Os Índios das tribos vizinhas, atraídos, desde havia muito, pela perspectiva de tal recontro, concentravam-se nas encostas, esperando que o deus dos combates decidisse sobre a vitória, a fim de, segura e covardemente, entrarem na liça pelo lado dos vencedores.

Após longuíssimas horas de luta incerta, conseguiu o príncipe Cusi apropriar-se do ídolo, enquanto os defensores de Cusco se mantinham nas circunvizinhanças da cidade. Aos gritos lançados pelos Incas responderam os clamroes dos espectadores, que consideraram perdido o combate para os Chancas, uma vez que o seu próprio deus os abandonava, e se juntaram aos de Cusco. E não tardou o grande morticínio dos invasores.

Segundo o costume, dirigiu-se o príncipe a seu pai, com o ídolo inimigo e as jóias e os penachos dos vencidos, a fim de lhos entregar como homenagem. Com incrível teimosia, exigiu o imperador que tal homenagem fosse prestada ao filho Urco, que continuava a considerar como soberano. A isso se recusou o jovem príncipe. E certo cronista vai até ao ponto de pretender que uma emboscada se preparou contra o vencedor, por parte dos próprios compatriotas, no caminho de regresso à capital, mas que não teve êxito, mercê da vigilância dos capitães do seu séquito.

A notícia da vitória obtida sobre o povo tido na conta do mais temível dos Andes espalhou-se através do planalto e grande número de tribos se submeteram aos Incas, de boa vontade.

Entretanto, os Chancas não se consideravam aniquilados. O príncipe Cusi, porém, não lhes deu tempo para reconstituírem o exército. Atacou-os em campo aberto, escorraçou-os e perseguiu-os, sem tréguas nem descanso, até à região dos Andahuailas.

No regresso, de novo se dirigiu ao pai. Desta feita, porém, recebeu-o este consoante os preceitos da tradição, caminhou por sobre os despojos do inimigo e deu a conhecer a sua intenção de considerar como seu herdeiro aquele que tantas provas de inteligência e valentia dera.

Por seu turno, tomaram as principais personagens do Império a decisão de deporem o incapaz Urco, proibindo-lhe o ingresso na cidade. A própria mulher de tão triste personagem o abandonou, dirigindo-se para Cusco. Urco ainda tentou reunir alguns partidários no vale de Yucay e fomentar uma conspiração, mas morreu pouco depois, de morte violenta, ignorando-se se na experiência de realização desse projecto, se numa batalha, em Collao.

Encontrava-se, finalmente, constituído o Império. E o seu fundador, Pachacutec, aureolado de glória, transformava-se num deus para a totalidade dos súbditos. Na colina de Carmenca, onde se travaram os combates, de que acabamos de falar, as cabeças dos chefes Chancas, espetadas em compridos postes aguçados, bem como as suas próprias peles, cheias de palha e cinza, penduradas mais abaixo, ficavam a atestar o poder do monarca e, melhor que todas as narrativas, forçavam os recém-chegados à cidade imperial a compreenderem a necessidade de uma sumbissão total.

O REFORMADOR DO MUNDO

É nos princípios do século XV que se situa a subida ao poder de Pachacutec. Nessa época, e graças aos contistas, o Índio apenas conhecia as grandes linhas, e as mais gloriosas, da história de que procuramos dar uma ideia. Dela tiravam vaidade e entusiasmo,

não só o alto funcionário como o chefe militar, integrados na hierarquia. O próprio imperador acreditava em que tudo era possível e, por isso, tudo desejava fazer. O enorme arcaboiço administrativo, militar e religioso, que haveremos de examinar pormenorizadamente, fora levantado sob a sua orientação, com os materiais trazidos pelos antepassados, no decorrer dos tempos, e graças ao concurso de toda a população. A história dos factos passa para segundo plano.

As guerras continuavam, todavia. Repleto de entusiasmo, lançou-se o povo eleito à conquista de todos os territórios vizinhos, mas com prudência e só após minuciosa preparação, a fim de evitar os riscos. Em todos os domínios imperou a planificação. Para norte, foram dominados os Andahuailas, já várias vezes citados, os Soras e os Rucanas. E o povo de Cusco, empurrando os Chinchas, conseguiu atingir o planalto. Sabemos já como os Índios do planalto conseguiram habituar-se, a pouco e pouco, ao clima do litoral, por meio de estadias em campos edificados na meia-encosta da cordilheira, e também como dominaram os resistentes, cortando-lhes as comunicações e destruindo-lhes as colheitas.

Chuquimancu resistiu por muito tempo, ao abrigo das suas fortalezas; Cuismancu submeteu-se sem combate; e o grande templo de Pachacamac caiu em poder dos Incas.

Entretanto, no planalto, algumas populações vizinhas mantinham-se ameaçadoras. Os Collas, ribeirinhos do lago Titicaca, dividiam-se em tribos prósperas e ciosas da independência, sob a autoridade de príncipes. Alguns destes podiam pôr em pé de guerra numerosas tropas, principalmente os de Hatun Çolla e de Chucuito, os quais podiam mesmo medir-se com os Incas, desde que se entendessem na formação de um exército comum. A maioria dos soldados pertencia à raça aimará, sendo particularmente rudes e combativos.

Tais territórios haviam sido já submetidos; mas, por causa das distâncias e da falta de organização, os laços de vassalagem foram afrouxando, pelo que, em cada mudança de reinado, acontecida em Cusco, os príncipes iam retomando a liberdade. Pachacutec esmagou o senhor de Hatun Colla em duas batalhas, o que lhe

permitiu ocupar essa cidade. Quanto ao senhor de Chucuito, submeteu-se de sua vontade.

Voltou-se, então, o imperador para os povos do Norte. Fica o historiador com a impressão de que ele se debate, ferindo a um lado e a outro, por forma a obter o lugar que lhe é devido. Tratava-se de empresas, em regra, arriscadas e duras, porque os adversários viviam, em muitos casos, num estado que os Incas consideravam selvagem, mas aos quais não faltavam nem astúcia, nem crueldade. Assim era que as tribos dos Huancas, da região de Jauja, queimavam os prisioneiros, guardando como troféus pedaços da sua pele. Gostavam muito de carne de cão, com a qual se deleitavam, transformando as cabeças desses animais em trompas, de que se serviam para acompanharem as danças ou para animarem os guerreiros durante os combates.

Aplicou Pachacutec aos Huancas vencidos a norma de alta política que lhe trouxe maiores e muito mais duradoiros êxitos do que as próprias invasões: não matou os prisioneiros, antes lhes concedeu a liberdade; não destruiu as aldeias, antes os obrigou à execução de trabalhos de interesse geral, de que adiante falaremos. Por essa forma conseguiu assegurar a fidelidade dos seus antigos inimigos.

O general Capac Yupanqui, irmão de Pachacutec, comandante do exército imperial, conseguiu avançar até ao lago Bombom (Junin). Mas cometeu dois erros graves: deu a conhecer a uma concubina uma mensagem secreta e ultrapassou as ordens do Inca ao submeter a região dos Conchucos, missão que não fora encarregado de realizar. Por isso, e apesar das suas vitórias, não escapou às sanções e foi condenado à morte. Tão impiedosa sentença vem lançar um raio de crua luz sobre a rigidez da contextura militar do Império. Comentá-la-emos, mais tarde, para melhor fazermos compreender o espírito das institutições e a mentalidade dos dirigentes.

Desembaraçado para sul, norte e oeste, encontrava-se o Império limitado, a leste, por forças que ninguém conseguira vencer ainda: as da floresta. Pachacutec fez uma tentativa nessa direcção. A selva, porém, é adversário bem mais temível que o homem.

E as tropas imperiais, dizimadas pelo clima e pelos animais selvagens, viram-se forçadas a retroceder, vergonhosamente, para o planalto.

Coloca-se, então, o imperador à frente das tropas. Mal atinge, porém, o limiar da floresta, é chamado a Cusco, em virtude de alguns prisioneiros Collas se terem escapado e, chegados à sua terra, terem fomentado uma revolta.

Em conformidade com os usos, escolhe Pachacutec um dos filhos para com ele partilhar o poder — o príncipe Amaru, filho mais velho da esposa legítima. Ambos partem para o sul, onde rechaçam os Collas. Regressa o imperador à capital, deixando ao filho o cuidado de terminar a empresa. Porque o príncipe era tímido e incapaz, foram os irmãos e os generais que conduziram as tropas à vitória. Pachacutec, devidamente informado, modifica a escolha e substitui Amaru por Tupac Yupanqui.

Foi no decurso dessa campanha que uma parte do exército entrou, de novo, na floresta virgem, na esperança de levar mais longe, para esse lado, os limites do Império. Nunca mais, no entanto, se ouviu falar dela. E o imperador ficou, então, a saber que o grande Pachacamac proibira definitivamente o seu povo de procurar descobrir o mistério encerrado na região quente e húmida, cheia de verdura e lama, a estender-se até ao infinito, na direcção da região sagrada de onde, todas as manhãs, o sol partia para a sua faina de visitar os homens.

E foi também durante o domínio conjunto de Pachacutec e Tupac Yupanqui que este último atacou o reino dos Chimus. Preciosa ajuda lhe trouxeram os súbditos de Cuismancu e Chuquimancu, tradicionais inimigos dos seus poderosos vizinhos do Norte, com os quais haviam mantido vários conflitos, noutros tempos, e muito habituados ao clima do litoral. Por seu lado, dispunham os Chimus de importantes linhas de defesa. Os dirigentes, porém, amolecidos por uma vida de luxo e prazeres, não possuíam já as qualidades guerreiras dos antepassados. Estava o rei decidido a combater. Os conselheiros, no entanto, persuadiram-no da oportunidade de tratar, pacìficamente, com um adversário, cujas tropas se encontravam perfeitamente preparadas e que

sempre dera mostras de moderação na vitória. O Inca, efectivamente, usou de generosidade para com o novo vassalo, mantendo-se no poder e mandando educar-lhe os filhos em Cusco, em conformidade com os princípios da habilíssima política que adoptara.

OS ÚLTIMOS INCAS. O APOGEU DO IMPÉRIO

Por morte de Pachacutec, o Estado encontra-se unificado, graças às suas inúmeras reformas. Não mais se verificam tentativas de revolta em cada mudança de reinado. Há estradas a ligar as cidades, mensageiros que transmitem ordens e informações, estatísticas feitas e não só certos inspectores asseguram a exacta aplicação dos regulamentos, como ainda os dirigentes seguram em suas mãos a alavanca de comando da enormíssima máquina económica e administrativa. Daí em diante, surge a nação, aos olhos do observador, como um bloco homogéneo, cada vez mais centralizado e uniformizado, com as fronteiras prudentemente defendidas por uma zona militarizada.

O índio do povo adquire, então, a mentalidade que o irá caracterizar para todo o sempre, a do lama perdido no rebanho, que obedece às ordens de pastor longínquo e invisível. Quanto mais o Império se alarga e fortifica, mais o indivíduo se dobra sobre si mesmo e se apaga.

As guerras chegam, por essa época, até aos confins do mundo civilizado e vários dias de marcha se tornam necessários para que os soldados consigam atingir os locais de combate. Aliás, para lá do Império, nada mais existe além de populações atrasadas e pobres, salvo raras excepções. É precisamente a essas, contudo, que necessário se torna explorar e submeter, para que a paz inca possa reinar no mundo.

Para além do marginado e pitoresco vale do Urubamba, muito próximo de Cusco, estendia-se a floresta, ameaçadora e inquietante, que conseguira cansar o infatigável Pachacutec. De tempos a tempos, bandos de índios selvagens saíam das guaridas de verdura, atingindo ràpidamente o planalto, onde levavam a cabo frutuosas

razias, no caso de conseguirem introduzir-se nos fortins espalhados ao longo dos caminhos. Tupac Yupanqui deu-se a preparar, minuciosamente, algumas expedições, as quais atingiram o grande rio Amaru (actual Madre de Deus), que desceram em escaleres na direcção de Beni. Impossível se tornava submeter os habitantes dessas vastíssimas regiões. Mas a passagem das tropas — que mataram grande número dos primitivos habitantes, por tal forma ousados que não hesitaram em se opor aos invasores, — espalhou o receio e tornou mais raras as incursões dos povos da floresta nos vales andinos.

Foi noutra espécie de resistência que o imperador veio a tropeçar, ao aventurar-se para o extremo sul. Obrigado a atravessar o temível deserto de Atacama, aí encontrou tribos muito bem organizadas e extraordinàriamente ciosas da sua independência — os Araucãs. É certo que os obrigou a recuar, mas bem cedo se convenceu de que não conseguiria submetê-los, dado que, quanto mais avançava, mais violenta e eficaz se tornava a resistência. Muito distanciado já das bases próprias, fixou definitivamente os limites do Império no rio Maule.

Volta-se, então, o Imperador para norte. Constituía o reinado dos Caras, situado no planalto, o prolongamento natural do território peruano. A fama da sua prosperidade fazia sombra ao soberano de Cusco. Separava-o do Império inca a região ocupada pelos Cañaris, célebres pela bravura, destreza e ferocidade.

Estabelece Tupac Yupanqui pontos de partida, instalando-se, de início, no alto vale do Amazonas e em Cajamarca, e submetendo, em seguida, os povos situados a leste de Cachapoyas, onde uma vez mais a floresta põe termo à sua expedição. Para oeste, dirige-se a Piúra, atinge Tumbez, e pára no golfo de Guayaquil. Tenta, nessa altura, a conquista de Cañar. Os chefes inimigos ou encontraram a morte ou ficaram prisioneiros, após duras batalhas. O Inca, porém, mais uma vez se mostrou magnânimo, sabendo captivar os vencidos por meio de favores. Manda construir estradas, templos, palácios, depósitos públicos e apraz-lhe, mesmo, ficar a residir na sua capital, Tomebamba, que transforma em grandiosa e opulenta cidade. Dessa forma se tornaram os Cañaris os súbditos

mais leais do Inca, a ponto de formarem a guarda particular do monarca.

Tomebamba tornou-se a base das operações contra o reino dos Caras. A guerra veio a ser uma das mais longas e sangrentas que os Incas tiveram de sustentar, tendo os de Cusco conhecido muitas situações críticas. Não foram felizes em Mocha e perderam toda a província de Purua, com a cidade de Latacunga. Acabaram, finalmente, por triunfar, entrando em Quito, a capital que havia de tornar-se a grande rival de Cusco.

Internou-se o Inca mais para norte, parando no rio Ancasmayo, que ficou a constituir a fronteira setentrional do Império.

Ao descer as vertentes da cordilheira oriental, encontrou a barreira verdejante da selva, defendida pelos selvagens Jivaros; e, continuando pelo ocidente da cordilheira, atingiu o mar, sem ter encontrado outra coisa que não fossem tribos dispersas, com as quais não valia a pena perder tempo.

Tão miserável se apresentou a população de certas regiões do reino dos Caras aos olhos dos enviados do Inca, que apenas um tributo lhes foi imposto: entregarem certa quantidade de piolhos, que, ao que parece, existiam em grande quantidade.

Foi durante as viagens do Imperador ao longo dos limites setentrionais do Peru que se decidiu e empreendeu a grande expedição marítima, já referida no princípio deste livro. Fornece-nos ela uma ideia exacta da ousadia e da temeridade desses homens, que não hesitavam em se lançar num mar desconhecido, sem quaisquer dos conhecimentos ou meios de que dispunham os jovens que, há bem pouco tempo, maravilharam o mundo ao perfazerem apenas a metade desse périplo.

Nem surpreende que tal viagem haja durado mais de um ano e que as populações da metrópole tenham acabado por manifestar alguma inquietação sobre a sorte reservada ao soberano e aos soldados, que o acompanhavam, avaliados em cerca de uma vintena de milhar. Conta-se que certo general, no intuito de acalmar os espíritos, espalhara a notícia de que recebera boas novas dos exploradores. Tão oportuno embuste não agradou ao imperador que, logo que o soube, condenou à morte o seu autor.

O regreso de Tupac Yupanqui realizou-se, lentamente, pelo litoral, permitindo uma minuciosa inspecção das regiões atravessadas. Jejuou o monarca durante quarenta dias, a fim de se preparar para o triunfo. Dirigiu-se-lhe ao encontro seu pai, acompanhado de trinta mil guerreiros. Entregaram-se os dois exércitos a um combate simulado, e os dois imperadores entraram em Cusco, para presidirem às cerimónias e festas do triunfo.

Passado pouco tempo, morreu Pachacutec, no apogeu da glória. Tupac Yupanqui prossegue na obra iniciada por seu pai e completa a pacificação e a organização do Império. Ao sentir os primeiros sintomas da doença, que viria a vitimá-lo, retirou-se para uma casa de campo, rodeada de jardins.

Começou o seu sucessor, Huayna Capac, por visitar o Império. Daí, a sua convicção de que um chefe só, por mais genial que fosse, não poderia controlar um território que, de facto, era tão extenso como a França, Itália, Suíça, Bélgica e Holanda, reunidas. Estabelece-se em Tomebamba, de onde parte para submeter as revoltadas populações de Quito. Tão fortes adversários obrigam-no a sofrer vários reveses. No entanto, atinge Quito. A norte dessa capital, porém, tropeça nos Caranquis, que o vencem e o obrigam a retroceder. O irmão do imperador é vencido e morto no cerco de Otavalo. E a paz só viria a estabelecer-se após o casamento do soberano com uma filha do rei de Quito, de nome Paccha Duchisela.

Tanto por gosto como por necessidade, fixa-se Huayna Capac em Quito e em Tomebamba, deixando Cusco confiada ao filho, Huascar. Deu-lhe Duchisela outro filho, Atahualpa. À hora da morte, dividiu o Império, cuja extensão havia verificado, entre os dois filhos — decisão essa, ao mesmo tempo, lógica e imprudente. Dessa maneira, transformava os irmãos em inimigos, criando uma rivalidade entre Quito e Cusco que não podia deixar de vir a ser fatal, tanto para uma como para outra. Por essa época, efectivamente, já certos mensageiros haviam falado na singular aparição, nas encostas setentrionais, de homens barbudos e centauros, que sabiam provocar o raio.

Com isto, porém, entramos já num período posterior àquele a que pertencem os Índios, cuja vida quotidiana pretendemos relatar. Sabemos, nesta altura, o mesmo que os homens do povo e os membros do escol conheciam acerca da sua própria história. E assim compreendemos, afinal, que, ao ouvirem contar tais sucessos, mesmo não expurgados de acordo com as necessidades da instrução do povo, os Índios sentissem um legítimo orgulho.

CAPÍTULO IV

A PSICOLOGIA DOS ÍNDIOS

A tal ponto foi levada a diferenciação entre as duas categorias da população que os membros do escol passaram a ser considerados como intérpretes ou representantes das divindades. Para bem compreendermos esta aplicação extremista do princípio dualista, hemos de penetrar bem fundo na psicologia indígena.

O MUNDO FLUIDO E SUPERPOVOADO DO ÍNDIO

Toda a vida do Índio mergulha numa atmosfera de irrealidade. Só espiritualizando-se é que a Natureza toda-poderosa consegue dominar. Até o mais ínfimo objecto possui uma alma: o lama como a batata, o rochedo como o indivíduo. [1] Esta alma, porém, pode ser colectiva, essência invisível, que anima múltiplas representações, alma da espécie, como hoje diríamos, princípio originário e criador. O próprio mundo tem um princípio — o ovo simbolizado por uma placa de ouro, que se encontra na parte superior do altar do templo do Sol, em Cusco.

Julgámos o planalto deserto. Ignorância de homem branco, cego e surdo. Essa solidão encontra-se repleta de presenças e tumulto. Milhões de seres nos espreitam, inanimados só na aparência, mas que sentem e pensam como nós, que são bons ou maus,

que manifestam suas vontades e paixões. Se tomarmos consciência dessa vida tumultuosa, não será o isolamento que havemos de temer, nos Andes, mas sim a animação de uma tal multidão.

Compete-nos a nós atrair os favores de tais entidades, cuja atitude e comportamento obedecem a desígnios iguais aos nossos. A unidade do cosmos é perfeita. Não existem barreiras entre as regiões, como não existem também entre as épocas e os reinados. Sabe-o perfeitamente o feiticeiro que pode, à sua vontade, mudar de lugar no próprio instante, atrasar-se ou adiantar-se no tempo, transformar-se em pedra, planta ou animal. Nem o próprio corpo possui contornos definidos, podendo fraccionar-se. Cabelos e unhas, depois de cortados, continuam a fazer parte do mesmo corpo. Por isso se conservam cuidadosamente, uma vez que o matreiro, que deles se apoderasse, ficaria na situação de ter cometido um atentado contra o seu antigo dono. Possui o feiticeiro a faculdade de desligar os membros do corpo e de ordenar à cabeça que se separe do tronco. Voltaremos a falar de aspectos tão essenciais da mentalidade índia, quando falarmos acerca das concepções e práticas religiosas.

Nesse mundo índio, fluido e superpovoado, [2] qualquer palavra ou simples gesto pode originar infinitas repercussões em todos os aspectos, visíveis e invisíveis. O individual e o social, assim como o material e o moral, encontram-se intimamente ligados. A doença é simples desarranjo e pecado.

Constante tensão de espírito se esconde, todavia, por sob a passividade do camponês, do pastor ou do artífice. Por toda a parte há amigos e inimigos. E, assim, há que ter em consideração os mínimos pormenores, os quais, ao passarem despercebidos, poderiam acarretar certas reacções. Manda a prudência que ninguém perturbe a ordem estabelecida e se desconfie de tudo quanto pareça anormal. Aí se encontra a origem do culto das *huacas*, extensivo a todos os objectos que impressionem, quer pela grandeza ou força, quer pela beleza ou raridade: o felino da floresta, o cume nevoso, o rochedo de formas estranhas. [3]

Compreende-se que o sentido dessa palavra se haja ampliado a ponto de acabar por indicar os próprios objectos da veneração

dos indígenas: o ídolo, o santuário, o túmulo. [4] Evidente é também que a multiplicidade de tais entidades havia de forçar o Índio a obedecer a determinados ritos, igualmente inúmeros e sempre imperiosos, que o preparavam para acatar a disciplina social fixada pelos Incas. [5]

AS DUAS RELIGIÕES

Enxertados nessas concepções antigas os dogmas trazidos pelos conquistadores, vindos de Cusco, eis-nos forçados a mudar completamente de ponto de vista. Não só as concepções religiosas do vulgo diferem das dos membros do escol, como ainda são utilizadas pelos últimos para fins políticos, tornando-se, assim, instrumentos nas mãos dos dirigentes. A fim de unificarem o Império, respeitam os Incas as crenças dos povos submetidos, adoptando--lhes os ídolos próprios e apenas se limitando a impor-lhes um deus superior a todos os restantes, e incontestado, — o Sol. Divinizam também o Imperador, que não só representa esse astro, na Terra, como ainda se considera seu filho, de tal modo forjando a forma mais extraordinária de domínio. O homem-deus de Cusco age directamente na consciência dos súbditos.

Tanto o monarca, como os membros do escol, possuem concepções muito diferentes das do vulgo. E ainda aqui se encontra o dualismo. No novo plano espiritual, apaga-se a divindade do soberano, surgindo um deus diferente, um deus abstracto, sem expressão, único, um deus, afinal, tão semelhante ao dos cristãos que autores, bastante conhecedores do assunto, como Garcilaso de la Vega e Bartolomeu de las Casas, não hesitam em afirmar — um, que os Incas já conheciam o verdadeiro Deus, outro, que os Índios se aproximaram muitíssimo da verdade. [6]

No caminho do transcendental, foram os Incas muito mais longe do que os próprios Espanhóis, dado que não dedicaram mais de dois templos ao seu deus supremo — um, em Cusco, e outro, em Racche, argumentando que, em face da certeza de a divindade se encontrar, ao mesmo tempo, em toda a parte, nenhuma espécie de sentido teria a sua localização. Dispensavam-se, mesmo, de lhe

dedicar oferendas, com o pretexto de que tudo possuía. Nada sabemos do culto especial dedicado a esse deus, porque os dois templos se encontram em ruínas, as cerimónias eram secretas e a grande maioria dos Espanhóis jamais compreendeu a importância das investigações em tal domínio. [7]

Tem esse deus de escol vários nomes, particularmente os de Pachacamac e Viracocha, ambos provenientes da religião dos povos do litoral e da dos Aimarás. Dão-nos alguns cronistas as razões dessa dupla denominação. O Inca Tupac Yupanqui, ao invadir a região que é, actualmente, a do Lima, encontrou-se perante um famoso templo, consagrado a um poderoso ídolo, que não ousou atacar. Entendeu-se com os sacerdotes e admitiu que o seu deus Pachamac mais não era do que outra forma do deus supremo e invisível. [8] Ora, este tinha já o nome de Viracocha, no planalto, desde que criara o mundo, em Tiahuanaco, e conferira, em seguida, as insígnias do poder ao primeiro imperador, Manco Capac, acabando por desaparecer no Céu. [9]

Um facto curioso se encontra ainda em várias crónicas. Na altura de uma reunião entre sacerdotes e adivinhos, o famoso Inca Pachacutec perguntara, possìvelmente, qual o deus mais poderoso e obtivera, como resposta, que era o Sol. Procurou, então, o imperador, através de um longo discurso, explicar que o Sol, obrigado a trabalhar todos os dias, qual operário, para iluminar e aquecer a terra, exposto a ver os seus esforços contrariados, e até anulados, pelas nuvens e chuvas, não poderia ser o «Senhor da criação». E teria terminado por afirmar que o Ser supremo e criador não era outro senão Viracocha. [10]

Talvez se possa ver nisso uma tentativa do grande imperador no sentido de iniciar os sacerdotes do Sol em determinadas crenças esotéricas próprias do escol.

Depois dessa reunião, mandou Pachacutec esculpir duas estátuas de Viracocha, de ouro maciço, que foram colocadas nos dois templos que já citámos. [11]

Sabe-se ainda que o imperador falava com o Sol como se falasse com qualquer membro da própria família, enquanto se dirigia a Viracocha com os sinais do mais profundo respeito.

OPOSIÇÃO PSICOLÓGICA ENTRE O HOMEM DO POVO E O HOMEM DO ESCOL

Esse carácter místico, que caracteriza o Índio, seja de que classe for, influenciava por forma diferente o homem do povo e o homem do escol.

A constante presença das entidades, que qualificámos de sobrenaturais, bem como as exigências de um meio normalmente duro para o homem, forçavam o Índio a adaptar-se sem revolta — e, dessa forma, por meio de reacção vital, a aglomerar-se com os semelhantes, a fim de poder subsistir. Em tais condições, com uma existência penosa e constantemente ameaçada, via-se forçado a apreciar homens e coisas sob o aspecto da sua utilidade directa e imediata. Daí provêm, simultâneamente, a passividade — com o seu feliz corolário da resistência à dor — o espírito comunitário — gerador da ideia de que qualquer acto individual se repercute sobre toda a colectividade, a que o indivíduo pertence (ideia que, aliás, é necessário ter em mente para se compreender a prática da «confissão», de que haveremos de falar) e, finalmente, o carácter pouco sentimental da família que ainda hoje se mantém nìtidamente utilitário. Não há, pròpriamente, ausência de sentimento; mas este desempenha, no fundo, um papel mínimo. [12]

Os comentaristas modernos, em geral, mostram este homem comum, *llacta runa*, submetido a uma disciplina rigorosa, com o tempo dividido entre o trabalho dos campos e o exercício das armas, como que vergado ao peso da tristeza e do tédio. Tal opinião peca por um pouco de exagero. Não há dúvida de que a nota dominante do carácter do índio era a melancolia, que ainda hoje mesmo espanta o observador. A própria língua — o quíchua — possui grande número de palavras para traduzir os matizes dessa melancolia. De mais, lícito parece admitir-se, ainda, que o Índio era extremamente tradicionalista e amante da ordem, da harmonia e do equilíbrio. Tal é a origem das características da sua arte — linhas geométricas, repetição dos mesmos assuntos, simetria dos desenhos —, dos seus temores perante a Natureza caprichosa,

desproporcionada, infinita, e, finalmente, do enorme edifício social, também geométrico, que mais adiante estudaremos, e cujas proporções exactas e definidas afirmam a igualdade entre os indivíduos, que lhe servem de base, a hierarquia dos dirigentes e a perenidade do conjunto.

Entretanto, o Índio não mantém, no interior dessa estrutura, uma fisionomia imutável, congelada. Por certo que se mostra sempre fatalista e resignado em face dos caprichos das inúmeras potestades sobrenaturais — a exclamar o seu *as!*, ou seja, «tinha que ser assim mesmo», perante qualquer infortúnio. Mas jamais renuncia a certos juízos de valor, pois, ao contrário, aprecia, admira, despreza e demonstra até um certo gosto pela zombaria que, actualmente, dá aos rostos dos mais inteligentes um certo ar enigmático e zombeteiro, de que alguns artistas modernos souberam assenhorear-se.

Ao invés do homem do povo, o homem do escol, compenetrado da sua missão divina e a encarnar o espírito de iniciativa e de previsão, mostrava-se activo e calculista. Responsável pela ordem, em tão vasto império, apresentava-se duro, e até cruel, para os que pretendessem resistir-lhe. Algo de selvagem subsistia nele. Atahualpa, na altura da conquista espanhola, manda enforcar vários Índios, ao longo dos caminhos, e fabricar um tambor com a pele do próprio irmão e uma taça com o seu crânio. E não haja a menor dúvida de que tal viria a ser o destino de Francisco Pizarro, se tivesse sido vencido.

A história e o folclore provam, todavia, que o sentimentalismo não é uma palavra vã, mesmo no seio dessa classe. O único drama dos Incas, chegado até nós, — o *Ollantay* — baseia-se no tema do amor apaixonado e contrariado de certo capitão por uma princesa. E nos sombrios episódios da conquista espanhola surge, como um relâmpago, o belo romance vivido por Quilacu e Estrela de Ouro.[14]

Finalmente, o quase ilimitado poder, de que o membro do escol dispunha sobre os inferiores, dava-lhe, simultâneamente, um orgulho, que bastante o prejudicou, e uma nobreza, que deixou

maravilhados os próprios Espanhóis. Foi só por se considerar o senhor invencível do mundo que o Inca supremo cometeu a imprudência de permitir que as tropas de Pizarro atravessassem a cordilheira e chegassem até junto de si, quando o certo é que fàcilmente as poderia ter detido nos desfiladeiros. Como foi, aliás, pela consciência que possuía da sua própria superioridade que tão grande se mostrou aos olhos dos próprios vencedores.[15]

SEGUNDA PARTE

A VIDA DO ESCOL

CAPÍTULO I

A VIDA DO INCA SUPREMO

O HOMEM-DEUS

NUM Estado planificado, lógico parece iniciar-se a análise social pelo grau mais elevado da hierarquia. No Peru, portanto, haverá que começá-la pelo escol, de que o Inca supremo é o chefe.

Quem quer que ousasse olhar de relance para o homem-deus, gravaria na sua lembrança uma magnífica visão. Usava o soberano uma túnica sem mangas, a cair-lhe até aos joelhos, uma faixa de pano a servir de calções, comprida e larga capa, ornada de desenhos geométricos, sobre os ombros, com as extremidades unidas sobre o peito ou traçada sob o braço esquerdo e atada no ombro direito, por forma a deixar-lhe livres ambos os braços. O vestuário era feito de pura lã de vigonha. Por calçado, usava sandálias de lã branca. Em torno de cada perna, acima dos joelhos, uma fita. E outra ainda a envolver-lhe cada tornozelo. Consistiam as insígnias do poder — a *mascapaicha* — num trancelim multicor, enrolado em várias voltas sobre a parte superior da cabeça, e do qual pendia o *lautu*, galão vermelho, com borlas da mesma cor fixadas em pequenos tubos de ouro. Enorme penacho, fixo acima do trancelim, tinha na extremidade três peninhas pretas e brancas da ave sagrada — o *curiquingue*. Os cabelos eram curtos e as

orelhas alongavam-se sob o peso de enormes brincos de metal precioso.[1] A alguns membros do escol era permitido o uso do *lautu*, mas nunca de cor encarnada, e brincos de menor dimensão. Finalmente, um saco, ricamente ornamentado, pendia de um dos flancos do monarca.

Nas cerimónias solenes, segurava o Inca supremo na mão, conforme as circunstâncias, ora o ceptro de ouro — comprido qual alabarda e encimado, quer de diminutas penas, quer, excepcionalmente, da *mascapaicha*, quando usasse penacho de guerra, — ora a clava, de cabeça estrelada de ouro, e um escudo de couro com o brasão imperial.

Nesses brasões poder-se-ia ver: no de Sinchi Roca, um falcão; no de Loqué Yupanqui, tal como no de Maita Capac, desenhos geométricos; no de Capac Yupanqui, um quadrúpede, na parte superior, uma ave, ao meio, e uma serpente, na parte inferior; no de Inca Roca, uma ave; no de Yahuar Huacac, figuras geométricas; no de Pachacutec, o arco-íris e duas serpentes. Do de Inca Yupanqui não possuímos qualquer indicação, pelo que se supõe não ter tido nenhum ornamento. Nos de Tupac Yupanqui e Huayna Capac existiam também figuras geométricas. E, se nada sabemos acerca do de Huascar, sabemos que, no de Atahualpa, havia enorme quantidade de desenhos: um falcão, no meio de duas árvores, duas serpentes e um puma por sob o arco-íris.

O nome do Imperador era sempre laudatório, razão por que encontramos frequentes vezes as mesmas palavras a designarem os monarcas, embora em combinações diferentes: *Capac* significa «senhor», *Yupanqui*, «digno de memória», *Huayna*, «jovem».

Por ocasião de certas cerimónias, colocava o soberano no peito o disco de ouro do Sol. Sentava-se num banco baixo, de madeira esculpida e recoberta de fino tecido, ou num trono de ouro maciço. Comia em baixela de ouro e prata e dormia em colchão de algodão com cobertores de lã.

Todo aquele que obtivesse audiência, mesmo que se tratasse de um general vitorioso, devia aproximar-se de olhos baixos, pés descalços e com um peso sobre a cabeça, em sinal de submissão.

DUAS ALTAS PERSONAGENS: A IRMÃ-ESPOSA E O HERDEIRO DO TRONO

Usava a imperatriz túnica azul, cor-de-rosa, amarela ou alaranjada, a cair-lhe até aos pés, circundada por duas faixas de pano ornamentadas, uma, geralmente encarnada, na cintura, e a outra, de cores várias, na parte inferior. Cobria-lhe as espáduas um manto, a cruzar-se no peito, fechado por meio de um alfinete com enorme cabeça ornamentada. Como calçado, usava sandálias de lã branca de vigonha. Da cabeça, tombava-lhe livremente para as costas, por sobre os longos cabelos, um fino manto. Uma aia transportava, a seu lado, um guarda-sol de penas.

Afirmam os cronistas que o Inca supremo desposava a irmã mais velha e possuía ilimitado número de concubinas. Dado que o seu *ayllu* não podia ser territorial, pela própria razão de o seu território abranger todo o Império, tinha de ser apenas consanguíneo. Mas, em face do considerável número de descendentes, com origem na poligamia, constantemente se subdividia. Por isso, cada novo Inca fundava novo *ayllu*, quando subia ao poder. Dessa forma, apenas podia considerar-se herdeiro do trono e nunca dos bens, os quais se encontravam em poder dos membros do *ayllu* do monarca defunto. Nos princípios do século XVI existiam, em Cusco, onze *ayllus* imperiais.

Geralmente, designava o soberano por seu sucessor um dos filhos da esposa legítima. Apesar de tão completa, criticam certos autores a legislação dos Incas por jamais haver estabelecido uma regra de sucessão. Quis o soberano ficar com inteira liberdade de escolha, no que houve, por certo, algum tanto de imprudência, visto que, em casos de morte súbita, surgiram, por vezes, certas dificuldades.[2]

Uma medida, — bastante hábil, aliás, — dificultou grandemente o conhecimento das genealogias, antes de ter sido compreendida pelos historiadores modernos: o sucessor designado devia partilhar o poder, durante algum tempo, com o soberano reinante, antes de vir a exercê-lo por si só. Encontram-se, assim, os reinados enquadrados em períodos de condomínio, uma vez que

cada monarca procedia a um aprendizado, junto do pai, e convidava, mais tarde, um dos filhos a proceder de igual modo junto de si. Tal complicação mais se agravava, ainda, como já vimos, com o facto de o imperador substituir o herdeiro, tido como incapaz, por outro filho, quando o julgasse necessário ou as circunstâncias a isso o forçassem. Assim aconteceu, frequentes vezes, no século XV. O Inca Viracocha chamou ao poder o filho Urco, de quem falámos mais atrás, tendo-o substituído, em seguida, por outro filho, Cusi. Este, tornado imperador sob o nome de Pachacutec, designou sucessor a seu filho Amaru, o qual, por seu turno, foi forçado a ceder o lugar a seu irmão Tupac.

OS GRANDES ACONTECIMENTOS DE UM REINADO

Assinalava-se a subida do imperador ao poder com uma cerimónia que provocava enorme concorrência de povos. Chefes de todas as províncias traziam a Cusco os seus produtos. Do litoral, chegavam conchas para os sacrifícios, policromos objectos de cerâmica e tecidos de lã; dos habitantes do planalto provinham vestuários de lã, armas, sandálias de fibra de piteira; os habitantes das florestas de leste traziam tecidos feitos de penas de aves, coca e plantas aromáticas. A colorida multidão enchia por completo a praça central de Cusco, onde, assentes em estrados, se alinhavam as estátuas das divindades e as múmias dos imperadores defuntos. O príncipe herdeiro, que jejuara por completo durante dez dias, conservando-se em oração no seu palácio, tomava lugar no meio da multidão que, perante a majestade do lugar e do momento, se mantinha silenciosa e de aspecto grave. Chegava o soberano reinante e retirava da cabeça o penacho com o *lautu*, colocando-o na do príncipe, a quem dava o nome que lhe fora atribuído. Prestava-lhe as suas homenagens, bebendo uma taça de *chicha* — a bebida extraída do milho fermentado — e ajoelhando-se perante ele. [3]

Inúmeros sacrifícios se realizavam no templo do Sol, antes e depois da cerimónia: conchas, coca, lama e até algumas crianças,

escolhidas de entre as mais belas. Não havia ídolo, lugar santo ou *huaca* que não recebesse algum sangue das vítimas. Algum desse sangue coagulado era mesmo atirado, por meio de fundas, para os cumes das montanhas vizinhas.

O casamento do Inca, ou seja, a sua união com a irmã, tinha lugar no templo do Sol, no próprio dia da subida ao trono. Logo que o príncipe tomava tal decisão, a noiva considerava-se como filha do Sol, deus esse a quem o imperador a pedia. A cerimónia era mais ou menos faustosa, conforme as circunstâncias. O Inca Pachacutec, por exemplo, após ter feito o seu pedido no templo do Sol, dirige-se à morada da jovem, acompanhado de numeroso séquito, através das ruas atapetadas de colgaduras. Aí o esperava seu pai, o Inca Viracocha, acompanhado da noiva, a qual, ao vê-lo, logo ajoelha. Levanta-a o futuro esposo, oferece-lhe ricos vestuários, rogando-lhe que os vista, e, em seguida, agarra numa sandália recamada de ouro e ele próprio lha calça no pé direito. Levanta-se, então, o velho imperador e beija a nova imperatriz. Pachacutec segue-lhe o exemplo, oferece à princesa cem mulheres para o seu serviço pessoal e estende-lhe a mão, convidando-a a dirigir-se ao templo do Sol. Espera-os aí o grande sacerdote, com dois vasos de *chicha*, cujo conteúdo o Inca espalha pelo solo, à maneira de oferenda. Segue-se a imolação de dois lamas brancos. As festas prolongam-se durantes três meses e os chefes regressam às suas províncias, depois de cumulados de presentes.

As exéquias do imperador não eram menos imponentes que a coroação — se tal nome se pode dar à imposição do *lautu*. Por morte do Inca Viracocha, o corpo, encerrado numa liteira, atravessou as ruas de Cusco, acompanhado de muitos soldados em trajos de guerra. À frente do cortejo, o filho do defunto, herdeiro do trono, trajava vestes de vigonha, brancos e cinzentos. De cabelos cortados e faces pintadas de negro, seguiam as mulheres, chorando, lamentando-se, fustigando-se com plantas e tocando pequenos tambores.

Embalsamava-se o corpo, vestia-se a múmia com os mais belos mantos e colocava-se-lhe o *lautu* na cabeça. Entretanto, iam-se sucedendo os sacrifícios no templo do Sol — sobretudo de lamas,

mas também de mulheres, criados ou amigos, que pretendiam seguir o imperador para o além, e até crianças. Durante um ano inteiro, em dias considerados propícios, levava-se a múmia a visitar a capital, na frente de numeroso séquito de carpideiras e altos dignitários, ao lúgubre som de tambores, sòmente interrompido a intervalos pelos melancólicos acordes das flautas e cânticos comemorativos das façanhas do morto.

Obedecia a sucessão do Inca supremo ao princípio da distinção entre poder e bens. Passava o poder para o filho da mulher legítima, escolhido pelo pai, antes de morrer. Esse hábil sistema, de que falámos já, não raras vezes foi causa de ressentimentos, por parte dos filhos esquecidos, bem pouco inclinados a julgarem-se inferiores aos outros. As raparigas não podiam suceder no trono. [5]

Quanto aos bens, ficavam à disposição do morto. A múmia continuava a residir no seu palácio, como antigamente, rodeada das armas, objectos de arte e criados pessoais. O herdeiro do trono mandava construir outra morada, razão pela qual existem, em Cusco, tantos palácios quantos os soberanos que houve, e tendo cada qual o nome de um deles.

Supunha-se o homem-deus sempre vivo. [6]

A MARAVILHOSA ACTIVIDADE DO SOBERANO

Para melhor apreciarmos a existência do monarca, teremos que acrescentar a todos estes acontecimentos, não só as guerras, que ele próprio era, muitas vezes, obrigado a conduzir, como ainda os consideráveis trabalhos de organização e direcção económicas. Grande espanto causa, por exemplo, tudo quanto Pachacutec conseguiu realizar durante o seu reinado: reconstrução de cidades, reformas do exército e do culto, unificação da língua, organização da minuciosa estrutura económica planificada, transformação da confederação em império e realização de muitíssimas conquistas, difíceis e a longo prazo. Dando mesmo de barato que tal obra haja sido, em parte, «exagerada» pelos cronistas, dispostos a atribuírem a esse imperador até aquilo que se devia aos seus ante-

cessores, a verdade é que não será possível deixar de se admirar uma actividade tal. [7]

Juntemos ainda a esta enumeração as caçadas e as viagens.

A caça era muito abundante, pela simples razão de que só o Inca e os altos funcionários estavam autorizados a caçar em determinadas regiões, funcionando como reservas de animais selvagens, como acontecia, por exemplo, na província de Huamachuco. Além disso, as caçadas na mesma região só eram permitidas em intervalos mínimos de quatro anos. Vejamos como elas se praticavam. Milhares de Índios cercavam um terreno, aproximando-se, progressivamente, uns dos outros, em direcção a determinado lugar central. Do mesmo passo, iam fazendo enorme algazarra, acabando, assim, por cercarem em apertado círculo os animais enlouquecidos. [8] Matavam-se os animais nocivos; mas as vigonhas e os *guanacos* apenas se tosquiavam, deixando-se as fêmeas em liberdade. Tudo se registava devidamente em estatísticas. Em seguida, os funcionários distribuíam os animais caçados, fornecendo, dessa maneira, aos Índios do povo, uma das raras ocasiões em que podiam comer carne.

Na região de Nasca, no litoral, entregavam-se os chefes à caça do falcão. Alguns desenhos de artigos de cerâmica mostram indígenas a segurar flechas, numa das mãos, tendo na outra uma *estólica,* onde pousa o falcão. Por vezes, surgem representados a olhar para o céu, como que seguindo com os olhos o voo dessas aves de rapina. [9]

As viagens do soberano chegavam a durar meses e até mais de um ano. Viajava o Inca numa liteira, sentado na frente da esposa, quando esta o acompanhava. Simples armação de madeira, construída acima dos assentos, servia de suporte ao tecto. Tapeçarias com buracos, de ambos os lados, permitiam aos ilustres viajantes verem sem serem vistos.

Os condutores da liteira provinham, tradicionalmente, da tribo dos Rucanas, a ocidente de Cusco. Ao treparem os declives das montanhas, apoiavam-se em plataformas preparadas para esse fim. Tinham o maior cuidado em não escorregarem, pois isso constituiria péssimo presságio. A fim de evitarem tamanho risco, os chefes

das províncias, atravessadas pelas estradas, mandavam-nas varrer e nivelar cuidadosamente, antes da passagem do cortejo. Vários milhares de guerreiros acompanhavam sempre o imperador. [10]

A RESPEITO DAS MULHERES

Não deixava a imperatriz de ter certa influência sobre o marido. A mulher legítima de Pachacutec administrou Cusco, durante várias ausências do marido, e organizou socorros às vítimas de um dos mais violentos terramotos que a cidade de Arequipa sofreu. Foi a mulher do Inca Tupac Yupanqui quem obteve o perdão para os Índios da aldeia de Yanayacu, como explicaremos mais adiante. Tanto uma como outra, todavia, se mantinham em situação de inferioridade perante os imperadores. A primeira, por exemplo, prosternava-se em frente do imperador, logo que este mostrasse alguma irritação, e assim se mantinha até que ele a convidasse a levantar-se. [11]

A soberana e as damas de alta linhagem fiavam, teciam e faziam toucagem. Depilavam as sobrancelhas, pintavam-se com vermelhão (cinábrio), extraído das minas de Huancavélica, ou com a baga vermelha da achiota. Parece que os cabelos foram sempre objecto de particular atenção, por parte de todas as classes, e considerados segundo um critério de beleza. A mulher índia usava-os compridos e apartados ao meio, no alto da cabeça, salvo em certas regiões, onde os entrançava — ou os cortava, em caso de luto. Penteava-os com uma fiada de espinhos, apertados entre duas varetas de madeira, lavava-os com água de cascas de favas e, finalmente, tornava-os «mais negros que azeviche», [12] pela aplicação de certas ervas.

O cronista índio Poma de Ayala soube retratar as imperatrizes que ocuparam, sucessivamente, o trono de Cusco. A essa galeria não falta certo pitoresco. Há-as belas e feias, alegres e tristes, sadias e doentes. Amam, umas, as flores e, outras, as aves. Muitas são serviçais e caritativas, outras gostam de festas e banquetes; há tal que se dá à bebida e tal que é seu tanto feiticeira. [13]

A CIDADE IMPERIAL

Residia o Inca com a família em Cusco — cujo nome significa «umbigo», em quíchua, — cidade geométrica, situada a cerca de três mil e quinhentos metros de altitude. Reconstruíra-a Pachacutec inteiramente, segundo um plano racional, a fim de a transformar em centro e síntese do Império. Tudo nela se ordenava a partir da praça central, onde tinham lugar as festas públicas. A importância das moradias, desde os palácios de pedra às choças de barro, ia decrescendo à medida que se caminhava para a periferia. A hierarquia dos habitantes correspondia a das habitações. Nelas se podia encontrar toda a gama das situações sociais, desde os grandes dignitários até aos mais modestos artífices. Além disso, a cidade encontrava-se dividida em quatro sectores: Norte, Sul, Leste e Oeste, sendo os Índios, chegados das províncias, obrigados a residir no bairro correspondente à situação geográfica do lugar de origem, isto é, os de Leste, no sector oriental, e os do Oeste, no sector ocidental. Jamais a planificação perdia os seus direitos. [14]

Afirma-se que cinquenta mil Índios haviam levado vinte anos a reconstruir essa «capital das quatro partes do mundo» e que aí viviam, ao tempo do apogeu do Império, nada menos que duzentos mil habitantes. Tal era o prestígio da cidade que o Índio, que se dirigia para Cusco, se afastava reverentemente para o lado, para dar passagem ao que de lá regressava, exactamente como se o viajante conservasse em si algo da majestade própria da capital.

O plano geral da cidade assemelhava-se a um tabuleiro de xadrez: as ruas, estreitas e pavimentadas, cruzavam-se em ângulo recto. O seu maior defeito consistia em serem divididas, no sentido do comprimento, por uma vala de escoamento. [15] A própria praça central era atravessada por um dos dois riachos que atravessavam a cidade. Este, porém, era tapado.

Os *ayllus* imperiais, situados ao centro da cidade, dividiam-se, em conformidade com a tradição, em duas «parcialidades» — *hanan* e *hurin*. Os bairros da periferia possuíam nomes pitorescos e poéticos: flores de *cantu* (pequenos craveiros), cauda de puma,

armazém de sal, lugar que fala (onde se proclamavam as ordens do imperador), serpente de prata (alusão a dois riachos de água límpida, que aí serpenteavam), porta do santuário, etc. [16]

Os palácios, exactamente como a cidade, construíam-se segundo moldes de argila, prèviamente fabricados. E, já que deles se fala, difícil é imaginar como seria possível evitar o êxtase perante os seus muros que, ainda hoje, deixam o viajante estupefacto. Com tal perfeição se ligavam as pedras que as saliências e as reintrâncias se ajustam milimètricamente. Um desses blocos possui nada mais nada menos do que doze ângulos, como se o arquitecto tivesse pretendido brincar com as dificuldades. [17]

Ao abrigo do muro circundante existiam diferentes salas, abertas para o pátio interior, guarnecido de vasos de flores. Tapeçarias faziam as vezes de portas, peles de animais cobriam o chão e nichos, dispostos ao longo dos muros, ofereciam à vista a harmonia do ocre, do castanho e do preto dos objectos de cerâmica, misturados com o ouro dos objectos de arte e o cinzento dos ídolos. [18]

UM PALACIO ENTRE MUITOS OUTROS

Tomaremos para exemplo o belíssimo palácio construído durante o reinado de Pachacutec, mesmo à entrada do vale de Cañete, para servir de alojamento à corte. [19] Na verdade, os Índios do planalto não conseguiam desbaratar as tropas de Chuquimancu, para entrarem no litoral. Descontente e obstinado, resolve o Inca estabelecer-se no cimo das colinas, que manda terraplenar. E, assim, uma Cusco em miniatura surge da terra, com habitantes, santuários, armazéns e «casas de mulheres escolhidas». O principal edifício é a morada do Inca. Precedia-o uma grande esplanada, com cento e sessenta metros de comprido, variando a largura entre oitenta e cinco e cento e cinquenta metros. Ao meio, erguia-se um altar de pedra e terra, destinado aos sacrifícios, e assente numa plataforma, cujo acesso se fazia por meio de degraus.

Dividia-se a fachada do palácio em duas partes iguais, separadas por pequena escada, e num plano superior ao da esplanada.

A um lado, salas destinadas ao alojamento do corpo da guarda e dos sacerdotes, quando fora do serviço; a outro, um terraço. A todo o comprimento do muro, em que este terminava, escalonavam-se pilares rectangulares, a servirem de suporte a uma tapeçaria de lã de vigonha e de penas, com a parte oposta sustentada por postes de madeira, fixos no solo e incrustados de metais preciosos. Dessa forma se constituía uma comprida galeria, sob a qual o monarca e a família podiam sentar-se, a fim de presidirem às cerimónias efectuadas na esplanada.

Para lá dessa galeria, ficavam os armazéns e os compartimentos reservados à família imperial: salas destinadas ao Inca, às concubinas, aos criados, aos capitães e aos guardas.

Em edifício vizinho alojavam-se os correios, com a fogueira sempre pronta a servir de sinal luminoso. Viam-se, ao longe, por todo o caminho, que levava até Cusco, os cumes em que velavam os mensageiros das mudas seguintes, igualmente ao lado das suas fogueiras. Os seus postos eram fortificados.

À distância de um quilómetro do palácio erguia-se um conjunto de edifícios, divididas em quatro sectores. Destinava-se o primeiro à arrecadação da lã dos lamas, o segundo, à dos produtos alimentícios, o terceiro, à da *chicha*. O quarto destinava-se à habitação dos guardas dessas riquezas.

Os pátios do edifício serviam igualmente para fins diferentes. Destinava-se o primeiro à partilha da *chicha* e servia o segundo de parque para os lamas. Possuía este último um estreito caminho de acesso, com o fim de forçar os animais a entrarem um a um, para que determinado funcionário os pudesse contar e registar em cordões de nós. As paredes deste lado do edifício eram mais altas do que as restantes. E isso porque não se ignora que o lama pode, de um pulo só, saltar elevados obstáculos.

Noutro pátio, bastante grande, viam-se divisórias rectangulares, cercadas por pequenos muros, e perfeitamente alinhadas. Aí se expunham os produtos alimentícios, a fim de secarem, ao calor do sol e ao frio da noite. No meio e à entrada desse local, viam-se bancos, encostados aos muros, com cavidades feitas para nelas

se colocarem as estatuetas das *conopas*, divindades protectoras da família.

A casita do guarda ficava próxima, servindo o seu terraço de posto de observação das sentinelas. A única porta do edifício, destinado a guardar os produtos alimentícios, também se abria, por seu turno, para facilitar a vigilância.

Sentados em bancos e a cantar, iam os empregados preparando os produtos: debulha do milho, lavagem das folhas de coca, etc. Em seguida, transportavam-nos para silos construídos em torno dos compartimentos de dessecação. Uma vez cheios, cobriam-se os silos com uma espécie de tecido, feito de lã ou palha. Na altura própria, repartiam-se os produtos.

Finalmente, a «casa das mulheres escolhidas» abria-se por meio de uma porta, em ângulo de fácil interdição. Dispunham-se os compartimentos em semicírculo, à volta de um pátio, cujo centro era ocupado por um altar. As salas reservadas às matronas precediam aquelas em que se encontravam as outras mulheres, por forma a assegurar-se uma inspecção mais eficiente.

A técnica da construção, quer dos palácios, quer dos templos e fortalezas, põe certos problemas, em que falaremos quando nos referirmos à arquitectura peruana.

Passava-se a vida quotidiana do imperador, ora no palácio de Cusco, ora numa estância de prazer, situada num vale próximo da capital — em Tampumachay — onde gozava a vida familiar com a mulher e os filhos.

ALIMENTAÇAO ESCOLHIDA

A alimentação da família imperial era bastante mais copiosa e variada do que a dos Índios do povo — de que falaremos mais adiante. O milho grelhava-se, cozia-se ou transformava-se em farinha, sob a forma de sêmola.

Igualmente se transformavam em farinha os grãos de quinua, de achita e de *cañahua*, a qual servia para a confecção de uma sopa, quando misturada com outros legumes ou feculentos.

Comiam-se favas e feijão encarnado, cozidos ou grelhados, salpicados de sal e pimentão. A batata preparava-se sob a forma de *chuño*. Para tal efeito, expunham-na, alternadamente, ao frio da noite e ao calor do dia, a fim de obterem uma dessecação completa. Em seguida, bastava moê-la e misturá-la com água, sal e pimentão para se obter um caldo muito popular nos Andes. Pela mesma forma se tratavam a *yuca* e a oca. Todos os Índios usavam imoderadamente condimentos secos — *aji* e *mani*. Os altos dignitários juntavam a esta ementa frutos vindos dos vales tropicais e, ao contrário do que acontecia com o povo, alimentavam-se principalmente de carne — lamas com menos de três anos e vigonhas com menos de dois. Sabe-se que, em idade mais avançada, a carne desses animais deixa de ser boa.

O Imperador e a família dispunham, ainda, de apreciáveis suplementos, trazidos das diferentes províncias, com extraordinária rapidez, pelos correios: excelentes patos bravos e perdizes da *puna*, cogumelos, rãs do lago Chinchaycocha, caracóis, peixes e crustáceos do Pacífico — os quais, apesar da distância, chegavam em perfeito estado de frescura. Todo o Império contribuía para a alimentação do soberano.

Pelo que respeita a bebidas, todas as classes usavam e abusavam da tradicional *chicha*, desde o monarca ao mais humilde dos súbditos.

Nas três refeições do dia, colocavam-se as iguarias numa esteira de junco entrelaçado, estendida no chão. Sentava-se o imperador num banco de madeira, forrado de fino tecido de lã, e indicava o prato que lhe apetecia. Uma das mulheres, que o cercavam, apresentava-lho, então, em travessa de metal precioso ou barro cozido, conservando-se em pé e segurando-a enquanto o imperador comia. Tanto os sobejos como tudo aquilo que o imperador houvesse tocado com as mãos se guardavam num cofre, para serem queimados e as cinzas lançadas ao vento.

O serviço do Inca encontrava-se assegurado pela colaboração alternada das suas mulheres, que viviam no palácio, e as quais dispunham também de grande quantidade de criadas. [20]

Talvez que um bobo divertisse, por momentos, o homem-deus,

o qual, todavia, se mantinha absolutamente impassível perante o seu povo. Uma palavra especial — *Canichu* — designa, em língua quíchua, a personagem encarregada de fazer rir, sabendo nós, além disso, que os Índios não eram insensíveis às brincadeiras e até às farsas. [21]

QUE LINGUA FALAVAM OS INCAS?

Um ponto obscuro existe ainda. Possuíam os Incas uma língua própria, como pretende Garcilaso? Levado pelo natural desejo de exaltar os antepassados (— a mãe do historiador era uma princesa inca —), não terá exagerado o ilustre historiador? Nem o princípio dualista, aliás, se encontra em causa, visto não se tratar de língua própria do escol.

Compreender-se-ia perfeitamente que a família do soberano conservasse as formas de expressão próprias da tribo de que provinha e que assegurara o domínio do planalto. Pena é nada sabermos acerca dessa língua. Se se tratasse do aimará, toda a sua história seria posta a descoberto. Garcilaso limita-se a citar uma dezena de vocábulos, de que declara ignorar a significação, deixando-nos numa completa incerteza. [22]

Razoável é pensar-se que Garcilaso nem sequer se deu ao trabalho de meditar em que, na intimidade, os membros da grande família incaica falavam o dialecto da tribo de origem, aproximado do das restantes tribos, mas, ainda assim mesmo, bastante diferente, para levar a crer na existência de uma língua original. Provàvelmente procediam os Incas como Napoleão e os irmãos, quando falavam o dialecto da Córsega.

CAPÍTULO II

A VIDA DOS MEMBROS DO ESCOL

Compunha-se o escol de três categorias de pessoas. Era a primeira formada pelos membros dos *ayllus* imperiais, não por simples direito, visto haver certas condições, que mais adiante concretizaremos.

Compreendia a segunda os *curacas*, chefes submetidos de bom grado ou à força, que se integravam, dentro da hierarquia imperial, no lugar correspondente à importância numérica das próprias tribos. Estabelecia-se a sua ligação com o poder central, não apenas pelo vulgar meio das mensagens, mas também pela obrigação de se dirigirem a Cusco, todos os anos, ou de dois em dois anos, conforme a distância a que se encontravam da capital, de para lá mandarem os filhos com quinze anos, a fim de se instruírem, e, finalmente, de desposarem mulher de sangue imperial, escolhida pelo soberano. A marca da sua autoridade consistia no uso do trajo tradicional e no facto de poderem sentar-se num banco baixo durante as reuniões solenes.

Entravam na terceira categoria os Índios do povo, que se haviam distinguido por algum trabalho notável, acção brilhante ou de outra maneira qualquer. A recompensa era o acesso ao escol. Garcilaso de la Vega chama-lhes «Incas por privilégio».

Das três categorias, a mais importante era, sem dúvida, a primeira. A condição imposta aos jovens membros dos *ayllus* imperiais e aos filhos dos *curacas*, para ingressarem no escol, cifrava-se numa espécie de exame, após um ciclo de instrução. Esta, que tinha a duração de quatro anos, ministrava-se nas escolas de Cusco. No primeiro ano, aprendiam os alunos a língua quichua, frequentemente desconhecida dos filhos dos chefes residentes em províncias longínquas onde se falavam dialectos. Destinava-se o segundo ano ao estudo da religião, o terceiro, ao do cordão de nós *(quipu)*, e o quarto, à história. Completavam-se esses conhecimentos com o ensino de noções relativas às ciências menos desenvolvidas. Tratava a geometria da agrimensura, a geografia da modelação de mapas em relevo, e a astronomia da observação dos equinócios e solstícios.

Eram os professores aqueles notáveis sábios, cujas lições o próprio Inca ia, frequentemente, ouvir, chamados *amauta*, o que significa hábil, engenhoso, astucioso. E isso apesar de existir um termo para designar aquele que ensinava — *yachapa*. A razão de tal estava em que tais sábios não eram apenas professores, pois a sua ciência era universal, tão aptos os tornando para dirigirem a construção de um palácio, como para interpretarem as leis, para fabricarem paramentos destinados ao culto, como para comporem uma tragédia. Todavia, apesar da autoridade, de que dispunham, não lhes era permitido bater nos alunos preguiçosos ou menos dóceis mais do que uma vez por dia, e só nas plantas dos pés. [1]

Na data fixada para o exame — o *huaracu* — reuniam-se os candidatos, vestidos de branco, de cabelos cortados e de *lautu* negro, com penas igualmente negras, na cabeça, na praça central, dirigindo orações ao Sol, à Lua e ao trovão. Trepavam, em seguida, para a vizinha colina de Huanacauri, observando o mais estrito jejum, no qual as próprias famílias participavam — água simples e milho cru. Entregavam-se a cerimónias rituais e a danças. Os sacerdotes forneciam-lhes fundas. Passados alguns dias, recebiam túnicas, vermelhas e brancas, e passavam a noite com as famílias, numa tenda, próximo da capital. Ofereciam, então, sacrifícios, dançavam e efectuavam uma corrida na presença de grande número de Índios, que os iam encorajando com gritos.

Essa corrida constituía a prova mais importante. A meta a atingir era a própria colina de Huanacauri, considerada como um dos mais veneráveis lugares sagrados de toda a região, pelo facto de, segundo a lenda, um dos irmãos do primeiro Inca ter sido transformado em pedra mesmo no seu cume. Contudo, antes dessa transformação, fora dotado de asas, as quais lhe serviram para desempenhar o papel de intermediário entre os irmãos e as divindades celestes. Ora, a ave amiga dos Índios, por excelência, é o falcão. A corrida, com efeito, encontrava-se sob o signo dessa ave de rapina, cuja rapidez de voo provocara, desde sempre, a admiração dos indígenas. A própria língua o testemunhava, pois a palavra *huaman* significava, ao mesmo tempo, *falcão* e *velocidade*. Muitos derivados nasceram dessa raiz: *huaminca*, corajoso, veterano capitão; *huamincachani*, chamar capitão a alguém, etc.

Pelo mesmo motivo se associa o nome de *huaman* ao de grande número de chefes e lugares, como a fortaleza de Saxahuaman e a cidade de Huamanca. E foi ainda por essa mesma razão que o cronista índio Poma de Ayala se cognominou a si próprio de Huaman.

Se a corrida constituía uma prova decisiva e se o falcão se tornava apreciado devido à rapidez do voo, era só porque a rapidez de deslocação dos soldados constituía factor de triunfo num país por tal forma carecido de meios de transporte. Falcão, corrida, qualidades militares — todas essas significações se avizinhavam umas das outras. O sobrenome de *falcão* constituía título de rara qualidade. Daí resultava que todos os animais se escalonavam hieràrquicamente, desde a ave de rapina, a ocupar o primeiro grau, até ao sapo, relegado para o último grau dessa escala de nobreza.

Todas essas concepções se materializavam no dia da corrida. Com efeito, colocavam os organizadores no cimo da colina de Huanacauri grande quantidade de grosseiras representações de diferentes animais, feitas de sal: falcão, águia, abutre, pato bravo, colibri, vigonha, raposa, serpente, sapo. Os concorrentes, à medida

que iam chegando, apoderavam-se desses animais simbólicos. Os primeiros, claro está, apanhavam as aves e os últimos os répteis e os batráquios, que iam ficando para o fim. Dessa forma, cada qual evidenciava a prova de força ou fraqueza, sabendo os espectadores a quem louvar ou ridicularizar. Alcunhavam os jovens com os vários nomes que correspondiam ao falcão — o *huaman*. Isto é, *llasuy-huaman*, pato bravo, etc.[2]

Transposto para o plano do grupo profissional, esse sistema faz lembrar o utilizado na Rússia Soviética, como estímulo das actividades e da emulação, no início da experiência de socialização. Colocavam-se cartazes nas fábricas, simbolizando a rapidez do trabalho por meio do avião e da locomotiva ou da tartaruga. Os operários, ao verem tais desenhos, exaltavam os que haviam obtido o melhor rendimento e escarneciam dos outros.

Chegada a noite, dormiam os concorrentes índios junto da colina, num local chamado, precisamente por esse motivo, *Huaman Cancha*, ou seja, «cerca dos falcões». Na manhã seguinte, ao raiar do dia, subiam ao cume de uma colina *huaca*, onde se erguiam falcões de pedra.

Pouco tempo depois, travava-se uma espécie de combate entre os jovens, divididos em dois grupos, um, a atacar certo lugar fortificado, e outro a defendê-lo. No dia seguinte, invertiam-se os papéis, e a batalha recomeçava. Embora não usassem armas, ainda assim lutavam os combatentes com tal ardor que, não raro, se feriam gravemente.

Sucediam-se o tiro ao arco, a funda e as provas chamadas «de carácter». O candidato devia aparar os golpes sem se queixar, manter-se dez noites seguidas de sentinela, sem dormir, conservar-se imóvel sem pestanejar enquanto um capitão lhe ia brandindo uma clava por sobre a cabeça e ameaçando-lhe os olhos com a ponta de uma lança. E o exame terminava com provas técnicas: fabrico de arcos, de fundas, de sandálias.

Os candidatos aprovados eram admitidos à presença do Inca supremo, que lhes ofertava calças curtas e justas, um diadema de penas, peitorais de metal precioso e lhes furava as orelhas com um alfinete de ouro. A partir desse momento, adquiriam os jovens

o direito de usar pesados brincos, que constituíam o sinal mais evidente do escol, facto que lhes valeu a designação de «orelhudos» *(orejones)*, por parte dos Espanhóis.

Se a orelha se rasgava sob o peso dos brincos, considerava-se o facto como sinal de mau presságio. O Inca Atahualpa, que possuía uma orelha esfacelada em combate, esforçava-se por escondê-la com a capa.

Simultâneamente com essa reunião solene, ou logo a seguir — visto não ser possível determinar-se o facto, em razão das contradições existentes nas crónicas — outras cerimónias se realizavam: a dança dos pumas, executada pelos concorrentes ao som de tambores e vestidos com as peles desses animais, a dança da serpente, de que voltaremos a falar, o banho ritual, a entrega das armas aos jovens, levada a efeito pelo membro mais idoso da família, o festim na praça principal de Cusco e o arroteamento de uma parcela de terreno. Compreende-se perfeitamente que os membros do escol guardassem para todo o sempre na memória a recordação desses dias.[3]

COMO SURGIU O DIREITO DA PROPRIEDADE PARTICULAR

A situação do escol, por essa forma recrutado, mantinha-se inferior à do Inca, mas ultrapassava em muito a do vulgo. Ao mesmo tempo que este se encontrava socializado, como havemos de ver, ia-se aquele individualizando, pouco a pouco. Não porque o Inca pretendesse aplicar um princípio de ordem económica, mas apenas por, naturalmente, desejar aproveitar-se do mais hábil oportunismo, a verdade é que tomou como regra recompensar os «orelhudos», que fizessem prova de méritos particulares, com presentes que constavam de mulheres, terras, lamas, vestuários, objectos de arte, ou ainda com prerrogativas especiais, como as de terem assento, viajarem de liteira, usarem certos distintivos. Os bens adquiridos deste modo tornavam-se propriedade do beneficiário. Nem de outro modo poderia ser, sob pena de lhes ser

retirada a verdadeira significação: para mérito individual, recompensa individual. Tal foi, no Peru, a conhecida origem do direito de propriedade particular, sob o signo da justiça.

Isso, porém, não era ainda tudo. Para que a dádiva inicial pudesse vir a servir de exemplo, necessário se tornava perpetuar a recordação do mérito, transformando o objecto doado em objecto transmissível por herança, não a herdeiro indicado pela pessoa falecida ou designado pelos usos, mas sim à colectividade dos descendentes, já que estes se mostravam todos por igual aptos a colherem os benefícios da lembrança e a seguirem tal exemplo. Por isso mesmo, as terras recebidas em doação tornavam-se inalienáveis e apenas transmissíveis, a título indiviso, aos herdeiros, que distribuíam os proventos entre todos.

HIERARQUIA FEMININA

Tanto a alimentação como o vestuário e a habitação dos membros do escol se mantinham, segundo a hierarquia, em nível inferior ao do soberano. Permitido era ainda a esses privilegiados terem várias mulheres, mas não em número ilimitado, como acontecia com o Inca. Fixavam os regulamentos os máximos, variáveis segundo a situação dos interessados. Quando o Inca oferecia uma mulher a qualquer chefe, era esta quem tinha a primazia, não podendo ser repudiada, qualquer que fosse o costume local. Todas as mulheres eram consideradas como preciosas riquezas por causa dos serviços, que podiam prestar, e transmissíveis por herança.

Geralmente, uma princesa de sangue imperial não podia ser esposa ou concubina de homem de raça inferior, ainda que este fosse Inca por privilégio. Tal é o tema do drama *Ollantay*, a que já nos referimos: o monarca nega ao mais valente dos seus guerreiros a mão de uma princesa que não só o ama como é amada por ele. Mas, precisamente no fim da peça, o sucessor do Inca intransigente consente na união. Parece, efectivamente, que tal regra nem sempre foi seguida. Uma irmã de Huayna Capac negou-se a casar com quem o soberano lhe determinara. Este, como

castigo, entregou-a a um *curaca*, velho e feio. De tal maneira, porém, os choros e gemidos da esposa calaram fundo em seu coração que este acabou por consentir em deixá-la acolher-se a uma casa de mulheres escolhidas — o que equivale, em estilo europeu, a um convento.

Os filhos dos altos dignitários, como já frisámos, eram instruídos nas escolas de Cusco. Enquanto não atingiam a idade própria para o efeito, encarregavam-se certas mulheres, bastante experientes, e mormente viúvas, da sua educação, e muito principalmente no que respeita à educação sexual. [4]

Por seu turno, as jovens do escol, a partir dos oito anos de idade, entravam em estabelecimentos conhecidos pelo nome de «casas de mulheres escolhidas», dirigidas por matronas experientes, que as iniciavam nos ritos e nos futuros deveres de mulheres. Ocupavam, em tais casas, o lugar que correspondia à situação social da família, adentro da hierarquia administrativa do Império, desde as que se encontravam ligadas à direcção até àquelas que serviam de criadas às restantes. Preparavam as refeições e bebidas destinadas aos deuses e ao Inca supremo, fiavam e teciam os vestuários do par imperial. Juntamente com elas, educavam-se ainda jovens, escolhidas pela sua beleza, nas diferentes localidades, por funcionários especializados. [5]

Tais casas eram em grande número. Só na cidadezita de Caxas, a primeira que os Espanhóis encontraram ainda povoada, ao tempo da conquista, — dado que as precendentes, como a célebre Tumbez, haviam sido devastadas durante a guerra civil travada entre os irmãos Huascar e Atahualpa — existiam, segundo uma crónica, há pouco tempo descoberta, três casas dessas, albergando cerca de quinhentas mulheres. [6]

A este propósito fizeram os Espanhóis as piores confusões, dado que não se aperceberam de que as jovens se encontravam divididas em várias categorias. [7]

No grau inferior da escala social figuravam as criadas, cuja tarefa consistia, quer em tomarem conta das jovens de situação mais elevada, quer em trabalharem nas vestes do Inca, quer ainda

em tomarem conta dos lamas, destinados aos sacrifícios, e das terras do soberano.

Acima delas havia ainda as jovens enclausuradas, adstritas a vários trabalhos de fiação, tecelagem e cultura de terras.

AS «VIRGENS DO SOL»

Igualmente enclausuradas e situadas no pináculo da escala hierárquica, as verdadeiras «Virgens do Sol» não trabalhavam, nem para os restantes mortais, nem sequer para si próprias. Preparavam os alimentos e as bebidas destinados ao Sol, cujas esposas eram. Daí o ser-lhes exigida uma rigorosa castidade, sob pena das maiores sanções. Em caso de violação dessa regra, enterravam-nas vivas, enforcavam-se os cúmplices e destruía-se a comunidade agrária a que pertencessem — brutal aplicação da solidariedade dos membros do *ayllu*.

Não era, porém, Virgem do Sol quem queria. A jovem escolhida tinha de cumprir um noviciado. Em Cusco, as condições eram as seguintes:

Em primeiro lugar, comparecia a jovem perante o Conselho imperial, o qual lhe examinava a filiação e o físico e se inteirava da sua idade e gostos particulares. Se fosse aprovada, atribuíam-lhe uma renda em espécies e davam-lhe uma criada. Em seguida, procedia o grande sacerdote — ou qualquer dos altos dignitários eclesiásticos — a um interrogatório sobre quais os sacrifícios feitos pela família nas diferentes circunstâncias da vida da postulante. Penteavam-na, cortando-lhe uma parte dos cabelos e deixando-lhe tranças na testa e nas têmporas. Cobriam-na com um véu cinzento ou acastanhado, vestiam-lhe fatos cinzentos, após o que o sacerdote, que presidia à cerimónia, a instruía sobre os deveres que contraíra para com as divindades. Desde esse momento em diante, a jovem tornava-se noviça e passava a fazer parte de um grupo de dez postulantes, dirigido por pessoa mais velha e experiente. A superiora da casa era, aliás, assistida por mulheres experientes, mormente em questões de medicina.

Tais cerimónias realizavam-se quando a jovem atingia a idade da puberdade, ou seja, por volta dos doze anos. O noviciado durava três anos. Durante esse espaço de tempo ministravam-lhe não apenas uma completa instrução prática, tanto em matéria doméstica — fiar, tecer, preparar alimentos e bebidas, administrar o governo da casa, — como em matéria religiosa — pôr em ordem os objectos sagrados, manter o fogo no santuário, etc. As superioras e directoras pertenciam ao escol e impunham uma disciplina rigorosa. Embora as diferentes categorias de jovens vivessem em compartimentos determinados e se achassem separadas por meio de portas, constituídas por simples tapeçarias, jamais qualquer noviça se atreveria a penetrar no compartimento das Virgens do Sol, ou estas no daquelas. A separação era tanto mais rigorosa quanto é certo que, entre as noviças, se encontravam filhas de altos funcionários, apenas com o fim de completarem a sua educação e sem a mínima intenção de, mais tarde, se dedicarem ao culto do Sol, sendo retiradas pelos parentes, ao atingirem os dezoito anos de idade. Quando, no entanto, alguma delas sentia nascer em si a vocação religiosa, contava-se-lhe o tempo, que passara na casa das mulheres escolhidas, como tempo de noviciado.

Decorridos os três anos, o grande sacerdote, acompanhado pelo soberano, ou pelo seu representante, dirigia-se para o templo, onde mandara comparecer as candidatas e respectivas directoras. Convidava-as a optar, em definitivo, entre o casamento e a consagração ao Sol. No caso de a jovem optar pela última, vestiam-na de branco, enfeitavam-na com uma grinalda de ouro e calçavam-lhe sandálias novas. Fazia sacrifícios, murmurava orações e transformava-se em Virgem do Sol — *accla*. Nunca mais poderia sair do templo senão para se dirigir a outros santuários, a fim de os ornamentar — e, ainda assim, só com a condição de ser acompanhada pelo menos por uma colega, por certas mulheres idosas, ao serviço da casa, pelas criadas próprias ou por guardas do templo, armados de lança e arco. Facultava-se-lhe ainda o passear no jardim da casa, onde mantinha animais domésticos, que constituíam a sua maior distracção.

Todos os anos, depois das ceifas, se reuniam, em sumptuosos

banquetes, as principais personalidades da província, sob a presidência do governador ou dos próprios ídolos. Em Cusco, era o próprio imperador quem presidia. As Virgens realizavam sacrifícios, prestavam homenagem ao soberano e renovavam os juramentos de castidade e obediência. Serviam, depois, a refeição e ofertavam aos convivas vestes de lã de vigonha, cintos e enfeites de toda a espécie. Por seu turno, ofereciam-lhes os convivas ouro, lamas ou objectos preciosos. O grande sacerdote não assistia ao banquete, no qual se comia e bebia em excesso.

Passaremos em salvo alguns pormenores citados pelo autor de uma narrativa anónima, que se antolham suspeitos, não só pela analogia que apresentam com certos ritos católicos, mas ainda pela falta de confirmação por parte de outros cronistas, como seja, por exemplo, a distribuição de pedacinhos de pão de milho «à maneira de hóstias». [8]

A destruição dos ídolos, com tanto zelo efectuada pelos conquistadores espanhóis, jamais encontrou eco nos domínios do espírito. Por detrás dos novos altares continuavam escondidas as antigas concepções. Ora, os missionários, muito embora sem qualquer parcela de oportunismo, conseguiram misturar ideias pagãs com ideias cristãs, chegando mesmo ao ponto de aplicarem nomes quíchuas a formas espanholas. E, assim, foram eles próprios que favoreceram o desenvolvimento das religiões, que condenavam, facilitando que se implantassem no espírito dos Índios. Referem-se, muitas vezes, a monges e freiras, existentes no tempo dos Incas, para designarem, indistintamente, todas as mulheres das casas de que falámos. Ao invés, chamam *acclas* de Cristo às Virgens do Sol, quando baptizadas.

As jovens dos dezoito aos vinte anos, pertencentes à linhagem do Inca, que não haviam escolhido a vida religiosa ou não haviam sido doadas pelo monarca, compareciam, em data fixa, perante este e alguns jovens do escol, com mais de vinte e três anos de idade. Ficavam autorizados a unir-se, de comum acordo, desde que pertencessem à mesma classe social. A cerimónia assemelhava-se à do casamento do soberano: o noivo calçava sandálias nos pés da futura esposa, oferecendo-lhe presentes, assim como à mãe

desta. O monarca, ou o alto funcionário que presidia à cerimónia, unia as mãos dos cônjuges, após o que se sucediam os sacrifícios, as danças e os banquetes. [9]

O funeral dos membros do escol fazia lembrar o do Inca supremo, embora com menor pompa.

As regras da sucessão no poder diferiam consoante a qualidade do falecido. Se era *curaca*, continuavam a aplicar-se os costumes da região, diferentes desta para aquela, facto provocador de incertezas por parte dos comentadores. [10] Se o não era, o próprio imperador indicava o sucessor do alto funcionário desaparecido, como era natural. Tal regra, contudo, apenas se aplicava aos membros do escol. Quanto aos funcionários subalternos, eram nomeados pelos superiores imediatos ou mesmo eleitos pelos que se encontravam sob a sua administração.

A mesma distinção se fazia quanto aos bens. Aplicava-se o costume, com a diversidade já citada, no que respeitava à herança de um *curaca*. De outro modo, eram os filhos quem herdava. Nos casos em que a viúva entrava como herdeira, não poderia vir a casar com o herdeiro. Se assim procedesse, essa união tornar-se-ia incestuosa. [11]

CAPÍTULO III

A VIDA ADMINISTRATIVA

Todo o trabalho de organização e direcção de tão vasto Império se encontrava assegurado pelo escol, de que o Conselho do Inca constituía o ponto central. Esse organismo supremo, simultâneamente administrativo, político e judiciário, era formado por quatro altos funcionários. A cada um deles competia encarregar-se de uma parte do Império — Norte, Sul, Leste e Oeste. Foram esses funcionários — a quem os Espanhóis deram o nome de Vice-Reis — que fixaram as leis da planificação geral estabelecida no reinado de Pachacutec. [1]

Como tal regulamentação fora concebida num plano puramente temporal, necessário se tornava, desde logo, o estabelecimento do calendário. Começava o ano — que era lunar — no solstício de 21 de Dezembro. Daí provinha um erro de ajustamento ao ano solar, que não parece ter sido possível remediar, apesar dos esforços empregados no sentido de se obterem observações correctas. [2]

DUAS BELAS LÍNGUAS FALADAS: O QUICHUA E O AIMARÁ

Uma das maiores dificuldades encontradas pelos dirigentes era a multiplicidade dos dialectos. Na opinião do padre Acosta, contavam-se mais de setecentos. Alguns ainda hoje se falam, em

grupos restritos, como é o caso do *yunga* ou *mochica*, em Eten (costa setentrional) e do *kauke*, em Tupe (na província de Yauyos, a sudeste de Lima). Três línguas, no entanto, qualificadas de «gerais» pelos Espanhóis, dominavam na altura do apogeu do Império: o *quíchua*, o *aimará* e o *uru*.

Encontrava-se a última já no declínio e sabemo-la em vias de desaparecer totalmente, a ponto de os especialistas se verem reduzidos a recolher-lhe, preciosamente, os últimos vestígios.[4]

As duas primeiras, pelo contrário, achavam-se em plena vitalidade, continuando, hoje ainda, a serem faladas nos Andes. O recenseamento de 1940, levado a cabo no Peru, estabelece que mais de metade das crianças das escolas falam quíchua ou aimará, e que mais de trinta e cinco por cento não conhecem o espanhol. São concordes os linguistas em reconhecerem que essas duas línguas irmãs, de fonética semelhante e com inúmeras analogias gramaticais, se tornam notáveis pela riqueza do vocabulário, pelo seu carácter polissintético e aglutinante e ainda por possibilitarem a construção de uma frase por meio de uma só palavra. De estrutura modelar, desenvolvem-se como autênticas árvores a partir de raízes simples. Assim, da raiz *ali*, a significar «planta», em aimará, derivam oitenta e duas palavras, desde «germinar», «crescer», «ramificar-se», até «empreender», «permutar», «adquirir», com tamanha precisão como «transformar a planta em árvore», «cobrir um objecto com vegetais», «ser uma planta de bom crescimento», «permutar quantidades», «adquirir objectos de pouco valor». Cada uma dessas significações se expressa por uma palavra só, com poucas sílabas — cinco, no máximo.

O aimará assemelha-se curiosamente ao turco pela perfeição da sua estrutura. Ousados filólogos concluíram ser esta língua a mãe de todas as restantes. Onffroy de Thoron não hesitou em dar por título à sua obra *Descobrimento do Paraíso e da Língua Primitiva;* e Villamil de Rada escolheu para título da sua — *A Língua de Adão.*[5]

Igualmente lógica e simples é a formação das palavras em quíchua. Se, por exemplo, *kay* exprime *abstracção* e *runa* significa

homem, a *humanidade* será *runakay;* se *siki* exprime o *hábito* e *hillu* a *alimentação*, *glutão* traduzir-se-á por *hillusiki*.

Forma-se o plural acrescentando às formas do singular a terminação *cuna*, só não se empregando quanto às coisas inanimadas. Tratando-se destas, é necessário indicar uma quantidade, visto não existir plural indeterminado. Como acontece no espanhol e no francês, os nomes não possuem declinações. Existem quatro conjugações verbais, constituindo o Presente do Indicativo a base de todos os outros tempos. Há também verbos defectivos e impessoais. Qualquer verbo dá origem a derivados, que lhe outorgam cambiantes especiais: imperativo (deve amar-se), recíproco (amarem-se uns aos outros), intrínseco (amar-se a si próprio), optativo (desejar amar), rogativo (agir por amor de outrem), etc., todos eles se conjugando normalmente. Possui o imperativo duas formas — presente e futuro (age imediatamente — age no futuro).

Apresenta a primeira pessoa do plural dos pronomes e verbos a particularidade de diferir, segundo se inclui ou não a pessoa com quem se fala. Assim, falando com um Espanhol, qualquer Índio, ao exprimir-se em nome do grupo que o rodeia, afirmará: «*Nós* nascemos nos Andes, mas *nós* somos também filhos de Deus.» O primeiro *nós* traduzir-se-á por *ñacayo*, e o segundo por *ñocanchic*.

Finalmente, a numeração quíchua, que é decimal, não vai além de cem mil. O sistema de numeração dos aimarás era por múltiplos de seis.

Era em Cusco que se falava o mais puro quíchua, ensinando-se nas Escolas. Existem nessa língua palavras que significam «arcaísmo», «falar bem», «falar com impropriedade» — o que revela, sem sombra de dúvida, certa busca da perfeição por parte do escol.[6]

Raros são os termos que exprimem abstracções. Apesar disso, existem alguns, bastante conhecidos, como *collaman*, «a coisa principal», seja qual for o objecto considerado, *caucasca*, «a coisa que vive», *viñapay*, «a coisa que continua», ou seja, «o essencial», «a existência» e «a eternidade». D. Gonçalez Holguim, no seu dicionário, traduz *cay* por «essência», apresentando enorme quanti-

dade de compostos dessa palavra, cuja maioria não passa, porém, de simples adaptações às concepções religiosas dos Espanhóis.

Na opinião dos Europeus, o maior defeito das duas línguas andinas reside no facto de serem duras, dado que a fonética é muitíssimo gutural e explosiva. Difícil se torna pronunciar certos vocábulos e ainda mais escrevê-los. Possui o aimará dois *ch*, quatro *k*, dois *r*, dois *t*, só se distinguindo os sons pela geminação dos fonemas quando se transliteram. Para os KK, no entanto, é possível o recurso a vários estratagemas, escrevendo-se K, KK, KH e Q. São frequentes as onomatopeias, que emprestam à frase um grande poder expressivo e até muita beleza. Assim, em quíchua, «espirro» diz-se *atchicurni*, «bebé» balbucia-se *huahua* e o «sofrimento» exprime-se pela lamentação *alaú*. Em aimará, algumas aves são designadas por um vocábulo que pretende imitar o seu canto: *katchitchi*, *lèkèlèkè*.

O CORDÃO DE NÓS E A MANIA DA ESTATÍSTICA

Na época de que falamos, não existia escrita, no Peru. Serviam-se os Índios de *quipus* ou cordões de nós, «como se se tratasse de papel e tinta», no dizer de M. de Morua. Graças a tal sistema, registaram os funcionários as importâncias da oferta e da procura e experimentaram os dirigentes equilibrar uma e outra. Sem tal meio de estatística impossível seria a administração de um Império planificado, visto não existir a mecânica dos preços. Nem de forma alguma há exagero em afirmar-se — como o faz Poma de Ayala — que «o Império é governado por meio de *quipus*».[7]

Compõe-se o *quipu* de um cordão a que se ligam cordões mais pequenos, de diferentes cores, tanto no sentido paralelo, como partindo de um ponto comum. Indica, ao mesmo tempo, números e significações. Os primeiros são dados pelos nós e os segundos pelas cores.[8]

Os nós das extremidades inferiores representam as unidades. Mais acima, as dezenas; mais acima ainda, as centenas, e, por último, os milhares e as dezenas de milhar. Admire-se o engenho

dos Índios, que souberam encontrar o equivalente do zero — no intervalo sem nós, ou seja, no sítio vazio.

Escrevia-se o número no cordão de nós tal-qualmente se escreve hoje no papel, começando-se pelo algarismo que correspondia à categoria mais elevada, e assim se lendo também. Forçoso é, pois, ler o cordão de nós a partir da parte superior.

Ignora-se a significação dos nós complexos, porventura reservados aos múltiplos.

As cores, por seu turno, indicavam as significações ou qualidades. Como, no entanto, o número destas é limitado, mesmo contando com os vários cambiantes, e como ilimitado é o número de objectos a indicar, o próprio significado das cores, com todas as suas variantes, também variava com a significação geral do *quipu*. Necessário se tornava, pois, conhecer a significação geral para se poder interpretar o cordão ou *quipu*. Exmplificando: a cor amarela referia-se ao ouro, nas estatísticas referentes aos despojos de guerra, e ao milho nas que se referiam à produção. Por isso, tais documentos encontravam-se a bom recato, visto só aqueles, que lhes conheciam a significação, os poderem interpretar.

A fim de a leitura se tornar mais fácil, dispunham-se as pessoas e as coisas segundo uma hierarquia imutável. Assim era que, nos *quipus* demográficos, os homens ocupavam o primeiro lugar, seguidos imediata e sucessivamente pelas mulheres e crianças. Nos recenseamentos de armas, a ordem era a seguinte: lanças, flechas, arcos, azagaias, clavas, achas e fundas.

A falta de cordão secundário, ao longo do principal, assim como a falta de cor, possuíam determinada significação, exactamente como acontecia também com a ausência de nó no cordão. Esta exprimia o zero, o nada. Tal era a convicção de que tudo se achava registado, que a simples falta de *quipu* se tomava como «testemunho negativo». Desde que não há cordão que registe determinados objectos, é porque tais objectos não existem.[9]

Possuíam os intérpretes — chamados *quipucamayucs*, ou seja, «guardas de *quipus*» — exercitadíssima memória, cuja fidelidade se assegurava por um processo radical: ao menor erro ou omissão correspondia imediata pena de morte. Cada qual se especializava

na leitura de uma dada categoria de cordões: religiosos, militares, económicos, etc., devendo instruir os filhos por forma a poderem suceder-lhes, mais tarde.

A fim de melhor fixar as narrativas o *quipucamayuc* escandia-as e cantava-as, à maneira de melopeia.

Assegurava-se a centralização dos *quipus* da maneira mais simples. Funcionários subalternos iam recolhendo os elementos estatísticos, em suas circunscrições, remetendo-os aos superiores, que, em seguida, os somavam. De escala em escala, os números globais acabavam por chegar à capital, onde eram reunidos no serviço central de estatística.

Os *quipus* não serviam apenas para recenseamentos, senão que também para registo de factos históricos e ritos mágicos. Em certas regiões substituíam-se por um sistema de entalhes em pedaços de madeira ou bocados de pedra, nos quais se fixavam pequenos seixos, grãos ou favas, e em tudo análogos aos «contadores» já descritos, quando falámos dos Caras. [10]

Não há dúvida de que os Índios possuíam o sentido e o gosto da estatística. Tudo se registava. Impossível seria — afirma um cronista — esconder ainda que fosse um simples par de sandálias

A HIERARQUIA ADMINISTRATIVA, TRIUNFO DA ARITMÉTICA

Classificação e contagem não são, porém, o suficiente para se poder dirigir uma economia — pois a hierarquia administrativa há-de estabelecer-se por forma a facilitar o jogo das colheitas e suas distribuições. Existia, é certo, uma divisão, antiga e espontânea, que correspondia às tribos — Collas, Cañas, Contisuyus, etc. — e fora estabelecida, simultâneamente, em bases geográficas e factos históricos, maravilhando os estrangeiros. Atribuíram os Espanhóis a essas circunscrições naturais o nome de províncias e aos seus chefes o de governadores.

Conhecia-se a capital através do epíteto *hatun* — a significar «grande» — unido ao nome da província: Hatuncolla, Hatuncaña, etc. Bastante desiguais, entretanto, eram as circunscrições, tanto em grandeza como em importância, originando, assim, uma divisão completamente inadequada a uma economia racional. Sem destruírem esta por completo, criaram os dirigentes uma outra, bastante lógica. Tomados como unidades os chefes de família, dos vinte e cinco aos cinquenta anos, colocavam-se dez deles sob o comando de um só, assim se constituindo a base da célula que os Espanhóis viriam a chamar decúria. Acima desses, escalonavam-se os grupos de cinquenta famílias (decúria superior), de cem famílias (centúria), de quinhentas famílias (centúria superior), de mil e de dez mil famílias. Para cima desses números, a aritmética dava lugar à geografia, no respeitante às divisões mais importantes — governadores de província e vice-reis.

A admitir-se, como aconteceu com certos comentaristas, que cada família contasse, em média, cinco pessoas, forçoso se torna reconhecer quão harmoniosa era esta classificação, à base de 5 e 10.

Dado o rigor da direcção, tudo dependia do poder central e, consequentemente, a hierarquia mantinha-se estritamente vertical. Todo o funcionário estava em ligação constante com os superiores e inferiores, mas nunca com os iguais. Se é verdade que possuía grande poder, tinha também graves responsabilidades. Efectivamente, as suas atribuições, embora variando, em certa medida, com a situação social, eram muitas, visto ter por missão dirigir a vida dos subordinados, até nos mais pequenos assuntos, exercer sobre eles uma minuciosa e incessante inspecção, de acordo com os regulamentos, comunicar todas as infracções e aplicar, em certos casos, as sanções legais.

Os homens dos vinte e cinco aos cinquenta anos — chamados os «tributários» — constituíam uma só categoria, de longe a mais importante, sob todos os aspectos, de cada grupo humano.

A divisão por categorias, em conformidade com as idades e, por consequência, de acordo com as ocupações impostas aos indivíduos, era a seguinte:

— com menos de um ano, a criança no berço;

— de um ano aos cinco, a criança a brincar. (Cabeça de Vaca

pretende que a criança devia «enfiar piolhos num cabelo finíssimo, para não estar inactiva»);

— dos cinco aos nove anos, a criança a caminhar;

— dos nove aos doze anos, a criança a caçar as aves dos campos de milhos;

— dos doze aos dezoito anos, condutor de lamas e aprendiz do trabalho manual;

— dos dezoito aos vinte e cinco anos, auxiliar dos pais em todos os trabalhos;

— dos vinte e cinco aos cinquenta anos, adulto tributário;

— dos cinquenta aos sessenta anos, homem idoso, ainda capaz de certos serviços;

— acima dos sessenta anos, velho entorpecido, apenas apto a dar conselhos.

Uma última categoria — a décima — incluía os enfermos, os loucos, etc.[11]

Como os nascimentos e os óbitos modificavam a divisão aritmética oficial, aumentando ou reduzindo as centúrias e, consequentemente, os agrupamentos de que estas faziam parte integrante, forçoso se tornava, de tempos a tempos, proceder a novas contagens e a novas repartições em grupos. Faziam-se tais revisões de dois em dois anos, ou de cinco em cinco — o que é impossível de precisar, por não haver concordância entre os vários textos. Nos intervalos compreendidos entre essas operações e, principalmente, no fim delas, a divisão tornava-se bastante aproximada, dado que os números reais tendiam a divergir, cada vez mais, dos números oficiais. Restabelecia-se o equilíbrio, como em todos os regimes socialistas, com adaptar-se o homem ao plano e não o plano ao homem. Para tal fim, inseria-se nos grupos deficitários o excesso dos grupos de população crescente. Noutros casos, quando o excesso era demasiado grande, dividia-se o grupo. O mais normal — e também o mais simples — era enviarem-se os membros das células prolíficas para Cusco, onde ficavam ao serviço dos Incas. Tanto as aptidões como os gostos se sacrificavam, inevitàvelmente, às necessidades da planificação.

E necessidades, efectivamente, porque a distribuição, sem tais

simplificações, tornar-se-ia dificílima. Se havia necessidade de repartir mil fangas de milho, bastava dividi-las pelas províncias, proporcionalmente ao número dos seus agrupamentos, continuando-se a distribuição, aritmèticamente, por divisões sucessivas. Cada grupo sabia exactamente a que porção do contingente tinha direito, sem contestação possível, porque ele próprio representava uma fracção definida da população.[12] «Dessa maneira — diz Fernando de Santillán — as contas tornavam-se fáceis.»[13]

Inspectores especiais deslocavam-se, de tempos a tempos, procedendo a uma minuciosa verificação e efectuando os necessários reajustamentos. Nomeavam certos funcionários, modificavam ou criavam algumas circunscrições administrativas e — coisa para nós estranha — escolhiam jovens destinadas ao Inca e ao Sol. Aludimos já a esta espécie de tributo, quando falámos das «casas de mulheres escolhidas». Ninguém veja nisso, porém, uma prova de insuportável tirania. Em primeiro lugar, a vontade própria da mulher era coisa de somenos, obrigada a desempenhar, constantemente, um papel inferior ao do homem. Em segundo lugar, tal escolha era tida como uma honra para as famílias adaptadas ao regime, ou seja, para aquelas que, desde havia muito, se haviam submetido ao senhor de Cusco e adoravam o Inca e o Sol.

Tais inspectores eram personagens temíveis e temidas. Usavam o nome inquietante de *Tucuiricuc*, ou seja, «aquele que tudo vê».[14]

Tinham o direito de aplicar sanções e, particularmente, o de demitirem os funcionários ou os *curacas* «de maneira que nenhum deles se considerava seguro na sua posição» — diz o cronista[15] — e todos viviam «num salutar e penoso estado de alerta».[16]

O ÍNDIO DEVIA VIVER E MORRER NO LOCAL ONDE NASCERA

Dessa forma conhecidos os dados estatísticos do problema, necessário se tornava, para que a economia pudesse ser dirigida, assegurarem-se de que os mesmos se não modificavam, inopinada-

mente, em qualquer momento. A exactidão exigia, assim, uma certa imobilização. Por tal motivo, em princípio era vedado aos Índios saírem da sua circunscrição sem uma autorização especial.

Fácil se tornava a verificação, pois bastava atentar na cobertura da cabeça, diferente de região para região. Os Collas das margens do lago Titicaca, por exemplo, usavam bonés de lã; os Huancas da parte norte de Cusco, um turbante negro; os Cajamarcas, um cordão delgado; os Cañaris do sul da actual República do Equador, uma delgada coroa de madeira.[17]

A cobertura da cabeça era tradicional, permitindo aos guerreiros de antanho reconhecerem os da mesma província, na confusão dos combates. O Inca, ao uniformizar os trajos, nada mais pudera fazer do que permitir-lhes a subsistência.

As únicas deslocações que entravam no quadro da política geral e originavam aquilo a que hoje chamamos transporte nas contas do Serviço Nacional de Estatística, eram as das *mitmac*, ou *mitimaes* em espanhol. Havia-as de vários géneros, mas sempre colectivas e definitivas, com o carácter de autênticas migrações humanas. Falámos já de uma delas, ao referirmo-nos ao envio de grupos das regiões superpovoadas para outras onde poderiam encontrar terras para cultivar.

Razões de ordem técnica inspiraram, por vezes, idênticas medidas. Certas famílias, com reconhecidas capacidades agrícolas, eram convidadas a fixar-se em províncias atrasadas, a fim de contribuírem para o seu desenvolvimento. Outras comunidades enviavam-se para lugares férteis, com o fim de se revitalizar a província de origem, onde o solo cultivável rareava.

Todavia, foi principalmente o tipo militar das *mitimaes* que atraiu a atenção dos observadores espanhóis. Escolhia o poder central certos clãs de comprovada fidelidade, que residiam no centro do Império, e enviava-os para as províncias afastadas, recentemente conquistadas, com o fim de substituírem as tribos indígenas, tidas por pouco seguras. Estas, por seu turno, eram convidadas a instalar-se não muito longe da capital, para ficarem submetidas a uma estreita vigilância.

Tal é a razão de ainda hoje existirem, em regiões vizinhas das

antigas fronteiras do Império, Índios bastante diferentes daqueles que os rodeiam. Trata-se simplesmente dos descendentes dos infelizes que se viram forçados a abandonar o torrão natal para irem viver em região hostil. Recompensava-os, em regra, o soberano com inúmeros e apreciados presentes; mas, para esses agricultores, agarrados ao solo dos antepassados, era tão grande o sacrifício que nada podia haver que de tal os compensasse. Tratando-se dos interesses do Império, o indivíduo para nada contava e só tinha que obedecer.

UMA CATEGORIA DE ÍNDIOS À MARGEM DA SOCIEDADE

Entre as diferentes categorias da população, de que falámos, uma existia, que deixámos de lado por se encontrar fora de todas as classificações e possuir um aspecto paradoxal — a dos *Yanacunas*. Deve-se a sua origem a um acontecimento histórico. Vários milhares de Índios, que haviam auxiliado certos revoltosos e se juntaram na cidade de Yanacu, para aí sofrerem a pena de morte, obtiveram a comutação da pena, mercê da intervenção da Imperatriz, pelo que foram condenados a servir os vencedores. Tratava-se, no fundo, de simples escravatura a que ficaram eternamente submetidos, eles e os descendentes, visto estarem, por assim dizer, excluídos da sociedade. Não dependiam dos funcionários, cuja hierarquia indicámos, nem dos juízes ordinários: dependiam, única e directamente, dos seus senhores. As próprias estatísticas os ignoravam, o que, só por si, evidencia a mais irrefutável prova da sua nulidade. Ràpidamente esfumada, no entanto, a sua origem, tornaram-se alguns familiares das altas personagens, junto das quais o destino os colocara, acabando um que outro por chegar a fazer parte do escol. Misturados com os criados, confundiam-se, na sua grande maioria, com estes, chegando o próprio nome a servir para os designar a todos, indistintamente, na altura da conquista espanhola.

Nesta altura, já a estrutura do sistema incaico se apresenta com a nitidez suficiente para nos permitir analisar-lhe o conjunto. Obrigava-se a maioria da população ao fornecimento de produtos, quer em géneros alimentícios, obtidos pelo cultivo das terras afectas ao Inca e ao Sol — como havemos de explicar mais adiante —, quer em objectos fabricados com as matérias-primas, para esse efeito distribuídas por certos funcionários. Todos esses produtos se guardavam em armazéns ou depósitos públicos — constituindo séries de pequenos edifícios, alinhados ao longo das estradas ou nas vizinhanças das cidades, e guardados por vigilantes encarregados da sua contabilização. Aí se encontravam víveres de muitos anos, à espera da distribuição: milho, fécula de batata, carne seca, etc., ao lado de pilhas de vestuários, tapeçarias, peles de animais, armas, sandálias, cordas, em suma, tudo quanto fosse susceptível de qualquer utilidade. Nessas reservas, ocupavam também o seu lugar as matérias-primas: lã, algodão, fibra de cabúia, etc.

Claro está que o Inca supremo era, em princípio, o único proprietário de todos esses bens, de que podia dispor à vontade e tão arbitràriamente quanto lhe aprouvesse. [18] No entanto, o Inca era o Estado, o Império, o próprio futuro.

Destinavam-se tais riquezas à manutenção da corte, do escol, do clero, embora tivessem outras utilizações, inúmeras e essenciais. Serviam para as necessidades do exército, para recompensas a dar aos mais dignos, para se ofertarem aos estrangeiros, que se pretendia seduzir ou corromper, e para constituírem o tesouro da guerra, o fundo inesgotável de assistência às regiões dizimadas por terramotos, inundações, invasões ou outras quaisquer catástrofes, tão frequentes no continente sul-americano.

Num tal regime socialista, os armazéns representavam, no fundo, o capital acumulado pela própria economia dos indivíduos pertencentes a um regime de liberdade. Em sistema de estadismo, o capital pertence ao Estado. Compreende-se, assim, quão pouco razoável seria considerarem-se tais acumulações como simples

manifestações da rapacidade das classes dirigentes. Através de um circuito, mais ou menos longo, os produtos do trabalho da colectividade acabavam por regressar à mesma colectividade. Tal era o volante regulador do sistema, a gigantesca e natural tesouraria, sem a qual impossível seria proceder-se a ajustamentos no tempo e assegurar-se o equilíbrio da produção e consumo, num Império vastíssimo.

E compreender-se-á, ainda, o assombro dos Espanhóis, quando em presença de tão grande e lógica previdência, assim como o prazer de encontrarem, em todas as paragens da sua longa caminhada, esses tesouros de que, aliás, não foram pecos em servir-se.

Como acontece com qualquer instituição humana, também tal sistema, muito embora lògicamente perfeito, apresentava os seus inconvenientes, abstraindo mesmo da tirânica disciplina que o impusera. Em primeiro lugar, os preços eram demasiado elevados. Efectivamente, como grande quantidade desses produtos se deterioravam, necessário se tornava, de tempos a tempos, deitá-los fora, em obediência às ordens dos chefes. A previdência excessiva acarreta o esbanjamento. Em segundo lugar, acreditaram os Incas terem acabado com o imprevisto e submetido completamente os caprichos da Natureza e as fantasias do destino aos imperativos da sua razão fria — orgulho que os deuses não deixaram sem castigo. Ninguém há que possa gabar-se de prever todos os riscos. O poderoso «senhor das quatro partes do mundo» não previra que os seus armazéns, de que tão justamente se orgulhava, haveriam de vir a facilitar enormemente a invasão do território, por parte daqueles que lhe haviam de arrebatar o Império e a própria vida.

Desta forma, pois, se estabelecia e mantinha o equilíbrio. O Serviço Central de Estatística conservava nos seus cordões de nós o destino da economia. Nada mais precisava do que transmitir as ordens para que cada qual ficasse a saber exactamente o que devia fornecer, o que havia de receber e o que tinha de levar ou conservar.

Tal província devia auxiliar outra, tal comunidade, devastada por um flagelo, adquiria o direito de tirar o necessário dos arma-

zéns públicos, em tal região deviam executar-se certos trabalhos.

Um conjunto tão planificado implica a existência de uma rede de vias de comunicação e processos de transmissão rápida e imediata.

ROMA ULTRAPASSADA: AS ESTRADAS

Foram as estradas do Império objecto de tão ditirâmbicos elogios que até se chega a sentir certa hesitação em repeti-los. E, no entanto, aqueles que lhes entoaram tais louvores, não raro se mostram pouco propensos à admiração. Forçoso é reconhecer que as estradas se tornaram «tão célebres como a que Aníbal mandou construir nos Alpes, a fim de penetrar na Itália.» Tais são as palavras de Cieza de Léon, o qual acrescenta ainda: «Estou em crer que, se o Imperador (Imperador dos Índios = rei de Espanha) desse ordem para se construir outro caminho real, semelhante ao que vai de Quito a Cusco, ou ao que parte de Cusco em direcção ao Chile, jamais o conseguiria, apesar de todo o seu poder.» [19]

Grandes eram as dificuldades que a construção de tais estradas apresentava, por causa do relevo do solo. Por isso mesmo, o seu aspecto variava consoante os locais. Tão rectas quanto possível, para permitirem ganhar tempo aos viajantes e correios, atravessavam, frequentemente, as encostas das montanhas, com o auxílio de longas e pesadas escadarias, das quais os Espanhóis se queixavam amargamente, porque não só os cavalos se fatigavam em demasia, ao subi-las, perdendo mesmo as ferraduras, ao baterem com as patas nos degraus, mas ainda chegavam ao cimo das vertentes em tal estado de cansaço que se mostravam incapazes de carregar sobre o inimigo. [20] Contudo, o caminho trepava, às vezes, em declive suave, contornando a montanha. [21]

Nas regiões cultivadas, o caminho era limitado por meio de pilares, postes ou pequenos muros, com o fim de se evitar a deterioração dos campos pelos exércitos em marcha. Quando as areias, trazidas pelo vento, ameaçavam cobrir o pavimento, estacas fixas

no solo indicavam o traçado e guiavam o viajante. Se o terreno era pantanoso, assegurava-se a solidez da estrada por meio de terraplenagens. Em certos sítios do litoral, plantavam-se árvores e cavavam-se canais para servirem de limite ao caminho.

A largura dos caminhos era bastante variável, o que explica as divergências de opinião por banda de alguns historiadores modernos. [22] Nas planícies, tinham a largura suficiente para permitirem que seis cavaleiros galopassem lado a lado. Nas passagens difíceis da montanha, a largura ia-se reduzindo de tal forma que chegava a ter um metro apenas. Tais carreiros estreitos não eram, todavia, os menos célebres. Mencionaremos, por exemplo, o que liga as ruínas das misteriosas cidades, recentemente descobertas, da cordilheira de Vilcabamba, e que se dirige para Machu Pichu. Traçado no flanco de uma montanha escarpada, pavimentado com pedras lisas, cortado de inúmeras escadas, cavadas ou encaixadas no rochedo, sustentado em vários sítios por muros, que chegam a atingir a altura de quatro metros, atravessa mesmo um túnel, com cinco metros de comprimento, obtido pelo alargamento de uma abertura natural. [23]

Ao longo de algumas artérias importantes, como acontecia principalmente em Collao, viam-se marcos indicativos das distâncias. [24]

Se ainda hoje é possível admirar os vestígios de tais estradas, deve-se o facto à *pirca*, com que se fazia a pavimentação no planalto. Trata-se de uma mistura de argila, calhaus e folhas de milho, que resistia maravilhosamente à passagem do tempo.

Maior maravilha é ainda a justaposição de vários caminhos paralelos nas planícies vizinhas de cidades importantes, onde passavam, com frequência, os exércitos, como acontece, por exemplo, junto de Vilcas, posição forte de Cusco, para Oeste. Recorda-nos a verificação do facto que essas vias eram tão estratégicas como administrativas. Delas se serviam principalmente as tropas, os inspectores em serviço, os correios, os funcionários que levavam relatórios aos superiores, ou lhes iam solicitar ordens ou ainda prestar homenagem aos altos dignitários, e, só mais raramente, o Inca, quando viajava, as *mitimaes* em deslocação e os

Índios que se dirigiam aos mercados vizinhos das suas residências ou em peregrinação.

O traçado das vias era tão racional como todos os restantes elementos da estrutura económica, e tanto mais quanto é fora de dúvida que o relevo do solo em muito favorecia tal racionalização. Litoral e planalto desenham no mapa duas estreitas zonas paralelas, de norte a sul, separadas pela Cordilheira ocidental. Consequentemente, lógico pareceria que se construíssem duas estradas, igualmente paralelas, uma, no litoral e, outra, no planalto, designadas, respectivamente, pelos Espanhóis, por caminho dos *llanos* (planície) e caminho da *sierra* (montanha). Bastava, em seguida, ligar essas duas grandes artérias por meio de vias secundárias, que atravessassem a mesma Cordilheira, nos sítios em que as gargantas o permitissem, para se obter uma rede modelo de vias de comunicação.

Francisco Pizarro, ao desembarcar em Tumbez, seguiu, primeiro, pela estrada do litoral, que partia dessa cidade, e que foi seguida, depois, até Pachacamac, ao sul da actual cidade de Lima, por um dos seus lugares-tenentes. Ele próprio se serviu de um caminho transversal, que o levou ao planalto, ao encontro do exército do Inca, em Cajamarca.

Nascia, pois, uma dessas grandes estradas nas margens do golfo de Guayaquil, em Tumbez, principal porto do Império, onde ancorava uma frota de barquitos à vela, alguns dos quais se aventuravam, por vezes, nas costas pouco hospitaleiras da actual República do Equador, na esperança de trocas frutuosas. A cidade dormia sob um sol escaldante, entre palmeiras e mosquitos, na margem do rio do mesmo nome.[25]

Mais adiante, atravessava a estrada o antigo reino dos Chimus, cuja capital mais não era já do que vasto campo de ruínas e fonte de lendas, a beijar a importante fortaleza de Parmunca (ou Paramunca), que fez estacar o exército do Inca e obrigou Pachacutec a ter de recorrer à diplomacia. Cortava, depois, o vale do Rimac, onde modesta aldeia se erguia no sítio da actual Lima, e passava pelo templo de Pachacamac, de cuja importância religiosa já falámos.

Depois de novos desertos de areia, surgiam Ica e Nasca, nas margens dos rios que lhes davam a vida, ambas famosas pela sua cerâmica. A seguir, começavam a rarear as cidades, mostrando-se o litoral mais desolador ainda. Quilca, Arica, Tarapaca sucediam-se, a grande distância umas das outras; e o deserto de Atacama obrigava o viajante a parar, pondo termo à estrada. A fronteira do Império situava-se no rio Maule, não muito longe da parte sul da actual capital do Chile.

A estrada da montanha ia do rio Ancasmayo, que, actualmente, limita as repúblicas da Colômbia e do Equador, até à cidade actual de Ipiales, ao sul de Pasto,[26] atravessando campos de batalha, onde se chocaram os exércitos dos Incas e dos Caras, próximo do «lago de sangue» e diante da praça forte de Otavalo, onde foi derrotado e morto um irmão de Huayna Capac. Chegava, depois, à capital Quito, singularmente pitoresca, com suas choças separadas umas das outras por profundas ravinas e enquadradas pelos templos do Sol e da Lua, construídos nos cumes de pequenos montes, tendo por fundo imediato a enorme massa do Pichincha e, mais ao longe, a perder-se no horizonte, tanto a sul como a norte, a linha esbranquiçada dos altos cumes de neve.

Das cidades dos Caras, que subsistiram — Latacunga, Ambato, Riobamba — passava o viajante para as dos Cañaris, homens rudes e belicosos. Na capital, Tomebamba, podia admirar o templo do Sol, o palácio do rei, as construções destinadas ao exército e os armazéns públicos, cheios de provisões. As casitas, de madeira, possuíam sempre um tecto de colmo.

Sucediam-se, então, as cidades, muito afastadas umas das outras, e todas semelhantes, com os templos, as casas das virgens, os armazéns, os parques de lamas, agora ou logo um palácio ou uma fortaleza. Tais eram: Ayavaca, conquistada por Tupac Yupanqui, Huancabamba, Cajamarca — uma das mais célebres, por ter sido na sua praça triangular que o Inca Atahualpa se viu traiçoeiramente atacado e aprisionado, — Huamachuco e Huanuco — oásis no meio de ásperas extensões herbosas — e, após o terrível nó do Cerro de Pasco, frio e ventoso, Jauja, de clima moderado

e tido, antigamente como hoje, por muito bom, orgulhosa da sua fortaleza e dos seus fabricantes de objectos de prata.

A estrada contornava, a seguir, o curso do Mantaro, o «rio do destino», em cujas margens foi assassinado o Inca Huascar, e atravessava Vilcas, considerada como o centro geográfico do Império, e cuja praça central se apresentava enriquecida com um estrado, em que se sentava o *curaca*, quando presidia a qualquer festividade. E logo surgia a calma cidade de Abancay, que tem o nome de uma flor, e, finalmente, Cusco, logo depois de passada a grande ponte suspensa sobre o Apurimac.

Viajante que continuasse para sul, franquearia o nó de Vilcañota e desceria para Ayavire, em território colla. Muitos dias de caminho gastaria para contornar o lago Titicaca, a fim de atingir Tiahuanaco, na margem sul, e já então transformada em ruínas plenas de mistério. Continuava a estrada para Cochabamba, onde, segundo a lenda, um lago fora terraplenado pelos soldados do exército imperial, com o fim de permitir que o Inca pudesse atingir, directa e fàcilmente, a cidade. Seguia, depois, para Chuquisaca («Açúcar»), a célebre Potosi das minas de prata, para Tupiza, e ia terminar na região de Tucuman, no território da actual República da Argentina.

Mercê do paralelismo de ambas as artérias, possível fora tornar semelhantes as províncias do litoral e as da montanha. Quando o Inca e seu séquito viajavam no planalto, os altos funcionários das circunscrições correspondentes do litoral subiam ao seu encontro, através das vias transversais, com o fim de lhe prestarem homenagem e lhe darem notícias. Se o monarca se servia da estrada do litoral, eram os altos dignitários, residentes no planalto, que desciam, pelos mesmos caminhos, com igual destino.

Afirmou-se já, e com toda a razão, que tais estradas eram de mais difícil construção do que as romanas, por causa do relevo do solo.[27] Imperiosos motivos estratégicos e económicos explicarão, não apenas a sua excelência, como a sua multiplicidade, nesse país de planificadores e conquistadores.

Entre as obras de arte figuram as pontes, indispensáveis em face do grande número de torrentes e fissuras cavadas pelos tremores de terra. As mais célebres — as pontes suspensas — compunham-se de quatro cabos de fios de cabúia, fixos, em cada uma das margens, a rochedos ou pilares de pedra, de um tabuleiro de fibras de cipó ou de bambu entrançadas, cobertas de ramos, e, por fim, de guardas laterais feitas com fibras do mesmo género.

Apresentava o conjunto uma perfeita solidez, dado que por elas passavam, em liteiras, as altas personalidades, de igual modo tendo procedido, mais tarde, os Espanhóis, levando com eles os cavalos. Necessário se tornava, todavia, um certo hábito para não se ficar impressionado na altura em que alguém se aventurava a atravessar tal espécie de redes, a oscilarem por sobre as águas ao menor sopro de vento e a dobrarem-se pelo meio ao peso do caminhante. Existiam guardas especiais encarregados da sua manutenção, sempre munidos de madeira e cordas. Além da ponte usada pelo povo miúdo, existia, às vezes, outra ponte especial, utilizada pela família imperial e pelos altos funcionários.[28] Em alturas de invasão, queimavam-se pontes suspensas, a fim de evitar a passagem do inimigo. Por essa razão se queimou, por várias vezes, a grande ponte do Apurimac, que facilitava o acesso a Cusco, com o fim de preservar a capital.

Pontes havia sem guardas laterais, afirmando os Espanhóis que se viam forçados a atravessá-las de gatas.

Os caminhantes, que se utilizavam dos caminhos secundários, não raro se viam constrangidos a servir-se de processos estranhos, como a *oroya*. Consiste esta num cabo estendido por sobre a corrente, no qual desliza um pedaço de madeira arqueado, que se puxa da margem oposta, e onde se suspende uma espécie de cesta, em que o passageiro toma lugar. Na falta da cesta, o passageiro agarra-se, pura e simplesmente, ao pedaço de madeira. De maneira ainda mais primitiva, o passageiro é forçado a proceder como o macaco, servindo-se dos pés e das mãos, nos casos em que não existem nem pedaço de madeira, nem Índio de serviço. O cabo que

serve para a realização dessa proeza, tem o nome de *tarabita*. [29]

Em qualquer dos casos, a primeira parte da travessia é relativamente fácil, porque a inclinação da corda é descendente. O período crítico começa, porém, para lá do ponto máximo da curva, quando a inclinação começa a ser ascendente. Corre-se, então, o risco de o encarregado não conseguir puxar a cesta ou o pedaço de madeira e recear uma ruptura, em caso de esforço muito violento. Nessa altura, vê-se o paciente suspenso no meio do rio e a pouca distância da água, quando não se dá mesmo o caso de mergulhar, mais ou menos, na corrente. Em casos que tais, resolve-se, geralmente, o guarda a ir ligar outra corda, à força de pulso, no sítio perigoso onde a vítima o espera. E por felizes se hão-de dar ambos se o cabo não partir sob esse peso suplementar.

Esse antigo sistema encontra-se hoje modernizado, sob a forma do *huaro*, de que certo romancista fornece a seguinte descrição: «Encontrais-vos numa espécie de barquinha ou gaiola onde duas pessoas só dificilmente podem estar abraçadas, sem largar os varões, porque o vento vos vai balançando. Aquilo vai deslizando sobre um cabo de aço, suspenso entre dois postes, um em cada margem, o qual, por meio de um jogo de roldanas, muito engenhoso, vai sendo puxado para a outra margem da torrente por uma junta de bois, arrastando uma corda ligada à barquinha. Um momento difícil existe — quando o arco do cabo desce quase até ao nível da água borbulhante e sentis a cara aspergida pela espuma.» [30]

Para atravessarem as largas correntes, dispunham os Índios, ora de jangadas, feitas de troncos de árvores, e puxadas, da margem oposta, por meio de cabos, ora de cabaças juntas, em parte submersas na água, que empregados iam puxando, ao nadar, ou iam guiando, apoiando-se, com varas compridas, no fundo do rio, quando isso se tornava possível.

Na embocadura do desaguadoiro do lago Titicaca, a grande estrada da montanha atravessava uma ponte flutuante, cujo tabuleiro se apoiava em flutuadores de junco.

AS ESTALAGENS

Ao longo das estradas, e principalmente nas gargantas das montanhas frígidas e ventosas, erguiam-se *tambos* ou *tampus* — edifícios mais ou menos importantes, destinados a servirem de abrigo aos viajantes, em salas baixas, e ainda aos lamas, nos parques. Aí guardava um empregado certa quantidade de géneros para alimentar as altas personagens em viagem. Como os Espanhóis não tardaram em abusar das possibilidades oferecidas por essa espécie de manutenção, com instalarem-se por muito tempo em tais lugares, houve que pôr fim a esse estado de coisas, com a publicação das «ordenações dos *tambos*», em 1543, às quais já aludimos.

Difícil se torna afirmar em que medida os *tambos* e armazéns públicos *(pirua)* se confundiam, mormente nas cidades. Nem os cronistas nem os comentadores concordam neste ponto.

AS CAUÇÕES DE EXECUÇÃO: AS PRESSUPOSTAS REGRAS MORAIS

Organização tão complexa tinha de ser necessàriamente perfeita, se não quisesse tornar-se desastrosa. O menor grão de poeira pode desafinar uma peça de relojoaria. Verifique-se um simples erro de estatística, desloque-se um clã, sem prévia autorização, e logo surgirão uma província a esperar, em vão, os alimentos ou matérias-primas, armazéns sem provisões, tropas sem reforços.

Necessárias se tornavam, por isso, mesmo, certas regras morais, ou, quando estas não fossem suficientes, uma justiça rigorosa.

As regras morais enunciam-se sob a forma de máximas, em Garcilaso de la Vega, que as atribui ao Inca Pachacutec, tido por sábio entre os sábios. [31]

Quando os súbditos, capitães e curacas obedecem voluntàriamente ao soberano, goza o país de paz e tranquilidade totais.

A inveja é verme que rói e consome as entranhas do invejoso.

Aquele que é invejoso e invejado sofre tormento duplo.

Antes invejado pela tua bondade que invejoso por maldade.

Quem a outrem inveja, a si próprio se prejudica.

Tal como a aranha, que só tira veneno das flores, assim aquele que inveja os bons apenas fica com o que é mau.

Embriaguez, cólera e loucura são companheiras de jornada; mas, se as duas primeiras são voluntárias e modificáveis, a terceira é permanente.

Quem mata sem direito ou causa justa, à morte se condena.

Quem mata o semelhante deve morrer. Eis porque os antigos soberanos, nossos antepassados, decretaram a pena de morte por homicídio, pena que nós confirmamos.

Impossível tolerar a existência de ladrões, que preferem obter os bens por violência ou roubo a obtê-los por trabalho ou direito. Por isso é justo que o ladrão seja enforcado.

O adultério corrompe a reputação e o bom nome de outrem, origina a insegurança e a inquietação. O culpado, nesse caso, é um ladrão e merece, por consequência, ser condenado à morte, sem qualquer remissão.

Homem nobre e corajoso reconhece-se pela paciência na adversidade.

Impaciência é sinal de espírito vil e baixo, mal-educado e nada submisso ao hábito.

Quando os súbditos obedecem, na medida do possível e sem qualquer objecção, os soberanos e governantes, por seu turno, devem conceder-lhes liberalidades e clemência.

De outra forma, impor-se-ão o rigor e a justiça, mas sempre com prudência.

Duas coisas devem os governantes anotar e examinar com a máxima atenção. Primeiro: o respeito e o cumprimento estritos das leis dos soberanos, por eles e pelos seus. Segundo: o minucioso exame das economias colectivas e privadas das respectivas províncias. Quem não souber governar a casa e a família, menos saberá governar a colectividade. Por isso, não deverá ser colocado acima dos outros.

Curandeiro que desconheça as virtudes das plantas ou que, conhecendo as de algumas, não tente descobrir as das outras, pouco sabe, ou mesmo nada. Deve esforçar-se por adquirir um conhecimento completo de todas as plantas, tanto benéficas como maléficas, para merecer o título a que aspira.

Todo aquele que, não sabendo contar pelos nós, pretende contar as estrelas, merece ser ridicularizado.

Verosímil é que a maioria de tais sentenças careça de autenticidade. Omitimos até uma delas, acerca da corrupção dos juízes, que nos parece manifestamente de inspiração espanhola.

Das que se referem à inveja, nenhuma se adapta muito à psicologia do Índio pré-colombiano. O que, porém, importa ver no texto é, não um código de moral do tempo de Pachacutec, mas sim o testemunho da opinião com que os Índios ficaram, depois da conquista, acerca da sabedoria do monarca. Nem sequer se trata de regras impostas no século XV, mas de simples indicações a respeito da ideia que formaram do Império desaparecido alguns súbditos do Inca, durante a segunda metade do século XVI. Vê-se o quanto o Imperador se encontrava ainda aureolado de virtudes.

AS CAUÇÕES EFECTIVAS DE EXECUÇÃO: A JUSTIÇA

Bastante mais se conhece acerca da justiça do que acerca da moral. Neste domínio se encontrava ainda o dualismo fundamental da sociedade peruana. Por um lado, a lei do Inca, porque divina e ainda porque, como tal, qualquer violação constituiria um sacrilégio, era implacável. Nenhum juiz a podia modificar. Ao invés, as regras baseadas nos costumes e, como tais, variáveis de lugar para lugar, aplicavam-se com brandura e ficavam à mercê de interpretações. Por outro lado, a legislação penal tomava em consideração as reacções do indivíduo à base da classe social a que pertencesse. De um modo geral, era mais branda para com o membro do escol, a quem a menor sanção iria atingir no seu prestígio, do que para com o homem do povo, totalmente indife-

rente a questões de prestígio. A simples repreensão do juiz, por exemplo, considerava-se como castigo severo para com o orgulhoso «orelhudo» e como de todo em todo insignificante para com o humilde criado.

Manifestação de racionalismo era ainda esse tomar em consideração o subjectivismo. Provava uma grande largueza de vistas, porque, assim, não buscava a sociedade o simples defender-se, e antes procurava encontrar uma sanção equivalente à falta cometida, por forma a obter um equilíbrio exactamente correspondente ao que hoje entendemos por justiça comutativa individual. Era com base em tal princípio que, por exemplo, o juiz tomava em consideração a idade do culpado, que a reincidência, em matéria de delito, se punia severamente, que o roubo, praticado por pessoa esfomeada, não impunha castigo ao culpado, mas sim ao superior responsável.

Os juízes eram os próprios funcionários, que já conhecemos, pois não existia qualquer especialização em tal matéria. Entendiam das disputas existentes entre as comunidades e dos delitos de infracção às leis do Inca. Na sua qualidade de funcionários também, os *curacas* responsáveis mantinham a antiga jurisdição, relativamente às questões regionais e locais, com excepção apenas das que se revestissem de particular importância.

Os inspectores especiais, já mencionados, encarregavam-se de certos inquéritos e julgavam, ocasionalmente, delitos importantes. Acima de todos eles, existia um tribunal de doze juízes. Finalmente, o próprio Inca em conselho, ou seja, assistido dos quatro «vice-reis», julgava «orelhudos» e altos funcionários e tomava conhecimento dos crimes particularmente graves. [33]

O processo não sofria delongas. Acusado e testemunhas apresentavam-se, e a sentença era imediatamente dada, ou logo após as inquirições. Não havia apelação. Tinha o juiz a possibilidade de impor o juramento pelo Inca, pelo Sol ou pelas *huacas*. Por vezes, convidava-se o adivinho a pronunciar-se e recorria-se à tortura para arrancar confissões aos acusados que se antolhavam como suspeitos.

Como era natural, existiam prisões onde se encerravam os

Índios, que esperavam por julgamento. Os acusados de condição elevada, porém, continuavam a ser servidos e a receber visitas. Comprazem-se vários autores na alucinante descrição de uma cela repleta de animais selvagens, verosìmilmente destinada a uma espécie de ordálio. Acusado que lá se mantivesse vivo durante quarenta e oito horas, considerava-se inocente. [34]

Poma de Ayala apresenta em seu manuscrito uma impressionante relação de castigos, ilustrados com sugestivos desenhos. Os que mais se aplicavam aos membros do escol eram a morte por decapitação, a prisão perpétua, o corte dos cabelos e a repreensão pública. Quanto ao povo, aplicava-se-lhe correntemente a pena de morte, por enforcamento ou lapidação, seguida da incineração do cadáver, nos casos particularmente graves. [35] Seguiam-se os açoites, o envio para as plantações de coca, nas terras escaldantes, e as bastonadas, muitas vezes provocadoras de morte. [36]

Poma de Ayala mostra-nos dois traidores caídos sob uma saraivada de pedras, atiradas pelos carrascos, um par de adúlteros enforcados num ramo de árvore, uma família inteira de maus feiticeiros massacrada a golpes de clava, um criminoso fechado numa cave escura, onde fervilham serpentes, sapos e outros animais imundos. [37]

Sabia, pois, o Índio perfeitamente o que o esperava, se não obedecesse estritamente às leis e regulamentos. Mas nem só os delitos contra pessoas e bens particulares eram merecedores de castigo, pois mais severamente ainda se castigavam os cometidos contra os bens do Estado. Todo aquele que roubasse milho dos campos do Inca, arrancasse uma árvore de fruto, das que bordavam as estradas, ou destruísse uma ponte, era condenado à morte.

No fundo, o Índio do escol estava muito longe de poder ficar inactivo. Era sobre ele que todo o sistema repousava. Por isso possuía, simultâneamente, as preocupações e o orgulho da própria tarefa. Consciente da sua superioridade e cioso do seu prestígio, tinha-se pelo chefe indispensável de uma sociedade, cuja harmonia e estabilidade apreciava. A monotonia e a tristeza que, mais tarde, viriam chocar os conquistadores, constituíam para ele o testemunho do perfeito funcionamento mecânico de uma planificação,

que não podia permitir a fantasia sem se negar a si própria. Aliás, para satisfação plena do próprio orgulho possuía ainda o esplendor das festas, onde desempenhava papel de relevo. Quanto aos seus desejos materiais, eram satisfeitos pelos privilégios que se lhe outorgavam sobre as pessoas e bens.

Embora dura e plena de responsabilidades, apresentava-se-lhe, assim, a vida, não só útil e gloriosa, mas também digna de ser vivida.

UMA APRECIAÇÃO ESPANHOLA QUE NECESSITA DE INTERPRETAÇÃO

A forma como os Espanhóis apreciavam os resultados obtidos pelos Incas, quando não forçados a adoptar determinada atitude, para se conformarem com as doutrinas oficiais, ou quando opinavam em conformidade com uma visão exclusivamente moral, abstraindo de todo o interesse egoísta — o que, com os primeiros conquistadores, não podia acontecer senão na altura da morte, — é-nos fornecida por um documento, datado de 1589, — o testamento de Mâncio Sierra Leguizamo, o mesmo que recebera, na altura da partilha dos despojos retirados de Cusco, uma tampa de ouro, que tomou pelo disco do templo do Sol. Eis os passos essenciais: [38]

Antes de iniciar a redacção do meu testamento, quero declarar que, desde há muitos anos, desejava informar S. M. o rei Filipe, nosso príncipe, que sabia tão ardente cristão e tão zeloso do serviço de Deus Nosso Senhor, com o fim de aliviar a minha alma. Porque grande parte tomei no descobrimento e ocupação das regiões que tomámos aos Incas, seus donos, e por nós tornados súbditos da Coroa Real, forçoso é que Sua Majestade Católica fique a saber que os encontrámos em tal estado que neles não havia nem ladrões, nem viciosos, nem preguiçosos ou mulheres adúlteras ou de má vida. Tudo isso era proibido. Todos os súbditos possuíam honrosas e proveitosas ocupações, não havendo lugar para indivíduos imorais. Terras cultiváveis, montanhas, minas, pastagens, caça, madeira, enfim, tudo quanto pudesse vir a ser de qualquer utilidade, achava-se administrado e repartido por forma a que cada qual conhecesse e guardasse o seu património, sem que outro qualquer lho pudesse ocupar ou roubar, e sem que houvesse necessidade de recorrer a processos judiciais.

Ainda que numerosas, jamais as guerras impediam o comércio, a agricultura, a lavoura ou restantes trabalhos. Os Incas eram temidos, obedecidos, respeitados e venerados pelos súbditos, que os consideravam como dirigentes capazes. Governadores e capitães possuíam as mesmas qualidades e, dispondo da força, da autoridade e da vontade de resistência, forçados nos vimos a retirar-lhes, por completo, poder e bens, pela força das armas, a fim de os submetermos e obrigarmos a servir a Deus Nosso Senhor, tirando-lhes as terras para as colocarmos sob o poder da Coroa Real, graças ao que, e porque Deus Nosso Senhor no-lo permitiu, asseguramos o nosso domínio nesse reino, que se compunha de enorme quantidade de pessoas e riquezas, e os transformámos em escravos, que completamente se submeteram, como de todos é sabido. Constituíamos um reduzido número de Espanhóis, ao iniciarmos a conquista; e só desejo que Sua Majestade Católica compreenda a razão por que redijo este documento, pois é tão-sòmente para aliviar a minha consciência e considerar-me culpado por havermos transformado esses indígenas, tão cheios de sabedoria e tão pouco delituosos, tão falhos de excessos e extravagâncias, que o possuidor de cem mil pesos de ouro e prata deixava a porta aberta, fixando-lhe uma vassoura de través, para indicar que se encontrava ausente — sinal que, segundo o costume, bastava para evitar que alguém entrasse e roubasse fosse o que fosse... Por isso nos desprezaram, quando verificaram que alguns dos nossos eram ladrões e homens que incitavam suas mulheres e filhas ao pecado...

Seria esse o sentimento íntimo de um soldado espanhol? Na realidade, quem redigiu o texto histórico foi o confessor, pelo que, desde logo, a crítica se impõe.

Forçoso é tomar-se em linha de conta que a tendência para

o exagero era uma das características dos homens da época, habituados a levar ao extremo tanto os pensamentos como as acções. Mas também não sofre dúvida que este católico, que por tal modo se entregara a uma confissão pública, apenas considerava o aspecto puramente moral, sem curar de saber se a moralidade não exige a liberdade e se aquela que ele tanto admirava no Peru não era apenas superficial, por obrigatória à força de rigorosas sanções e, em suma, se uma moralidade imposta não é uma expressão contraditória.

Somos tentados a crer em que, efectivamente, tais qualidades morais tinham origem, única e exclusivamente, no receio dos castigos, dado que os habitantes de Chimu, da ilha de Puna e de outros lugares possuíam os piores vícios e também que os próprios Índios do Império, mal lhes foi dada a liberdade de o fazerem, imediatamente puseram de parte esses princípios morais. É o próprio Sierra de Leguizamo que nos esclarece, na sequência da sua narrativa: «Este reino caiu em tal estado de desordem... que passou de um extremo a outro: não havia maldade nenhuma, e hoje não há bem nenhum, ou quase.»

Finalmente, registam os mais antigos vocabulários quíchuas grande número de vocábulos designativos de vícios, mormente a preguiça, a mentira e o dolo, que são defeitos habituais em indivíduos oprimidos.[39]

A queixa é tanto mais estranha quanto é certo que evidencia até que ponto a organização do Império conseguira impressionar até os próprios conquistadores mais modestos.

CAPÍTULO IV

A VIDA MILITAR

O PODEROSO E PITORESCO EXÉRCITO IMPERIAL

Grandioso devia ser o espectáculo do exército imperial. Pelas estradas rectas, através das solidões cinzentas e das aldeias terrosas, avançava a extensa coluna, semelhante a uma serpente de escamas cintilantes. Sob os raios do sol, lanças, achas, peitorais de cobre lançavam chispas e penachos de chefes, de cores berrantes, semeavam pontos vermelhos, azuis e amarelos. Acima das cabeças, balançava a liteira do generalíssimo, empunhando o *suntur paucar*, insígnia do comando, constante de comprida haste, ornada de metal precioso e guarnecida e encimada de plumas. Em redor do chefe, marchavam os homens pertencentes às mais antigas populações na submissão e consideradas como as mais fiéis.

Quando o próprio Inca conduzia as tropas, cercavam-no os Cañaris da sua guarda particular e seguiam-no o porta-estandarte com a auriflama, marca da sua presença — exactamente como em França, a partir do século XII, a auriflama de S. Dinis, vermelha e sem bordados.[1] Esse estandarte, de algodão ou lã, era pequeno, quadrado e fixava-se na ponta de uma haste coroada por um feixe de plumas coloridas. Pintadas no pano, a insígnia imperial — o arco-íris — e a marca particular de cada soberano — o puma, o condor, etc. Nos casos graves, na véspera de batalhas decisivas,

o exagero era uma das características dos homens da época, habituados a levar ao extremo tanto os pensamentos como as acções. Mas também não sofre dúvida que este católico, que por tal modo se entregara a uma confissão pública, apenas considerava o aspecto puramente moral, sem curar de saber se a moralidade não exige a liberdade e se aquela que ele tanto admirava no Peru não era apenas superficial, por obrigatória à força de rigorosas sanções e, em suma, se uma moralidade imposta não é uma expressão contraditória.

Somos tentados a crer em que, efectivamente, tais qualidades morais tinham origem, única e exclusivamente, no receio dos castigos, dado que os habitantes de Chimu, da ilha de Puna e de outros lugares possuíam os piores vícios e também que os próprios Índios do Império, mal lhes foi dada a liberdade de o fazerem, imediatamente puseram de parte esses princípios morais. É o próprio Sierra de Leguizamo que nos esclarece, na sequência da sua narrativa: «Este reino caiu em tal estado de desordem... que passou de um extremo a outro: não havia maldade nenhuma, e hoje não há bem nenhum, ou quase.»

Finalmente, registam os mais antigos vocabulários quíchuas grande número de vocábulos designativos de vícios, mormente a preguiça, a mentira e o dolo, que são defeitos habituais em indivíduos oprimidos. [30]

A queixa é tanto mais estranha quanto é certo que evidencia até que ponto a organização do Império conseguira impressionar até os próprios conquistadores mais modestos.

CAPÍTULO IV

A VIDA MILITAR

O PODEROSO E PITORESCO EXÉRCITO IMPERIAL

GRANDIOSO devia ser o espectáculo do exército imperial. Pelas estradas rectas, através das solidões cinzentas e das aldeias terrosas, avançava a extensa coluna, semelhante a uma serpente de escamas cintilantes. Sob os raios do sol, lanças, achas, peitorais de cobre lançavam chispas e penachos de chefes, de cores berrantes, semeavam pontos vermelhos, azuis e amarelos. Acima das cabeças, balançava a liteira do generalíssimo, empunhando o *suntur paucar*, insígnia do comando, constante de comprida haste, ornada de metal precioso e guarnecida e encimada de plumas. Em redor do chefe, marchavam os homens pertencentes às mais antigas populações na submissão e consideradas como as mais fiéis.

Quando o próprio Inca conduzia as tropas, cercavam-no os Cañaris da sua guarda particular e seguiam-no o porta-estandarte com a auriflama, marca da sua presença — exactamente como em França, a partir do século XII, a auriflama de S. Dinis, vermelha e sem bordados. [1] Esse estandarte, de algodão ou lã, era pequeno, quadrado e fixava-se na ponta de uma haste coroada por um feixe de plumas coloridas. Pintadas no pano, a insígnia imperial — o arco-íris — e a marca particular de cada soberano — o puma, o condor, etc. Nos casos graves, na véspera de batalhas decisivas,

uma guarda de honra transportava, às vezes, um ídolo. Era em volta desses símbolos, como em volta das bandeiras de hoje, que se travavam os mais encarniçados e últimos combates.

Agrupavam-se os homens por províncias de origem, o que não deixava de apresentar certos inconvenientes. Quando, por exemplo, o general Capac Yupanqui, irmão de Pachacutec, atacou a fortaleza de Urcocollac, a norte de Guamanga, ordenou o assalto às tropas de Cusco, que foram repelidas em duas tentativas. Mandou, então, que os Chancas efectuassem terceira tentativa, a qual foi coroada de êxito. Ficaram os de Cusco bastante humilhados. Posto ao corrente da situação, o Imperador, que ficara em Cusco, mostrou-se bastante inquieto. Lembrava-se da ameaça que os Chancas haviam representado para o Império e da sua chegada às portas da capital. O sentimento da sua superioridade poderia incitá-los à revolta. Parecia até que já eles se esquivavam às ordens dos chefes incas, uma vez que, tendo havido ordem para se usar de clemência para com o adversário, os Chancas efectuaram uma grande carnificina. Por isso o Imperador se sentiu receoso.

A DISCIPLINA: UM EXEMPLO

Esse mesmo acontecimento histórico permite conhecer o rigorismo da disciplina. Com efeito, tomou o soberano uma medida radical. Enviou ao general Capac Yupanqui uma mensagem com ordem de destruir todos os Chancas do seu exército, pelo modo que achasse melhor.

O general, que prosseguira no seu avanço para o norte, encontrava-se no vale de Tarma, na altura em que a mensagem lhe chegou às mãos, durante a noite — coisa que não deve surpreender ninguém, sabido como é que os mensageiros corriam durante o dia e a noite. Ora, nesse instante, encontrava-se acompanhado da irmã de um chefe Chanca, a qual foi posta ao corrente do projecto de exterminação dos seus compatriotas. Avisa ela secretamente o irmão, que desperta os homens, partindo todos de noite, acompanhados por alguns habitantes de Cusco, induzidos em erro.

Pilharam a cidade de Huaylas, atravessaram a Cordilheira — e nunca ninguém mais soube em que região se fixaram. Lançou-se o general Capac Yupanqui em sua perseguição, mas não mais encontrou vestígios seus.

A esse primeiro erro acrescentou o chefe do exército ainda outro. Chegara já aos limites que o Inca lhe assinalara. No entanto, ao ser informado de que a região ao seu alcance dispunha de enormes riquezas, não resistiu ao desejo de se apoderar delas. Conseguiu aprisionar o *curaca* da região, mercê de uma emboscada, e regressou triunfalmente à capital, na posse de ricos despojos.

Entretanto, a poucas léguas de Cusco, esperava-o um «orelhudo», acompanhado de um irmão, com ordem de o matarem às suas próprias mãos. Houvera, primeiramente, negligência, no caso do «êxodo dos Chancas» e — o que pior era — ainda desobediência. Nem as próprias vitórias atenuavam a gravidade das faltas. No exército, nenhuma falta de disciplina poderia ser tolerada. Com o príncipe Hombourg, a própria Europa conheceu o mesmo problema.

Provável é que, segundo a afirmação de um cronista, o general culpado não haja esperado pela execução da ordem e se tenha enforcado. Foi em razão dos inconvenientes apresentados pela autonomia das tribos reunidas sob o comando de um dos próprios chefes que os membros da família imperial os substituíram, à frente dos vários destacamentos.

E porque não juntar os soldados provenientes das várias regiões do Império? Em primeiro lugar, porque, decerto, combateriam com menor entusiasmo, visto não os amparar o poderoso sentimento da solidariedade do grupo e não terem muita confiança nos vizinhos. Em segundo lugar, porque cada unidade se especializara no manejo da sua arma tradicional.

O que maior pitoresco transmitia ainda ao desfile era o facto de as filas de soldados serem atravessadas, aqui e além, por grupos de carregadores, mulheres e concubinas dos chefes, algumas das quais viajando em redes.

Abasteciam-se as tropas, admiràvelmente disciplinadas, nos

tambos. Vedava-se aos soldados, sob pena dos mais severos castigos, molestar os habitantes, danificar as colheitas, tirar o que quer que fosse das aldeias, sem autorização.[2] A fim de melhor se assegurar semelhante disciplina, era mesmo prescrito misturar, na alimentação dos soldados em campanha, um pouco de *añu*, substância vegetal calmante dos ardores genésicos.

Convocavam-se os homens para os regimentos, não para prestação de serviço militar regular, mas em conformidade com as circunstâncias e por períodos indeterminados.[3] Quando, no entanto, a guerra se prolongava, ou se travava em região de clima desfavorável, por exemplo, no litoral, estabeleciam-se turnos, a fim de lhes ser facultado o regresso às suas terras. Calcula-se que o número de beneficiários dessas permissões se estabelecia, consoante os casos, entre a quinta e a sétima parte dos efectivos.

AS ETAPAS DA CONQUISTA

Apresentam alguns historiadores os Incas como conquistadores. Baseia-se tal afirmação no simples facto de os monarcas haverem sido constrangidos a manter encarniçadas e longas lutas, primeiro para se libertarem das ameaças dos poderosos vizinhos e, depois, para defenderem e consolidarem as suas posições. Utilitaristas, porém, antes de mais nada, só se decidiam a combater quando se encontrassem esgotados todos os meios de entendimento pacífico. A diplomacia, que parece ter sido deveras hábil, sobrepunha-se à força. Enviados especiais não raro se dirigiam ao adversário com propostas de paz, fazendo-lhe ver quais as vantagens de uma submissão, que lhe permitiria participar dos benefícios da civilização de Cusco, sem mesmo o forçar à renúncia do próprio poder, explicando-lhe o normal processo da integração dos chefes na hierarquia imperial e insistindo finalmente — *ultima ratio* — nos perigos de uma recusa, com recordarem-lhe a sorte infeliz dos povos revoltados, que haviam sido esmagados pelos exércitos do Inca.

No caso de aborto de tais conversações, surgia a segunda

fase das operações, que poderíamos chamar preliminares. Parece ter existido uma espionagem maravilhosamente organizada. Tinha ela por primeira finalidade industriar os chefes militares acerca da posição do exército inimigo, de quais os pontos de resistência e da situação dos centros de provisões de armas e víveres. Em seguida, competia-lhe determinar a importância e a solidez das alianças e desorganizar-lhe a defesa, buscando corromper certas personalidades, por meio de presentes fornecidos pelos armazéns de depósito do Império e de indicações, verdadeiras ou falsas, sobre os efectivos e o valor das tropas do Inca, por forma a criar um clima de terror. Simultâneamente, envidava esforços no sentido de isolar o adversário, agindo sobre os aliados, quer pela persuasão, quer pelo medo.

A terceira fase dos preparativos — e, por certo, não a menos importante — revestia-se de um carácter religioso: jejuns, orações, sacrifícios realizados nos templos, e consultas feitas aos adivinhos. Nos casos mais importantes, o próprio Inca tomava parte em cerimónias extraordinárias.

Chegava, por fim, a campanha militar, a desenvolver-se em conformidade com um plano estratégico, menos simples do que os Espanhóis o supuseram. Por vezes, comportava mesmo acções preliminares, com vistas a destruírem-se as pistas por onde os reforços e víveres podiam ser transportados, e até manhas de guerra, como a simulação de uma retirada, a fim de se forçar o adversário a ir combater longe dos seus pontos de apoio, em terreno que lhe era desfavorável.[4]

AS FASES DO COMBATE

O próprio combate era frequentemente precedido de um discurso tendente a exaltar a coragem e sempre acompanhado de gritos, que serviam para espalhar o terror. Alguns guerreiros pintavam os rostos de várias cores, geralmente de vermelho ou negro, para ficarem com aspecto mais terrível. Assim procediam os Chancas, por exemplo, e também os Cañaris. Forneciam essas tintas certas bagas da floresta, como a *achiota* (vermelho) e a *jagua* (negro).[5]

Iniciavam o combate os fundibulários. E compreende-se que assim fosse, uma vez conhecida a espantosa habilidade dos Índios no manejo dessa arma. Todas as crianças aprendiam, desde a mais tenra idade, a caçar as aves do campo com a funda, e nada lhes era mais fácil do que construir tais instrumentos de morte com fios de lã ou fibras de *cabúia*. Uma só pedra, lançada com força e direcção, pode matar um homem. Desse modo morreu João Pizarro, irmão mais novo do conquistador, ferido na cabeça durante o cerco da fortaleza de Saxahuaman. Os adversários, por seu turno, procuravam proteger-se com o uso de panos espessos enrolados na cabeça.

A seguir aos fundibulários, marchavam os archeiros, sempre Índios da floresta oriental, que ainda hoje conseguem atingir com uma flecha a ave em pleno voo. O tiro ao arco, porém, não tinha tantas simpatias como o uso do propulsor ou *estólica*. Compunha-se essa vara, de cerca de cinquenta centímetros de comprimento, de um rebordo, numa das extremidades, e de um gancho, na outra. Forçoso era colocar no rebordo a ponta da flecha, feita de osso, madeira ou sílex, colocar-lhe a extremidade no gancho e, em seguida, fazer o gesto de lançar o conjunto, segurando o suporte, a fim de que a flecha partisse sòzinha, com força aumentada.

À medida que os exércitos inimigos se iam aproximando, pouco a pouco, um do outro, entravam em acção os *ayllos*. Cada uma destas armas se compunha de um cordão, seguro na mão, dividido em três outros cordões, cada qual com uma bola de metal na extremidade. Atirava-se esse conjunto para cima do inimigo, cujos braços ou pernas desde logo ficavam amarrados. O próprio choque das bolas podia produzir graves ferimentos. [6]

Começava, então, o combate, por entre gritos, insultos e toques de trompa. Lanças e azagaias penetravam nos gibões acolchoados ou quebravam-se de encontro aos peitorais de metal, capacetes rebentavam sob golpes de clava, de cabeça estrelada de bronze, achas brandidas com ambas as mãos, ou fixas na extremidade de curtas hastes, à maneira de alabardas, fendiam escudos de couro, onde, por vezes, ficavam pregadas, deixando o assaltante desar-

mado. Em breve os guerreiros, cobertos de sangue, tombavam sobre os cadáveres, chegando a confusão ao seu auge.

Os capitães, fáceis de reconhecer pelos penachos, combatiam com os guerreiros. Esforçavam-se os oficiais superiores por conseguirem obter um apanhado geral da luta, por forma a dirigirem as reservas para os pontos ameaçados. Quando o Inca se encontrava presente, não desdenhava atirar pedras, com a sua funda, do alto da liteira; e, se algum ídolo se transportara para presidir à batalha, lá ia contemplando, com seus olhos enigmáticos, a carnificina que lhe devia assegurar o triunfo.

Poderia parecer que a situação se arriscava a prolongar-se por muito tempo, quando os Índios, de ambos os lados, se batiam, como em regra acontecia, com igual valentia. Às vezes, era o próprio número que decidia sobre a vitória; mas também podia surgir um facto novo e estranho que provocava um rápido êxito da batalha. Quando, em dado momento, e fosse por que circunstância fosse, parecia que um dos exércitos iria triunfar, bastava essa aparência para lhe assegurar a vitória. Efectivamente, desde o início da refrega, e mesmo que ela se desenrolasse em região pouco povoada, os cimos das colinas encontravam-se coalhados de Índios, surgidos de toda a parte, a fim de assistirem ao espectáculo que lhes era oferecido. Ora, quando estes julgavam um dos exércitos prestes a vencer, imediatamente se lhe reuniam, com a mira na partilha dos despojos. Nessas condições, qualquer situação, por um só instante comprometida, não mais poderia rectificar-se e qualquer desfalecimento se transformava em imediato desastre.

A táctica parece ter-se mantido geralmente primitiva. Pachacutec, no entanto, ficou a dever muitos dos seus êxitos ao emprego de um método que parecia novo. Em vez de prosseguir no ataque em toda a frente do combate, procurava averiguar onde se encontrava o centro do comando e da resistência do inimigo, o ponto nevrálgico, quer fosse um ídolo ou um chefe. Geralmente, depressa o descobria. Ora, enquanto o combate ia continuando, tentava ele, acompanhado por alguns guerreiros do escol, atravessar as linhas inimigas, na direcção desse deus ou capitão. Logo que conseguia

apoderar-se dele, lançava gritos de triunfo, amplificados pelos dos companheiros; e os adversários, avisados através de tais clamores de que acabavam de perder um dos seus trunfos, desmoralizavam. Foi assim que alcançou a vitória, apoderando-se do ídolo, na ocasião da batalha decisiva, que se travou às portas de Cusco, e aprisionando o chefe dos Collas, no combate de Pucara, antes da tomada da capital dessa tribo.

Curioso é notar que foi pelo mesmo processo que Francisco Pizarro conquistou uma fácil vitória, em Cajamarca, apoderando-se do Inca, logo desde o início da batalha.

Não raro, mantinham os Índios algumas reservas fora do campo da batalha, a fim de as mandarem intervir nos momentos críticos, principalmente em casos de derrota, para lhes protegerem a retirada. Foi o sensato emprego de tais reservas, na altura em que os adversários começavam a ficar igualmente exaustos pela luta, que assegurou a Tupac Yupanqui a vitória sobre os Cañaris.

Uma vez vencedor, evitava o Inca as crueldades inúteis. Para quê exasperar um povo, que seria necessário organizar, e devastar uma região, da qual se pretendia colher benefícios? [7]

O TRIUNFO

Após o regresso à capital, organizava o próprio Inca vitorioso uma manifestação triunfal, cuja ordenação variava muitíssimo, mas da qual constava sempre um desfile solene. À testa do cortejo, avançavam as tropas, que haviam tomado parte no combate, ao som de tambores e trompas, soldados com trajos guerreiros, capitães vestidos com os mais belos adornos. Logo a seguir, os prisioneiros, de mãos atadas atrás das costas, com as mulheres e os filhos a gritar de terror e a clamar piedade, e o soberano inimigo, completamente nu, estendido numa cadeirinha, rodeado de tambores feitos da pele dos seus familiares, «pele arrancada e cheia de ar» — diz o cronista — «a representar o antigo possuidor de maneira surpreendente.» Seguiam, após, os carregadores dos despojos, soldados transportando as cabeças dos chefes inimigos espetadas nas

lanças, os pregoeiros que recordavam os crimes dos vencidos e as façanhas dos vencedores, os «orelhudos» empenachados e as jovens das «casas de mulheres escolhidas». Estas, de tamborins nas mãos e guizos nos artelhos, cantavam e dançavam, à frente dos altos funcionários, que rodeavam a liteira, onde, sentado num trono, seguia o Inca supremo, em trajo de gala, impassível, congelado em sua dignidade, por entre os ouros e as pratas. Finalmente, atrás do monarca, seguiam os seus parentes, princesas transportadas em liteiras, e ainda algumas tropas, que fechavam o cortejo.

Segundo uma ancestral tradição, o Inca, após o triunfo, devia atravessar a praça principal de Cusco, calcando a pés os corpos dos prisioneiros, estendidos por terra. Sucediam-se danças, cânticos e festins, acabando tudo, conforme o hábito, por uma embriaguez geral.

Parece que o tratamento dado aos prisioneiros foi, em geral, humanitário, visto que, não raro, eram mesmo reenviados para as suas regiões. Concediam-se certos privilégios aos chefes, que não demoravam a submeter-se, permitindo-se-lhes mesmo a continuação do exercício das próprias funções, como indicámos. Casos houve, porém, em que as crueldades não faltaram, tendo mesmo acontecido esquecerem-se, por completo, os princípios de moderação impostos por Pachacutec.

Mostra-nos Poma de Ayala um capitão no acto de arrancar os olhos a um prisioneiro, ajoelhado, que conserva ainda o capacete de guerra e tem as mãos atadas atrás das costas. Durante a guerra civil entre Huascar e Atahualpa, cometeram as tropas deste último verdadeiras atrocidades nos territórios dos Cañaris e dos chefes Chachapoyas, matando mulheres e crianças. De igual modo procederam, aliás, quando invadiram a região de Cusco. É certo que tais tropas eram formadas por soldados vindos do Norte, só desde havia muito pouco tempo submetidos aos Incas. E foi essa uma das principais razões que veio facilitar aos Espanhóis o prosseguimento da conquista, após se terem apoderado de Atahualpa. Os verdadeiros descendentes dos Incas, que só ódio sentiam por esse bastardo, acolhiam os Brancos com alegria.

Sob este aspecto, parece que as antigas populações do litoral

foram bastante bárbaras. Num desenho de Chimu, feito em objecto de barro, vê-se, por exemplo, um sacerdote a dar uma facada num homem nu e de corda ao pescoço, e a oferecer o sangue, numa taça, a uma águia marinha, de penas eriçadas.[8]

Citem-se, ainda, de entre as manifestações, que se seguiam às vitórias, as que tiveram lugar às portas de Cusco, por ocasião do regresso de Tupac Yupanqui, após o descobrimento das ilhas misteriosas do Pacífico. Certo general do exército de Pachacutec, já bastante idoso, que ficara na metrópole, durante a viagem do filho do Inca, organizara a defesa da cidade, como se um invasor houvesse de a atacar. Tal invasor surgia, com efeito, sob a forma das tropas comandadas pelo jovem príncipe, que, mais tarde, viria a ser o Inca Huayna Capac, e lançava-se ao assalto da capital. Realizava-se, então, um simulacro de combate, sob as vistas dos milhares de habitantes, vindos de toda a parte, para assistirem a espectáculo tão grandioso. Gestos ameaçadores, ataques, retiradas, lançamentos de flechas e pedras imaginárias, clavas a abaterem-se no espaço, imprecações e cânticos guerreiros, sons de trompas e rufos de tambores — tudo isso se ia sucedendo em ritmo cada vez mais rápido, até chegar o momento em que os defensores simulavam a rendição e o jovem vencedor atravessava Cusco, por entre as aclamações de uma multidão delirante.

Marcou, de facto, essa espécie de realização teatral o ponto culminante da grandeza do Império. Nela tomaram parte, em papéis diferentes e apropriados a cada um, os três maiores imperadores que se sentaram no trono dos Incas: — o velho imperador, como grande dirigente de todas as cerimónias; o imperador conjunto, como triunfador real e o futuro imperador, como actor a representar antecipadamente, num grandioso palco, os próprios triunfos futuros.

AS PRAÇAS FORTES

Constituía a vida em campanha o aspecto essencial da vida militar. Todavia, não deixava de existir também uma vida de guarnição nos fortes situados ao longo das fronteiras, nas vias de

acesso ou nos arredores das grandes cidades. Tais redutos, preparados para a defesa com seguro conhecimento das necessidades, facultavam aos seus ocupantes a possibilidade de sustentarem prolongado cerco. Formavam como que cidadezitas, com casas e terrenos de cultura, susceptíveis de se bastarem a si próprias, pelo menos durante um certo tempo. Ocupavam-nos as *mitimaes*, de que já falámos. Viviam com os soldados as próprias famílias, entregando-se aqueles a todos os serviços, quer civis quer militares, pois tanto manejavam a enxada como a funda.

Embora já em ruínas, ainda hoje existem, em muitas regiões, vários desses fortes. Situam-se os mais antigos não longe da capital, cujo acesso defendiam, como o de Ollantay, ao norte de Cusco. Encontram-se os restantes mais afastados, como o de Incahuasi, que barrava a estrada dos Chimus para noroeste. Sempre ligados com os centros urbanos, por meio de boas estradas, tinham por missão como que arrefecer o entusiasmo dos invasores e dar tempo a que o exército imperial pudesse acorrer. Certa invasão dos belicosos Guaranis das florestas orientais abortou sob as suas muralhas, pouco tempo antes da chegada dos Espanhóis.[9]

Reconheçamos, no entanto, que os Chimus, muito embora submetidos pelos Incas, lhes eram muito superiores em matéria de fortificações. Tinham erigido, a sul da sua capital, uma autêntica «Muralha da China», a barrar a planície costeira, desde a Cordilheira até ao oceano, e compreendendo uma série de fortins, quadrados, uns e circulares, outros. Essa obra gigantesca foi descoberta pela aviação. Com efeito, lá do alto, é possível seguir-se nìtidamente a linha de defesa que atravessa as encostas e desce para os vales.[10]

Obra desse grande povo foi-o também a fortaleza de Parmunca ou Paramunca, cuja silhueta se recorta ainda no fundo dos Andes. Três terraços se sobrepunham numa colina até certo ponto artificial. No cume, erguiam-se edifícios de habitação, e talvez um santuário, com os muros ornados de frisos, alternadamente vermelhos e brancos. A altura acima da planície circundante andava à volta de uma vintena de metros. Tinha a plataforma intermediária, que suportava duas salas pintadas de amarelo e vermelho,

entre cinco e doze metros de largura. Formava o conjunto um vasto quadrilátero, flanqueado, em cada ângulo, por um bastião saliente, colocado ao mesmo nível do terraço inferior. Rampas ligavam as plataformas entre elas, através de passagens estreitas. Ao redor da fortaleza, elevava-se um muro, de três a seis metros de altura, com parapeito e área de ronda.

A cerca de uns vinte metros do centro, erguia-se um fortim auxiliar, numa colina; e, mais longe, para norte, na costa do Pacífico, um cume fazia as vezes de mirante, de onde se podia admirar, ao mesmo tempo, a terra e o mar.

Concebida nos mesmos moldes da de Parmunca, a fortaleza de Cañete, mais para sul, permitiu a Chuquimancu resistir à invasão inca. Três cinturas, construídas no flanco de uma colina, circundavam casas e armazéns. Os Incas, exactamente como tinham feito em Parmunca, não a destruíram após a tomada e antes procuraram utilizar-se dela. Vimos já que existiam pinturas murais nas casas da fortaleza de Chimu. Nesta, porém, existe um altar que os vencedores erigiram na parte superior do edifício — plataforma de terra batida, com dois metros de altura, para a qual se subia por meio de degraus, e orientada na direcção do sol nascente.

Algumas dessas praças fortificadas, destinadas a sustentarem prolongados cercos, dispunham não só de armazéns, onde se acumulavam grandes quantidades de géneros, susceptíveis de serem conservados (*chuño*, *charqui*, etc.), mas ainda de terrenos de cultura, que lhes aumentavam a superfície por forma considerável. Outras possuíam um palácio ou um santuário.

Por inexpugnáveis se tinham algumas dessas praças, como acontecia, por exemplo, com a que se encontrava sobre um cume, próximo do rio Pampas, onde as tribos vizinhas se refugiaram na altura em que os Incas penetraram no território. Era esse cume suficientemente largo e plano para nele se construir uma aldeia que albergasse a população das vizinhanças. Até uma fonte deixava correr um fiozito de água pura. O comandante geral do exército de Cusco viu-se forçado a pôr de parte o projecto da con-

quista dessa praça. Chega, então, o próprio Pachacutec em pessoa, a fim de pôr cerco a essa ilhota resistente. A fome e as doenças acabaram por vencer a resistência dos seus defensores.

A CIDADELA DE CUSCO

Residia a guarnição de Cusco na fortaleza de Saxahuaman, extensa massa sombria a erguer-se numa colina, para norte da cidade. Três cinturas concêntricas, cada uma delas formada por um terraço «bastante largo para que três carruagens pudessem passar lado a lado», [11] rodeavam um pátio, com o indispensável reservatório destinado ao fornecimento de água aos sitiados e alimentado por um comprido canal subterrâneo, de curso e origem secretos. A seu lado, erguiam-se algumas casitas baixas e três torres quadradas, talhadas em ziguezague, sendo uma mais importante do que as outras. Ficava cada terraço encaixado entre duas muralhas de blocos ciclópicos, talhadas em ziguezague, a fim de permitirem a defesa mútua, e atravessadas, ao meio, por uma estreita porta, fácil de fechar, quando tal necessidade surgisse, por meio de uma laje, colocada no chão, que se encaixava na abertura. Possuía a torre principal compartimentos de paredes ornamentadas com metais preciosos, onde o soberano poderia instalar-se. As restantes torres funcionavam como casernas da guarda especial, constituída pelos soldados de Cusco, às ordens de um capitão-general, de sangue imperial. Subterrâneos estabeleciam a ligação entre as torres, formando labirintos onde seria imprudente aventurar-se alguém sem guia, a acreditarmos nas descrições que deles fizeram os Índios a Garcilaso de la Vega, na época em que o cronista, criança ainda, brincava com os camaradas nas ruínas de tal monumento.

Este descendente dos Incas, por linha materna, conhecia perfeitamente tudo quanto respeitava à capital, onde vivera. Nada menos do que três capítulos da sua famosa obra consagra ele à descrição da fortaleza, várias vezes insistindo na impossibilidade de se imaginar, sem se ter estado no local, «a monstruosidade» das

pedras que formam os muros. Natural parece perguntar-se como é que semelhantes rochedos, cuja altura chega a atingir, não raro, para cima de quatro metros, e cujo peso chega a andar por quatro toneladas, puderam ser colocadas em tal sítio, sem máquinas, sem animais de tracção, sem utensílios aperfeiçoados. Acreditaram muitos autores espanhóis na intervenção de demónios para explicarem tal prodígio. [12]

Pretende a lenda que o mais grosso dos blocos foi arrastado, com o auxílio de cabos, por vinte mil Índios e que esmagou vários milhares deles, ao cair no momento em que subia uma encosta.

Nem os mais qualificados arquitectos contemporâneos, nem os menos atilados turistas, conseguem contemplar, sem estupefacção, essas muralhas, que nem os próprios tremores de terra conseguiram jamais abalar. [13]

CAPÍTULO V

A VIDA ESPIRITUAL

Lógico é que o clero haja exercido influência predominante num povo de mentalidade religiosa. E assim aconteceu, ao que parece, no Peru, anteriormente aos Incas. Certa evolução, porém, — cujas fases ainda não foram perfeitamente esclarecidas — e que, em certas épocas, parece ter tomado um aspecto de revolução, permitiu que o poder civil se separasse do religioso, assegurando-se do predomínio. Essa transformação social achava-se já terminada na segunda metade do século XV. Embora a hierarquia eclesiástica se mantivesse independente da hierarquia civil, a verdade é que ambas se achavam sob o domínio do Inca supremo. [1]

UMA PODEROSA PERSONAGEM: O SACERDOTE

Geralmente irmão ou tio do Inca, o grande sacerdote era designado por uma assembleia de altos funcionários e proclamado ao som de trompas. Envergava, então, as vestes pontifícias, realizava sacrifícios e recebia as homenagens dos membros da família imperial, dos «*orelhudos*» e dos «*curacas*». Comprometia-se solenemente a guardar castidade; e, de facto, levava uma vida de asceta, alimentando-se de ervas e raízes, bebendo apenas água,

jejuando com frequência, mas nunca mais de oito horas seguidas, porque, mesmo neste aspecto, qualquer excesso era tido por condenável.

Habitava no campo, mas não longe da cidade, por forma a poder desempenhar-se do seu mister e, ao mesmo tempo, «contemplar as estrelas e sobre elas meditar», [2] durante a noite.

De ordinário, vestia o grande sacerdote, com simplicidade, uma sotaina de lã, que lhe tombava sobre os artelhos, por sob um manto muito largo, cinzento, castanho ou preto. Apenas nos dias de festa se mostrava em toda a sua magnificência. Trajava, então, sobrepeliz de lã branca, com uma franja encarnada bordada, a tombar-lhe sobre os joelhos, e pontilhada de lâminas de ouro e pedras preciosas. Pendia-lhe do pescoço uma meia-lua de prata, trazia os braços carregados de braceletes e usava, na cabeça, uma tiara de ouro, em forma de barrete, ornada com um sol de ouro e encimada por um diadema com penas de papagaio. Quando, após a conquista, foi dado aos Índios contemplarem bispos mitrados, fàcilmente os consideraram importantes sacerdotes da nova religião.

Os sacerdotes que, durante as cerimónias oficiais, prestavam assistência a esse pontífice, vestiam de branco.

Comportava a hierarquia religiosa uma série de graus e especializações. Dez prelados «desempenhavam o papel de bispos». As suas circunscrições eram extensíssimas, pois englobavam territórios de que mal conhecemos os limites, dado que o cronista ora as designa pela parte mais geral do Império a que pertenciam — Collasuyu, Contisuyu, — ora pelos povos que as habitavam — Collas, Chinchas, Cañas, — ora ainda pelas grandes cidades que aí se situavam — Cajamarca, Quito, Huaylas, Chimu, Ayavaca.

Grande número de sacerdotes secundários se encontravam afectos ao Sol, ao raio, aos antepassados, às *huacas*, etc. [3] Alimentavam-se dos géneros guardados nos armazéns públicos, quando pertencentes ao escol; mas, quando pertencenciam ao simples povo, cultivavam as terras, como os demais Índios.

Era o grande sacerdote quem nomeava os membros do alto clero. Estes, por seu turno, escolhiam os sacerdotes subalternos.

Ao grande sacerdote competia também a nomeação dos inspectores, que percorriam o Império, em visita aos santuários e às «casas de mulheres escolhidas» e por toda a parte impunham o respeito pelos dogmas e a justa prática do culto. Esses mesmos inspectores eram ainda controlados por funcionários de uma espécie de serviço secreto, que jamais perdoavam a mínima falta ou condescedência. Tão rigorosamente se exercia a autoridade no domínio religioso como no civil.

Além disso, era ainda o grande sacerdote juiz e árbitro em todos os conflitos de carácter religioso. Interpretava as leis consuetudinárias do culto e regulava a atribuição dos produtos recolhidos das terras pertencentes ao Sol, guardadas nos armazéns por conta dessa divindade.

Por sua morte, duravam um dia inteiro as cerimónias e as nénias. Embalsamavam-lhe o corpo e enterravam-no, com enorme fausto, em qualquer pico elevado.

O poder do grande sacerdote surge, frequentemente, no drama de *Ollantay*, que, mau grado algumas deformações, — provàvelmente feitas no original pelo primeiro Espanhol, que tentou escrevê-lo, — é, ainda assim, revelador do estado de espírito dos Índios da época pré-colombiana. Bastante característico é, por exemplo, o seguinte diálogo: [4]

O General Ollantay *(dirigindo-se ao grande sacerdote)* — Velho! Ao ver-te, fica-se logo cheio de pânico. À tua volta, apenas existem ossadas, flores funéreas, chifres e pedras preciosas. Tudo em ti inspira o medo. Mas que significa tudo isso? Chamou-te o soberano para profeta da desgraça ou para génio do bem? Porque chegaste antes do dia da festa? Estará o imperador doente? Ou terás tu adivinhado que, em breve, haverá de correr sangue? Porque o dia consagrado ao Sol e à Lua, que mal desponta, vem ainda longe. Não nos encontramos no momento solene dos sacrifícios que essa grande festa exige.

O Grande Sacerdote — Porque me interrogas nesse tom de censura? Serei, por acaso, teu vassalo? Tudo sei e em breve to demonstrarei.

Ollantay — Sinto o coração desfalecer de medo, ao ver-te

surgir hoje, inopinadamente. Talvez a tua chegada haja de me ser funesta.

O Grande Sacerdote — Nada receies, Ollantay, da minha presença aqui. É talvez o amor que me chama para o teu lado, tal como o vento arrasta a folha seca. Diz-me: obedece-te a razão ao coração, que é presa dos maus espíritos? Concedo-te este dia para que possas escolher entre a felicidade e a perdição, entre a vida e a morte.

Ollantay — Procura esclarecer essas palavras para que eu as entenda. Dão-me a ideia de uma meada emaranhada. Farias bem em pôr em ordem os fios.

O Grande Sacerdote — Ouve-me, Ollantay. Ensina-me a ciência o que esconde ao homem vulgar. Possuo o poder suficiente para descobrir todos os segredos e para fazer de ti um grande chefe...

(O grande sacerdote põe a nu os sentimentos amorosos de Ollantay por uma das filhas do Inca e explica-lhe os perigos que daí lhe podem advir).

Ollantay — Como podes tu saber o que se encontra escondido no fundo do meu coração? Apenas a mãe (*da jovem*) o sabe; mas verifico que tudo me revelas.

O Grande Sacerdote — Leio na Lua, e o mais obscuro destino surge claramente aos meus olhos.

(Ollantay explica que não pode renunciar a esse amor e termina dizendo:)

Ollantay — Enterra-me na garganta a faca, que trazes na mão, e arranca-me o coração. A teus pés me lanço.

MISTURA DE RELIGIÃO E DE MAGIA

Não existiam, nessa época, os limites que os modernos sociólogos estabelecem entre religião e magia.

Actualmente, considera-se que a primeira traduz como que um impulso do homem para o divino, expressando-se, de ordinário, pela oração e implicando uma comunhão dos fiéis.

Ao invés, toma-se a segunda como utilitária, a recorrer à acção directa, e mesmo a uma espécie de pressão, por meio de sortilégios, e sòmente acessível ao indivíduo iniciado, ou seja, o feiticeiro.

No Peru, porém, religião e magia confundiam-se. Surgia a segunda como simples aplicação da primeira, a sua colocação em prática, o seu prolongamento natural e necessário na vida quotidiana. Favorecia essa confusão o carácter eminentemente utilitário do Índio. Nem, aliás, essa confusão é de causar qualquer surpresa, visto encontrar-se sempre, em maior ou menor escala, e até na realidade actual, como o prova o cristão que crê na virtude da oração a Santo António para encontrar um objecto perdido. [5]

Igualmente imprecisas eram ainda as fronteiras da ciência. Em certos casos, baseava-se a magia em observações e raciocínios que constituíam como que o prelúdio da psicologia, da sociologia e da medicina. Não passa de lugar-comum evocar a astrologia como núncia da astronomia.

Ciência, religião e magia, conjugadas, reinavam soberanamente sobre todas as classes da sociedade peruana, pois nada lhes escapava, uma vez que nada se devia ao acaso e tudo tinha uma significação profunda, embora, por vezes, bastante oculta, como a doença e o acidente, ou ainda a forma da nuvem ou o grito do animal na montanha.

Até os menores fenómenos continham ensinamentos e as próprias solidões mais desagradáveis se animavam perante quem lhes soubesse interpretar os mistérios.

A propósito do povo, havemos de falar acerca das categorias inferiores dos feiticeiros. Parece que os adivinhos foram particularmente considerados. Estacionavam quase sempre no limiar dos templos, à disposição dos fiéis. Alimentavam-se de ervas, raízes e grãos de milho e só comiam carne em determinados dias de festas solenes. Especializavam-se uns nos oráculos e outros nos sacrifícios.

Interpretavam os primeiros tudo quanto parecia dever-se ao acaso — arco-íris, tremores de terra, voo das aves, etc., — investigavam certos sinais e observavam judiciosamente seixos, serpentes,

aranhas e os excrementos dos lamas. Para eles, o Universo constituía um gigantesco livro, onde todo o futuro se encontrava escrito, mas que o vulgo não sabia interpretar. Interrogavam as *huacas* — muitas delas famosas por seus oráculos, — acendiam fogueiras, que os assistentes iam alimentando pelo sopro em tubos de cobre ou prata, e evocavam os espíritos, que respondiam através do bailado e do crepitar das chamas. «Falavam com os ídolos numa linguagem que os profanos não compreendiam» — informa um cronista.[6]

Os segundos não previam o futuro. Limitavam-se a procurar remédio para as consequências do passado. Os males que afligem a humanidade nada mais são do que a contrapartida das próprias faltas, como indicámos já, a propósito da mentalidade índia. É, portanto, possível corrigir-lhes os efeitos com fornecer, de imediato, uma compensação ou um substituto, como sejam, a penitência, a oração, o sacrifício.[7]

A oração é a busca de um estado, a criação de um clima favorável. Os fiéis, quando procuram atrair a atenção da divindade, ofertam já uma dádiva algo valiosa — a de uma humilde homenagem. Para rezar, mantinha-se o Índio de pé, na frente do ídolo, dobrado para diante, com a cabeça inclinada, os braços estendidos paralelamente e as mãos espalmadas. Beijava ruidosamente o ar e as pontas dos dedos e arrancava algumas pestanas ou sobrancelhas, soprando-as na direcção da divindade. Era a sua maneira de dar uma parte de si próprio, uma coisa «que era pertença sua», conforme a expressão dos modernos sociólogos, e, consequentemente, de se transformar em servidor.

A CONFISSÃO

A penitência — porque, com grande espanto, os missionários católicos verificaram que a confissão fora largamente usada no Peru — era imposta pelo confessor. Existia mesmo entre outros povos americanos, como os Huichol do México (confissão das mulheres, durante as excursões dos homens em busca da planta sagrada) e como os Esquimós (em estado de embriaguez mística).[8]

Eram os confessores nomeados pelos superiores hierárquicos, no fim de um exame destinado a averiguar acerca da sua instrução em matéria religiosa. Compunha-se o júri, que presidia a essa prova, de quatro *amautas* e um dos dez altos dignitários, que os Espanhóis comparavam aos bispos. Interrogava os candidatos sobre os deuses, os ritos, as regras estabelecidas pelos Incas e pelos grandes sacerdotes, os pecados e as penitências.

Colocava-se o confessor nas proximidades de um curso de água, empunhando na mão direita um feixe de ervas secas e, na esquerda, um cordel, com uma pedra na extremidade, encastoada num furo. Chamava o penitente e convidava-o a falar. A confissão era secreta e qualquer infracção a essa regra se punia com a morte imediata. Os Índios, aliás, jamais escondiam suas faltas por estarem convencidos de que o confessor fàcilmente as podia saber, visto ser adivinho.

Não há qualquer sombra de originalidade nos pecados, pois são os de todas as épocas: homicídio, adultério, violação, aborto, mentira, preguiça e negligência nos exercícios do culto. Constituía a desobediência o pecado que maior número de modalidades condenáveis apresentava, como naturalíssimo era numa sociedade fundada no constrangimento: desobediência aos pais, aos antepassados, aos sacerdotes, aos funcionários, aos chefes militares e ao próprio Imperador.

Como mais tarde viria a acontecer com os Espanhóis, também os Incas reprimiam a adoração dos ídolos. Na verdade, porém, não se tratava dos mesmos ídolos; para uns e outros, tratava-se das divindades não admitidas pelos poderes públicos.

Ao lado dos pecados por acções, figuravam ainda os pecados por intenções. Forçavam-se os penitentes à confissão dos desejos e sentimentos imorais — o ódio, a ânsia de prejudicar, o desejo de vingança, a intenção de revolta, o amor à mulher casada, etc.

Os pecados graves não podiam ser absolvidos pelos confessores ordinários; ficavam sob a alçada ou dos prelados de classe superior (devassidão com uma jovem), ou do grande sacerdote (adoração dos ídolos, tentativa de revolta contra o Imperador, actos sacrílegos, relações com as Virgens do Sol).

No reinado de Tupac Yupanqui, em Collao, permitiu-se que mulheres pudessem confessar outras, assim começando algumas a desempenhar o lugar dos adivinhos. [9]

Uma vez enumerados os pecados, o confessor admoestava o culpado, aplicando-lhe penitência proporcional à importância das faltas. Constituía regra absoluta que tal penitência não viesse prejudicar a colectividade. Dessa forma, «a fixação no deserto», ou seja, a obrigação de ir para a montanha e aí residir, comendo ervas e raízes e bebendo água sòmente, não devia impor-se a personalidades da classe elevada, dado que as funções, por elas desempenhadas, não podiam ser entregues a outrem, razão por que daí adviriam prejuízos para a sociedade. Além disso, o povo miúdo aperceber-se-ia dessa ausência, chegando à conclusão de que os seus chefes, por tal forma castigados, teriam cometido graves pecados, o que viria comprometer o segredo da confissão. Nem, aliás, essa mesma penitência era de impor demasiadamente aos homens do povo, pela simples razão de que já vivia nos Andes um razoável número de Índios, como anacoretas, e os recém-vindos não poderiam deixar de, fatalmente, entrar em relações com eles. Em suma: encontrava-se o deserto já povoado, a acreditarmos em autor anónimo, que se supõe ser o padre jesuíta Blas Valera, a quem se referem vários cronistas posteriores. [10]

Deviam os anacoretas obter autorização dos seus superiores. Viviam em castidade e na pobreza. Dirigiam-se-lhes os fiéis, a fim de os consultarem, de lhes pedirem conselho e, por vezes, predições.

Indicada a penitência, procedia o confessor a uma cerimónia simbólica. Dava uma leve pancada no pecador, com a pedra que segurava na mão, convidava-o a cuspir para dentro de um saquito, de igual modo procedendo ele próprio. Recitava, depois, certas orações e arremessava o saquito, assim cheio das faltas do penitente, para a torrente próxima. Ao mesmo tempo, ia pedindo aos deuses que conduzissem na corrente essa triste carga, até aos abismos de onde nada jamais poderá regressar.

Também o Inca, e até o grande sacerdote, se confessavam. Mas ambos o faziam sòzinhos, perante a divindade. Observava

o primeiro um rito análogo ao que acabámos de descrever, lançando os pecados à torrente. O segundo, porém, queimava saco e conteúdo, espalhando as cinzas por sobre a corrente, após ter rezado algumas orações no templo.

Possuía o Inca o poder de esconjurar os maus espíritos, o «demónio» dos Espanhóis. Fazia-o, intimando-o a revelar-se, o que só por si deveria bastar para o impedir de fazer mal. Yauqui Pachacutec Salcamayhua legou-nos o texto de um desses esconjuros: [11]

Em nome do céu, da terra, de tudo quanto habita no fundo dos mares, do criador, do todo-poderoso, daquele que tem olhos penetrantes, do senhor do horrível fragor das ondas, seja homem ou mulher, quem és tu? Qual a tua natureza? Quais as tuas palavras? Eu te conjuro a que fales.

OS SACRIFÍCIOS: DO HOMEM AO LAMA

Até nos sacrifícios existia uma hierarquia. Mortificavam-se frequentemente os Índios de qualquer condição, quer em razão de um obscuro sentimento de expiação necessária, quer na mira de apaziguarem a irritação pressentida em certos espíritos, que eles incomodavam com passarem pelo seu campo de irradiação. Deitavam fora, por exemplo, a bola de coca, começada a mastigar, antes de lhe absorverem todo o suco.

Mais importantes eram as oferendas, pròpriamente ditas, ou seja, as dádivas: alimentos voluntàriamente destruídos, bebidas derramadas pelo chão, penas multicores queimadas. Impunha a tradição que se lançasse à água do oceano farinha de milho, com o fim de o tornar propício, e se depositassem oferendas nos locais onde se desejasse manter a venda das conchas, vindas da América Central, susceptíveis de servirem de moeda nas trocas internas de certas regiões.

Por morte de um membro de família, comprometiam-se alguns Índios a visitar, em certas épocas, o local de sepultura, oferecendo-lhe alimentos e bebidas e rezando, ao mesmo tempo, orações às divindades por sua intenção.

Cristobal de Molina, de Cusco, refere-se a uma oração desse tempo, que se destinava a ser rezada em ocasiões que tais: Ó *pais huacas, avós, antepassados e parentes; ó grande criador, nascido das nossas incessantes necessidades, nosso poderoso senhor defunto, chamai nossos filhos e netos para junto do Criador e fazei que os vossos descendentes vivam felizes nele, como vós próprios viveis.*

Era o lama objecto corrente de sacrifício. Obrigava-o o sacerdote a dar várias voltas em torno do ídolo, depois do que o degolava, mantendo-lhe a cabeça virada para a divindade. Todas as manhãs, em Cusco, se matava um desses animais por tal forma, assando-se, em seguida, como oferenda feita ao Sol. Para tal efeito, acendia-se prèviamente uma fogueira. Além disso, no primeiro dia de cada mês assim se assavam cem lamas, com milho e coca à mistura, por entre várias orações.

Constituíam as mais célebres e eficazes oferendas as de homens vivos. Eis-nos a virar, neste caso, uma das páginas mais sombrias da história dos Incas, que Garcilaso de la Vega, com a sua piedade filial, lhe tentou arrancar. O facto é verídico: em determinadas ocasiões — embora deva reconhecer-se que só a título meramente excepcional — crianças ou jovens eram sacrificados. Escolhiam os mais belos, alimentavam-nos bem, embriagavam-nos com *chicha* ou insensibilizavam-nos por meio da absorção de enormes doses de coca, obrigavam-nos a girar, por duas ou três vezes, em redor do ídolo, como aos lamas, e, por fim, degolavam--nos. Realizavam-se tais sacrifícios humanos, por exemplo, quando o Inca se encontrava doente ou quando se iniciava uma guerra contra qualquer nação poderosa.

Em Pachacamac eram as Virgens do Sol que se sacrificavam. O Dr. Uhle encontrou restos dessas jovens, mortas por violência e não por castigo de falta grave, dado que os cadáveres se achavam rodeados pelos objectos de uso familiar, como era de uso fazer-se por ocasião dos enterros de pessoas dignas de consideração. [12]

Ao lama coube a honra de evitar que tão horrível prática viesse a tornar-se mais frequente — facto que muito seria de recear,

em razão da grande eficácia que se lhe atribuía. Informa o autor da narrativa anónima, atribuída a Blas Valera, como esse animal veio a substituir a vítima humana. Era costume, outrora, por ocasião do enterro de uma alta personagem, lançar-se um apelo a todos os membros da família e amigos do defunto, convidando-os a segui-la, imediatamente, na viagem para o Além. Afirmava-se que Viracocha os recompensaria magnìficamente e que do mesmo modo procederia a divindade particular da família, pois ambos cumulariam de bens, não apenas a vítima voluntária, como até seus próprios filhos. Deixava-se a escolha do meio àquele que se resolvesse a responder a esse trágico apelo.

Ora, acontecia que o parente ou o amigo, depois de terem oferecido a vida para irem servir o morto no Além, se enchiam de receio e se tomavam de uma hesitação assaz legítima. Assim sendo, pouco a pouco se foi estabelecendo uma curiosa usança. A vítima voluntária aduzia as razões que tinha para não dar seguimento ao seu ardente desejo de deixar a vida — não sendo difícil acreditar-se na grande força de convicção com que defenderia semelhante causa. Concediam, então, os altos dignitários uma comutação do sacrifício, aceitando lamas em vez de homens. Havia, porém, o cuidado de se atribuir a esses animais o nome dos Índios, de que se consideravam simples substitutos. A qualidade humana que, por essa forma, lhes era outorgada, emprestava à cerimónia uma solene gravidade. O indivíduo, que dessa maneira conservava a vida, satisfizera o desejo do morto de contar com seres vivos para o seu serviço e podia continuar a trabalhar e a produzir para maior engrandecimento do Império.

Tais sacrifícios humanos foram severamente exprobrados aos Incas. No entanto, pode aduzir-se como justificação o facto de esses monarcas terem encontrado já semelhante instituição estabelecida em várias regiões, quando da sua chegada ao poder, a qual, aliás, procuraram mesmo suavizar um pouco. Eram essas execuções, efectivamente, de origem antiquíssima. Referimo-nos à condenação à morte, não apenas de prisioneiros, bastante comum na grande maioria das civilizações primitivas, mas também à de indivíduos escolhidos de entre os mais belos, Assim, na região

de Canta (departamento do Lima), no primeiro dia do ano, saía um Índio, que personificava o terrível deus Wakon, de uma gruta da montanha, para perseguir as crianças e escolher uma, que era sacrificada. Essa dramática corrida veio a transformar-se em dança ritual, e o sangue dos lamas substituiu o dos homens.

Costume análogo, perpetuado até hoje na província de Huarochiri, região de Casta, parece confirmar esta evolução. Todos os anos se escolhia a mais bela jovem para ser sacrificada ao deus supremo Wallalo, único que podia assegurar a fertilidade. No dia indicado pelos sacerdotes, vestiam os habitantes os seus trajos domingueiros, agrupavam-se por clãs e dirigiam-se, cantando e dançando, para uma quebrada da montanha vizinha, onde se supunha que o deus residia. Juncava-se de flores a pista por onde a vítima haveria de passar e a mais franca alegria devia reinar entre todos, obrigatòriamente, mesmo na família da futura eleita, dado que uma oferenda feita de má vontade não produziria quaisquer frutos. A própria jovem se precipitava no abismo, perante os familiares, gritando de alegria.

Ainda recentemente os Índios se reuniam nesse trágico local, realizando uma festa, por entre danças e cânticos, e atirando para o abismo um pequeno lama branco.

Avançando um pouco mais ainda nesse feliz caminho, substituíram os Índios o próprio ser vivo pela sua representação em metal ou madeira. Enterraram-se estatuetas humanas de ouro e prata e vestiram-se de panos finos, queimados pelo fogo, bocados de madeira esculpidos com formas humanas. Ainda hoje os habitantes de Casta lançam cobaias, *chicha* e coca para a quebrada. [14]

Sublinhe-se, nesta altura, a diferença existente entre os Incas e os Aztecas. Inspiravam-se os últimos numa filosofia absolutamente desconhecida dos primeiros. Tinham eles que o homem, criado pela divindade, se tornava, por esse simples motivo, devedor da própria existência. A fim de se libertar de tal dívida, devia o homem oferecer o próprio corpo, suicidando-se, ou ofertar um substituto — o coração dos prisioneiros. Dessa forma, os dois grandes deuses aztecas pediam sangue — um, pelo sacrifício, outro

pela guerra. Tal a razão de não só alguns povos indígenas, aliados dos Aztecas, mal suportando a contribuição de sangue, tão fàcilmente se haverem ligado às tropas de Cortez, na sua marcha contra Tenochtitlán, em 151, como também de ainda hoje encontrarmos, nas manifestações artísticas e folclóricas do México, esse gosto da morte, que tão fortemente choca os Europeus. A religião inca de forma alguma apresenta esse carácter de crueldade. [15]

Dedicava-se aos antepassados uma veneração quase igual àquela que os ídolos inspiravam. Os cadáveres mumificados e revestidos dos mais belos trajos, presidiam às festas principais. Mesmo depois da conquista, ainda os Índios mantinham o costume de fazer participar as múmias nos acontecimentos importantes da vida. Transportavam-nas até com eles, quando forçados a comparecer perante um tribunal judiciário. «Parece» — escrevia o padre Arriaga — «que vivos e mortos se apresentam para serem julgados em conjunto.» [16]

INÚMEROS E DIFERENTES TEMPLOS

Efectuavam-se as cerimónias religiosas nos templos, a que os cronistas chamaram mesquitas, e dos quais nos legaram inúmeras descrições. Não raro apresentavam esses edifícios sagrados uma estranha mistura de fealdade e beleza. O célebre ídolo de Pachacamac, grosseiramente esculpido em madeira, sentava-se num trono, colocado em retiro sujo e mal cheiroso, quando o certo é que os terraços em degraus do templo se encontram maravilhosamente situados entre a montanha e o oceano. [17]

Entretanto, todos esses monumentos continham enormes riquezas. Em Tomebamba, as portas pintadas eram incrustadas de pedras preciosas; [18] em Vilca dominavam as belas escadarias de pedra, com cerca de trinta degraus; [19] em Huanca, conservavam-se em vasos de prata, fabricados pelos artífices da cidade, muito afamados por sua habilidade.

Nas margens do lago Titicaca, rico de lendas, erguiam-se os

templos de Tiahuanaco e Copacabana, ambos locais de peregrinação, muito frequentados. O primeiro, erigido no local da antiga capital aimará, simbolizava as passadas tradições dessa região. O segundo, construído pelos Incas, numa península povoada por *mitimaes*, — em grande parte constituídas por membros da família imperial, — foi substituído, na época da conquista, por uma igreja, que albergava uma virgem famosa pelos seus milagres. [20] Em vão se obstinou o Imperador em implantar a coca, nessa terra situada a quatro mil metros de altitude, para homenagear as divindades.

Na própria ilha de Titicaca existia uma *huaca* muito anterior aos Incas. Tratava-se de um rochedo em meia-lua, a que os Índios haviam recoberto a parte convexa com fino tecido e a parte côncava com lâminas de ouro. Encostado a esta parte côncava, erigiram um altar, colocando-lhe na frente uma pedra cheia de buracos, destinada à recepção da *chicha*, na altura dos sacrifícios. A cerca de quarenta passos da rocha, construíram um templo com muitos ídolos, em nichos ao longo dos muros. Nas proximidades, plantaram os moradores da ilha várias árvores de fruto e abriram termas para o Sol.

Possuía também a Lua o seu templo, numa outra ilhota vizinha da primeira, mas mais pequena — a de Coati. Mantinham os santuários as melhores relações; e os Índios, no dizer do cronista, «perdiam muito tempo» para se dirigirem, em barcas, de um para outro lado, a fim de trocarem dádivas. [21]

Reforçava-se, muitas vezes, o culto das divindades luminosas com o do deus das trevas. Como é natural, adorava-se este num subterrâneo escuro. Aí se encontrava o altar dos sacrifícios e se erguia a sua representação simbólica — o Lanzon — comprida agulha, fixada entre o solo e a abóbada, cuja cabeça felina, estilizada, se rodeava de serpentes, e cujo corpo se ia adelgaçando para baixo. Terrífico era o seu aspecto. Em Chavin de Huántar, que parece ter sido um antiquíssimo templo, a entrada, escavada no solo, é tão estreita que um homem normal só dificilmente a pode atravessar, para atingir um corredor que conduz a ruelas, em forma de cruz, marginadas por blocos de pedra. Na intersecção dos braços

da cruz surge o Lanzon, com o pé fixo no solo e a cabeça encaixada nas lajes que formam o tecto. Com quatro metros e sessenta centímetros de altura, assemelha-se a um punhal espetado no solo, a simbolizar a morte. A sensação de mistério é impressionante. [22]

UM ALTO LUGAR DO IMPÉRIO: O TEMPLO DO SOL, EM CUSCO

Penetremos, finalmente, no lugar mais sagrado do Império — o templo do Sol, em Cusco.

Dava a porta principal, ornada de ouro e prata, para um grande santuário, cuja abside era formada por um muro arredondado, de pedras talhadas e ligadas com muito cuidado. Os muros e os tectos de empena encontravam-se forrados de placas de metal precioso. Os desenhos que cobriam as paredes, acima do altar, referiam-se às concepções cosmológicas dos Índios.

Ao centro dessa espécie de fresco, brilhava uma placa de ouro, oval — o ovo originário, a essência inicial, — a confundir-se, indubitàvelmente, com o ser supremo adorado pelo escol, o criador que nem é homem nem mulher, comparado nas orações a um estandarte ou a um capitão, e chamado «o Sol do Sol».

Pretende a lenda que esse lugar central, ao princípio, teria sido ocupado por um sol de ouro, por ordem de Manco Capac e em conformidade com a religião prmitiva, ensinada por esse fundador. Teria, porém, o astro sido substituído pelo ovo originário, no tempo de Maita Capac, em seguida a uma revolução religiosa, aliás muito duvidosa, após o que Huascar teria regressado à tradição antiga, substituindo o ovo pelo Sol, que os Espanhóis puderam observar em Cusco: — redondo e grande como a roda de um carro, no dizer de Gutierrez de Santa Clara, com um rosto a emitir raios, muito semelhantes à representação usada nos desenhos actuais. Noutros lugares, é comparado com uma rodela da espessura de um dedo, chata, sem qualquer relevo. Encontrava-se colocado de tal maneira que os raios do sol nascente o atingiam, fazendo-o resplandecer.

Nem há necessidade, sequer, de aventar hipóteses complicadas. Natural era que um Imperador tivesse pensado em colocar o deus do escol no centro desse dispositivo cósmico, como natural era ainda que outro monarca tivesse considerado tal substituição como um erro, uma vez que o templo se consagrava ao Sol e se destinava ao culto popular, como sabemos já. Na época dos grandes monarcas — que é aquela que nos interessa — ocupava o ovo o lugar de honra, enquadrado em dois discos: um, de ouro, — o do Sol; outro, de prata, — o da Lua. Figura, pois, o astro diurno entre os deuses, mas a ocupar o segundo lugar. Ao ser colocado no lugar do ovo, tornou-se duplo, o que deve ter parecido algo estranho.

Abaixo do ovo, figurava uma constelação, formada de três estrelas em linha, — «os três lamas» — enquadradas pelos respectivos pastores, e cujos nomes estelares são, actualmente, os de Rigel e Alfa. Mais abaixo, e simètricamente, figuravam as cinco estrelas do Cruzeiro do Sul.

Descendo para o centro do conjunto e, por consequência, para baixo desta última constelação, encontrava-se a representação de um Índio e uma Índia, o casal típico.

As restantes imagens, de ambos os lados desta série média, eram simétricas e complementares. Saídas dos discos do Sol e da Lua, e de alto a baixo, viam-se duas estrelas, representando os dois aspectos de Vénus — a manhã e a tarde. A seguir, e sempre em simetria, figuravam duas constelações, correspondentes aos dois aspectos das Pléiades, estival e invernal, encontrando-se a última rodeada de nuvens. A série inferior dos desenhos era formada, a um lado, por uma estrela chamada «o lama fêmea», em quíchua, [23] e a outro, por um lama macho.

Mais abaixo, a última série horizontal, algo mais extensa que as dos lados, continha, por um lado, a linha ziguezagueante do relâmpago, acompanhada de uma representação da terra, sob a forma de círculo com três triângulos curvilíneos na parte inferior — as montanhas —, uma linha irregular e fugidia — a torrente, — e quatro linhas paralelas, em forma de ponte, a simbolizarem o arco-íris. Na parte inferior, sete circulozitos, cada qual com um

ponto no centro, simbolizavam «os olhos das coisas», — dado que essas coisas possuíam vista, ao tempo dos Incas, — ou, então, os sete olhos do deus supremo, de que se encontra curiosa analogia nos olhos do Senhor, citados pelo profeta Zacarias, no Velho Testamento. Por outro lado, e a emparelhar com este conjunto, notavam-se uma linha irregular fechada — o lago, um circulozito, a fonte, o puma, animal considerado como responsável pelo granizo e pelos eclipses, quando lhe dava para devorar o Sol ou a Lua, — e uma árvore. [24]

Embora tal quadro de conhecimento se apresente como bastante primitivo, a verdade é que nós lhe ignoramos a exacta interpretação. Sem dúvida, possuía um significado esotérico. E a própria descrição que dele acabamos de fazer, só muito recentemente pôde ser estabelecida. [25]

Outros objcetos mais impressionantes atraíam a atenção do visitante, na grande sala do templo do Sol, que uma série de presenças mudas enchia de pavor. Três estátuas personificavam o astro diurno em seus diferentes aspectos, vendo-se ainda, a todo o comprimento das paredes, as múmias dos imperadores falecidos. Essa guarda de honra, porém, não se apresentava sob a forma de personagens em pé, tão semelhantes quanto possível a seres vivos. As múmias eram feitas de tecidos muito espessos e dispostas por forma a manterem-se na posição vertical, sem o apoio de qualquer armação de madeira. Assemelhavam-se, desse modo, a grandes trouxas de panos, com as cabeças feitas de peles trabalhadas com solicitude e sobre as quais se representavam boca, nariz, olhos e orelhas e se colocavam os *lautus*. O cadáver, prèviamente embalsamado, encontrava-se no interior, dobrado sobre si próprio, dando tudo isso ao conjunto a aparência de uma dessas bonecas maciças, sem braços nem pernas, de cabeça enorme, que os pais de condição modesta procuram pelos bazares baratos.

Pode mesmo pensar-se em que, no templo do Sol, a grande maioria dessas «múmias» eram fictícias, sem qualquer cadáver no interior. Evocavam simplesmente os imperadores, à maneira de estátuas. [26] A majestade advinha-lhes da magnificência dos tecidos, da riqueza dos ornatos, da sumptuosidade dos pedestais em que

se colocavam. O brilho dos dourados e o colorido das plumas faziam esquecer a pobreza franciscana das formas, tornando as múmias, reais ou fictícias, em escolta digna do pai Sol, símbolo admirável da sobrevivência dos seres e da continuidade do Império. [27]

Outros santuários, de menor importância, havia ainda na cintura do templo, dando para um pátio interior. O da Lua possuía muros cobertos de placas de prata. A imagem deste astro era, provàvelmente, de platina e achava-se cercada pelas múmias das soberanas, ricamente vestidas, dispostas por ordem de antiguidade.

Vénus, o planeta «dos cabelos compridos e anelados» e as Pléiades, «criadas da Lua», figuravam no edifício seguinte.

Consagravam-se o quarto e o quinto pavilhões, respectivamente, ao raio, confundido com o relâmpago e o trovão sob a mesma designação de Illapa, e ao arco-íris, sinal celeste tido por particularmente propício. Noutro edifício, finalmente, ficava a «sala de audiências» dos sacerdotes, ou seja, a «sacristia». [29]

Exteriormente, corria um friso de ouro à volta de todo o templo. Nos muros que circundavam o pátio interior, viam-se nichos albergando lamas feitos de ouro e incrustados de pedras preciosas. Canalizações subterrâneas conduziam a água para cinco fontes, através de tubos com extremidades de ouro. [30]

Do templo partiam terraços que desciam para a ribeira Huatanay.

Aí se encontravam o jardim de ouro, que provocou o assombro dos conquistadores e se tornou fonte inesgotável de poesia para todos os escritores. Tudo nele era de ouro — erva, flores, árvores, répteis, aves e até o próprio pastor — como homenagem prestada ao Sol, de que o ouro constituía a emanação terrestre; como concentração das oferendas dos povos vassalos e como supremo testemunho do poder do deus luminoso.

Nesse jardim, existia ainda, cavado no solo, um reservatório repleto de *chicha*, para que o astro escaldante, sempre sequioso, pudesse dessedentar-se à vontade.

Uma cintura de pedra circundava o conjunto dos edifícios e terraços, que simbolizava o centro espiritual do Império, o laço concreto entre os homens e os deuses. [31]

A MAIS BELA FESTA: A FESTA DO SOL

Para se ficar com uma ideia da importância do culto do Sol, necessário se tornaria assistir à grande festa, que se lhe dedicava, todos os anos, no solstício do inverno. Realizavam-se cerimónias em todas as cidades, sendo, porém, em Cusco, que tomavam o carácter de uma manifestação nacional. [32]

Acorriam, nessa altura, à capital, vindos de todas as partes do Império, os *curacas* e os altos funcionários, a fim de prestarem contas acerca da própria circunscrição administrativa, receberem novas instruções e prestarem, ao mesmo tempo, as suas homenagens ao soberano, entregando-lhe presentes.

Apresentava, então, a cidade uma animação fora do vulgar. As ruelas estreitas, apertadas entre as negras muralhas dos palácios, ressoavam, durante vários dias, com o barulho compacto dos cascos dos lamas por sobre as pedras dos pavimentos, barulho esse dominado, agora ou logo, pelos toques das trompas a anunciarem a chegada de um alto dignitário. Os sumptuosos trajos, vestidos pelos *curacas* para o efeito, sobressaíam por entre o cinzento da multidão. Alguns chefes traziam à frente criados com as antigas insígnias da tribo. A grande maioria, porém, fazia-se acompanhar de uma autêntica multidão, carregada de objectos cerâmicos ou tecidos destinados ao templo do Sol e à família imperial. Muitos chegavam em liteiras. Todos, porém, empunhavam a arma preferida. Chegavam alguns dos ásperos planaltos do norte, com enormes asas de condor, brancas e negras, pregadas nas costas. Outros, oriundos das florestas situadas a ocidente da região dos Caras, mostravam altivamente os torsos nus, estriados de riscas vermelhas, como se de ricos tecidos se tratasse. Fiéis à tradição de bravura, marchavam os Chancas em cadência, cobertos de peles de pumas, coincidindo as cabeças da pele e do homem por forma

a dar aos espectadores a ideia de um desfile de animais selvagens. Muitos povos era possível reconhecer através da cobertura da cabeça: pelos cabelos enrolados na cabeça e pelas coroas de madeira, os Cañaris; pelas largas faixas enroladas em volta da cabeça, os Chanchis; pelas penas de aves espetadas nas cabeleiras, alguns Antis. A nota fantasista era dada, tradicionalmente, pelos Yuncas do litoral, com as caras cobertas por uma máscara grotesca e fazendo largos gestos, a encherem os ares do barulho dissonante das flautas e tamborins, como se houvessem saído de um hospital de doidos.

Desse modo, tinha a multidão, não convidada para as cerimónias, a satisfação de lhes poder seguir os preparativos.

Iniciava-se a festa com um rigoroso jejum de três dias, durante os quais era vedado acender lume e ter relações com mulher. Todos na espectativa, todos em recolhimento. Sòmente as Índias das «casas de mulheres escolhidas» se atarefavam, visto terem por missão preparar os pães de milho e as bebidas especiais, de que enorme uso se iria fazer nos dias seguintes.

Na data fixada pelos astrónomos, dirigia-se o Inca supremo para a grande praça, antes da alvorada. Aí se achavam já reunidos os membros dos clãs imperiais. Numa praça contígua agrupavam-se os *curacas*. No mais recolhido silêncio, todos eles descalçavam as sandálias e se voltavam para nascente, perfeitamente imóveis, a observarem o horizonte. No momento em que os clarões da alva começavam de dourar os cimos da Cordilheira, acocoravam-se todos, estendendo os braços, num gesto súplice, e atirando beijos aos primeiros raios. Agarrava, então, o monarca em duas taças repletas da bebida sagrada, uma em cada mão, e, de pé, frente ao astro nascente, erguia o braço direito acima da cabeça, oferecendo de beber ao Sol, seu pai.

Lançava, em seguida, o conteúdo da taça, num pequeno canal, que conduzia o líquido para o templo. Bebia um golo da taça, que segurava na mão esquerda, dividia o resto pelas taças, que lhe estendiam as pessoas do seu séquito e convidava toda a gente a beber.

Após isso, entravam os membros dos clãs imperiais no templo

do Sol. Seguiam-nos os *curacas*, até à entrada, mas ficando no exterior. Oferecia o Inca supremo ao Sol as duas taças, de que se servira, outro tanto fazendo os restantes assistentes. Avançavam alguns sacerdotes até ao limiar do templo, a fim de receberem as taças onde os *curacas* haviam bebido, bem como os presentes que os mesmos tinham trazido.

Iniciavam-se os sacrifícios pela imolação de um lama negro, tido por mais perfeito que nenhum outro, visto possuir todo o corpo da mesma cor, o que não sucedia com o lama branco, que tinha o focinho preto. O animal não se peava. Seguravam-no três ou quatro Índios, conservando-lhe a cabeça voltada para oriente. Abria-lhe o sacrificante o corpo de um só golpe, arrancando-lhe o coração e os pulmões, que apresentava ao feiticeiro. Examinava-os este e ditava a sentença. Se declarasse o Sol satisfeito, a cerimónia continuar-se-ia. De contrário, sacrificava-se um segundo lama — e ainda um terceiro, se a insatisfação continuasse. Além deste número, não se ia. Se o deus continuasse a obstinar-se no seu mau-humor, grande tristeza se apoderava do templo e da cidade, pois o futuro apresentava-se ameaçador.

Muitos outros animais se imolavam, mas por simples decapitação, sendo o sangue e o coração oferecidos à divindade. Já dissemos como procediam os sacerdotes a essa horrível cerimónia, quando havia sacrifícios humanos.

Cozia-se a carne dos lamas imolados, em público, nas duas praças já mencionadas, distribuindo-se pelos assistentes.

Terminadas as cerimónias religiosas, convidadva o Inca toda a gente a beber, começando pelos capitães, que se haviam distinguido nos combates, por actos brilhantes, e dirigindo-se, em seguida, aos *curacas* dos arredores de Cusco. Tal convite era feito como ao Sol, segurando-se duas taças idênticas, uma em cada mão, e oferecendo-se uma delas, a da direita, ao convidado que fosse de classe igual ou superior à do que convidava, e a da esquerda, no caso contrário. Consequentemente, o Inca oferecia ao Sol a taça da mão direita e a qualquer outra pessoa, a da esquerda.

Aquele que, por essa forma, recebia a bebida sagrada, erguia os olhos ao céu, bebia, e entregava a taça sem pronunciar uma só

palavra, mas beijando os ares e fazendo gestos de adoração com as mãos.

As personagens do séquito do Inca procediam exactamente como este para com os assistentes de classe inferior. Depois dos convites, feitos pelos superiores aos inferiores, era chegada a vez de estes convidarem aqueles. Repetia-se, assim, a cerimónia, em sentido inverso, como aplicação perfeita do princípio de reciprocidade: cada qual devia honrar a quem o honrava.

Claro está que não seria possível ao Inca beber do conteúdo de todas as taças, que lhe apresentavam, sem se arriscar a cair num estado de embriaguez, de todo o ponto indigno de um monarca. Por isso se limitava, ou a molhar simplesmente os lábios no líquido, ou a beber um simples golo, consoante o desejo que tinha de testemunhar a sua simpatia pelo grande dignitário, de quem recebia a homenagem.

As taças, por onde o Inca bebera ou em que apenas tocara com os lábios, guardavam-nas os assistentes como objectos sagrados. Jamais alguém se servia delas, limitando-se as famílias a colocá-las, preciosamente, no meio dos seus ídolos.

Sucediam-se, finalmente, as danças, os cânticos, os festins e os beberetes, durante nove dias, acabados os quais regressavam as altas personagens às respectivas províncias, proclamando a glória do Inca, filho querido do Sol. [33]

CAPÍTULO VI

A VIDA INTELECTUAL E ARTÍSTICA

PODERIA este capítulo fundir-se, em parte, com o precedente, dadas as relações estreitas que notámos entre ciência e religião. Se o separamos daquele, é apenas para o tornarmos mais claro, sem lhe encobrirmos o verdadeiro carácter: todas as manifestações do espírito se dirigem, em princípio, para o divino.

A MEDIOCRIDADE DA ASTRONOMIA

Não conseguiu a astronomia — que parece ter-se situado em plano inferior à dos Aztecas ou dos Maias — desembaraçar-se dos mitos. Ignoramos se alguns dos iniciados possuíam vastos conhecimentos nesse domínio. Apenas sabemos que, na prática, as observações feitas sobre a altura do Sol permitiam determinar as estações e, dessa forma, orientar os trabalhos dos campos. Para tal fim se erigiam pilares em várias cidades. Sob a linha equatorial, não davam sombra ao meio-dia, nos dias de equinócio, razão pela qual a cidade de Quito, situada nas proximidades desse círculo máximo, se considerava como cidade santa. [1]

Nem sequer é certo que todos os pilares, ainda hoje existentes, hajam servido para esse fim, visto que muitos se hão-de ter destinado, muito simplesmente, a servir de pedestais dos ídolos destruídos pelos missionários, na altura da conquista. [2]

A questão está só em saber se as concepções dos Maias não eram já conhecidas, pelo menos na costa do Pacífico. As lendas já citadas, a respeito dos homens vindos do oeste e da existência das jangadas de comércio do Peru, a bordejarem as costas americanas, a norte do golfo de Guayaquil, autorizam a supor que algumas descobertas efectuadas na América Central, relativamente à astronomia, terão sido conhecidas, pelo menos em parte, nos grandes centros ribeirinhos do oceano. Assim, encontrou certo especialista, num vaso de Pachacamac, sob o desenho do corpo de um felino, barras e pontos, que possuíam, no Iucatão, um significado numérico: a barra equivalia a cinco e o ponto, a um.

Uma maça de pedra, existente no Museu Nacional de Lima, contém buracos superficiais, que devem ter servido, outrora, para neles se fixarem incrustações de conchas ou pedras coloridas. Refere-se o seu número, ao que parece, a indicações astronómicas, na base do cálculo de Tzolkin (período de duzentos e sessenta dias, entre os Maias).

Num objecto de cerâmica de Nasca, encontrado em 1908, existem vários calendários, na opinião de F. Buck. Contém uma inscrição correspondente a vinte anos Tzolkin, nos sistemas de Mercúrio, da Lua, dos eclipses, de Vénus, de Saturno, do ano ritual e do ano tropical. Vários outros objectos de cerâmica, com inscrições análogas, têm sido estudados.[3]

MEDIDAS, PLANOS E MAPAS

As unidades de medida, sem as quais não poderiam existir nem teoria nem prática, nos domínios da ciência, baseavam-se, como é natural, nas diferentes partes do corpo humano. Iam do *yuku* — distância entre a extremidade do polegar e a do índex —, à *rikra* — altura média do homem do planalto, avaliada em cerca de um metro e sessenta centímetros. Falam ainda os cronistas, no tocante às medidas de comprimento, na légua índia, equivalente, segundo eles, a seis mil passos.[4]

Pensa-se que a pedra de Sayhuite, próximo de Abancay,

representa um mapa geográfico. Efectivamente, encontra-se cheia de sinais esculpidos na rocha, linhas ou figuras. Indicariam as primeiras os cursos de água — e pensou-se mesmo em se terem discriminado cinco desses cursos, paralelos, que desaguam no Apurimac — e as segundas, as características das regiões: — macacos, as zonas das florestas orientais, lamas, os planaltos e condores, as montanhas. Existem, entretanto, muitos outros sinais — discos do Sol e da Lua, Índios de sentinela, pumas, serpentes, sapos. As grandes composições deste género, actualmente conhecidas no Peru, são tão raras que essa pedra pode ser considerada como única. Revelam os especialistas influências Collas e Chancas em tais desenhos e esforçam-se por situarem na realidade as regiões assim representadas. Contudo, exceptuados alguns hipotéticos rios e, claro está, o lago Titicaca, tido por sagrado desde os próprios tempos pré-históricos, o mistério continua a subsistir.[5]

O DESENVOLVIMENTO DA MEDICINA

Parece que as únicas ciências, que conheceram certo desenvolvimento, foram a medicina e a cirurgia.

Consistia a primeira num misto de processos empíricos e práticas de magia. Pertenciam os curandeiros à categoria dos seres designados por qualquer sinal irrecusável, como defeito físico, enfermidade ou facto extraordinário na existência — cego de nascença ou homem assombrado pelo raio —. Outros, pertenciam a uma tribo, cujos membros conheciam as propriedades curativas das plantas, transmitindo os seus segredos de pais a filhos.[7] A mais célebre dessas tribos era a dos Collahuayas, a nordeste do lago Titicaca, que devia fornecer curandeiros para a corte do Inca, e cujos descendentes ainda hoje percorrem toda a América do Sul, vendendo drogas nas cidades e aldeias.

Desconheciam-se, na América, algumas doenças frequentes no mundo antigo, como a escarlatina e o sarampo. Em contrapartida, duas doenças específicas — a *verruga* e a *uta* — causavam enormes estragos.

Manifesta-se a primeira pelo aparecimento de verrugas, provocando febre e até, frequentes vezes, hemorragias, tanto nos homens como nos animais, sendo muito conhecida dos indígenas, que moram nas aldeias situadas em altitudes médias, entre mil e três mil metros, na Cordilheira ocidental, e principalmente no vale de Rimac e ao longo da via férrea de Oroya.

É a *uta* uma espécie de lepra, que aparece no rosto, e exige a ablacção dos sítios contaminados, mormente o nariz e os lábios. Daí a razão das mutilações reproduzidas em vasos, pelos artistas realistas chimus, e que muitas vezes se invocaram, sem qualquer razão, como prova do rigor dos castigos infligidos pelos tiranos dos Estados ribeirinhos do Pacífico.

A existência da sífilis foi contestada, dado que os cronistas não falam dela. No entanto, não há que pô-la em dúvida, uma vez que lesões ósseas, de origem sifilítica, foram reveladas por certos crânios.

Revestiam-se os medicamentos de três formas, mais ou menos ligadas umas às outras: — os métodos de cura, a que chamaremos normais, prescritos pelos curandeiros, a expiação por meio de orações e sacrifícios, sob a direcção dos sacerdotes, e a expulsão dos espíritos, com a ajuda dos feiticeiros.

Existiam remédios para todos os males. Constituíam terapêutica corrente a dieta, a purga, as massagens, os emplastros e a sangria de lanceta. No litoral, usava-se o clister, por meio de um tubo cheio de líquido, em que o curandeiro soprava. [8]

A farmacopeia vegetal era de longe a mais importante. À cabeça da lista, bem entendido, vinha a coca. [9] Esse arbusto, originário das terras doentias dos trópicos, chega a atingir um metro e cinquenta centímetros de altura e a durar uns quarenta anos. Fornece três colheitas de folhas por ano, as quais se secam por exposição lenta e progressiva à acção dos raios solares, por forma a evitar-se, simultâneamente, que apodreçam e se quebrem. A fim de se tornar comestível, necessário é juntar-se-lhe uma matéria alcalina, geralmente cinzas de *quinua*. Dá-se-lhe a forma de uma bolazita, que serve para ser mastigada. Embora

seja um precioso estimulante, há que recear o abuso do seu emprego. Tomada com moderação, permite ao Índio uma surpreendente resistência à fadiga; mas, tomada em excesso, conduz à insensibilização e ao embrutecimento.

De imediato reconheceram os Espanhóis as qualidades dessa planta, evocando Garcilaso o diálogo travado entre dois compatriotas seus, um, a cavalo, e outro, a pé. Vê o primeiro no hábito de mascar a coca uma superstição indígena, ao que o segundo responde que, sem dinheiro, não há outra forma de levar a tarefa a bom termo.

Na opinião dos Índios, a coca faz parar os vómitos e as hemorragias; sob a forma de infusão, acaba com as diarreias e as cólicas; e o seu suco faz secar as úlceras. A frequência destas últimas levara mesmo os curandeiros à utilização de vários tratamentos. Procediam, sobretudo, à aplicação de certa terra rica em sulfato de ferro *(collpa)*, ou de misturas, quer de bálsamo do Peru e resina, quer de banha e uma substância betuminosa. Para as úlceras sifilíticas, recorria-se à salsaparrilha das margens do golfo de Guayaquil.

Os purgantes eram inúmeros e doces: — a raiz de *huachanca*, a decocção do invólucro das espigas de milho, a dissolução do *molle*, fruto róseo da falsa pimenteira, numa bebida alcoólica. A seiva da própria árvore *molle* não conhecia rival na cicatrização de feridas, em cujo tratamento se empregavam também, frequentemente, o suco da quinaquina, ou bálsamo do Peru, o das folhas verdes do milho e a pedra azul-esverdeada de *copaquira*. Contra a febre, aplicavam-se a chicória, de flores amarelas, a casca de *chinchona*, a seiva da *tuna* (cacto), embora, as mais das vezes, se contentassem com a simples aplicação de uma rã.

Todas as espécies de folhas possuem, ainda hoje, aplicações utilíssimas. Curam as da *quinua* inflamações de garganta; cozidas em água salgada e aplicadas sobre as partes doridas, acalmam as da *yuca* as dores reumáticas; misturadas com banha, destroem as do *apichu* esses horríveis insectos que são os bichos-do-pé, peritos em penetrarem por sob a epiderme dos pés, onde põem os ovos.

O suco da *oca* acalma a inflamação dos rins e da bexiga; uma decocção de madeira de quinaquina ralada descongestiona o fígado e o baço; o grão da mesma árvore, colocado sobre as brasas, lança vapores capazes de fazerem desaparecer as dores de cabeça; a erva *chillca* não tem igual no acalmar das dores das articulações, assim como a erva *mateccla* o não tinha na cura das inflamações dos olhos. Pequenas quantidades de tabaco, tomadas de manhã, em jejum, em água bem quente, combatem a retenção das urinas; os frutos do *gandur*, reduzidos a pó e misturados com salitre, agem sobre os cálculos dos rins; e, finalmente, a infusão de daturas acalma os nervos e provoca o sono, embora possa envenenar, quando tomada em doses maciças.

No tempo dos Incas, era mais rara a utilização dos minerais do que a dos vegetais. Algumas terras possuíam também propriedades terapêuticas. A argila comestível *(pasa* ou *chacco)* acalmava as dores da gota; o jaspe moído acabava com as hemorragias; e o *coravari*, igualmente feito em pó, era óptimo para os olhos. Nem o ouro nem a prata figuravam entre os medicamentos. [10]

Alguns animais entravam também na farmacopeia índia. Empregava-se a carne do colibri contra a epilepsia, a carne fresca de vigonha contra as doenças dos olhos, a sopa de condor novo contra a loucura e os insectos *chuquichuqui*, reduzidos a papas, contra as verrugas.

O próprio homem contribuía também, mormente com a urina, de que se fazia largo uso. Toda a dona de casa, previdente, armazenava esse nauseabundo líquido amoniacal, para dele se servir, sob a forma de fricção, contra as dores de cabeça e, sob a forma de colutório, contra as dores de dentes e de garganta. Com ela lavava ainda as crianças com febre. As cólicas das criancinhas não resistiam a uma fricção com saliva materna. Para as pneumonias, recorria-se ao leite de mulher; para as mordeduras, aos excrementos; para os envenenamentos, às cinzas de cabelos misturadas em líquido alcoólico. Grande número de medicamentos se encontrava, assim, ao alcance da mão.

Considerada como simples complemento das receitas mágicas, nem toda essa medicamentação se considerava suficiente. Aos olhos do Índio confundiam-se o material e o espiritual, permitindo o pecado o livre acesso aos espíritos maléficos, que por toda a parte circulavam, em busca da ocasião de fazer mal, originando as doenças.

Por essa razão, tanto o paciente como aqueles que o rodeavam deveriam começar por oferecer a contrapartida, ou seja, a oferenda e o sacrifício. Se tal medida se mostrasse insuficiente, apelar-se-ia para o feiticeiro.

Devia este, antes do mais, diagnosticar a doença, quer por adivinhação, quer por interrogatórios directamente feitos às divindades, quando se mostrassem dispostas a ouvi-lo. Invocaria, depois, as forças benéficas, procedendo à transferência da doença, ou para um ser inanimado, ou para um ser vivo. Efectuava-se tão delicada operação da seguinte maneira: esfregava-se a zona, onde a dor se localizava, com uma peça do vestuário usado pelo doente ou, de preferência, com uma cobaia, que logo após se destruíam e lançavam fora, por se supor que tivessem ficado com a doença. [11]

Não raro, o próprio curandeiro sugava a parte dorida, como o prova um desenho inserto no manuscrito de Poma de Ayala. [12] Lògicamente, ele mesmo devia ficar com a doença. Todavia, possuía a vantagem de poder tomar remédios, iguarias e bebidas alcoólicas, interditas ao doente, que, para tal fim, as fornecia em abundância ao curandeiro. [13]

Bastante mais complicado se tornava o problema quando se tratava de doença do Inca. Era este, com efeito, o representante vivo, o símbolo do seu povo. Como tal, a culpabilidade correspondente à doença, de que sofria, tomava carácter colectivo. Por isso mesmo se multiplicavam, em todas as classes da população, as confissões, os jejuns, as oferendas e os sacrifícios.

A LUTA CONTRA AS DOENÇAS

Todos os anos se realizava, em Cusco, a festa especial da purificação, conhecida por *Situa.* [14] Nela se convidavam a tomar parte os enfermos, os doentes e os estranhos à cidade, que ficavam proibidos de regressar às respectivas terras, antes de terminadas as cerimónias. Observavam os saudáveis um dia de rigoroso jejum, o que significa que apenas comiam pequenas quantidades de milho cru e só bebiam água. [15] Em seguida, amassavam e coziam um pão especial de milho, ao qual misturavam algumas gotas de sangue, saído de uma picada que faziam na testa de uma criança de cinco a dez anos, precisamente a meio das sobrancelhas e acima do nariz. Procedia-se a tais preparativos, em família, em casa do irmão mais velho. Na mesma noite, e um pouco antes do raiar da aurora, toda a gente se lavava e esfregava com um bocado desse pão, «que tirava as doenças». O chefe da família untava o limiar da porta com um naco do mesmo pão.

Idênticas cerimónias se realizavam nos templos do Sol, nos palácios imperiais e nas «casas de mulheres escolhidas».

Ao nascer do Sol, comiam os purificados, mas esfomeados, habitantes de Cusco pão de milho ordinário, igualmente preparado para esse efeito, e rezavam orações. Nesse momento, saía da fortaleza de Saxahuaman um membro da família do soberano, ricamente vestido. Empunhava uma lança com a extremidade superior ornada de uma estreita faixa de penas multicores, à maneira de laço, que descia até à extremidade inferior, segura a todo o comprimento do metal por anéis de ouro. Tratava-se de um mensageiro de guerra e só por isso é que saía de um lugar fortificado e não de qualquer palácio ou templo. Descia, a correr, até à praça central, onde o esperavam, também de lança em punho, quatro membros da família imperial. Tocava com a lança nos outros quatro e convidava-os a expulsarem as doenças. Partiam, então, as quatro personagens, em corrida, cada qual por um dos caminhos que levavam, respectivamente, para norte, sul, leste e oeste, ou seja, para as regiões que formavam «o Império das quatro partes do mundo». À sua passagem, saíam os moradores de suas casas, soltando grandes gritos,

sacudindo os fatos, «como quem sacode a poeira», e esfregando vigorosamente a cabeça, os membros e todo o corpo, como costuma fazer quem se lava. Dessa forma expulsavam os germes das doenças, de que eram portadores, lançando-os nas ruelas, à frente do guerreiro, que os matava com a lança.

A certa distância da cidade, cada um desses estranhos guerreiros encontrava um Índio à sua espera, o qual só por privilégio ocupava a posição de Inca na hierarquia. Tomava este a lança e prosseguia nessa corrida por etapas, só concluída muito ao longe, para que as doenças não pudessem regressar.

Todos os moradores de Cusco saíam, então, da cidade, gritando e dançando. Cada clã avançava em determinada direcção até encontrar um curso de água, onde pudesse lançar os últimos germes das doenças.

Na noite seguinte, todos eles empunhavam tochas redondas, feitas de palha e tecidas à maneira de cestos. Tais archotes tinham a vantagem de serem de consumo lento. A caça às doenças nocturnas efectuava-se com essas armas crepitantes e fumarentas, cujos restos se lançavam às correntes.

Nada mais restava do que ofertar sacrifícios e dar início aos prazeres, de que a *chicha* nunca andava ausente, a fim de dignamente se celebrar o triunfo da saúde pública.

A GRANDE HABILIDADE DOS CIRURGIÕES

Parece que, em matéria de cirurgia, foi sobretudo a trepanação a mais praticada no antigo Peru. Alguns crânios encontrados nos túmulos apresentam, em muitos casos, marcas evidentes de trepanação — coisa que, aliás, não deve surpreender, dado frequentemente serem fendidos por golpes de clava, nos combates.

Para realizarem tal operação, serviam-se os práticos de um trinchete em forma de T, com a parte vertical a servir de cabo e com a parte superior e horizontal encurvada. Abriam a zona da caixa craniana por duas formas: ou cavando quatro sulcos direitos, recortados de forma a obter-se uma pequena superfície rectangular,

ou abrindo uma série de buracos, segundo uma curva fechada, e quebrando depois o osso entre esses buracos. Possuíam extraordinária habilidade, pois um dos crânios encontrados pelos arqueólogos apresenta vestígios de cinco trepanações, feitas em datas diferentes, e das quais só a última deixa transparecer sinais de infecção. [16]

Praticavam também amputações, como o atestam vários objectos de cerâmica. Muito estranhos eram alguns dos processos, como o dos agrafes vivos. Para unir os bordos de uma ferida, aplicava o operador formigas, que mordiam ambos os lados, ao mesmo tempo. Cortando-lhes a cabeça, nessa altura, as mandíbulas conservavam-se fechadas.

Obtinha-se a anestesia dos pacientes, na altura das operações, por meio da cocaína, tirada da coca e pondo-a em contacto com um poderoso alcalino — a *llipta* —, preparada com cinzas de *quinua* ou, como acontecia no litoral, com simples cal. [17] Um antigo objecto de cerâmica representa um guerreiro ferido, com uma bola de coca na boca.

O PROBLEMA DAS DEFORMAÇÕES DOS CRANIOS

Não constituía a cabeça objecto apenas de intervenções cirúrgicas. Inspirara a estética — que ocupava lugar de relevo nas preocupações dos Índios — a ideia das deformações dos crânios dos recém-nascidos, colocando-os entre pranchas, com o fim de os tornarem mais belos e de melhor os adaptarem à cobertura tradicional da região. Igual proveito advinha de tal prática para o sentido de beleza e para o gosto da racionalização. Esse costume, porém, não era pertença exclusiva dos Índios do planalto andino. De origem muito antiga, e geral em toda a América do Sul, adaptava-se ele perfeitamente às normas de uma civilização, que não recuava perante o que quer que fosse para impor ao indivíduo, desde o nascimento, a marca indelével da colectividade. É mesmo possível que *amautas* de inteligência invulgar hajam pretendido avançar demasiado nesse caminho e tenham tentado, por esse meio,

comprimir certas circunvoluções cerebrais, com o fim de criarem indivíduos de mentalidades determinadas. Pretende certo cronista Índio que o Inca utilizava tal processo para tornar os súbditos obedientes. [18] Tal seria o termo lógico de uma política de racionalização — o fabrico de escravos.

Distinguem-se seis tipos diferentes de deformações. Algumas cabeças achatavam-se como as dos répteis; outras, tomavam a forma de um pão de açúcar, apresentavam-se muitas alongadas ou alargadas. Tal prática vivia ainda, em pleno século XVI, na região do lago Titicaca. [19]

BELEZAS ARQUITECTÓNICAS

Como já tivemos ocasião de indicar, a propósito de vários edifícios, o sentido de beleza expressava-se magnìficamente na arquitectura. Neste aspecto, a perfeição dos resultados oferece extraordinário contraste com a simplicidade da técnica. Que grande habilidade não mostrava o Índio ao talhar a pedra no sentido desejado, estilhaçando-a por meio de aplicações alternadas de água a ferver e água gelada! Que habilidade não era necessária para cortar as rochas com grandes martelos de hematite, e que paciência para as furar, fazendo girar entre os dedos um bocado de madeira dura, de ponta revestida de areia e água. E que disciplina não havia de reinar entre esses operários que conseguiam fixar, nos locais desejados, ciclópicos blocos de pedra, sem utensílios, sem animais de tracção, sem a própria ajuda da roda, puxando-os com cabos fixos nas asperezas da pedra e fazendo-os rolar em cilindros, ao longo das rampas, a fim de os colocarem uns por cima dos outros!

Continua a manter-se de pé a questão de saber como se transportaram as lajes de pórfiro de Ollantay, quando é certo que a pedreira se encontra na margem oposta de uma ribeira. É verdade que alguns desses rochedos ficaram abandonados pelos caminhos, motivo por que são conhecidos, em quichua, pelo lindo nome de «pedras fatigadas».

Perguntam ainda os especialistas como teria sido possível proceder-se aos ajustamentos, cuja precisão maravilhosa já indicámos, sem prèviamente terem levantado uma série de plantas. [20]

Não há, por certo, nesses vários conjuntos, a leveza, a variedade, a fantasia, que provêm da inserção da madeira nos edifícios de pedra. Compunha-se a arquitectura incaica de superfícies compactas e relevos vigorosos.

«Era a terra cristalizada e tomada sob a forma geométrica», [21] perfeitamente ajustada ao espírito do escol, racional e planificador, enamorado do poder e da estabilidade.

Algumas diferenças existem, bem entendido, entre as estruturas dos monumentos. Eram as antigas habitações de Cusco circulares ou semicirculares, com pátio ovóide para cada grupo de duas ou três casas. Todas elas desapareceram por alturas da reconstrução efectuada por Pachacutec.

Na própria cidade nova, as muralhas eram de vários géneros. No tipo celular, as pedras de calcite, de forma irregular, possuíam superfícies convexas e ângulos e lados ajustados. No tipo chamado «de bastião», pedras rectangulares apresentavam saliências na face anterior convexa, quando as restantes faces eram lisas. Havia ainda um terceiro tipo de pedras de cantaria, rectangulares, de andesita, com as faces perfeitamente polidas e planas, como acontecia no templo do Sol. Finalmente, no tipo poligonal, as pedras de diorite apresentavam, nas junturas, ângulos de diferentes aberturas, a coincidirem perfeitamente com os outros. Não correspondiam, no entanto, todos estes tipos a uma ordem cronológica, sendo escolhidos segundo o critério de importância que se outorgava à construção. Tal é a razão de a mesma muralha possuir uma infra-estrutura «celular» e uma superestrutura de pedras rectangulares. [22]

Em todos os tipos reinavam, no entanto, determinadas características comuns: portas trapezoidais, de lintel monolítico, séries regulares de nichos, por vezes levemente inclinados para o interior, paredes mais largas na base do que no cimo, a fim de possuírem maior solidez em terrenos frequentemente abalados por tremores de terra.

Ao descrevermos Cusco, demos uma ideia daquilo a que poderia chamar-se, um tanto pretensiosamente, o urbanismo dos Incas. Adaptavam-se os técnicos às situações criadas pela disposição dos locais. Evitavam construir em terrenos próprios para o cultivo, visto saberem o quanto rareavam, e canalizavam os cursos de água exactamente como o haviam feito com aqueles que atravessavam a capital. Haviam construído, a poucos quilómetros de Cajamarca, uma piscina, alimentada por dois canais, um, de água fria, e outro, de água quente, natural, onde o imperador tomava banho, quando se encontrava na região. Foi no edifício erigido nas proximidades dessas termas que os companheiros de Francisco Pizarro encontraram Atahualpa. [23]

Todavia, nem todas as cidades das províncias obedeciam a essa regularidade. Todas as que não haviam sido construídas ou reconstruídas no reinado de Pachacutec, mas tinham sido edificadas espontâneamente, haviam fugido à planificação. No entanto, todas elas possuíam templos, armazéns públicos e, não raro, palácios e fortalezas. Algumas conseguiram até imitar a capital, de uma maneira ou doutra. Tal era o caso de Coyor — estranho aglomerado completamente empoleirado num soco circular de granito, cujo centro se encontrava assinalado por um mausoléu — e de Chuquilin, sua vizinha, ambas divididas também em quatro bairros. [24]

MARAVILHAS DA ARTE ÍNDIA

Muito melhor se mostrava ainda o apuradíssimo gosto dos Índios nos objectos de arte do que nos monumentos. Desenvolvera-se este graças ao hábito de se presentear o Inca, por ocasião das festas, e também àquele que o Imperador tinha de, por seu turno, presentear aqueles a quem pretendia recompensar. Volumes completos descrevem hoje as autênticas obras de arte encontradas nos túmulos e expostas nos museus.

Que maravilhoso conjunto de formas, desenhos e cores conseguiam realizar as altas personagens, que recebiam presentes das várias províncias do Império! Nada existe actualmente que possa

fornecer-nos uma pálida ideia desses conjuntos, pois as peças, que figuram nos museus, encontram-se inevitàvelmente agrupadas segundo as proveniências e não dispostas por forma a constituírem tais conjuntos.

PEÇAS DE MUSEU: AS CERAMICAS DE CHIMU

Oferecia Chimu as suas tapeçarias, feitas em liços verticais, com figuras geométricas, bem como as suas peças de cerâmica a duas cores, branco e ocre vermelho, de gargalos tubulares em forma de arco, encimados por um bico, direito e curto, por onde entrava e saía o líquido. Livre curso tivera a prodigiosa imaginação dos habitantes desse misterioso reino na modelação do barro. Aqui, uma figura regular, altaneira, lembrando a de um imperador romano, com a fronte cingida de uma faixa; além, um rosto negróide, de nariz achatado e grossos lábios, inquietante e hostil; mais além, um rosto de Índio, sorridente e enigmático. Muitíssimos vasos, com a forma de bustos humanos, apresentam cegos com tão extraordinário realismo que não esquece nenhuma das suas enfermidades — tumor no nariz, chaga nos lábios. Superabundantemente nos informam os artistas acerca das marcas deixadas pelas doenças, quando não acerca das marcas deixadas pelos castigos infligidos aos súbditos por impiedosos chefes. Todos os géneros de mutilações se encontram fielmente reproduzidos.

Frequentemente, são os animais que servem de modelos. O gargalo de certo recipiente engenhoso ajusta-se por tal forma que a serpente, que ele representa, assobia quando se deita o líquido; outro objecto de cerâmica, em forma de ave, gorjeia à saída do líquido que contém. Encontram-se cenas completas, esculpidas com a maior precisão: um curandeiro a apalpar o ventre de uma mulher deitada, um chefe, de enorme cabeça, a exercer justiça sobre um minúsculo súbdito, casitas a mostrarem os moradores no limiar das portas, duas mulheres, de crânios deformados, a transportarem uma terceira personagem em liteira, um atalho a subir

em torno da parede de um vaso, entre pumas, até um templo em miniatura. E seguem-se as intermináveis séries de bilhas em forma de frutos ou animais antropomórficos.

Que preciosos testemunhos tais vasos, tais tecidos e tais esculturas! Ideias e factos, crenças e pormenores da vida quotidiana — de tudo o artista se inspirou, sentindo, pensando, vendo e realizando. Agora realista, logo idealista, aqui, de uma crueza de expressão que roça pelo cinismo, além, de um exotismo, que dificilmente permite compreendê-lo, o artista torna-se, não raro, chocante, impressionante, mas nunca indiferente.

Claro que não há que pedir ao artista peruano, pertença a que civilização pertencer, nem conhecimentos de perspectiva, nem o sentido das proporções. Vai enchendo os espaços de que dispõe, modificando, se for caso disso, as formas dos objectos que reproduz. Afirmou-se já que ele possuía o horror do vago. Ama e compreende a decoração.

Consoante as regiões, ou se compraz no realismo, evocando as obras modernas e fornecendo ao estudioso do passado um autêntico documento, ou se mantém primitivo e ingénuo, fazendo lembrar as tentativas infantis dos jardins-escolas, ou se torna, ainda, geométrico, à força de estilização, e se embriaga de simbolismo.

Toda a fauna e flora, bem como todas as linhas rectas e curvas, desfilam à nossa frente. É no pano e na argila que se inscrevem todos os espantos e terrores dos Índios. Na floresta, dominam o jaguar e a serpente; no litoral, a centopeia, o espadarte e o tubarão; na zona intermediária, o condor, o falcão e o puma.

Em Chimu, as mais belas cenas não se encontram esculpidas, mas sim desenhadas. Evocam-se as festas da corte, as peripécias dos combates, os trabalhos dos campos, os ofícios, a pesca e a caça. Mensageiros, de cabeças curiosamente ornadas de cilindros, discos ou penachos, correm acompanhados de aves, que simbolizam a celeridade; guerreiros armados da cabeça aos pés lutam com felinos de proporções colossais, que parecem vencer; um chefe, sentado sob um dossel, recebe os convidados, vendo-se quatro filas de

travessas, cheias de vitualhas, a caminharem entre eles, fincadas nas suas pernazitas, e, mais ao longe, ânforas, também com pernas, a inclinarem-se, igualmente por elas próprias, sobre as taças, a fim de despejarem o precioso líquido, em tudo semelhantes a aves debruçadas a beber. [25]

Se apenas fazemos alusão aos objectos de cerâmica, é porque, realmente, foram eles os que mais serviram para os desenhos. No entanto, muitas cabaças foram também lindamente decoradas pelos artistas. Tais especialistas continuaram a exercer a sua arte, mesmo sob o domínio dos Incas, sem se deixarem influenciar pela ordem geométrica, que reinava em todo o Império. [26]

OS ESTRANHOS TECIDOS DE PARACAS

Ainda na costa peruana, mais longe, na direcção sul, Paracas era, para os têxteis, o que Chimu era para a cerâmica — fonte inesgotável de beleza, mas repleta de mistérios para os homens de hoje. Nos tecidos de algodão, de cores vivas e variadas, vêem-se, dispostos em simetria, homens bicéfalos, em forma de polígonos, pumas com cabeça humana e patas em forma de serpente, aves estilizadas, seres míticos sem nome, ondulantes e excessivamente ornamentados. Por toda a parte há olhos que espreitam e braços prontos a agarrar. Ordinàriamente, é o mesmo motivo que se reproduz, idêntico a si próprio, mas segundo um certo ritmo na distribuição. Umas vezes, tanto as figuras humanas como as felinas olham, alternadamente, para a esquerda e para a direita, quando essa mesma alternância não comporta duas filas verticais voltadas para a direita e outras duas para a esquerda. Acontece até que, na mesma fila, umas cabeças se voltem para a direita e as outras para a esquerda. Utilizam-se várias cores para cada um dos desenhos, variando ainda as mesmas de acordo com um plano de simetria, por vezes muito complicado. Um exemplo:

Se os desenhos da primeira linha horizontal possuem cores que correspondem a quatro combinações, os da segunda linha, dispostos em quincôncio, possuem as mesmas cores a partir

daquela que termina a linha precedente, e assim sucessivamente, até se obter a seguinte distribuição:

1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1
2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3
4 1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4
1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1 2
3 4 1 2 3 4 1 2 3 4 1 2 3

Escolhia o artista cores complementares, a fim de dar uma impressão harmoniosa, principalmente através do fundo e da franja: quando aquele é ocre vermelho, é esta verde mineral; quando o primeiro é amarelo, é violeta a segunda. [27]

OS ARTISTAS DE ICA E DE NASCA ESTABELECEM ENIGMAS

Os habitantes das cidades de Ica e Nasca, nos vales pouco afastados de Paracas, fabricavam tecidos e louças muito apreciados. Em Ica contentavam-se com o uso de três cores e compraziam-se em traçar figuras geométricas, simples e repousantes. Em Nasca, ao invés, utilizavam onze cores diferentes e, quando capazes de pintar, nos vasos de dupla abertura ou nos de grande gargalo, as tão ornamentais gregas, preferiam os assuntos mitológicos, de sentido nem sempre alcançado. Todas as suas imagens estabelecem um problema, transformando-se numa espécie de graciosa adivinha, que não chegamos a solucionar. O puma, de expressão feroz, bigodes eriçados, língua enorme e pendente, com pregos nas patas ou pregando cabeças cortadas, por certo que inspira o medo. Que pensar, porém, de um estranho ser com várias cabeças entrecruzadas, de um rosto humano em corpo de peixe e com a cauda formada por serpentes, de um quadrúpede com focinho de felino, corpo de ave e rabo de peixe, segurando nas patas uma cabeça mutilada — todos eles a fitarem-nos com olhos muito abertos?

Porque o olho é, afinal, o que mais nos impressiona. É o símbolo da divindade, que tudo vê. Por isso é que o artista, à maneira de Picasso, — mas não, evidentemente, pelo mesmo motivo — nem sempre o coloca no lugar que a Natureza lhe outorgou, mas sim na parte mais significativa do corpo, mormente no ventre, local da fecundação. Esse olho, extraordinàriamente estilizado, acaba por ficar só, ou quase só, às vezes cercado por linhas irradiantes, a perseguir-nos em todas as peças artísticas da religiosa Nasca, tal como o olho divino perseguia Caim. [28]

A CERAMICA E OS TECIDOS PROVINHAM DE TODAS AS REGIÕES

Muitos outros centros de fabrico possuíam a sua originalidade própria. Recuay enviava a Cusco os seus típicos vasos de argila branca, decorados com cenas em alto relevo, Chancay as suas bilhas de gargalos esculpidos em forma de rosto humano ou de animal ou ornamentadas com pinturas negras sem simetria. Bastante mais para norte, especializavam-se os Caras do reino de Quito, vencidos e submetidos, em trabalhos de ouro — alfinetes de grandes cabeças, peitorais, ornamentos da *estólica.* [29]

Na região do lago Titicaca modelavam-se vasos simples, do estilo a que hoje chamamos de Tiahuanaco, cilíndricos, de gargalo largo, não raro sublinhados por uma fita em relevo. Os desenhos, principalmente geométricos, de cor amarelo-alaranjada, vermelho-alaranjada, castanha, castanho-cinzenta ou branca, comportavam, muitas vezes, representações de divindades antropomórficas ou zoomórficas, mas nunca composições cénicas.

Bastante mais belas eram as urnas Calchaqui, da região noroeste da actual República da Argentina, lindamente decoradas. Era nas suas paredes — como também nalguns baixos-relevos — que, por vezes, surgiam figuras de divindades, chamadas plangentes, porque pequenas linhas traçadas por sob os olhos dão a impressão de lágrimas — interpretação, aliás, estranha e provàvelmente inexacta. [30]

Possuíam também os artistas de Cusco o seu estilo próprio, sendo excelentes na modelação dos *aryballes*, vasos de gargalo alto e bojo roliço, com base cónica, que duas asas colocadas na parte inferior permitiam levantar. À elegância da forma juntavam-se ainda a sobriedade da decoração e a discrição das cores. Alguns desenhos de fetos ou aranhas, umas que outras linhas geométricas, o emprego do negro, do branco e do ocre vermelho — eis ao que se reduzia a fantasia do autor dessas belas peças, dignas de figurarem nos nossos museus.

Finalmente, vinham de todo o planalto para a capital os tecidos da macia lã de vigonha, os xales franjados, os vestuários feitos com esmero, e provinham das florestas orientais os colares feitos de élitros de escaravelhos, de dentes de macaco, de grãos vermelhos ou amarelos, e os mantos de penas de aves, de lindos coloridos.

O SIGNIFICADO UTILITARIO DOS OBJECTOS DE ARTE

Por mais sensíveis que os Índios hajam sido à forma, parece terem procurado estabelecer-lhe, voluntàriamente, uma base racional. Bem frágil eco teve, entre os Índios, a arte pela arte. Os desenhos dos tecidos e dos barros são, simultâneamente, belos e vivos, feitos não apenas para serem contemplados, mas também para serem lidos e compreendidos. Claro está que, neste aspecto, não deve exagerar-se ao ponto de se pretender procurar uma significação em cada linha ou em cada cor. A fantasia não era uma palavra vã; mas o seu papel tornava-se secundário, dado o carácter utilitário que em todos os domínios imperava.

AS DANÇAS RITUAIS DO ESCOL

A semelhante estética, digamos estática, vem juntar-se a estética dinâmica. Entre os peruanos, era a dança muitíssimo apreciada. De carácter religioso, como todas as restantes manifestações

da existência, mantinha o seu significado ritual para o escol, embora tendesse a tornar-se profana entre o povo, como simples ocasião para o prazer e a devassidão. [31]

Dançava a família do Inca a *Way-yaya*, na grande praça de Cusco, formando-se duas filas, uma de homens e outra de mulheres, de mãos dadas. Por vezes, havia uma fila só. Avançavam os dançarinos, em cadência lenta, na direcção do soberano, dando dois passos à frente e um atrás, ao som de enorme tambor.

A dança da serpente mais não era do que simples variante da *Way-yaya*. Homens a um lado, mulheres a outro, seguravam com ambas as mãos um grosso cabo multicor, terminado em cabeça de serpente. O réptil ia, assim, ondulando por entre os vestuários brilhantes dos dançarinos, sob o olhar apagado das múmias, alinhadas a um dos lados da praça, e perante o soberano, tão digno e impassível como aquelas. [32]

Dançavam ainda os membros do escol por grupos de três, dando o homem cada uma das mãos a uma mulher, obrigando-as a voltear, sem as largar.

A MÚSICA E OS INSTRUMENTOS

Muitos eram os instrumentos músicos que marcavam o ritmo das danças. Ocupava, no entanto, o primeiro lugar a flauta vertical *(quena)*, de osso ou bambu, e cheia de buracos. Seguiam-se-lhe a flauta de Pã, feita com tubos de bambu, madeira, metal, penas ou barro, justapostos e de tamanhos diferentes, os tambores e os tamborins, feitos de pele de lama, as ocarinas, os guizos de cobre, prata ou cascas de favas muito grandes, a servirem de colares ou colocados à volta dos tornozelos, as trompetas de barro, madeira, cabaça ou conchas marinhas. Os Índios foram desde sempre afamados flautistas. Aliás, a sonoridade deste instrumento casa-se perfeitamente com o temperamento doce e melancólico do músico, sendo as músicas tanto mais melancólicas quanto é certo que são feitas em escala pentatónica e, em regra, em tom menor. [33] Por

vezes, tocam os músicos ao desafio, improvisando com notável sentido da tonalidade e da medida.

Na paisagem dos Andes manteve-se a flauta como a justa evocadora das vidas resignadas e das esperanças frustradas.

Os cânticos e as composições ritmados, mas nunca rimados, que encantavam os Índios no decorrer das festas, eram simples e ingénuos — ora poéticos, ora guerreiros, mas sempre religiosos. E assim se mantiveram. Nenhuma grosseria os deslustra nunca.

EXEMPLOS DE POESIA

Eis a tradução de duas poesias, a primeira das quais traduzida dos *Comentários Reais*, de Garcilaso de la Vega, que a apresenta, simultâneamente, em quíchua, em latim e em espanhol: [34]

Ó bela princesa,
o teu irmão
acaba de quebrar
o teu vaso.
E é por isso
que o trovão ribomba,
o relâmpago risca os ares,
e o raio tomba.
No entanto, é a ti, ó princesa,
que compete dar-nos a água,
obrigando a chuva a cair
e até mesmo
a provocar o gelo
e a neve.
O criador do mundo,
Pachacamac
Viracocha
criou-te
para te encarregar
dessa tarefa.

A segunda poesia, citada por P. A. Means, é de carácter totalmente diferente:

Pelo seu crânio havemos de beber,
e de enfeites nos servirão seus dentes;
com os seus ossos fabricaremos flautas,
e havemos de dançar ao som de um tambor feito da sua pele.

O TEATRO

Poesias, cânticos e narrativas ficaram a dever-se principalmente aos *amautas*. Tais sábios, no entanto, foram ainda mais longe, com tirarem partido do carácter de pantomima para que tendiam as danças indígenas. Evocavam estas cenas mitológicas ou mesmo, nas festas populares, factos históricos ou acontecimentos da vida diária, como combates ou trabalhos agrícolas. Inspirados em tais pantomimas, conceberam os *amautas* conjuntos de narrativas e danças, ou seja, de peças teatrais. Assim transformaram os dançarinos em actores.

Serviram as representações mímicas de factos históricos para se comemorarem acontecimentos gloriosos. Por ocasião das grandes festas, que se realizavam na altura do triunfo de qualquer imperador, costumava haver representações desta natureza nas ruas de Cusco, tendo por assunto principal as batalhas em que o soberano tomara parte, e destinando-se a dar a conhecer, muito melhor do que uma simples narrativa o poderia conseguir, as façanhas dos Peruanos.

Do mesmo modo se procedia nas cenas representadas por altura das exéquias do Inca, em que se reproduziam os principais acontecimentos da vida do monarca falecido — lições de história ao vivo, embora demasiadamente parciais.

De todas as peças teatrais, uma só chegou até nós, e, ainda assim, possìvelmente alterada em sua forma primitiva pelo Espanhol letrado que a recolheu e escreveu. Pensa-se hoje que esse escritor, excelente conhecedor da língua quíchua, haja sido um

Índio, de nome espanhol, Espinoza Medrano, chantre e arcebispo da catedral de Cusco, famoso orador, filósofo e teólogo, que viveu entre 1632 e 1688. [36] É, no entanto, a essência do drama de incontestável origem antiga, sendo todos os Americanistas concordes em fazê-lo remontar ao tempo dos Incas.

A TRAGÉDIA OLLANTAY

Tal é o enredo desta tragédia: Em Cusco, no reinado de Pachacutec. Na praça principal, o valente general Ollantay, um dos mais gloriosos chefes do exército do Império, conversa com o seu pagem «Pé-Leve» acerca do seu amor por uma filha do Inca supremo, chamada «Estrela da Alegria», facto que permite a ambos os interlocutores certas comparações, poéticas num, chistosas no outro, com os brilhantes astros da noite. Verifica «Pé-Leve» que o amo se precipita numa perigosa aventura, enchendo-se de inquietação. Surge o grande sacerdote a esforçar-se no sentido de demover o general dos seus propósitos amorosos, propondo-lhe que os vá contar ao soberano, logo que se capacita de que os seus esforços são em vão. Eis-nos, em seguida, transportados para o palácio, onde Estrela da Alegria confia à mãe o seu amor por Ollantay, queixando-se de o não poder ver. Chega, então, o monarca, manifestando a sua afeição pela filha e estranhando vê-la tão triste e lacrimosa. Começam, nesse instante, cânticos e danças, que se prolongam até ao momento em que Estrela da Alegria solicita que a deixem só, recomeçando a chorar.

Noutra sala do palácio discute o Imperador, com os generais Ollantay e Olho-de-Pedra, um plano de campanha para suspender o avanço de um exército inimigo, vindo da região de Chayanta, na parte meridional do Império. Pretendia, antes do mais, conseguir uma submissão pacífica, mas ambos os guerreiros se mostram impacientes por combater. Aproveita-se Ollantay da conversa para solicitar do monarca que o receba a sós. Uma vez realizado esse desejo, recorda ao soberano as suas façanhas e lança-se-lhe aos pés, proclamando o seu amor por Estrela da Alegria. Irritado,

respondo-lhe o soberano com uma recusa brutal — «Lembra-te de que não passas de simples vassalo!» — e convida-o-a-retirar-se.

Em local indeterminado, extravasa Ollantay toda a sua cólera e medita na vingança. Chega Pé-Leve com a notícia de que Estrela da Alegria e sua mãe desapareceram do palácio e que homens armados as procuram. De novo se ouve um cântico. No palácio, Pachacutec toma-se de enorme irritação por ninguém haver conseguido encontrar Ollantay, que ele mandara prender. Chega, então, um mensageiro do vale de Urubamba, com um *quipu*. Olho-de-Pedra interpreta esse cordão de nós: Ollantay foi coroado. Confirma o mensageiro que esse general traidor foi proclamado imperador pelos habitantes do vale. Olho-de-Pedra é incumbido de, à frente de cinquenta mil homens, ir prender o revoltoso.

Mudança de cena. Eis-nos, agora, em Tambo, na fortaleza, entre os partidários de Ollantay, que o aclamam e se preparam para rechaçar os de Cusco. Traça-se um pormenorizado plano de defesa: os lugares das tropas são indicados com todos os nomes dos locais. Deixar-se-á que o inimigo penetre num desfiladeiro, após o que os soldados, escondidos nos cumes e ao longo dos declives, farão rolar enormes rochedos sobre eles, enquanto outros lhes barrarão a retirada.

Passa-se a cena seguinte logo a seguir à batalha. Olho-de-Pedra lamenta-se, pois nem sequer lhe foi dado encontrar um só adversário, os seus soldados foram esmagados sob uma avalanche de pedras e ele próprio se viu obrigado a fugir.

Os diálogos, que se seguem na peça, travam-se no interior do palácio das mulheres escolhidas. Nessa altura, entra em cena uma jovem, de nome Bela, a quem uma das companheiras e, depois, uma das matronas, procuram persuadir a que entre nessa casa. Só mais tarde se há-de vir a saber que a jovem é o fruto dos amores havidos entre Ollantay e Estrela da Alegria e se há-de compreender, por isso mesmo, que o general mantivera relações com a amada — o que, apesar de tudo, só pode deduzir-se de algumas frases trocadas entre a jovem e a mãe. A tessitura do drama é, neste aspecto, deveras estranha.

O encontro entre o grande sacerdote e Pé-Leve, numa ruela de Cusco, logo a seguir, destina-se manifestamente a informar-nos de que morreu o grande Pachacutec e lhe sucedeu no trono Tupac Yupanqui. De facto, leva-nos o autor a assistir à breve recepção dada pelo novo monarca, na sala do trono, a qual se reduz a algumas palavras do imperador, a uma predição favorável do grande sacerdote e a uma censura do soberano a Olho-de-Pedra. Compreende-se, entretanto, da resposta do general vencido que ele prepara a sua desforra e, da intervenção do sacerdote, que ela será ruidosa.

Olho-de-Pedra usa de uma artimanha. Apresenta-se diante da fortaleza tomada pelos revoltosos, todo coberto de ferimentos. Solicitada audiência a Ollantay, explica-lhe que Tupac Yupanqui, herdeiro do trono, não passa de um tirano feroz, que, em castigo da derrota sofrida em frente de Tambo, o entregou aos carrascos, que o puseram em tão lastimoso estado. Ollantay acolhe o fugitivo, ordenando que tratem dele.

Nova e brusca mudança. Bela sabe pela companheira que sua mãe foi encerrada numa cave, consegue encontrar-se com ela e dizer-lhe algumas palavras de terno amor filial.

Regressamos ao palácio imperial. O grande sacerdote informa o soberano de que Tambo se encontra em chamas. Chega um mensageiro, com um *quipu*, a confirmar a vitória e a pormenorizar os factos. Encontravam-se os soldados do Inca escondidos nas cavernas das montanhas; e, no momento combinado com Olho-de-Pedra, quando Ollantay e as tropas festejavam o Sol, entregues a geral embriaguez, entraram sem ruído para dentro das muralhas, durante a noite. Surpreendidos, os inimigos foram capturados e o próprio Olho-de-Pedra amarrara Ollantay de pernas e braços. E o mensageiro conclui: «Os dez mil prisioneiros depressa chegarão a Cusco.»

Em breve se apresenta o próprio Olho-de-Pedra, recebendo as felicitações do Imperador. Surge, então, Ollantay, amarrado, o qual se limita a dizer: «Nada me perguntes, pai, porque os meus crimes me sufocam». Tupac Yupanqui interroga o grande sacerdote e o próprio Olho-de-Pedra: «Que castigo merecem estes revoltosos?» Reclama o general a pena de morte, enquanto o sacerdote

se inclina para a clemência. Ordena, então, o monarca que retirem as cordas, que amarram os vencidos, e, dirigindo-se a Ollantay, entrega-lhe a chefia deles. Soluça o culpado desabaladamente, clamando o seu reconhecimento. Quer o próprio imperador dar-lhe esposa; mas o general responde que já é casado. Admira-se o soberano de nada ter sabido a esse respeito. Neste comenos, surge Bela a lançar-se aos pés do Imperador, solicitando-lhe a libertação de sua mãe, encerrada numa caverna, onde vai morrendo lentamente. Cada vez mais espantado, ordena Tupac Yupanqui a Ollantay que para aí se dirija e ele próprio vai, mais tarde, ao local, a instâncias da jovem.

É à porta da caverna que, de novo, os encontramos. Ollantay liberta sua mulher e a peça termina no meio da alegria geral.

Não há dúvida de que a urdidura de tal peça se torna, por vezes, desconcertante. Algumas situações só tardiamente se explicam, e há cenas que dão uma impressão de desequilíbrio, de falta de nexo. Há assuntos essenciais desenvolvidos em poucas frases e outros, sem importância, que atingem enorme desenvolvimento. Dez anos decorrem entre o princípio e o fim, sem que a gente se aperceba sempre desse espaço de tempo. Acreditar-se-ia, aqui e além, em inversões de cenas ou em lacunas — o que, aliás, é muito possível.

Afora isso, porém, os caracteres das personagens são muito bem dados, a tensão dramática é felizmente cortada, por instantes, pelas intervenções chocarreiras de Pé-Leve, os guerreiros possuem grandeza e as mulheres têm certa graça. Claro está que muitas das ideias expressas estão em conformidade com a mentalidade índia. [37] Pachacutec mostra-se duro e obstinado, como convém a um monarca, cujo poder assenta numa regulamentação tirânica, que nenhuma modificação deverá sofrer. Os restantes intérpretes, porém, poderiam pertencer aos tempos actuais. Olho-de-Pedra é um soldado brutal e cruel, Pé-Leve mostra-se tímido e astuto, Estrela da Alegria desmpenha, sem qualquer desfalecimento, o papel da grande amorosa e, finalmente, Ollantay deixa transparecer o brilho das paixões violentas, sem quaisquer cambiantes. [38]

O conjunto da peça causa uma profunda impressão. Ao leitor,

surpreendido, lícito será perguntar como foi possível que um povo, que desconhecia a roda e a escrita, tivesse conseguido chegar a tão elevado nível de cultura. [39]

UM CONTO E UMA FÁBULA

Se é certo que o teatro nos é revelado através de uma só peça, conservou o rico folclore peruano, em contrapartida, várias narrativas, cujo carácter pré-colombiano é admitido por vários especialistas. Eis uma delas, a qual traz para a luz, não apenas os homens, mas também a natureza, de acordo com o costume dos Índios de outrora. Intitula-se o conto *O Irmão ambicioso:* [40]

«Existiam dois irmãos que, com as respectivas mulheres e filhos, pertenciam à mesma comunidade. Era um rico e o outro pobre. Um dia, em que o rico, rodeado de inúmeros convivas, festejava o «corte do cabelo» de um dos filhos, surgiu o irmão pobre.

«Ao vê-lo, inquire certo conviva: — «Não é o teu irmão? Porque não o convidas a entrar?» — «Esse homem não passa de um criado» — responde o rico. Ouve-o o pobre. Cheio de mágoa pelo desprezo assim testemunhado pelo próprio irmão, decide abandoná-lo e parte, como era seu costume, em cata da erva, que servia de alimento à sua família.

«Pára, para descansar, no cimo de uma colina, em plena *puna*, lamentando o seu infortúnio. Ouve, então, a *puna* a falar consigo, procurando consolá-lo e indicando-lhe um caminho que o havia de conduzir a uma caverna. Segue essas instruções e vai encontrar um velho, que lhe entrega uma pedra, dizendo-lhe que regresse a casa com ela e não a largue sob nenhum pretexto.

«Mete-se o pobre a caminho, ràpidamente; mas o tombar da noite sombria força-o a parar. Refugia-se numa gruta, sempre com a pedra aos ombros. Não conseguia adormecer, porque tinha fome e se sentia desgraçado; mas, enquanto dormitava, ouviu uma conversa entre a colina, a *puna* e o pampa.

«Perguntava a *puna* à colina porque era que o homem cho-

rava. — «É um pobre que chora porque o irmão, que é rico, o despreza.»

«Por seu turno, perguntava o pampa: — «De que se queixa esse desgraçado?» — E respondia a colina: — «Do seu irmão que, sendo rico, o deixa morrer à fome.»

«— Se assim é, dar-lhe-ei papas de milho branco.»

«— E eu, de milho escuro» — clamava a gruta.

«— E eu, de milho amarelo» — declarava a colina.

«Acorda o pobre em sobressalto e encontra ao lado três marmitas de papas. Come àvidamente, embora guardando um pouco do conteúdo para a família. Em seguida, cai num sono profundo.

«Ao raiar do dia, quando se dispunha a seguir o seu caminho, verificou que não lhe era possível levantar o fardo, de tal forma este se tornara pesado. Com surpresa verifica, ao fixá-lo atentamente, que as papas de milho amarelo se haviam transformado em ouro, as de milho branco, em prata, e as de milho escuro, em cobre.

«Enterra uma parte dessas riquezas e dirige-se alegremente para casa, onde conta à família o que lhe acontecera.

«Ao ver que o irmão enriquecera tão bruscamente, acoima-o o rico de ladrão. Para provar a sua inocência, conta-lhe o novo rico a sua aventura, por essa forma despertando a cobiça do irmão que, logo na noite seguinte, parte para a caverna, onde encontra o velho, que lhe entrega também uma pedra. Adormece, por sua vez; mas a colina arma-o de chifres, o pampa enche-lhe o corpo de pêlos e a *puna* enfeita-o com uma cauda. Acorda completamente transformado.

«Chegado a casa, recusa-se a mulher a reconhecê-lo e açula os cães contra ele. Desde essa ocasião, transformado em animal, corre através dos pampas e das *punas*.»

Veja-se um exemplo de fábula, que, à semelhança da maioria das fábulas de origem índia, apenas sugere uma moralidade, sem a enunciar. Trata-se de *A Borboleta Nocturna*:

«Feliz vivia certo casal, com o seu filho.

«Fazia o marido várias viagens, deixando a mulher banhada em lágrimas e a passar as noites velando e fiando.

«Certa noite, em que não conseguia adormecer, pergunta a criança à mãe o que era aquilo que andava a voar e a quem ela falava. Por única resposta, diz-lhe a mãe: — «É o meu amante, o meu afectuoso amigo, que vem fazer-me companhia.»

«Regressa o marido, em certa ocasião em que a mulher havia saído. Conversa com o filho, e pergunta-lhe que costumava fazer a mãe, quando ele se encontrava ausente. Responde a criança que o amante da mãe vinha vê-la todas as noites, e ambos ficavam acordados até tarde, conversando.

«Mal acaba de ouvir essas palavras, logo o marido se dirige ao encontro da mulher, ferindo-a e matando-a.

«Certa noite, de espírito ausente e enfronhado em suas recordações, fixava ele o morrão, que iluminava a sala, quando a criança, repentinamente, começa de gritar: «Olha o amante da mãe, o «seu companheiro» —, apontando para uma borboleta, que costumava vir ali, quando a mãe velava.

«O marido verifica, então, o seu erro e, desesperado, morre de desgosto.»

TERCEIRA PARTE

A VIDA DO POVO

CAPÍTULO I

A VIDA RELIGIOSA

A MULTIDÃO DOS ESPÍRITOS À ESPREITA

Sabe-se que o homem do povo não possui concepções iguais às dos membros do escol. Análogas são, porém, as práticas do culto, apenas um pouco mais formalistas, mais rígidas, mais mesquinhas. Toda a existência se mantém fechada dentro de uma rede de ritos, que exigem uma atenção constante. Aquilo a que nós chamamos espíritos, quer dizer, os objectos inanimados, as forças da natureza ou as entidades, presenças supostas e distintas das coisas, formam uma exigente multidão, que não tolera nem indiferenças, nem distracções. Digno de nota é o facto de, ainda hoje, nenhum Índio jurar ou blasfemar, pela simples razão de que, inevitàvelmente, haveria de ser ouvido e, desde logo, punido.

Nessas condições, todas as circunstâncias, ainda as que se antolhem como mais insignificantes, se revestem de um valor indicativo: — a entrada de um morcego em casa, a presença de uma espiga dupla de milho, durante a colheita, um silvo de origem desconhecida... Necessário se torna pôr logo em acção os sistemas defensivos: — dançar toda a noite, a fim de afastar para bem longe o mau presságio, tendo o cuidado de cantar certas canções, brandir armas para evitar o granizo, lançando gritos selvagens, e mil outros procedimentos conformes com a tradição. [1]

É evidente que o sonho, por bem pouco compreensível que seja, se considera como premonitório. Quando a mulher grávida sonha com serpentes, o filho será rapaz; quando sonha com sapos, será rapariga. Todo o perigo está sòmente em os animais serem vistos distintamente nos sonhos, caso em que o recém-nascido não poderá deixar de vir a assemelhar-se-lhes. [2]

Que de precauções a tomar, pois, para não descontentar nenhuma das entidades que nos rodeiam! Que de cuidados para se satisfazerem as reciprocidades! Antes de se dar início a qualquer trabalho agrícola, bom é espalhar-se coca e *chicha* no solo, a fim de o incitar à produção de boas colheitas, para se restabelecer o equilíbrio. Exige a simples cortesia que, antes de se atravessar uma corrente, se beba um pouco de água, pedindo-se-lhe, delicadamente, que autorize a passagem. Prudente é ainda dirigir-se uma oração ao espírito desconhecido que pode ocupar a gruta onde se pretende entrar, para se não provocar o seu descontentamento, bem como lançar uma pedra à garganta da montanha, a que se trepou, como simples preito de homenagem. Ainda hoje se podem ver montes de pedras *(achachila)*, que se atiraram nos pontos mais altos dos caminhos, e os quais vão continuando a aumentar. [3]

Em casos de aflição, é normal o apelo às divindades tutelares, necessário se tornando, no entanto, saber escolher a mais eficaz, exactamente como ainda hoje certos povos latinos da Europa procedem com os santos especializados na procura dos objectos perdidos ou na cura de certas doenças.

Ainda actualmente, em Ayacucho, nos casos de roubo, a vítima sobe a um determinado cume, cujo espírito é, por sem dúvida, grande defensor da propriedade individual, a fazer-lhe oferendas.

O Índio do povo, no entanto, sente-se mais próximo das suas divindades familiares do que dos poderosos ídolos entronizados nos templos. Os penates, as *conopas*, são as suas coisas pessoais, que ele expõe num nicho da própria habitação ou envolve cuidadosamente em trapos velhos, de onde os tira para lhes dirigir

invocações. De tempos a tempos, vai mesmo ao ponto de lhes oferecer presentes.

Nem a própria natureza íntima das coisas se despreza. Dissemos já que um pequeno lama de barro, côncavo, se acha instalado num nicho, onde se colocam grãos de milho. Todas as entidades possuem gostos definidos. E também neste aspecto se legam de pais a filhos os conhecimentos ancestrais. Efectivamente, sabe-se, por exemplo, que a *chicha* é muito apreciada no mundo dos invisíveis, mormente quando misturada com *espingo* — uma planta da floresta, de gosto muito acre. [4]

Conservavam — e conservam ainda — os Índios uma grande quantidade de talismãs: — favas pretas e vermelhas, dos vales tropicais, figurinhas de homens, animais, milho, batatas, pedras — sobretudo a *bezoar*, cálculo que se forma no quarto estômago do lama, e cujo potencial mágico se considerava muito grande.

Entre os Aimarás, a *suástica* figurava entre o número dos objectos considerados como mais eficazes.

A MULTIDAO DAS *HUACAS*

Fora da choça, onde reinavam as *conopas*, era o culto das *huacas* que absorvia a maior parte do tempo que o Índio não consagrava ao trabalho. É espantoso o tamanho da lista das *huacas*, que figura na volumosa obra do padre Bernabé Cobo. De tudo existe, entre elas: cumes, rochedos, fontes, ribeiras — e até mesmo o lago Titicaca e a própria casa do Inca, em Tambomachay. As pedras sagradas são particularmente numerosas. Em Machu Pichu, cada bairro possui uma pedra sagrada por centro religioso. A nona *huaca* do caminho de Chinchasuyu conta nada menos do que cinco pedras. [5] E não é menos verdade que muitas lendas falam de homens transformados em pedras.

Através da leitura das crónicas, verifica-se que o sentido da palavra *huaca* era pouco preciso. Davam os Peruanos semelhante designação a tudo quanto fosse susceptível de encarnar em qualquer objecto — e até, por extensão de sentido, ao próprio objecto

em si. O difícil é saber-se se o termo conseguiu atingir a generalidade expressa pelo *Mana* indonésico — força impessoal e indiferenciada, «eficiência» que se exterioriza em todas as manifestações do Cosmos, que actua à distância e é transmissível, poder vital «que carrega os acumuladores humanos», e cujo contacto pode tornar-se perigoso, motivo por que se criaram os *tabus*.[7] Já na época pré-colombiana a *huaca* começara a degenerar. Há quem cite uma *huaca* chanca, constituída por um vaso vestido com fatos femininos, todos eles presos com alfinetes de ouro. A palavra acabou por designar uma sepultura e até por se transformar em simples *indicação topográfica*.[8]

A principal oferenda feita às *huacas* constava de *chicha*. Sabemos já qual era a maneira de rezar do Índio. Muitas vezes, porém, contentava-se com uma simples invocação, seguida da elevação da mão aberta na direcção do lugar sagrado. Nunca se ajoelhava.[9]

Tão frequentes e tão dispendiosas eram as oferendas para um país pobre que, necessàriamente, tiveram que sofrer determinada evolução. Mantinham-se imutáveis os ritos, mas os objectos ofertados iam sendo reduzidos, até se transformarem, por último, em modelos tão reduzidos que se tornavam impróprios para qualquer uso. Tais reproduções miniaturais foram encontradas nos túmulos, onde o costume impunha que se depositassem os objectos necessários à vida do Além. Pouco a pouco, foi a economia prevalecendo sobre a religião e a realidade cedendo perante o símbolo.

OS EXTRAORDINÁRIOS PODERES DOS FEITICEIROS

Não surpreende que, num país em que o natural e o sobrenatural andavam tão intimamente ligados, os feiticeiros houvessem gozado de enorme importância. No seu manuscrito, repleto de pitorescos desenhos, fornece-nos Poma de Ayala preciosa informação a tal respeito. Graças a ele, podemos assistir à aparição do «demónio do fogo», com chifres e garras compridíssimas, bem como a uma operação de magia, desenvolvida nos seguintes três

tempos: — o sonho, a interpretação do «demónio do fogo» e a aspiração da doença, por sucção, com a ajuda do demónio — neste caso, mais a desempenhar o papel de anjo, — sendo o feiticeiro apresentado no meio de uma verdadeira colecção de animais — aves, répteis, borboletas, etc.[10]

Existiam várias categorias de feiticeiros, algumas delas especializadas: o curandeiro, o fazedor de feitiços, especialista de casos amorosos, que vendia as ervas destinadas a fazer surgir os sentimentos do amor e o fruto de que a simples presença bastava para afastar os pretendentes demasiado solícitos.[11]

Actualmente, consideram-se o missionário e o engenheiro em tudo semelhantes a esses mágicos pelo que se tornam temidos e objecto de desconfiança, nas aldeias mais atrasadas do planalto andino.

Atribuíam-se os mais altos poderes a esses indivíduos, capazes — ao que se pensava — de se transformarem em animais e de se dissociarem deles próprios. Podem as diferentes partes do corpo tomar vida própria, em conformidade com os desejos do indivíduo e até, por vezes, sem que este de tal se aperceba, produzindo-se o curioso fenómeno sempre durante o sono. Aproveita-se o feiticeiro desta possibilidade para enviar a cabeça ao sítio que deseja. Se se trata de mulher, a cabeça voa, servindo-se dos cabelos como se fossem asas e lançando um silvo que provoca arrepios de medo. Se se trata de homem, a cabeça caminha aos saltos, produzindo um ruído seco e ritmado, chamado *tactac*, por onomatopeia.

Ainda hoje se cita o caso de um Índio que, ao entrar, de noite, em casa de um vizinho, para lhe pedir um remédio, apenas encontrou o tronco deitado no chão, sem que a mais pequena gota de sangue pudesse levar a pensar em decapitação. Passado pouco tempo, ouviu o *tactac* característico do voo da cabeça.

Mais espantosa é, no entanto, a história daquele Índio que, sem saber, casara com uma feiticeira. Certa noite, verificou que apenas o tronco da mulher se achava deitado a seu lado. Furioso, cobriu-o com um pano. Como a cabeça, ao regressar, não soubesse

onde fixar-se, vingou-se com pousar no ombro do marido, que desde logo se transformou em bicéfalo.[12]

Quando o curandeiro não consegue dar remédio à doença por meio de drogas e encantamentos, lança mão do hipnotismo. Posta-se em frente do doente, fixa-o bem nos olhos, recita orações, lança imprecações contra a doença, corre as mãos pelos cabelos e pela fronte do doente, e, em seguida, por todo o corpo, sempre com a maior doçura, como para recolher fluidos, e acaba por sacudi-las, a fim de lançar para bem longe aquilo que conseguiram captar.[13]

O FEITIÇO

A mais temida operação mágica é o feitiço. Começa pela identificação da vítima com um objecto que a represente, ou mais exactamente, que a encarne, — uma boneca grosseira ou um animal, principalmente o sapo. A boneca é feita de trapos e deve conter «pertences» da vítima: — cabelos, bocados de unhas ou excrementos. O sapo é por igual envolvido em trapos. Após as orações e os esconjuros, agarra o feiticeiro em espinhos e vai picando o objecto no sítio onde pretende que a dor seja sentida pela vítima. Deve ter a firme intenção de provocar a doença, ou, por outras palavras, deve desejar ardentemente o fim que se propõe atingir. Particularmente digna de assinalar é essa condição, pois constitui a força espiritual que entra em jogo e contribui para o bom êxito da transferência do mal.

Terminadas estas operações, toma o feiticeiro o objecto, abandona a choça, sem olhar para trás, e vai depô-lo, quando lhe é possível, na morada da vítima. No caso de impossibilidade, coloca-o em local onde esta costume passar, ou atira-o simplesmente para cima do tecto da sua choça.

Quando a vítima se apercebe de que está a ser objecto de feitiço, chama outro feiticeiro, o qual se entrega a invocações e rezas, percorrendo a casa da vítima, em todos os sentidos, até descobrir a boneca ou o sapo, lançando-os depois à água corrente.

Pode ser vantajoso avisar-se a vítima de que irá ser enfeitiçada, dado que, dessa maneira, pode tomar-se de um terror tal que venha a provocar-lhe a auto-sugestão propícia a transformá-la em «colaboradora do próprio carrasco».[14]

No litoral, o feitiço com prisão consiste em encerrar o espírito da vítima num vaso, fazendo-o passar, em seguida, para o corpo de um animal, que é martirizado.

O CONHECIMENTO DOS ASTROS

Parece qe o astrólogo, tido por sábio, ocupava um escalão superior na hierarquia dos mágicos. Existia, contudo, uma astrologia popular, da qual pouco sabemos.

Conta Poma de Ayala que os deuses viviam, outrora, na Terra, onde mudavam de natureza, imprecisos no «protoplasma ideológico», em que tudo se confundia. Depois, subiram ao céu, por assim dizer, onde se identificaram com as estrelas. Daí, a importância do estudo destas.

Tais divindades transformam-se, voluntàriamente, em animais idealizados e dotados de poderes sobrenaturais e também, embora mais raro, em heróis humanos. Além de que, não é verdade que as estrelas apresentam, por vezes, formas de animais? As Pléiades tornam maravilhosamente presente certa divindade suprema, que se manifesta através do raio e é capaz de devorar o Sol e a Lua (eclipses). A serpente constitui a mais exacta representação linear do relâmpago; o condor simboliza o Sol, porque o Índio chegara à conclusão de que tais aves protegiam o astro diurno; o peixe, mais discreto, é o símbolo da Lua. Oriente torna-se o lama que todas as noites desce do firmamento para matar a sede no mar, impedindo ainda que as águas do Pacífico transbordem e inundem a terra.

Uma das mais célebres lendas da floresta, a dos gémeos, transposta para certas regiões do planalto, explica a formação do Sol e da Lua.

Certa Índia, que simboliza a mãe-terra, a natureza, a fecundidade, dá à luz dois gémeos de sexos diferentes. Ora é a mulher

do deus Pachacamac, ora a de um deus felino — o jaguar. Na primeira versão, o marido afoga-se no mar, transformando-se em ilha. Através da noite, que reina sobre a terra, parte a viúva até encontrar a caverna de um espírito maléfico, chamado Wa Kon, o qual tenta seduzi-la. Não o conseguindo, acaba por devorá-la. Na segunda, é o jaguar que devora a infeliz. Os gémeos são salvos, quer pela família da raposa, astuciosa como é de preceito, que faz tombar o miserável num abismo, onde encontra a morte, quer pela mãe do jaguar, que os esconde numa cabaça, num novelo de algodão ou noutra coisa qualquer, até ao dia em que uma ave denuncia o crime às crianças, já crescidas, acabando estas por matar o monstro. Em ambas as versões os gémeos acabam por subir ao céu, por vezes servindo-se, muito poèticamente, de uma corda, e por se transformarem, um no Sol e outro na Lua, astros benfazejos e protectores da humanidade. [15]

Dirigia-se o Índio de melhor grado à Lua do que ao Sol. Parecia-lhe aquela mais familiar, mais acessível e também menos uniforme e rígida do que este. Era o Sol o deus oficial, contemplado com o maior número de templos, mantendo-se imutável, sempre igual a si próprio. A Lua, pelo contrário, era mais doce, mais feminina, e mudava frequentemente de aspecto. Cada uma das suas fases possuía um significado. Imprudente seria aquele que semeasse, quando ela se aparentava cheia, mas bem-avisado andaria quem se apressasse a rezar-lhe e a oferecer-lhe presentes, quando mostrasse à volta uma auréola avermelhada, sinal de desgraça.

A MÃE-TERRA

Mais adorada ainda do que os astros, por esse povo de agricultores, era a Terra: Mama Pacha, a mãe-Terra, a grande nutriz. Enterravam-se mesmo pedras nos campos, a fim de se tornarem fecundos. Noutros sítios, esculpiam-se animais perigosos, para se tornarem inofensivos, como acontece com a pedra Ysella, na região de Ayavaca, onde se encontram representados vários répteis, muito abundantes nas vizinhanças. [16]

DUAS ORAÇÕES

Legou-nos o folclore algumas orações populares. [17]

Ó Criador! Tu, que te encontras por toda a Terra e não tens quem te iguale; Tu, que deste o ser e a alma aos homens, dizendo a cada um «Sê tal homem», e a cada mulher «Sê tal mulher»; Tu, que, ao falares desse modo, os criaste, formando-lhes o espírito e dando-lhes a existência, — protege-os para que eles possam viver a são e salvo, ao abrigo do perigo e sempre em paz! Onde estás Tu? No alto do céu ou, mais abaixo, no ribombar dos trovões e nas nuvens das tempestades? Escuta-me, responde-me, sê-me propício! Dá-nos a vida eterna e ampara-nos. E recebe esta oferenda, onde quer que te encontres, ó Criador!

E ainda estoutra, que faz menção do soberano:

Ó Criador! Que os súbditos do Inca, esses povos que se lhe submeteram e o servem, possam viver em segurança e paz sob o reinado do teu filho Inca, que Tu nos deste por soberano! Concede que, enquanto durar o seu reinado, se multipliquem e se encontrem a salvo, que essa época lhes seja próspera, que tudo se multiplique — campos, homens e gados — e esteja sempre sob a tua protecção o monarca, a quem deste a vida, ó Criador!

Na maioria das orações, até nós chegadas, e cuja origem continua a ser desconhecida, surgem sempre as mesmas ideias, e até as mesmas palavras, apenas dispostas em ordem diferente. Limitado se apresenta o vocabulário, neste domínio; e alguns termos, constantemente repetidos, parece possuírem um valor especial, mágico, com certo poder sobre o objecto da oração.

CAPÍTULO II

A VIDA FAMILIAR

A natureza avara do planalto andino despertou extraordinàriamente o engenho do homem. Adquirira o índio um grande conhecimento das plantas, domesticara seis espécies de sementes, sete espécies de frutos, quatro raízes ou tubérculos e dois condimentos.[1] Desde há muito, porém, que essa adaptação terminou. «Nenhum país do mundo» — escreve um historiador contemporâneo — «conquistou mais espécies vegetais, e de tão grande valor nutritivo, como o Peru.»[2]

A ALIMENTAÇÃO DO ÍNDIO

Enumerámos já os principais animais e vegetais que existiam, outrora, no planalto andino. As substâncias alimentícias, por eles fornecidas, preparavam-se por forma a permitir a sua conservação. Para se evitarem surpresas, importava, acima de tudo, constituir depósitos domésticos, na previsão de mudanças próprias das estações. Com esse fim se transformavam em farinha os grãos de milho e *quinua*, se reduziam a *chuño* os tubérculos, se coziam em duas ou três águas e se expunham a secar ao sol muitas ervas, sob o nome genérico de *yoyo*. Conservavam-se todos esses géneros em

talhas, em arcas feitas de caule de milho ou, na falta destas, em covas profundas cavadas na terra.

Para moerem o grão, esmagavam-no os Índios numa laje chata com uma pedra semicircular, segura pelas extremidades, e fazendo-a girar, alternadamente, para a direita e para a esquerda.

O *chuño*, cuja preparação já indicámos, tanto se podia fazer da batata como da *yuca* ou da *oca*.

Em princípio, não deviam matar-se os lamas, os quais serviam, exclusivamente, para fornecerem a lã e serem usados como meios de transporte.

Apenas restavam as cobaias domésticas, que só após doze horas de mortas se podiam comer, e a caça abatida com autorização dos funcionários. Toda a carne se cortava em tiras, depois do que se salgava e secava, guardando-se com o nome de *charque*. [3]

Aves, rãs, vermes comestíveis, insectos semelhantes a moscardos e cogumelos permitiam variar o gosto das sopas.

Juntem-se a tudo isto alguns frutos, particularmente o do cacto — o *tuna*, — caracóis secos e, nas regiões marítimas ou lacustres, certos peixes. Estes abundavam no litoral, onde os pescadores os trocavam por produtos do planalto, constituindo assim quase o exclusivo produto das trocas dos Urus do lago Titicaca.

Seria o Índio suficientemente alimentado? [4] Assegurar-lhe-iam suas múltiplas invenções e o seu trabalho aturado um mínimo de vida, nesse país de população sempre crescente, onde, no dizer de Polo de Ondegardo, as terras deviam ficar, por vezes, seis ou sete anos de pousio e onde três colheitas em cinco se perdiam, nos cimos do planalto, por causa da geada?

Afirmou-se já que, se os súbditos do Inca fossem enfezados e fracos, não poderiam ter levado a bom termo tantas obras colossais. No entanto, a perfeição da organização, o rigor da disciplina e, principalmente, a ausência de toda e qualquer consideração pelo custo dos esforços e das vidas humanas, bastam para explicar tais resultados.

Levam os mais recentes cálculos a pensar que o número de calorias era insuficiente. Avalia-se, hoje, o total em três mil e

quatrocentas, por dia, nos períodos mais favoráveis; mas o certo é que não deviam ter atingido esse número nos tempos mais recuados. Exageram os tecnocratas quando indicam um total de duas mil calorias apenas, nisso vendo a causa da inferioridade dos homens da raça vermelha, em relação aos seus adversários brancos, por ocasião da conquista. [5]

Também os equilíbrios alimentares se não encontravam assegurados. O *chuño*, que contém setenta e seis e meio por cento de glúcidos, contra oito e meio por cento de proteínas e meio por cento de lípidos, é e era muitíssimo mais rico em hidratos de carbono. As proteínas eram raras, apenas se encontrando na *quinua*, na *cañihua* e no *mani* (vinte e seis e meio por cento). Muita falta faziam, neste particular, o leite, os ovos e a carne usados pelos Europeus. As vitaminas, felizmente, encontravam-se em vários géneros. A vitamina A superabunda no *apichu;* as vitaminas A, B_1 e C encontram-se no milho; as vitaminas A, B_1 B_2 e C existem na batata. Finalmente, o cálcio e o ferro eram fornecidos pela *quinua* e pelo barro comestível, utilizado como condimento *(chacco)*, de cuja abundância fazem prova os belos dentes dos Índios. [7]

Tal era a técnica da conserva: nos vales húmidos, metiam-se os géneros em caixotes de madeira, com varões, misturados com grandes quantidades de *muña*, planta aparentada com a hortelã, e que possui propriedades de insecticida. Nas regiões secas, enterravam-se os mesmos envoltos em palha seca e *muña*. A batata, assim conservada, mantém-se em boas condições ao fim de oito ou nove meses. [8]

SE O ÍNDIO COMIA POUCO, BEBIA BASTANTE

Quanto à bebida, preparava-se a afamada *chicha*, por todos tão ambicionada, com grãos de milho, que os velhos, e, principalmente as velhas, menos ocupados que os válidos, iam mastigando por forma a facilitarem a fermentação sob a acção da saliva, após

o que os lançavam num jarro que, em seguida, se guardava ao calor ou se enterrava. As bebidas fortemente alcoólicas eram proibidas. Ao povo era também interdito o uso da coca.

SIMPLICIDADE E UNIFORMIDADE DO VESTUARIO

Passemos ao vestuário. Se, no planalto, o vestuário era uma necessidade total, no litoral e na selva oriental apenas correspondia a uma simples necessidade de protecção — pelo que se limitava a cobrir certas partes mais sensíveis do corpo, facto que o levava a ser considerado como um sinal de distinção. Nada tinha a moral a ver com esse assunto. A nudez não ofendia nunca — apenas humilhava ou envilecia. De mais, vimos já que o soberano inimigo, quando vencido e prisioneiro, se transportava, completamente nu, em cima de uma padiola, por ocasião do triunfo do vencedor.

Em matéria de vestuário, existia uma regulamentação estrita para o povo. Recebia o Índio, no dia do casamento, dois fatos de lã de lama, retirados dos depósitos públicos, destinando-se um aos dias de trabalho e outro aos dias de festa. Conservava-os ele até se gastarem por completo, cosendo-os, quando se rasgavam, com uma habilidade em tudo comparável à dos especialistas modernos. [9]

O corte e a cor eram uniformes para cada sexo. As diversas peças do vestuário, que mais acima descrevemos, a propósito do Inca, encontravam-se simplificadas no que respeitava aos súbditos. Para os homens, calças *(huara)*, camisa branca, sem mangas, semelhante a um saco com três buracos — um para a cabeça e dois para os braços *(cushma* ou *uncu)*, — capa castanha de lã, lançada sobre os ombros e atada no peito *(yacolla)*. A cobertura da cabeça, como já vimos, variava com as regiões. Para as mulheres, longa túnica com cinto, aberta a um dos lados, deixando ver a perna, a fim de facilitar a marcha *(anacu)*, manto cinzento, fixo ao peito por alfinetes de grande cabeça *(lliclla)*. Uns e outros andavam geralmente descalços. Às vezes, porém, calçavam sandálias *(usuta)*, muito práticas: sola de couro de lama, tirada do pescoço, onde a pele é mais dura, comprimento inferior ao do pé, por forma a que os dedos, ficando de fora, pudessem agarrar-se às asperezas do solo, nas encostas, cordão de lã, de cor garrida, a ligá-las às gáspeas, e que cobria a maior parte do pé e se enrolava graciosamente ao peito do mesmo.

Simples e uniforme era o conjunto. Proibia-se qualquer modificação sem autorização especial dos superiores hierárquicos. Observemos que os braços e as pernas não se cobriam, o que prova a resistência dos Índios, uma vez que o ar das altitudes é muito frio e, por vezes, glacial. [11]

O ASPECTO MISERÁVEL DA CHOÇA ÍNDIA

A habitação do homem do povo era das mais primitivas. Edificava a comunidade a choupana destinada ao jovem casal, por altura do casamento. As paredes de terra batida — ou, no litoral, de tijolo, e excepcionalmente de pedra, para os Índios que ocupavam já uma situação superior à do simples agricultor — suportavam um tecto de colmo. Nada de janelas, porque, não existindo o vidro, fazer uma abertura o mesmo seria que permitir, com a entrada da luz, a do frio e do vento. Uma simples abertura, «semelhante à boca de um forno», com um pano de armar a servir de porta.

Era nesse escuro e mal cheiroso reduto, por vezes separado em dois, através de uma paredezita interior, que se amontoavam crianças e cobaias, em volta do fornozito de barro, rodeado de pratos, potes e almofarizes, com serventia na cozinha. Peles de lamas lançadas por terra, e dobradas em duas, faziam as vezes de camas. Funcionava uma das metades como colchão e a outra como cobertura. Se se tratava da morada de um chefe, colocava-se sobre a pele do animal um feixe de palha ou de ervas secas. Vestuários pendiam da armação do tecto, quando não se empilhavam por sobre os potes. Uma caixa de bambus entrançados continha os objectos da dona de casa: a lã, o fuso e agulhas feitas de espinhos.

Em nichos feitos nas paredes, guardavam-se facas, colheres, alfinetes, espelhos, enfeites e ídolos.

Sòmente durante a noite e em dias de chuva a família se reunia nesse antro. Fora disso, andavam todos em suas ocupações ou ficavam sentados no limiar da porta, na posição tão familiar que os caracteriza: — pernas dobradas, pés juntos, joelhos à altura do queixo.

Todos os anos a modesta morada era visitada, duas vezes, por certos inspectores. Os panos de armar das portas deviam estar sempre levantados, na altura das refeições, para que esses inspectores pudessem certificar-se de que os regulamentos se cumpriam. Tudo quanto pudesse ornamentar ou embelezar a morada era proibido, porque nada devia desviar o Índio do fim económico e utilitário proposto pelo Estado.

O DECURSO DA EXISTÊNCIA

O NASCIMENTO

Conhecido o ambiente da vida familiar, podemos seguir o súbdito do Inca no decurso da sua existência.

A Índia, ao saber-se grávida, invoca as *conopas* e vai multiplicando as oferendas, sem, no entanto, modificar em nada o seu trabalho. Ao aproximar-se a altura do parto, já o berço se encontra preparado. Consta este de uma tábua, com dois rebordos, assente em quatro pernas muito curtas. As duas pernas correspondentes ao sítio da cabeça são um pouco mais compridas do que as outras duas, por forma a que o recém-nascido não fique em posição absolutamente horizontal, e prolongam-se um pouco acima do berço, unindo-se numa espécie de semicírculo, para permitir que a mãe possa colocar uma coberta capaz de proteger a criança sem a abafar. Além disso, cobre-se a tábua com uma manta, para receber a criança. O conjunto é tão leve quanto possível, visto que a mãe terá, muitas vezes, de transportar o berço, como explicaremos mais adiante.

Dado que a Índia em nada modifica a sua vida do dia-a-dia, tem o seu bom sucesso no sítio onde se encontra e, em geral, com a maior facilidade. Corta o cordão umbilical com um caco de barro ou com as unhas e, em caso de necessidade, apressa a cicatrização por meio da aplicação de emplastros. Lava o recém-nascido na corrente mais próxima e lava-se a si própria. Tais abluções devem fazer-se com água fria para se habituar a criança à rudeza, a partir do momento em que vê a luz do dia. A mãe manifesta a sua ternura com evitar o mergulho da criança na água. Enche a boca de água e com ela vai aspergindo o corpo delicado do filho.

A DEFORMAÇÃO DO CRÂNIO

Após ter enrolado a criança na manta, liga-a a mãe à tábua e aplica-lhe no crânio as tabuinhas destinadas a deformá-lo, quando o costume assim o exige.

Vários processos se podem usar para tal fim. Colocam-se as tabuinhas, respectivamente, na testa e no occipital, ligadas por cordões de lã ou fibra vegetal ou mantém-se a criança em posição decúbita dorsal, com a cabeça fixada na tábua de fundo do berço. Para provocar uma modificação no crânio, bastam, às vezes, simples faixas circulares em volta dos sítios que se pretende deformar. A fim de evitar perturbações imediatas, procura a mãe ir apertando um pouco mais, todos os dias, esses bárbaros instrumentos, até obter a forma desejada, o que geralmente só acontece passados três ou quatro anos. [12]

A INTERVENÇÃO DO FEITICEIRO

Dado que a criança é tida como a principal riqueza da família, o aborto é sempre considerado como uma desgraça. Logo que surge o mínimo receio de que tal possa vir a suceder, chama-se o feiticeiro para o evitar. Procede este, então, a uma cerimónia bastante complicada. Agarra na *conopa*, arranca-lhe os trapos que a envolvem, e coloca-a no ventre da mulher. Em seguida, escolhe

duas ou três pedras do tamanho de uma mão, esfrega-as com um bocado de prata, que tira de uma bolsa de couro, juntamente com um pouco de coca, pós amarelos de cinábrio pulverizado ou conchas marinhas trituradas. Coloca os pós nas pedras, pondo-lhes ao lado cobaias, vasos de *chicha* e umas gotas de *tejti (chicha* misturada com *mani)* — necessário se tornando que o milho, usado na preparação da *chicha*, tenha sido mastigado por virgens ou por mulheres que, durante a sua preparação, se tenham mantido castas e não hajam comido sal ou pimentão. Depois de tudo isso, o feiticeiro coloca a *conopa* num leito de palha limpa, invocando-a durante longo tempo. Entrega-se, então, a um jogo de cara ou cruz, lançando ao ar um objecto qualquer. Pergunta, antes de mais nada, se é o Sol que se mostra descontente. Se a resposta é negativa, continua a lançar o objecto ao ar, perguntando se é esta ou aquela *huaca* que se encontra zangada, prosseguindo no mesmo jogo até ao momento em que a resposta seja afirmativa, caso em que fica a conhecer o responsável pela doença. Necessário se torna, então, apaziguá-lo por meio de invocações, oferendas ou sacrifícios. Os pós de cinábrio ou de conchas espalham-se com um sopro. Mata-se uma cobaia, examinando-se-lhe os pulmões, a fim de se conhecer se o sacrifício foi bem recebido. No caso de o não ter sido, outras cobaias se imolam até que o exame dê resultado favorável. Derrama-se a *chicha* no solo e sacrificam-se as últimas cobaias. [13]

O chefe da família dá também o seu contributo para o bom êxito de tais operações, por meio do jejum. Deve conservar-se perto da mulher, durante os primeiros dias que se seguem ao parto, ou ser substituído por pessoa de família, a fim de poder expulsar os espíritos maléficos. [14]

Alguns dias após o nascimento, dá-se à criança um nome provisório, inspirado em qualquer sinal característico do seu físico ou em qualquer circunstância particular, como seja, «cabeça grande» ou «areia fina», por alusão ao sítio onde o acontecimento teve lugar. Tal nome, porque não se destina a ser mantido, é escolhido sem grande cuidado.

Se a criança parece fraca, é bom dar-se-lhe a chupar o cordão umbilical, que a mãe previdente teve o cuidado de guardar.

Com o fim de os tornar mais rijos, apertam-se os braços da criança em faixas, até aos três meses de idade. Proíbem os regulamentos a qualquer pessoa, e seja sob que pretexto for, tomar o recém-nascido nos braços, uma vez que tal procedimento viria a torná-lo infalìvelmente chorão e exigente. Para o mudarem de lugar, transportam o berço, razão por que, como se disse, há-de o mesmo ser tão leve quanto possível. Após a conquista, dirigiam-se as Índias para os ofícios divinos transportando com elas os berços onde as crianças repousavam.

Para lhe dar o seio — coisa que não tem o direito de fazer mais de três vezes ao dia, de manhã, ao meio-dia e à tarde — debruça-se a mãe sobre o filho. É ela quem deve ocupar-se dele, mesmo que pertença a uma família ilustre, salvo em caso de doença. [15] A ablactação tem lugar por volta dos dois anos de idade.

É desejo dos dirigentes que, logo a partir do nascimento, o súbdito do Império fique atado de pés e mãos a uma minuciosa regulamentação, de que nunca mais se há-de desligar e à qual se habituará, mais não sofrendo com isso do que com a deformação do crânio.

Para se não tomar a criança nos braços, logo que é chegada a altura de a retirar do berço, colocam-na os pais num buraco cavado no solo, cheio de trapos. Quando a criança começa a gatinhar, ajoelha no chão para sugar o seio da mãe, que se inclina para ela.

A PRIMEIRA CERIMÓNIA SOLENE: O CORTE DO CABELO E DAS UNHAS

Ao atingir uma idade que, conforme as regiões, varia entre os cinco e os doze anos, sujeita-se a criança a uma cerimónia solene. Reúne-se a família e procede à escolha do padrinho, que há-de efectuar o primeiro corte do cabelo e das unhas. Munido de um sílex, dá início à operação, passando, em seguida, o instru-

mento aos restantes membros da família, para que a continuem. Cabelos e unhas são conservados com todo o cuidado, a fim de se evitar que qualquer estranho possa vir a adquirir alguns poderes sobre a criança, no caso de se apoderar dos mesmos. Oferecem-se presentes e escolhe-se o nome definitivo.

Consta o nome de duas partes. Corresponde a primeira, destinada a assinalar a integração no clã, geralmente à *huaca* própria da comunidade, especificando a segunda o indivíduo com tomar por base qualquer circunstância particular. Cita o padre Arriaga, como exemplo, o nome de Paucar Libiac. Designa a primeira palavra a *huaca* e refere-se a segunda ao raio, dado que a criança se encontrava, certo dia, nas proximidades de um local atingido pelo raio, sem nenhum mal ter sofrido. [16] Acrescenta ainda o mesmo cronista: «Não há criança, por mais pequena, que não conheça o nome da *huaca* do seu clã.» Em determinadas regiões, os cabelos cortados colocam-se mesmo na própria *huaca*. [18]

Esta cerimónia, de origem muito antiga, reveste-se de enorme importância. A partir do instante da sua realização, deve a criança compenetrar-se da solidariedade devida ao grupo, tomando como pessoais todas as ofensas feitas à comunidade e vindo a ser enterrada, quando morrer, no local em que já se encontram todos os antepassados.

Apesar disso, porém, não fica desligada dos deveres filiais. Deve ao pai uma obediência tão absoluta como a que este deve ao próprio Estado.

Termina a cerimónia, como é costume, com danças, cânticos e beberetes.

Se se trata de um rapaz, desde logo se lhe outorga, como ocupação principal, a caça das aves nos campos de milho, facto que lhe permite treinar-se no manejo da funda. Após isso, passa a conduzir os lamas, que são os seus melhores amigos e, geralmente, objecto de grande afeição também da sua parte. Se se trata de uma rapariga, auxilia nos trabalhos domésticos e aprende a fiar e a tecer.

A SEGUNDA CERIMÓNIA SOLENE: NA ALTURA DA PUBERDADE

Outra cerimónia solene vai reunir, de novo, a família, na altura em que a criança atinge os doze, treze ou catorze anos, consoante os costumes locais. À incorporação na comunidade local segue-se a incorporação na nação, precisamente na época da puberdade.

Fustigam os velhos as pernas dos jovens, lembrando-lhes os deveres para com os pais e superiores e entregando-lhes, em seguida, uma espécie de tanga *(huara)*. [19]

Para a jovem, existe também uma cerimónia especial por altura da primeira menstruação. O seu destino, porém, pode vir a transformar-se por completo, no caso de ser escolhida pelos enviados do Inca e encerrada numa dessas «casas de mulheres escolhidas», já do nosso conhecimento. [20]

Como preparação para semelhante cerimónia, observa a jovem um jejum absoluto, durante quarenta e oito horas, come algum milho cru ao terceiro dia, lava-se no quarto dia e recebe vestuários novos, enrolando o cabelo em tranças. Finalmente, atribui-se-lhe o nome definitivo de mulher.

O CASAMENTO UTILITÁRIO

Eis-nos chegados à idade do casamento. Embora a monogamia não seja imposta, o certo é ela existir, entre o povo, porque o Índio apenas recebe o torrão necessário à subsistência de duas pessoas, pelo que não pode manter uma segunda mulher, a não ser que beneficie de um suplemento de terras. Existe um certo paralelismo entre a mulher e os restantes bens, que fazem parte do património, pois há um mínimo comum a todos os súbditos do Império, que corresponde a uma necessidade. Para além desse mínimo, apenas poderão existir objectos de luxo, só excepcionalmente atribuídos a quem os mereça.

Não teria a poligamia de uma parte da população provocado

um decréscimo de mulheres disponíveis, mormente na época em que parece ter havido avultado número de Virgens do Sol? Provável é mesmo, pelo contrário, que o equilíbrio dos sexos houvesse de ser mantido por essa forma, se não esquecermos que os homens eram mais raros do que as mulheres, em virtude das contínuas guerras, algumas das quais, e principalmente as travadas no Equador, contra os Caras, se tornaram muito longas e sangrentas.

O casamento da época pré-colombiana assemelhava-se em muito ao que ainda actualmente é nos Andes: — uma instituição económica, ou mais precisamente ainda, uma ligação utilitária.[21] Certo jurista moderno dá a seguinte definição do casamento: «contrato de procriação e assistência mútua, cuja duração corresponde à vontade e à afeição de ambas as partes.»[22]

O CASAMENTO À EXPERIÊNCIA

Desde os tempos mais recuados que o costume, verdadeiro tirano neste particular, impôs, no planalto andino, o casamento à experiência *(servinacuy)*, ou seja, a vida dos namorados em comum, variável, consoante as regiões, entre alguns dias e vários anos. Para esse fim, há um entendimento entre os pais. Tal espécie de aprendizagem permite ao jovem conhecer as capacidades da futura e eventual mulher, a qual deve preparar as refeições, fazer os vestidos e ajudá-lo nos trabalhos agrícolas. Além disso, e a título meramente secundário, permite também à jovem apreciar o temperamento do pretendente e, por essa forma, evitar vir a unir a existência à de um bêbedo ou grosseirão.[23]

Se os interessados não se entendem, regressa a jovem a casa dos pais, sem que o facto lhe acarrete qualquer prejuízo de ordem moral. No caso de haver um filho dessa união passageira, fica ele a viver com a mãe, o que corresponde a uma sanção para o pai, nada de desprezar, visto que assim perde um precioso auxiliar.

É bom que se entenda que o *servinacuy* não é, de forma nenhuma, um concubinato e que não pode existir senão num

sistema de «casamento económico». Ter sido solicitada para uma experiência de tal ordem, foi e é, por certo, muito honroso para qualquer jovem. A virgindade não foi nunca apreciada pelos Índios, nos Estados do Pacífico, nem o é ainda hoje. A jovem, que manteve relações com homens, apenas provou com isso a atracção que exerce, dela tirando o máximo proveito.[24] Explica o padre Cobo que «a virgindade se considerava como uma tara na mulher, dado que o Índio pensava que só se conservavam virgens as que não haviam conseguido que alguém as amasse.»[25]

Citam as crónicas muitos exemplos típicos da época da conquista. Certo Índio opõe-se ao casamento da irmã com um pretendente honrado, argumentando que os jovens não tinham ainda mantido relações sexuais entre eles. Certo marido, ao discutir com a mulher, lança-lhe em rosto o facto de não ter tido amantes antes do casamento.[26]

No tempo dos Incas, só a partir do momento em que se casava é que o Índio saía da sombra dos pais, recebendo um lote de terreno e uma choça.

EM QUE SENTIDO PODE AFIRMAR-SE QUE O CASAMENTO ERA OBRIGATÓRIO?

Não possuía a cerimónia do casamento o carácter de que viria a revestir-se no tempo da ocupação espanhola, visto ser puramente administrativa e isenta de qualquer formalidade religiosa. Dirigia-se um inspector, em data fixa, à localidade, mandava reunir os jovens e as jovens em duas filas, voltadas uma para a outra, e perguntava quais eram os que concordavam em casar-se, tivesse ou não havido experiência. O caso, em regra, encontrava-se já resolvido, pois ou os pais haviam, prèviamente, tratado do casamento ou a jovem os informara acerca das relações que mantivera com os jovens e da decisão que, entre eles, haviam tomado.

Apenas restavam os jovens que ainda não tinham noivas. Convidava-os, então, o inspector a escolherem, cada um por sua vez, uma jovem, começando por aquele que ocupava mais elevada

situação na hierarquia administrativa. Se algum se mostrava mais hesitante, o próprio inspector o forçava a casar com uma jovem qualquer.[27]

Por aqui se vê o sentido bastante relativo em que pode afirmar-se que o casamento era obrigatório.

Não se admitia o celibato. A população constituía factor de riqueza económica e de poderio militar. Daí, o ninguém poder eximir-se ao dever de fornecedor de mão-de-obra e de soldados. O Império constituía uma fábrica de homens.

Terminada a cerimónia oficial, dirigia-se o jovem a casa dos pais da noiva, a fim de os informar acerca do resultado. Tudo o mais ficava, a partir de então, na dependência dos costumes locais. Frequentemente, calçava o marido, com as suas próprias mãos e com toda a solenidade, uma sandália no pé direito da mulher, à semelhança do que fazia o Inca. Após isso, oferecia presentes aos sogros, facto que constituía uma sobrevivência do antigo casamento por compra.[28]

Extrema era a diversidade das restantes cerimónias. Algumas delas ainda hoje se realizam, embora um pouco modificadas. Assim, entre os Pacasmaios, acende-se uma fogueira, sobre a qual se coloca um pote cheio de milho e banha, tomando o padrinho a palavra para proferir palavras como estas: «Eis-vos casados. Tendes de trabalhar em conjunto, exactamente como acabastes de fazer com a refeição; e deveis ser ambos muito amorosos, porque não convém que um seja frio quando o outro é inflamável.»[29]

Em regra, eram os velhos que se encarregavam de lembrar os deveres aos esposos. As famílias, por seu turno, trocavam presentes entre elas. Claro que havia à mistura muita *chicha* e muita comezaina.

Considerava-se a mulher, casada em tais condições, como esposa legítima, sendo o casamento tomado como definitivo. O repúdio só existia para as concubinas. Adultério e violação castigavam-se com a pena de morte. Em caso de violação, porém, a pena tornava-se mais leve, se a mulher encontrasse um marido.

Não estava, evidentemente, em causa o interesse geral, no

ponto de vista económico, que era o que mais importava, uma vez que daí não advinha um estado de celibato prejudicial aos interesses da sociedade.

PENETREMOS NA CHOÇA ÍNDIA

Penetremos, agora, numa habitação índia, «que antes deve chamar-se choça ou choupana do que casa», como diz o padre Cobo.[30]

Necessário se torna curvarmo-nos para passarmos sob o lintel da porta e até, em certos casos, caminhar de gatas — coisa que em muito desagradava aos missionários espanhóis.

De início, nada distinguiremos, na obscuridade reinante, pois a única abertura, que deixa penetrar o ar e a luz, é aquela por onde fomos forçados a entrar. Cola-se-nos ao nariz e à garganta um odor acre e nauseabundo de esterco, urina e estrume. As paredes cobrem-se de camadas de porcaria, formada pela poeira e pela fuligem acumuladas. Quando os Espanhóis pretendiam fazer sair das choças os Índios, que fingiam nada ouvir, batiam com um pau no tecto da mesma, fazendo, desse modo, cair no solo tanta porcaria que tornava impossível que alguém aí se pudesse manter.[31]

Para dormir, levantava o Índio a sua *yacolla* e a Índia a sua *lliclla*, estendendo-se ambos no solo ou sobre uma pele de animal, colocada como já indicámos. «Dessa forma evitam ter de vestir-se pela manhã» — nota, com certa dose de humor, o padre Cobo, o qual acrescenta ainda que os vestuários se acham sempre cheios de nódoas e não existem guardanapos ou lenços.

Havia duas refeições ao dia, uma de manhã e outra ao pôr-do-sol. Preparavam-se no forno de barro, cuja parte superior, cheia de buracos, se destinava à colocação de vasos cheios de terra. Acendia-se o fogo pela fricção de dois pauzinhos, fazendo-se que a chama se ateasse à madeira ou, as mais das vezes, à bosta seca do lama, que servia de combustível.

Colocavam-se as travessas no solo, ou sobre uma manta, como se de um piquenique se tratasse. Acocoravam-se todos, empu-

nhando cada qual sua colher e uma metade de cabaça, que servia de prato. A mulher ficava atrás do marido, costas com costas. Os pratos, na generalidade, eram mal cozinhados e pouco atraentes, embora se salpicassem extraordinàriamente de sal e pimentão.

Por ofendido se daria o homem se a mulher comesse da sua tigela, embora as cobaias e os cães — esses indiscretos companheiros, alternadamente afagados e maltratados — aí pudessem meter o focinho à vontade.

Antes de terminada a refeição, ninguém bebia pela taça de madeira. Nalgumas províncias, os Índios mais requintados serviam-se de uma *pakcha*, para beberem. Era «um objecto de madeira, com dois pés e meio, formado por uma taça, com asa a um lado e um comprido bico no outro, cavado num canalzito serpenteante, a fim de deixar correr o líquido suavemente para a boca, através de um buraco feito entre o fundo da taça e a parte de cima do mesmo canal.» [32] Bebida assim, em pequenas doses, a *chicha* transformava-se em licor divino!

Os Índios, em suas casas, comiam pouco. Quando, porém, tomavam parte em banquetes, entregavam-se a verdadeiros excessos de alimentação, como acontece com todos os sub-alimentados. Daí concluíam os missionários católicos que a sua habitual sobriedade mais se devia à miséria do que à abstinência. Indigna-se mesmo um deles ao verificar que, nessas ocasiões, os seus paroquianos «apanham autênticas barrigadas, como lobos, e bebem até cair.» [33]

O segundo compartimento da choça — quando o havia — abria-se sobre o primeiro e continha as arcas e os potes, onde se guardavam os víveres. Aí se amontoavam as cobaias, cujo esterco pejava o solo, exalando um incrível fedor, cheias de pulgas e carraças, que se espalhavam por toda a habitação, infestando os vestuários. Esses animais, juntamente com os piolhos, obrigavam os moradores da choça a coçarem-se constantemente. [34]

Não esqueçamos dois importantes membros da família, que davam a esse pouco estético conjunto uma nota de elegância e nobreza — o casal de lamas, encerrados no parque da comuni-

dade. «Único animal» — escreve graciosamente Flora Tristan — «que, domesticado embora, ainda assim se não envileceu, dado que consente em tornar-se útil apenas quando lho pedem e nunca quando lho ordenam.» [35]

É fora de dúvida que o quadro, acabado de traçar, é demasiado sombrio. Forçoso é que se modifique à medida que se for subindo na escala social. Os chefes, mesmo os subalternos, possuíam habitações muito vastas e muito asseadas. Além de que a descrição feita apenas se aplica ao tempo dos Incas e ao princípio do período colonial. Não permitem os progressos da higiene que a consideremos exacta, ainda nos nossos dias, salvo em certas regiões muito atrasadas. Todavia, conservou a choça índia, frequentemente, esse aspecto miserável, não gozando o Índio de qualquer espécie de conforto, pelo simples motivo de que, em regra, nada se importa com isso.

O PENOSO PAPEL DA MULHER

No casal índio da época pré-colombiana, a mulher era tida por inferior ao homem. «Não passava de uma simples coisa» — escreve certo cronista — «e como tal podia ser tratada.» Observação muito justa, porquanto a mulher fazia parte integrante do património, sendo até transmissível por herança. Absolutamente subjugada pelo marido, encontrava-se constantemente sobrecarregada de trabalho: — a apanha do combustível, a colheita das ervas e dos frutos, a preparação dos alimentos, a vigilância sobre as crianças e os animais, a cultura do pomar, a fiação e a feitura dos vestuários, as práticas dos ritos, a ajuda nos trabalhos dos campos e, de tempos a tempos, as trocas nos mercados vizinhos.

Se os filhos, após terem abandonado o berço, não podiam caminhar ainda, era ela quem os transportava às costas, nas suas deslocações, embrulhados numa dobra da capa, exactamente como acontece ainda hoje — a maravilharem-nos com a encantadora cena de uma cabecita, de olhos muito abertos, a espreitar curiosamente o desconhecido, emboscada por detrás dos cabelos maternos. Se a viagem durava, porém, mais de meio dia, transportava ainda

com ela a alimentação da família, o jarro de *chicha*, as cabaças, os paus que serviam para acender o lume. Quando adregava um pouco de liberdade para as mãos, ia fiando e mastigando o milho, para não perder tempo. E ao acocorar-se, exausta, no limiar da choça, ainda catava os filhos, quer esmagando os piolhos com os próprios dentes, quer esfregando-lhes a cabeça com um cozimento de cevadilha. [36]

Nessas condições, jamais a mulher tinha vagar para tratar de si própria. Enquanto jovem, e durante algum tempo após o casamento, ainda mantinha um pouco da sua garridice. Lavava os vestidos, limpando-os e esfregando-os com folhas de *cabúia*, facto que tinha o inconveniente de os tornar rugosos; arranjava um alfinete, de cabeça bastante grande e muito polida, para pregar a capa; penteava-se com o pente feito de espinhos de cacto, mirando-se no espelho de obsidiana; desengordurava os cabelos com urina e depilava-se com aplicações de cinzas misturadas com urina quente.

Quando já mais velha, porém, e a sucumbir ao peso dos encargos da família, descuidava a própria pessoa, só raramente se lavando, arranjando os vestidos à pressa, com grande uso de alfinetes, de que trazia sempre um grande número ao peito, com o fim de consertar os rasgões que pudessem sobrevir. Apresentava-se, em geral, «tão suja e desgrenhada que causava dó» e tão gasta pela vida que, aos trinta anos, aparentava ter já cinquenta. [37]

Por seu turno, o homem não se lavava mais do que a mulher. Penteava o cabelo, que usava curto ou comprido, conforme o costume, — curto, em Cusco, comprido entre os Collas e os Rucanas. Nunca usava barba. Os Índios, e mesmo o próprio imperador Atahualpa, aplicavam aos Espanhóis o depreciativo termo de «barbudos», facto contra o qual se erguem os protestos dos cronistas, alegando que a barba é sinal «de audácia, de constância e de sabedoria.» [38]

Sabe-se que os dentes do Índio são naturalmente belos. Principalmente entre as mulheres, usava-se um processo especial para se tornarem as gengivas brilhantes. Aplicavam-se nas mucosas ervas cozidas, ainda a escaldar, o que provocava uma irritação tal

que só se tornava possível a ingestão de alimentos líquidos, durante vários dias. Passado, porém, esse espaço de tempo, caía a pele morta e as gengivas apresentavam a mais bela cor vermelha.

A MULTIPLICIDADE DAS FESTAS

Se raros eram os lazeres no decurso dos dias de trabalho, as festas, em contrapartida, eram inúmeras. Regularmente, havia três em cada mês. Mas muitas outras se somavam a essas, durando algumas muitíssimo tempo, de tal forma que certo autor orçou em cento e cinquenta e oito o número total de festas durante o ano. [39] Algumas delas, no entanto, apenas pertenciam ao escol. Como já falámos de algumas dessas, apenas iremos indicar, agora, uma ou outra das que se destinavam ao conjunto da população.

Durante o segundo mês do ano (que começava no solstício de Dezembro), ou seja, aproximadamente, durante o fim de Janeiro e a maior parte do mês de Fevereiro, dirigiam-se os «orelhudos», em dia fixo, para os reservatórios situados no alto de Cusco, a fim de lançarem à água as cinzas dos sacrifícios levados a efeito no decorrer do ano anterior. Feito isso, abriam as comportas para que os dois rios da capital — Huatanay e Tulumayu —, bem como o Urubamba, onde se juntam todas as águas do vale, transportassem para bem longe essas pouco atraentes oferendas. Vários Índios se postavam em todas as sinuosidades do último desses rios, até Ollantaytambo, com o fim de se certificarem de que as cinzas iam seguindo na corrente.

No quinto mês, celebravam-se as festas do milho. Cantavam e vigiavam os Índios, durante três noites consecutivas, uma diminuta porção de grãos colocados numa manta, enquanto um feiticeiro ia fazendo invocações.

A festa do Sol, que se celebrava com toda a pompa, realizava-se no quinto mês.

O sétimo mês era particularmente venerado pelas mulheres, em razão de ser o mês da Imperatriz. Por essa época se realizava a festa de Situa, já antes descrita.

Em todas as cerimónias eram de rigor os banquetes. Levavam os convivas os próprios alimentos, que colocavam no solo, acocorando-se todos em volta, em duas filas paralelas. *Hurin* e *hanan* encontravam-se, geralmente, frente a frente.

Tomava a presidência do festim o governador da província, o *curaca* ou outro alto funcionário, sentando-se num dos extremos das filas. Seguiam-se cânticos, danças e narrativas de contistas. Convidavam-se todos, mùtuamente, a beber, tal como vimos proceder o Inca por ocasião da festa do Sol.

Não se pense que o Índio, geralmente taciturno, mantinha em sociedade uma atitude reservada, avaro de gestos ou de palavras. Bem ao contrário, gostava da ênfase nos conceitos, não receava as hipérboles e acompanhava os discursos com mímica apropriada. Mais do que as simples palavras, serviam-lhe os olhos e as mãos para a expressão dos sentimentos, se acreditarmos em Frei Domingo de S. Tomás. Por isso, apenas simples interjeições explodiam dos lábios, principalmente o «*gua*», que os Limenhos conservaram e repetem ainda hoje. [40]

A SOBREVIVÊNCIA DE VÁRIAS DANÇAS POPULARES

Muitas vezes, exigiam as danças populares fatos apropriados, acontecendo até que, nalguns casos, os executantes pintassem a cara ou usassem máscaras. No litoral, enriqueciam-se com movimentos executados por meio de um leque de penas. Por comportarem saltos, determinadas danças eram exclusivas dos homens. Outras, continuavam a manter um carácter religioso. A grande maioria, porém, inspirava-se muito simplesmente nos actos da vida diária, o que não deixa de ter a sua lógica, uma vez que serviam de complemento do trabalho passado e de estímulo para o trabalho futuro. Como já observámos nas danças relativas ao escol, iam elas tomando, pouco a pouco, o aspecto de esquemas ou paródias mímicas, com cambiantes de evocação histórica, de pesar, de mofa ou de esperança.

As danças, que vamos descrever, ainda se usam actualmente. [41] A dança lenta e solene dos pastores de lamas executa-se ao som da música suave das flautas, em redor desses animais, ornamentados com campainhas e argolas e cobertos de tecidos fabricados com a sua própria lã, impassíveis como deuses.

A dança do *pulis-pulis* — lembra a caça e captura das aves de tal nome — e os que nela tomam parte hão-de usar penas. Do mesmo modo, na execução da dança dos *parianes* — espécie de garças reais — devem os participantes mascarar-se, cobrindo-se com penas vermelhas dessas aves. Tal dança acompanhava antigamente uma das mais importantes cerimónias do ano — a entrega dos canais de irrigação ao chefe do clã. Como muitas das suas semelhantes, possuía um sentido mitológico, com ser consagrada à divindade das águas.

Para dançar o *chaco*, fazem os pares um círculo em torno dos músicos, exactamente como procedem em redor dos animais selvagens, por ocasião da caçada imperial, armados os homens de fundas e de paus as mulheres.

Durante a dança da lavoura, cada executante transporta uma enxada, do mesmo modo que, durante a dos guerreiros, há um simulacro de combate.

Evidente é a significação da dança da batata, dado que as mulheres seguram as mantas com ambas as mãos, agitando-as, como se andassem a espalhar sementes na terra.

Finalmente, a mais afamada das danças do campo é a *huaillia*. Nessa dança, os passos são miúdos e precipitados até ao frenesim, dando a impressão de que os pés vão calcando o solo com o fim de o alisarem depois da sementeira.

ALGUNS JOGOS

Jogos havia, a par das danças, a que o Índio se entregava também nos dias de festa. Neste particular, várias categorias se podem distinguir:

1.º) Os jogos infantis, em reduzido número, visto que as crianças deviam executar os próprios trabalhos, como dissemos,

e não dispunham de muito tempo para se reunirem e entregarem aos prazeres da idade, salvo nos dias de festa, enquanto os pais dançavam e bebiam. Aliás, os próprios cronistas se mostram bastante discretos a este respeito. Poma de Ayala apresenta-nos o jogo do pião como muito antigo. Ignoramos se o jogo da bola existia ou não. Nem sequer sabemos se as meninas faziam bonecas como se usa em todos os países do mundo. Esperemos que assim tenha acontecido. Mas talvez os pais não gostassem muito de ver nas mãos das crianças essas representações humanas, feitas de trapos, que lhes serviam de amuletos, como o provam as encontradas nos túmulos e que, além disso, deviam recordar-lhes as práticas dos feitiços.

2.º) Os jogos desportivos para adultos: corrida, salto, luta, combates simulados, lançamento do *ayllo*.

3.º) Os jogos de azar. Já então existiam os dados, feitos de osso ou madeira, e valendo cada uma das faces, respectivamente, 1, 2, 3, 4, 5 e 20.

No *wayru*, cada jogador ia marcando os pontos obtidos fazendo avançar os seixos ou favas em buracos cavados numa pedra chata.

Explica o padre P. J. de Arriaga que este jogo era ritual, mas o certo é que podia muito bem não o ser. O próprio nome lhe proveio do de uma concubina do Inca Tupac Yupanqui, a qual assistiu, certo dia, na casa de campo de Yucay, a uma partida em em que o imperador tomava parte e que ganhou brilhantemente. Atribuindo ele a sorte a tão graciosa presença, ofereceu à jovem a jóia, de que a parada constava, e decretou que o jogo passasse a ter o nome daquela que tão bem sabia presidir-lhe.

Na *chuncara*, os buracos eram em número de cinco, indo o seu valor em crescendo, por dezenas, de dez a cinquenta. Ganharia a partida quem primeiro atingisse este número. Ignoramos os pormenores desse jogo de dados, em que se empregavam favas de várias cores, sem dúvida cada qual com seu valor.

Diz-se que o *apaytalla* fora inventado pela mulher do Inca Pachacutec. O jogador, em pé, aperta a casca dos grãos das favas, procurando atirá-los o mais longe possível. Será vencedor aquele

que conseguir atirá-los mais longe e cujo grão, ao cair no solo, produza maior ruído. É provável que semelhante jogo seja de origem chimu, visto ser o mesmo que, indubitàvelmente, se acha representado em certos vasos, muito embora seja difícil averiguar se os desenhos se não referirão, antes, a sinais das Escrituras, como alguns pretendem.

4.º) Os jogos rituais, que consistiam em se fustigarem as pernas nuas com cordas. «Os indígenas peruanos» — escreve autor especializado em tal assunto — «possuem uma forte tendência para se fustigarem.» [42] Mais adiante, a propósito das cerimónias fúnebres, havemos de falar de um típico jogo ritual.

O ENTERRO DO ÍNDIO

Eis-nos chegados ao termo da existência. Os ritos fúnebres obedecem aos costumes. Nas regiões centrais do Império, o cadáver era vestido e velado pela família e amigos, durante a primeira noite. As mulheres cortavam o cabelo e cobriam a cabeça com as mantas, chorando, gemendo e tecendo o elogio do defunto. Ofereciam-se comidas e bebidas aos convidados, após o que se iniciavam cânticos tristes e danças — mas danças religiosaas, evidentemente, — que, nalguns casos, não tardavam a degenerar em baile ordinário, como ainda hoje é corrente acontecer em muitas localidades índias, nas quais, não raro, a dança macabra só acaba no cemitério e no próprio local onde o morto é enterrado. [43]

Entrementes, procedia-se à distribuição de alguns objectos pessoais do morto, que não deviam ser enterrados com ele. O jogo de dados, que, então, se jogava, possuía um sentido mágico — pois era o próprio morto quem designava os beneficiários, fazendo que tivessem sorte nas jogadas mais ousadas.

Dobrava-se, em regra, o cadáver na posição do feto — assim se fechando o ciclo da vida exactamente por onde começara. Envolviam-no nos próprios vestuários. No litoral, encerravam-no numa urna. Em Jauja, metia-se numa pele de lama, que tomava a forma do próprio corpo, e no exterior da qual se modelava uma

cara grosseira. [44] Na maioria dos casos, ficava o conjunto com a aparência de um simples pacote, como as múmias.

As campas diferiam grandemente, de região para região. No planalto, era frequente cavarem-se nas rochas, enterrando-se vários cadáveres na mesma. Em Collao edificavam-se mausoléus, cujas portas se abriam para os lados do Sol nascente e cujas ruínas actuais se assemelham a torres, de forma quadrangular — como em Acora, por exemplo, — ou arredondada — como em Sillustani. [45] Em Paracas, no litoral, apresentava a campa a estranha forma de uma garrafa larga, com gargalo vertical, a aflorar à superfície da terra por meio de uma abertura cercada por um murozito circular.

Com o morto se enterravam também os seus feitiços, talismãs, instrumentos de trabalho, milho e um vaso de *chicha*.

Terminado o enterro, os membros da família tomavam banho, logo após haverem tomado uma refeição em comum. Algus dias depois, reuniam-se de novo para rezarem e oferecerem alimentos ao morto.

Inúmeras eram as variantes de tais cerimónias. Em todas elas, porém, se encontravam os choros, os cânticos, os festins e os beberetes.

A TRANSMISSÃO HEREDITÁRIA DOS BENS

Como afirma um distinto sociólogo, a sucessão dos Incas era de direito público e a dos Índios do povo de direito privado. [46]

Como na maioria dos casos, em que já falámos, também neste se impunha a tradição com o mesmo rigor da lei. Apenas lhe escapavam os bens recebidos do Inca, submetidos à regra particular de devolução, de que já falámos.

Geralmente, a herança não passava de um modestíssimo património, visto ser muito limitado o direito de propriedade. Em certas regiões, havia uma determinada liberdade de testar, com acontecia, por exemplo, em Chincha, onde o pai escolhia o herdeiro entre os filhos ou, na falta destes, entre os parentes e amigos. [47] A sobrevivência do matriarcado ainda se fazia sentir

nos casos em que o irmão ou o filho de uma irmã herdassem por via materno ou quando, mais raramente, houvesse vocação sucessória da mulher. [48]

Consistia o testamento, forçosamente oral, em declarações prestadas diante de testemunhas.

Contavam-se, ainda, no número dos deveres familiares a tutela das crianças e a manutenção dos parentes.

DEPOIS DA MORTE

Não constituía a morte o fim absoluto da existência do Índio. A sobrevivência do morto no mundo invisível era uma verdade por todos admitida. Uma espécie de «duplo» continuava a viver na atmosfera terrestre, com as ideias e os desejos próprios. Por isso mesmo o culto dos antepassados se revestia de tão grande importância.

«Depois das *huacas*, eram os *malquis* os objectos de maior veneração e adoração» — escreve P. de Villagomez. [49] Dava-se este nome às sepulturas dos antepassados. Depois de ornamentadas com tecidos e penas, aí se colocavam géneros alimentícios e instrumentos de trabalho para que a vida segunda dos mesmos pudesse prosseguir nas melhores condições possíveis.

Compreende-se que o duplo se mantinha estreitamente ligado ao corpo terrestre, do qual emanava. Como alguém disse já, o cadáver continuava vivo. No entanto, para que tal sucedesse, impunha-se mantê-lo em perfeito estado, razão pela qual se tornava necessária a mumificação e razão também para que o Índio temesse acima de tudo o ser queimado. Foi pela promessa feita de que o não queimariam que Atahualpa consentiu em converter-se ao catolicismo, que tanto detestava. Por essa forma, escapava ao aniquilamento total e assegurava a sobrevivência.

CAPÍTULO III

A VIDA ECONÓMICA: A AGRICULTURA E A PESCA

O CALENDÁRIO DAS CULTURAS

Era o Índio agricultor acima de tudo. Estabelecia-se o calendário da produção e do consumo, em função das culturas, da forma seguinte: [1]

Relacionava-se o primeiro mês do ano — sempre contado a partir de 21 de Dezembro — com a lua, de cuja importância já falámos. O próprio nome do mês, em quíchua *(quilla)*, era «lua». Preparava o Índio a cultura da batata, do milho e da *oca*, limpava os campos, entregava-se, eventualmente, à pesca, ajudava os filhos a espantar os animais daninhos, percorrendo os campos com uma funda na mão. Outro tanto fazia a mulher, tocando um pequeno tambor. Como nesta época do ano chove frequentemente, via-se a família obrigada a ficar durante muito tempo no interior da choça, ocupando-se do conserto dos vestuários e santificando-se com orações, penitências e sacrifícios. [2] Tornava-se, assim, uma época de recolhimento e preparação. Constava a alimentação de géneros conservados em arcas, de milho e batata serôdia, de ervas, frutos e, quando possível, de peixe.

O segundo mês do ano — aproximadamente o de Fevereiro — era o mês da esperança, visto encontrarem-se próximas as colheitas.

Fácil era o arroteamento, então, nas terras alagadas pelas chuvas. Todos se esforçavam na preparação do solo cultivável, com a ajuda dos vizinhos. Consertavam-se os caminhos e os canais.

O terceiro mês correspondia ao da maturação. O milho aflorava à superfície e as crianças passavam a ter bastante em que se ocupar para o defenderem das aves. No litoral, tornava-se a pesca particularmente frutuosa, subindo o peixe seco, em razão das trocas, até ao coração da montanha.

Abril — o quarto mês — trazia consigo a abundância de flores e frutos, como homenagem ao soberano, cuja festa se realizava então.

Maio — o quinto mês — considerava-se, muito justamente, o mais importante do ano. A família recolhia o milho, cortava as folhas, extraía o grão das espigas e punha de lado as sementes, quando era previdente. O milho verde era bom para se comer, mas não para preparar a *chicha*. Além disso, porém, convinha ainda cortar as ervas, secá-las e preparar eventualmente o charque, pois Maio era também o mês da caça.

Em Junho, chegava a vez de a batata e a *oca* se arrancarem da terra, para serem transformadas em *chuño*.[3] Entretanto, havia que colher a *quinua*, consertar a choça, os caminhos e os canais. Funcionários faziam inspecções, no sentido de se certificarem de que cada qual constituía as reservas familiares de víveres, procedendo à estatística das pessoas e dos géneros armazenados.

Seguia-se, em Julho, a colheita dos vegetais. Trabalhava, então, o Índio nas terras do Inca e do Sol, espalhava o estrume e começava a lavoura nas suas próprias parcelas de terra, semeando o milho. Por essa época se realizava a distribuição das terras da comunidade pelas famílias.[4]

À sementeira do milho juntava-se, em Agosto, o plantio da batata. Orações e sacrifícios imploravam os favores dos deuses para as futuras colheitas. Recolhiam-se grandes quantidades de legumes, sal e pimentão, de que se fazia provisão.

Continuavam as sementeiras em Setembro, mês em que se realizava a festa da Imperatriz. Quando havia seca, recorria-se às cerimónias religiosas para a fazer cessar.

Outubro era o mês dos preparativos: — irrigação das sementes, procura da madeira, entrançagem das cordas, conserto das choças. Se a chuva tardava a cair, mais instantes se tornavam as orações, mais numerosas as oferendas.

Em Novembro e Dezembro — meses, respectivamente, consagrados aos mortos e ao Sol, — necessário se tornava alimentarem-se das reservas. Antes do fim do ano, plantavam-se ainda batatas e semeavam-se *oca* e legumes.

As terras, em que se realizavam os trabalhos, de que falámos, eram as da comunidade agrária. No entanto, a pouco e pouco, tinham-se ido estendendo, a fim de se ajustarem ao aumento da população, de início, espontâneamente, graças a iniciativas individuais e, mais tarde, no tempo dos Incas, em virtude das intervenções do Estado. Em ambos os casos, os processos eram os mesmos: trabalhos executados em comum e emprego dos adubos.

CULTURA EXTENSIVA: SOCALCOS E CANAIS

Consistiam os trabalhos na construção dos socalcos e na abertura dos canais. Os socalcos, que existem em todas as partes do mundo, tornam horizontais as terras inclinadas, com o fim de facilitarem a cultura do solo. Certos vales dos Andes foram, dessa forma, transformados em escadarias. Sustentavam-se os aterros por meio de muros de pedra, cuja altura variava com a inclinação do solo, ligeiramente inclinados na direcção do declive, para melhor resistirem à pressão das terras acumuladas. Canais feitos ao lado permitiam o escoamento das águas das chuvas. Esses canais não eram menos importantes. Com um comprimento, que chegava, por vezes, a atingir dezenas de quilómetros, atravessavam montanhas e vales, formando um sistema de irrigação tal que um cronista chegou a exclamar: «Não existem melhores em Múrcia e em Milão».[5]

A água foi desde sempre uma grave preocupação para os Peruanos. Os cuidados postos no fabrico dos vasos, em que a conservavam, constituem uma prova do seu grande valor. Várias

lendas pré-colombianas mostram até onde ia o desejo que dela se tinha. Diz-se que o Imperador Pachacutec se apaixonou, em Ica, por uma jovem, a qual lhe repeliu as propostas em virtude de amar já certo jovem. Longe de se irritar com tal audácia, ficou o monarca admirado e inquiriu da jovem qual era o seu maior desejo. Respondeu aquela que, por si própria, não tinha qualquer desejo, mas que por muito feliz se daria se a sua aldeia pudesse vir a ter água com abundância. Então, por ordem do soberano, os quarenta mil homens do seu exército depuseram as armas, empunharam as enxadas e abriram o canal, que hoje rega o vale.

Outra lenda, menos bela embora do que esta, em muito se lhe assemelha. Passa-se na localidade de Cachapoyas. Quando o senhor de Cusco conquistou essa província, apaixonou-se pela filha do governador, o *curaca*, que igualmente lhe pediu que levasse a água até lá. Infelizmente, porém, para a aldeia, apercebeu-se o imperador de que a princesa mantivera um idílio com o filho de outro grande senhor das vizinhanças. Menos magnânimo que Pachacutec, imediatamente mandou suspender os trabalhos, encheu-se de cólera e bateu com os pés no solo com tal força que o fendeu. Ainda hoje os Índios mostram essa fenda, e eis, como, segundo informam, a aldeia sofre de falta de água por causa de um amor contrariado. [6]

Os trabalhos de aterro e canalização eram realizados pelos membros da comunidade, divididos em equipas *(mincas)*. Regra geral, todo aquele que participasse num trabalho não pessoal devia ser alimentado pelo beneficiário, durante o tempo que durasse a sua execução. Se esses trabalhos, por exemplo, se consideravam de utilidade pública, recebiam os trabalhadores os seus alimentos das mãos dos funcionários, que os retiravam dos depósitos públicos.

CULTURA INTENSIVA: AS ESTRUMADAS

Ao mesmo tempo que o seu desenvolvimento, prosseguia a intensificação da cultura pela estrumada do solo. Para esse efeito, procuravam-se, outrora, no planalto os excrementos animais e

humanos. No litoral, utilizavam os indígenas as cabeças dos peixes que haviam servido de alimento, e principalmente o estrume das aves, o guano. Organizaram os Incas a exploração metódica deste último, partilhando as ilhas Chincha, onde existem montanhas de tais excrementos, entre as províncias do Império, e especificando as épocas em que era permitido enviar Índios para recolherem as suas provisões. Condenava-se à morte todo aquele que matasse as aves ou as prejudicasse na época da postura.

PRINCÍPIOS DE PARTILHAS

Uma vez aumentado, dessa maneira, o rendimento, por meio da aplicação de uma cultura simultâneamente extensiva e intensiva, dividia-se o território entre os súbditos do Imperador — divisão feita pelos funcionários e em conformidade com o plano racional elaborado em Cusco. Em princípio, a comunidade índia não devia contar senão com ela própria. Como, porém, o imprevisto ficava à conta do Estado, recebia este o que excedesse o necessário, para lhe fazer frente.

Com o fim de tal princípio se aplicar estritamente, deveriam os produtos da comunidade ser misturados, para, em seguida, se repartirem segundo as necessidades próprias, ficando o remanescente a pertencer ao Estado. Tal sistema, porém, semelhante ao comunista, teria perturbado os costumes locais. Muito prudentemente, pois, torceram os dirigentes um pouco as exigências do racionalismo integral, repartindo as terras e não os produtos. Dessa forma conseguiram a grande vantagem de terem deixado aos Índios uma certa iniciativa e também uma certa responsabilidade. Escapava-lhes a propriedade do solo, mas ficavam com a dos produtos desse mesmo solo. Por tal forma se obviava a uma das mais temíveis consequências do sistema comunista — a ruptura de todos os laços, no escalão do indivíduo, entre a produção e o consumo, ruptura que força os poderes públicos a escolher um dos termos da alternativa seguinte: ou o desaparecimento de todo o estímulo do trabalho — dado que todos estão seguros de

obterem o mínimo vital, quer trabalhem ou não, o que provoca o aparecimento, quase inevitável, da fome — ou a instauração de um regime de trabalho forçado e, portanto, ditatorial o totalitário [7].

Graças ao regime adoptado no tempo dos Incas, punia-se o preguiçoso, visto não tirar do solo, que lhe era confiado, os produtos necessários à sua subsistência, arriscando-se a ter de sofrer os efeitos da fome. Por outro lado, recompensava-se o que sabia trabalhar, dado que não só tinha com que viver, mas dispunha ainda de um excedente de colheita, de que podia fazer o que lhe aprouvesse, até mesmo trocá-lo por outros produtos. Evidentemente, a benignidade da natureza podia favorecer o aumento desse suplemento, assim como a sua malignidade o podia fazer desaparecer. O granizo e a geada escapavam aos regulamentos imperiais. De qualquer modo, se o castigo era severo, a recompensa não passava de modesta. Todavia, era esse o mecanismo motor essencial da economia da nação.

Compreende-se, nesta altura, a razão de cada casal receber, na altura do casamento, uma parcela de terreno, que devia bastar para o sustento, com o nome de *tupu* [8]. A superfície variava, como é lógico, segundo a qualidade do solo. Por cada filho a mais, dava-se aos pais um *tupu* suplementar e apenas meio *tupu*, por cada filha. Uma vez servidas todas as famílias da comunidade, ficava o excedente das terras a pertencer ao Inca e ao Sol, quer dizer, ao Estado e ao culto. E tal excedente existia apenas devido aos trabalhos que o soberano de Cusco mandava efectuar sob a direcção dos seus técnicos.

Nenhuma modificação sofrera, pois, a antiga divisão tripartida da comunidade agrária. Madeiras e pastagens à disposição dos membros, sem qualquer espécie de partilha; casas e cerrados a pertencerem às famílias e terras cultiváveis repartidas, todos os anos, entre estas, tomando-se em consideração os pousios. Cada chefe de família tinha direito a dois lamas, dos quais tirava a lã e o estrume, ao mesmo tempo que lhe serviam de transporte, mas sem o direito de os matar, salvo algumas raras excepções nas regiões ricas em gados (como entre os Collas). Por vezes, a

comunidade mantinha alguns lamas nas suas pastagens, distribuindo a lã pelos respectivos membros.

Os índios da comunidade, além do cultivo das terras próprias, eram ainda obrigados a trabalhar nas dos velhos, enfermos, viúvas e órfãos — aquilo a que poderíamos chamar serviço municipal de assistência agrícola — e também nas dos *curacas*, em conformidade com as tradições locais, e nas do Inca e do Sol.

AS TERRAS DO SOL E DO INCA

As terras pertencentes ao Sol eram mais ou menos extensas, conforme a importância dos templos e das *huacas* que deviam sustentar. Por outras palavras, variava a sua superfície em conformidade com o número de sacerdotes e de sacrifícios.

As terras do Inca eram, portanto, as únicas que não possuíam dimensões fixas segundo elementos preexistentes, pois constituíam «o restante». Em tais condições, fácil é compreender-se o interesse manifestado pelos poderes públicos em todas as medidas capazes de aumentar os rendimentos. Assegurava-se um mínimo vital aos seres visíveis e invisíveis. Estabelecido esse fundo económico e religioso, todo o suplementar ficava a pertencer ao Estado. Guardas especiais, aí residentes e que não pertenciam, por força, à comunidade, tinham a seu cargo vigiar as terras do Inca.

Uma complicação surgia logo que, em consequência do aumento da população e da aridez do solo, qualquer comunidade não conseguia assegurar o seu mínimo de existência. Sabemos que, em tais casos, certo número de famílias podia ser transplantado pelos poderes públicos. Outra solução, porém, se adoptou algumas vezes, mormente quando apenas alguns produtos escasseavam. Consignava a administração central à comunidade alguns lotes de terrenos nos vales do litoral, ordenando-lhe expressamente que tomasse todas as disposições necessárias para efectuar as sementeiras e as colheitas [9].

Os depósitos públicos, não só recebiam os produtos das terras do Inca e do Sol, como ainda a lã fornecida pelos rebanhos de

lamas pertencentes a ambas estas divindades, apenas existentes nalgumas regiões das elevadas altitudes. A lã dos animais capturados nas caçadas imperiais, principalmente a das vigonhas, era guardada nos mesmos depósitos.

PARTAMOS PARA O TRABALHO COM O ÍNDIO

Transportemo-nos ao tempo dos últimos Incas e sigamos o Índio, quando parte para o trabalho, por uma bela manhã de Julho. Uma ordem imutável pretende que as terras do Inca e do Sol são mais importantes do que as outras. Nada mais justo, aliás. Nesse dia, desde o alvorecer que o tocador de trompa, trepado às encostas da colina que domina a aldeia, começou a tocar na sua concha marinha, convidando os habitantes a reunirem-se. Conduzidos pelos decuriões e acompanhados pelas mulheres, ei-los que chegam todos, de enxada ao ombro e trajando os fatos dos dias festivos. Efectivamente, servir o deus da luz ou o seu representante não é trabalho, mas sim um prazer. De mais, todos sabem que o próprio Imperador se dirige, todos os anos, por essa altura, ao campo Kolkampata, consagrado ao culto, para cavar o solo, em homenagem ao seu criador.

Uma vez chegado esse pequeno exército de trabalhadores ao local, distribuem os funcionários as tarefas pelas decúrias. Do mesmo modo procedem estas no que respeita aos indivíduos, assinalando a cada qual uma longa e estreita faixa de terreno, por forma a que o trabalhador só possa recuar em linha recta e que todos os homens do grupo sigam em direcções paralelas. Tal sistema, como acontece com o da partilha dos lotes entre os membros da comunidade, tem a vantagem de fixar as responsabilidades. Quem termina primeiro, não ajuda os outros, pois a ser assim, como explica um jurisconsulto, «estes nada fariam». Todavia, na realidade, ninguém termina antes ou depois de outrem, porque os Índios se colocam em linha, cada qual na sua faixa de terreno e com a mulher à frente. Começam a cantar em

coro e recuam, igualmente em linha, ritmando os gestos pelos cânticos. O refrão, que traduz a alegria geral, é a palavra «vitória» — *haylli* — vitória sobre a natureza, sobre os maus espíritos, sobre a fome e sobre a morte.

O instrumento de trabalho é um utensílio simples, que serve para remover o solo — a *taklla,* — pedaço de madeira dura, de comprimento ligeiramente superior a um metro, possuindo, no Equador, uma mossa ao meio, para permitir que a mão esquerda o possa segurar melhor. No Peru, há um segundo bocado de madeira dura, mais curvo, que igualmente se liga ao primeiro pelo meio. Agarra-se este com a mão direita, enquanto a esquerda vai mantendo o primeiro na posição vertical. Em ambos os modelos, a poucos centímetros acima da extremidade inferior, muito aguçada, fixam-se dois pauzitos, em cruz, nos quais o trabalhador coloca o pé direito para enterrar o pau ferrado no solo, à maneira de enxada. Este utensílio é, no entanto, tido como inferior à *taklla,* por tirar do solo blocos de terra juntos, enquanto a *taklla* os esmaga logo [10].

Poma de Ayala mostra um saborosíssimo desenho de Adão, o primeiro homem, a cavar a terra com uma *taklla* [11].

Para trabalhar, transportava o Índio este utensílio, enterrava-o com toda a força no solo, apoiava nele o pé e fazia pressão com os braços, da frente para trás, a fim de rasgar a terra. A mulher retirava os calhaus à mão e acabava de quebrar os torrões com uma maça de pedra.

Apresentava-se, assim, o amanho sob a forma de uma série de buracos, nos quais se lançavam as sementes, e não sob a forma de um rego contínuo.

Terminada uma série dessas linhas descontínuas e paralelas, traçava o grupo de trabalhadores outra série de linhas idênticas, perpendiculares às primeiras.

Em vez do casal, tal como acabamos de o apresentar, havia, por vezes, três pessoas, dois homens e uma mulher, com o fim de tornarem mais profunda a cava.

A presença da mulher encerrava um poder, não apenas

económico, mas principalmente mágico. Efectivamente, considerada a terra como feminina, como a nutriz, supunha-se que as Índias estavam em contacto mais directo com ela do que os pais ou maridos. Em certa medida, a ferramenta variava com as regiões. Entre os Araucãs, a *taklla* apresentava a forma do tridente, fornecendo-lhe o peso uma pedra perfurada, fixa no cabo. Nas ilhas Chiloe, eram dois Índios que manejavam o instrumento, enterrando-o um deles no solo e levantando o outro, com um pau ferrado, a ponta enterrada que, assim, deslocava um grande torrão [12].

Na cava da batata, servia-se o agricultor de uma espécie de enxó, de bronze, com cabo curvo, de madeira.

Depois das terras do Inca e do Sol, trabalhavam os Índios da comunidade nas dos «incapazes», ou seja, nas dos assistidos de que já falámos. Usavam, então, os fatos ordinários e trabalhavam sob a vigilância dos superiores hierárquicos. Pelo contrário, quando, após esses trabalhos, se dirigiam para os seus terrenos, agiam à sua vontade. Começavam sempre por delimitar o seu próprio domínio com todo o cuidado, pela colocação de pedras ou plantação de piteiras, após o que decidiam acerca da ordem pela pela qual iriam prosseguir na execução dos trabalhos [13].

Existia um processo particularmente prático para a guarda dos campos: — encarregavam disso as próprias pedras. Uma vez que ao cimo da terra tudo é ser vivo — rochedos particulmente benéficos cumpririam essa missão o melhor possível. Tais rochedos — chamados *huancas* — existem ainda em alguns sítios. Em Piruro, na província de Huanuco, instituiu-se, desde tempos imemoriais, um bloco de rochas como guarda dos campos e dos animais — aos quais protege do raio. Para o tornarem propício, ornamentam-no os interessados com flores agrestes e enchem-no de *chicha*. A existência de tais sentinelas mudas, pouco exigentes e consideradas como eficientes, é assinalada pelos missionários espanhóis, que procuravam os ídolos [14].

A PESCA

Nas margens do lago Titicaca e do Pacífico, era a pesca que alimentava a família. Utilizavam os Índios o anzol, a rede e a nassa, bem como o candeio, durante a noite, o qual lhes permitia exercitarem a destreza, matando o peixe atraído pela luz com as suas flechas.

Assemelhava-se a barcaça do lago Titicaca àquela que o turista de hoje pode ainda ver, divertido, da ponte do barco que faz carreira entre a peruana Puno e a boliviana Guaqui. Construída com feixes de bambu *totora*, sòlidamente atados, com quatro a cinco metros de comprimento por metro e meio de largo, constitui uma espécie de fuso amarelo, no qual se erguem dois pequenos mastros, que suportam uma vela, feita igualmente de *totora*.

Desliza, qual enguia, através da floresta de bambus que cobre a embocadura do desaguadoiro. Desde sempre foram seus construtores os célebres Urus, de cuja antiguidade já falámos e cujo declínio deplorámos [15].

O esquife, utilizado pelos pescadores da costa do Pacífico, é igualmente um feixe de bambus, mas mais primitivos, em forma de charuto, cuja parte central faz lembrar o dorso de um corcel e cuja extremidade anterior é um tanto levantada, assim justificando o nome, que os Espanhóis lhe deram, de «cavalinho de bambu». O cavaleiro leva as pernas pendentes sobre as águas e vai conduzindo a montada a remo.

Para uma pesca mais importante, servia-se o ribeirinho do oceano da jangada. Essa embarcação, por vezes bastante grande, construía-se com trancos de *balsa*, madeira dura e leve muito vulgar nas florestas que bordam o Pacífico, a norte de Tumbez. Os troncos, justapostos e fortemente ligados uns aos outros, tinham todos a mesma grossura, mas eram de comprimento desigual. O mais comprido era o do meio, indo os outros, à esquerda e à direita, diminuindo sucessivamente, tal como os dedos da mão. Colocava-se-lhes em cima um soalho, encimado por um abrigo de bambu. Uma vela de algodão, fixada ao mastro, per-

mitia utilizar a força do vento; e uma grande pedra, ligada a um cabo, servia de âncora [16]. Cáceas, muito engenhosamente fixas longe do mastro e por entre as peças de madeira, serviam de quilha e substituíam o leme. Com efeito, quando as cáceas de trás oferecem menor resistência que as da frente, a pressão do vento sobre a vela obriga a virar a proa; no caso contrário, é a popa que muda de direcção. Basta, portanto, fixar mais ou menos as cáceas para se obter, pela combinação das suas influências, o efeito que se deseja [17].

Os Changos da região de Tarapaca substituíam a *balsa*, de que tinham muita falta, por peles de lobo marinhos, cheias como odres, e ligadas umas às outras.

Finalmente, nos rios amazónicos das florestas orientais, nos incertos confins do Império, deslizavam por sobre as correntes as clássicas pirogas dos indígenas.

CAPÍTULO IV

A VIDA ECONÓMICA

O ARTESANATO E OS OFÍCIOS

FORNECIAM os súbditos do Império produtos e serviços, simultâneamente. Muitos deles, quando não tinham qualquer missão especial a cumprir, desempenhavam o papel de artífices. Distribuíam-lhes os funcionários as matérias-primas, retiradas dos depósitos públicos, em conformidade com as ordens dos dirigentes, quando não apenas guiados pelas estatísticas. Entregavam-se os objectos fabricados aos guardas dos depósitos, facto esse que havia de permitir aos Espanhóis encontrarem tantas riquezas.

A DEFICIÊNCIA DOS UTENSÍLIOS

Tanto mais notável era esse fabrico quanto é certo que os utensílios eram muito deficientes. Empregavam-se correntemente o cinzel de bronze e o machado de cobre. Pesada pedra, segura com a mão, fazia as vezes de martelo. Como faca, usava-se um sílex polido. O nível não passava de simples régua de madeira, cavada, e com a cavidade cheia de pedrinhas redondas como bolas de bilhar. Por fio de prumo, uma simples barra suspensa num

cordel. Não se pregava — atava-se. As cordas de piteira, entrançadas com cuidado, apresentavam extraordinára solidez.

Verdadeiramente estranho parece o desconhecimento da roda por parte de um povo que conhecia o círculo e cujos dirigentes se entregavam a um super-racionalismo, de que já verificámos os efeitos. Tal desconhecimento prova, afinal, que, apesar do seus esforços, todos os Peruanos se submetiam estritamente aos ensinamentos da natureza, como indicámos no primeiro capítulo deste livro. De facto, a roda é racional e não natural. O nosso meio físico ou biológico não nos fornece nenhum exemplo dela.

Uma vez mais nos é permitido verificar que os principais factores de produção, hoje bastante esbatidos, eram a disciplina e o tempo.

Lancemos os olhos pelas técnicas mais correntes usadas nos principais ramos da actividade económica.

A TÉCNICA DA CERÂMICA

Já por várias vezes aludimos à perfeição e variedade dos objectos de cerâmica. Ainda aqui o artista dava mostras da sua grande habilidade, visto não conhecer o torno. Humedecia as diferentes partes, ligava-as e acrescentava-lhes o gargalo e as asas, logo que o corpo do objecto se encontrava completo. A argila, de que se servia, era muitas vezes misturada com palha de milho trinchada, para impedir que viesse a fender-se na cozedura ou secagem. Verificou-se já que alguns oleiros de Nasca utilizaram envólucros de madeira para impedirem que as cinzas do forno deteriorassem as pinturas, durante o tempo da cozedura [1].

A TÉCNICA DOS TÊXTEIS

Um pouco mais complicada era a técnica dos têxteis. Serviam de matérias-primas o algodão e a lã. Mas, se o primeiro ainda hoje é tido como de excelente qualidade [2], a verdade é que

não cresce senão nas regiões quentes do oeste (no litoral) ou de leste (Tucuman, na Argentina, e Santa Cruz da Serra, na Bolívia). Os fatos de algodão da família imperial provinham de empréstimos feitos aos depósitos públicos dessas províncias ou de presentes trazidos pelos chefes que igualmente residiam nessas regiões afastadas do centro. No planalto, o vestuário do Índio do povo era feito com a lã do lama.

As mulheres fiavam o algodão e a lã, empregando um fuso de madeira, às vezes esculpido, com o disco no terço inferior. Efectuavam esse trabalho sempre que tinham um momento livre, e muito particularmente, como já frisámos, durante as deslocações, quando não eram obrigadas a servir-se das mãos no transporte do berço, do jarro ou de outros objectos que não podiam ser transportados às costas.

Enrolavam os fios em torno de pauzitos ou bambus, em meada ou novelo. A maior parte dos tecidos encontrados nos túmulos foram feitos com fios duplos.

O tear era de pequenas dimensões e do tipo vertical: dois pauzitos de madeira, paralelos, estendiam o fio da urdidura, ambos fixos no solo ou, então, suspenso um num ramo de árvore ou poste, e ligado o outro, por meio de um cinto, à tecedeira, acocorada ou ajoelhada, a qual ia fazendo variar a tensão dos fios com a maior ou menor inclinação do corpo. Entre os pauzitos, e paralelamente a eles, colocavam-se duas outras varetas de madeira. Os fios de urdidura, da classe ímpar, passavam por cima da primeira vareta e por baixo da segunda, seguindo os da classe par a marcha inversa. A tecedeira fazia, então deslizar por entre os fios da urdidura, assim separados, uma agulha de madeira a funcionar como lançadeira e na qual se enrolava o fio da trama [3].

Usavam os artífices os matizes naturais do algodão e da lã com bastanto gosto. Quando tinham de recorrer às tintas, aplicavam-nas aos fios e não aos tecidos. As mais empregadas eram as cores vegetais. Neste caso, porém, convinha, antes de mais nada, tornar os fios duros e porosos por meio do emprego de um cáustico de alumínio, de silicato de alumínio, de silicato de cal ou de óxido de ferro.

Inúmeras variedades de tecidos chegaram até aos nossos dias, a confirmarem a grande habilidade do operário. Ora o fio de urdidura é de qualidade e matiz diferentes do fio de trama, ora apresenta este coloridos diversos, às vezes com fios de ouro e prata, muito delgados, hàbilmente misturados uns com os outros. Acontece até que aberturas regulares dão ao conjunto o aspecto de um bordado de fios esticados [4].

Depois de ter estudado os têxteis peruanos, crê certo autor impossível apresentar uma relação das técnicas, dada a sua enorme diversidade [5].

Merecem referência especial os cordões de nós. Faziam-se os nós apenas com os dedos e, mesmo assim, ficavam extremamente ligados uns aos outros, à maneira do moderno *macramé*, coisa que requeria um trabalho de longa duração.

Os desenhos, frequentemente complicados, caracterizavam-se principalmente pela multiplicidade das linhas oblíquas, acentuadas por uma escolha de cores muito vivas. Daí a origem dessas belas estilizações, que tanto admiramos.

Fabricavam-se os tecidos de gaze à maneira clássica, torcendo-se os fios de urdidura em redor de outros fios de urdidura adjacentes. Sabe-se que cada torção deve ser efectuada em separado com a ponta do fuso. Tal trabalho exige, igualmente, muito tempo.

Nos bordados, utilizava-se grande número de pontos — ponto pé-de-flor, ponto de cruz, ponto atrás para as linhas horizontais, ponto de luva para as linhas verticais.

Necessário se tornava um plano prévio para se compreender o fabrico de um tecido raiado, que, em regra, apresentava uma complicada e harmoniosa mistura de cores. Obtinham-se, por exemplo, os mais belos efeitos através de combinações de vermelho e negro em fundo branco.

Para as roupas interiores, preferia-se a lã ao algodão, porque o seu tingimento era mais fácil e melhor. Em Paracas, obtinha-se um lindo cinzento pela mistura das fibras de lã cor de creme com outras de cor castanha, fiando-se em seguida. Tornaram-se célebres os Índios do vale de Chincha pela habilidade revelada no tecido dos panos finos de algodão.

Tão importante se tornara o fabrico dos tecidos, no tempo dos últimos Incas, e por tanto tempo usavam os Índios do povo os seus vestuários, que os depósitos públicos regurgitavam de peças de fazenda e se reduziram sensìvelmente as quantidades exigidas [6].

De entre os objectos entrançados, ocupavam as fundas o primeiro lugar. Não existia criança que as não tivesse à sua disposição. Fabricavam-se com fibras de piteira, cobertas com fios de lã, por vezes polícromos [7].

A TECNICA DOS TECIDOS DE PENAS

Finalmente, merece atenção especial a técnica do fabrico dos tecidos de penas. Constituíam a matéria-prima penas de todos os tamanhos e de todas as cores. Forneciam os colibris da montanha as mais pequenas e os papagaios da floresta as maiores. Essa matéria-prima figurava no número das coisas exigidas como tributo.

Tão selvagens são os Índios da selva oriental — explica um cronista — que não possuem domicílio certo; e tão desprovida de recursos é a sua terra que a única contribuição, a que os puderam sujeitar, foi a das penas das aves. Dispõem de um grande número de papagaios, que domesticaram, e lhes servem de cães de guarda, porque essas aves tagarelas soltam gritos estridentes à aproximação de alguém, de maneira que se torna impossível passar-se despercebido.

Guardavam-se nos depósitos grandes quantidades de penas. Pretende Pedro Sancho que, nalguns, se podiam contar mais de cem mil aves secas.

Eis como procedia o artífice. Dobrava sobre si mesma a extremidade do tubo córneo da haste, de modo a formar um anel, mantendo-a nessa posição por meio de um fio de algodão bem fino à volta do pescoço o passava o mesmo fio pelo meio do anel, por forma a que a haste ficasse em suspensão. Alinhava as penas horizontais, sem deixar qualquer intervalo entre elas e sobrepunha

as filas umas às outras, no sentido vertical, a fim de não restar qualquer espaço vazio entre as mesmas.

Fala certo autor de um bastão de cerimónia coberto de penas de três cores — alaranjado vivo, negro violáceo e amarelo-cromado —, bem como de outro do mesmo género, mas bicolor — vermelho e azul. Segundo as suas próprias palavras, constitui o último um verdadeiro trabalho de joalharia, porque as penas mais pequenas medem 11 milimetros de comprimento e 6 de largura, encontrando-se distanciadas umas das outras apenas de 1 milimetro. Quase chega a parecer incrível que um artífice haja conseguido realizar semelhante trabalho, sem pinças nem lupa. [8].

Parece terem servido os objectos feitos de penas principalmente como adornos, sem que o seu uso se tenha circunscrito apenas aos Incas, uma vez que podiam ser transmissíveis e faziam parte do património individual.

Utilizavam-se as penas principalmente sob a forma de cocares ou penachos para as cabeças dos chefes, no género da *mascapaicha*. Digno de nota é que o Inca haja preferido, para esse ornamento, as penas de tonalidades severas de uma ave do planalto às dos papagaios de cores berrantes.

Existiam no litoral leques de penas, com cabos feitos de feixes de hastes de *totora*, com serventia nas cerimónias rituais.

Todos esses objectos despertaram a admiração dos Espanhóis. Os artífices índios realizavam combinações de cores tão delicadas e tão cheias de matizes como jamais os pintores europeus seriam capazes de conseguir.

A cintilação dos tecidos e o brilho dos penachos contribuíam para dar às grandes festividades, que descrevemos, um esplendor, cuja lembrança ainda hoje se não extinguiu por completo.

OUTRAS TÉCNICAS

O trabalho imposto aos súbditos do Império podia consistir ainda no fabrico de objectos de pedra, madeira, osso, corda ou metal.

Expõem os museus da Europa e da Amórica, além dos almofarizes e das travessas para os sacrifícios, martelos, várias espécies de machados e maças de guerra, feitos de pedra polida.

A pele do lama fornecia o couro mais vulgar. Todos os Índios sabiam secá-la, conservá-la em vasos cheios de urina, batê-la para a amaciar e fabricar com ela odres ou, depois de cortada, solas para sandálias.

A madeira entrava também no fabrico de algumas armas, como a clava e a *estólica*, dos teares, dos fusos, das liteiras e ainda dos madeiramentos dos tectos. Lindas taças de madeira se decoraram com desenhos ornamentais de cores berrantes.

Com os ossos fabricavam-se flautas, discos para os fusos, colheres e adornos.

Para prepararem as cordas, transportavam os Índios as fibras de *cabúia* para a margm de uma corrente, tal como ainda hoje é prática vulgar em certas regiões, colocavam-se em linha e, cantando ou conversando, iam-nas molhando e batendo, feito o que as punham a secar ao sol e as entrançavam. Com tais cordas faziam-se redes e anzóis.

O FERRO ERA DESCONHECIDO

No número dos metais conhecidos na época pré-colombiana figuravam o ouro, a prata, o cobre, o chumbo, a platina e o estanho. Não se conhecia o ferro. Esta afirmação foi já contestada, mas um testemunho recente e bastante curioso vem provar que assim era. Tendo alguns altos dignitários do séquito do Inca Atahualpa encarado, pouco tempo antes da captura desse imperador, a possibilidade de se apoderarem dos invasores brancos e de os matarem, solicitara um deles que lhe poupassem o ferreiro do exército espanhol, a fim de indicar aos Índios os segredos do seu ofício. [9]

O MISTERIOSO OURO BRANCO

Na encosta equatorial, e a norte do golfo Guayaquil, encontrava-se a platina, em pequenas quantidades. Sabe-se hoje que se utilizava numa liga com o ouro ou com o ouro e a prata. Misturavam os Índios da região das Esmeraldas cerca de 70 % de ouro, 18 % de platina e 12 % de prata para obterem esse *ouro branco*, que figura no auto da partilha dos despojos, após a tomada de Cusco, sob a indicação de «placa de ouro branco que ninguém podia pesar». Várias interrogações surgiram sobre o que viria a ser esse ouro branco, sobre a razão de possuir tal peso e sobre o motivo que teria levado os senhores de Cusco a alterarem o ouro, que representava o metal mais precioso, porque divino, retirando-lhe o natural brilho. É ainda no aspecto religioso que temos de nos firmar. Encontrava-se a placa de ouro em questão no templo do Sol e, por oposição a este, deveria ser feita de um metal precioso da cor do astro da noite. Quanto ao peso, o valor indicado no auto, de que falámos, corresponde a mais de mil quilos de ouro, o que não surpreenderá logo que se saiba que tal placa media 8 metros e 10 centimetros de comprimento. E compreende-se também, fàcilmente, que não existisse balança capaz de a pesar. Tal operação só veio a ser possível no acto da fusão [10].

O emprego da platina e o recurso a tal liga provam até que ponto os povos mais afastados foram obrigados pelos Incas a contribuir para o aumento das suas provisões de matérias-primas, dado que as regiões, em que a platina se encontrava, nem sequer se achavam sob o domínio dos senhores de Cusco, pelo menos de modo permanente.

OUTROS METAIS

Usava-se o estanho apenas para se obter o bronze, já conhecido, anteriormente aos Incas, pelos Aimarás.

O cobre, que se tornava cortante depois de adelgaçado e

polido, figura nos museus sob a forma de grandes agulhas, peitorais, achas e facas.

Tais facas são, em regra, de forma circular, com o cabo fixo no meio da parte rectilínea e correspondem mais a certos trinchantes modernos do que a facas pròpriamente ditas. As achas sujeitaram-se à evolução natural que, pouco a pouco, as foi tornando impróprias para a sua função, acabando por se transformarem em adornos e moedas, graças a uma progressiva estilização. Evidentes são as etapas dessa evolução no Peru, onde se justapuseram as achas de combate, pesadas e volumosas, e as achas delgadas e leves, reduzidas ao simples papel de «moedas-símbolos» nas trocas. A observação feita diz respeito ao conjunto de toda a América, e não apenas aos Incas, visto tais objectos haverem sido encontrados também no México, no Brasil e no Equador [11].

De várias formas se conseguia a fusão dos metais. No caso do cobre, bastava colocá-lo, prèviamente moído, num cadinho de terra sobre um fogo violento. Juntava-se-lhe o estanho para se obter o bronze e usavam-se moldes, de argila ou de pedra, para se obterem os objectos desejados.

No caso da prata, que não funde ao calor, o processo era mais complicado. Necessário se tornava adicionar-lhe chumbo e colocá-la em grandes potes redondos de barro, muito espessos, com 1 metro de altura por 40 centímetros de diâmetro, cheios de carvão vegetal ou de bosta seca dos lamas. Para se permitir a passagem do ar, faziam-se buracos nas paredes dos potes, tapando-se com argila os que ficavam do lado oposto àquele em que o vento soprava. Por baixo de cada um deles havia uma leve saliência para receber as brasas que aqueciam o ar quando entrava no forno. Havia o cuidado de se escolherem locais altos e muito ventilados para a instalação desses fornos primitivos, como, por exemplo, a colina de Potosi.

Recolhia-se o metal em fusão num recipiente colocado por baixo do pote. Depois, nada mais havia a fazer do que separar o chumbo da prata, por meio de fusões sucessivas, que se faziam dentro das casas.

A técnica da metalurgia tinha vários centros no Peru: Nasca, na costa sul, Lambayeque, Chavin, ao norte, e ainda Tiahuanaco.

O ouro encontrava-se em minas ou, principalmente, em aluviões.

Comportavam essas minas poços da altura de um homem ou galerias estreitas, baixas e escuras. O operário cavava o solo com uma barra de madeira com extremidade de cobre, enchia de terra aurífera odres de pele de lama e vasava o conteúdo em lajes polidas. A água, tombando em fio de um canalzito disposto para tal efeito, ia levando a terra, a pouco e pouco, deixando o metal. Guardas postados à entrada das minas e nas cercanias procuravam assegurar-se de que ninguém levava para fora, fraudulentamente, quaisquer parcelas de ouro [12].

OS OBJECTOS DE METAL

Como tão frequente é no Peru, ainda nisto encontramos uma mistura da técnica primitiva com os mais modernos processos. De facto, se a extracção se fazia por meios tão simplistas, o fabrico dos objectos, pelo contrário, tornava-se muito complicado. Conheciam os Índios as aplicações por martelagem e a tauxia por sobreposição dos metais; sabiam soldar a prata e incrustar no metal outros materiais, como fossem conchas de diferentes cores; e, finalmente, executavam trabalhos em relevo. Localidades havia, muito afamadas pelos seus ourives, não apenas no Peru, mas também em regiões onde tal arte se desenvolvera antes dos Incas, como acontecera em Chordeleg (Equador actual) e no território dos Chibchas (Colômbia) [13]. Foi neste último país que surgiu a lenda do homem todo feito de ouro — ou do reino do ouro (Eldorado) [14]. A história do resgate de Atahualpa em muito contribuiu para espalhar pela Europa a lenda do ouro no Peru.

Qualquer que fosse a categoria da população a que pertencessem, usavam as Índias do Império, nos dias festivos, braceletes, anéis, pingentes e, principalmente alfinetes artìsticamente trabalhados, na medida em que os regulamentos o permitiam. Evidenciavam, de um modo geral, maior gosto que os maridos, aos quais levavam a palma na qualidade de operários.

A ARTE DO EMBALSAMAMENTO

Existia uma arte especial e complicada praticada no planalto — a do embalsamamento. Desconhecia-a o litoral, porque a secura do ar conservava os corpos. Ao invés, necessário se tornava, nos vales húmidos da cordilheira, recorrer-se ao bálsamo do Peru e de Tolu, ao mentol contido na hortelã e no *meliloto*, aos alcalóides, ao tanino e à saponina da madeira chamada do Panamá. Envolta em algodão e em muitas ligaduras, que a transformavam numa espécie de pacote, a múmia era encimada por uma figura humana, bastante grosseira, feita de madeira, de metal ou, muito simplesmente, de pano. Compreende-se que, em razão da dificuldade da técnica, tal processo não haja sido aplicado senão a cadáveres de altas personalidades.

A ARTE DAS CABEÇAS MUMIFICADAS

Especialmente hábeis eram os artistas de Nasca na preparação das cabeças mumificadas. Obtinham-se os mais simples desses artefactos secando a pele, esvaziando o crânio e ligando os lábios com o auxílio de espinhos.

Sabiam esses artistas reduzi-las para que mais fàcilmente pudessem atar-se nos vestuários ou nas armas. Para esse efeito, o crânio, depois de esvaziado, através da abertura praticada no pescoço, enchia-se com areia quente, limando-se a cara com pedras lisas aquecidas. Quando a areia arrefecia, substituía-se por mais areia quente. Este trabalho durava dois dias. A cabeça ia diminuindo, mas mantinha a semelhança. Ainda hoje os Jívaros do Equador praticam uma técnica semelhante para conseguirem as suas afamadas «cabeças reduzidas».

A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Em vez de obrigados ao fornecimento de produtos, podiam os Índios ser forçados a procurarem trabalho por meio de deslocações e, consequentemente, a saírem do seu ambiente familiar. Faziam-no eles já, tradicionalmente, em benefício do vizinho, não em consequência de um dever de solidariedade, mas em respeito ao costume fundamentado no princípio universal das reciprocidades.

Tal cooperação, sob a forma de equivalência entre prestação e contraprestação de serviços, tinha o nome de *ayne*. Mal se distingue da *minca* nas obras dos comentadores modernos. Ambas consistiam num trabalho colectivo. A primeira, porém, dizia respeito ao trabalho individual, à ajuda mútua, por exemplo a construção da morada dos futuros esposos. A segunda referia-se a uma obra colectiva de interesse geral, a necessitar de uma divisão por equipas, completando-se umas às outras, especialmente em matéria de trabalhos públicos. Sendo natural que o colectivo haja precedido o individual, não representará a *minca* uma generalização da *ayne;* antes terá sido esta, porventura, a que surgiu como um caso particular daquela, embora a tal respeito nada de definitivo se possa afirmar [16].

Em matéria de serviços devidos ao Estado, tornava-se a especialização bastante requerida, em razão do princípio de que cada qual devia executar o trabalho em que provasse possuir maiores aptidões.

Num manuscrito dos arquivos da Índia, recentemente publicado, encontram-se indicadas as prestações de serviços feitos ao Inca pela província de Chucuito. Tal circunscrição, que possuia certa importância económica, devido à sua situação geográfica (ficava nas margens do lago Titicaca) e à densidade da população, era uma das mais prósperas da vice-realeza. Em 1567, atingia 15.400 o número de tributários que lhe fora assinalado, segundo avaliações de personalidades competentes. Do número desses tributários faziam parte os homens dos trinta aos sessenta anos, apenas se encontrando excluídos do total as *yanaconas* e as *mitimaes*. Avaliam-se estas últimas em 1.000, espalhadas por Jauja, Pacari, Cusco e até pela longínqua Quito. Ao tempo dos Incas, e segundo os inquiridores, deviam os tributários dessa província ultrapassar os 20.000, apesar das pesadas perdas sofridas por ocasião da guerra havida ente Huascar e Atahualpa. Além disso, muitos Índios tinham sido enviados para as minas de Potosi, havendo outros fugido para a montanha, a fim de escaparem a tal requisição.

Para esses 20.000 súbditos do Inca havia as seguintes prestações de serviços: 3.000 soldados, um número ilimitado de operários para trabalharem na construção dos monumentos de Cusco, criados para o Inca, correios, guardas de *tambos*, virgens para o serviço do Sol, mineiros para os trabalhos de exploração de Chuquiabo (ouro) e Porco (prata) e, finalmente, homens, mulheres e crianças para serem imolados ao Sol [17].

Examinemos alguns desses serviços.

Dividia-se o da construção das estradas em duas categorias: transmissões e pontes.

A TRANSMISSÃO EXTRAORDINARIAMENTE RAPIDA DAS MENSAGENS

Só a administração utilizava os mensageiros. Escolhiam-se estes entre os mais ágeis e especialmente treinados desde a mais tenra idade. Habitavam em choças ou cabanas, situadas ao longo das estradas. Conforme a importância do tráfego, previam os regulamentos que houvesse quatro ou seis mensageiros em cada um desses postos. O sistema era este: dois Índios deviam encontrar-se sempre acocorados no limiar da porta, olhando cada qual para um lado do caminho. Logo que um deles visse aproximar-se um correio, imediatamente se lhe dirigia ao encontro, após o que, sempre a correr ao seu lado, recebia a mensagem oral ou, por vezes, o cordão de nós que ele transportava. Continuava, sòzinho, na sua marcha, o mais ràpidamente que lhe era possível,

para o posto seguinte, onde, por seu turno, transmitia a mensagem pela mesma forma. Tais correios conheciam-se de longe, por causa do penacho branco que usavam na cabeça, assinalando eles próprios a sua presença por meio de toques de trombeta. Obrigados a manterem o segredo profissional, usavam a clava e a funda por armas.

Graças a esse sistema das estafetas, a rapidez das transmissões chegava a atingir 240 quilómetros por dia, segundo as estimativas mais verosimilhantes. Recebia o Inca, em Cusco, peixes do lago Titicaca, transportados em dois dias, ou seja, à razão de 225 quilómetros por dia [18].

Os mensageiros, chamados *chasqui*, transportavam toda a espécie de encomendas leves, tais como os caracóis para a mesa do Inca. As encomendas volumosas confiavam-se a portadores especiais, os *hatun-chasquis*, «os grandes mensageiros», cada um dos quais caminhava durante meio dia [19].

Todos estes agentes eram mantidos pelos depósitos públicos e tinham por chefe um alto dignitário.

Quando a mensagem se revestia de particular importância e provinha do próprio Imperador, era acompanhada de um fio vermelho do *lautu* ou ainda de um pauzito com marcas, cujo sentido se desconhece, e parecendo ter sido utilizado já pelos Canãris, ao sul do Equador [20].

Finalmente, encontrava-se junto de cada choça uma fogueira, que se acendia, às ordens de um chefe, quando acontecimento grave se produzia, revolta ou invasão. Cada um dos correios em vigília ao longo da estrada ia acendendo, por seu turno, a fogueira que se encontrava a seu cargo. Assim se propagava o sinal do fogo até à capital, onde despertava a atenção do Imperador e do seu conselho. Antes mesmo de conhecida a causa do acontecimento, tomavam-se as disposições necessárias para que o exército se achasse pronto a partir na direcção da província onde o alarme fora dado.

OUTROS SERVIÇOS

Consistia o serviço das pontes na guarda minuciosa dessas obras de arte, expostas às intempéries, e ainda no seu conserto imediato, em caso de necessidade. Devia o guarda ter sempre junto de si madeira e cordas, para esse efeito. Encarregavam-no ainda, além dessas tarefas, de receber uma espécie de portagem, ficando com algumas das mercadorias transportadas. Assim acontecia, por exemplo, na ponte situada sobre o Mantaro, ao sul do lago de Bombom.

O serviço das minas era executado por turnos *(mita)*, sistema esse que os Espanhóis conservaram, embora aplicado com maior ou menor perfeição. Foi neste serviço que bastantes abusos se verificaram após a conquista. Nos sítios de elevada altitude, onde a extracção continuava — debaixo, por consequência, de um frio intenso — limitava-se o trabalho a meios dias (do meio dia ao pôr do Sol) e apenas durante quatro meses [21].

Requeria o serviço pessoal da família imperial grande número de pessoas. Incrível multidão de criados formigava no palácio do Inca, «sem qualquer salário, além da alimentação». Nenhum deles podia penetrar no local onde o monarca se encontrasse, sem ter sido chamado. Mesmo neste caso, tinha que se descalçar para o fazer [22].

Algumas tribos antigas prestavam serviços especiais, em conformidade com as suas aptidões. Os Chumbivilcas enviavam dançarinos para Cusco, os Collahuayas, curandeiros e os Rucanas, carregadores para a liteira imperial.

O TRIBUTO DOS PIOLHOS

Mais estranho, mas igualmente racional, era o tributo exigido aos grupos miseráveis da população — ao de Pastos, por exemplo, no extremo limite setentrional do Império. Deviam esses desgraçados mandar aos superiores um cartucho de piolhos, com número

fixo para cada contribuinte. Disso falámos já, quando enumerámos ao conquistas do Inca Tupac Yupanqui: Dessa forma, ninguém poderia gabar-se de se eximir aos impostos. Do mesmo passo que o Estado fazia sentir o seu poder até sobre os mais modestos dos súbditos, realizava também uma obra higiénica bastante salutar.

CAPÍTULO V

A VIDA ECONÓMICA: AS TROCAS

UM MERCADO POUCO FORNECIDO, MAS MUITO ATRAENTE

POR mínimas que as trocas hajam sido, nem por isso deixaram de desempenhar papel importante na vida do Índio, no aspecto psicológico. Constituíam elas uma recordação do passado, do tempo em que eram mais numerosas, quando o sistema planificado dos Incas não fora ainda estabelecido. Originavam, sobretudo, uma feliz diversão na monotonia da vida. Grande distracção e grande alegria para o homem, mas muito maior para a mulher, a de partirem, por um ou vários dias, na companhia de alguns vizinhos ou vizinhas, todos devidamente autorizados pelos respectivos chefes, para venderem, no mercado da cidade mais próxima, algumas fracas mercadorias.

Estabeleciam os regulamentos que todas as cidades com certa importância tivessem mercado três vezes por mês.

Índio, que se dirigisse a essa reunião, devia transportar consigo a alimentação necessária para o tempo da ausência. Ninguém tinha direito a alimentar-se dos *tambos*, embora neles pudesse trocar os seus produtos por outros que mais lhe conviessem e aí dormir, em caso de necessidade. Se tal necessidade se não fazia

sentir, dormia ao relento, com a cabeça encostada a uma pedra chata.

Por vezes, o caminho tornava-se longo e a carga muito pesada, quando forçado a transportar os víveres e a *chicha* para vários dias. Mesmo assim, grande afluência se registava na praça da cidade, onde, muitas vezes, uma festa coincidia com a feira, na qual cantores, dançarinos e contistas iam espalhando uma alegria bem pouco habitual.

Certo é que, nesses mercados sem comerciantes profissionais, pouca importância tinham as transações das mercadorias. Faziam-se sob a forma de trocas de produtos, como outrora, antes da conquista inca, e, mais tarde, sob a ocupação espanhola. A mulher índia acocorava-se no solo, colocava à sua frente as pequenas quantidades de grão, farinha, batata, quinua ou pimentão e ficava imóvel, conforme o seu hábito, feliz por poder contemplar o espectáculo, de animação desconhecida na sua aldeia, e por poder adquirir coisas novas com que alimentar o seu eterno sonho.

O COMÉRCIO MUDO

Eis, porém, que uma mulher, ao passar, lança os olhos para os produtos e se acocora perante a vendereira. Retira do seu saco os produtos, que deseja trocar, e coloca um punhado de sal em frente de um lote de pimentão. Finge a vendedeira não dar conta dos seus manejos e continua a sonhar. A compradora acrescenta ao primeiro um novo punhado de sal. Deixa, então, a vendedeira a sua impassibilidade, agarra no que lhe oferecem e permite que a outra se apodere do que pretendia. Nenhuma das intervenientes na troca pronuncia uma palavra sequer, nem mesmo qualquer saudação de cortesia [1].

Esse «comércio mudo» chega, por vezes, a durar muito tempo, por que não há Índia que seja apressada. Aliás, o aspecto desse comércio não é sempre o mesmo. Apesar da uniformidade do meio e da vida, certas influências ancestrais, de origem desconhecida, continuaram a manter-se, diferenciando, em certa medida, a

psicologia. As exigências e as reacções das partes variam conforme os grupos a que pertencem. Todos sabiam, em Cusco, que o habitante de Aucaylly se esforçava por calcular cuidadosamente os termos da troca, por forma a obter a igualdade dos valores, tendo em conta a qualidade de cada um dos objectos, enquanto o de Chinchero trocava por quantidades, sem outra preocupação [2].

Não se fiavam alguns na sua apreciação pessoal, pelo que recorriam à balança. Esta, usada já desde havia muito tempo na costa norte do Império, onde servia principalmente para pesar os metais preciosos, era de modelo muito simples. Mantinha-a o operador suspensa pelo meio da alavanca, em cujas extremidades se encontravam dois saquitos. Colocava-se o objecto a pesar num desses sacos e os pesos no outro. Existia também uma espécie de balança romana com um só peso e um só saco. Ambos os instrumentos se seguravam na mão. Eram muito sensíveis e certas, a fim de se obter um elevado grau de precisão, necessário ao alto valor de certas mercadorias a pesar (metais preciosos) ou à sua natureza particular (plantas medicinais tóxicas).

Serviam de pesos certas pedras, escolhidas por forma a obter-se uma escala de múltiplos. Um saco encontrado nos arredores de Huacho continha duas séries desses pesos, um de nove pedras e outro de quatro [3].

Aceitavam alguns Índios, quando não encontravam produtos que lhes conviessem, «moedas-símbolos» — achas delgadas de cobre ou conchas de matizes estranhos, oriundas dos mares tropicais e susceptíveis de serem enfiadas para servirem de enfeites.

VISTA DE OLHOS PELO MERCADO

Todos os géneros para troca se encontravam expostos no solo. E, como os intervenientes nas transacções se mantinham acocorados na altura em que as efectuavam, ficaria o Índio, que se encontrasse de pé ou fosse caminhando, com uma visão de conjunto do mercado, que lhe permitiria apreciar-lhe o pitoresco,

se disso fosse capaz. O hábito de passear com toda a lentidão facultava-lhe não espalhar ou esmagar as mercadorias, dispostas por todos os lados. Apreciava esta abundância aparente, constituída por bens modestos e adicionados, ilusão de riqueza que durava apenas o espaço de um dia.

Pequeninos lamas, crias do casal a que cada família tinha direito, imobilizavam-se próximo dos sacos a transbordar de *chuño* e dos pacotes de cordas enroladas, quais serpentes, enquanto os pais, utilizados no transporte de todas essas maravilhas, passavam com toda a dignidade por entre as talhas amareladas e bojudas, as delgadas *aryballes* castanhas e as taças de barro ornadas de desenhos hieroglíficos. Clientes atendiam a vez de pedir conselho ao curandeiro, postado no meio de pacotes de drogas. Enfeites de penas de aves, de cores berrantes, vindas da floresta longínqua, davam a nota do exotismo no meio das sandálias e dos cintos alinhados no pó.

No fundo, bem pouco era tudo isso. E como haveria de ser de outro modo, se esse «comércio microscópico», na expressão de um autor contemporâneo [4], mais não comportava do que o supérfluo, obtido pelas canseiras de um trabalho suplementar ou mercê de excepcionais condições climáticas?!

Havia, no entanto o ambiente de alegria e a magia das cores, o contacto com seres humanos vindos de outras regiões, a esperança das danças e dos beberetes. Poucas transacções, sem sombra de dúvida, para tanta gente, nenhum tumulto, nenhuma discussão; apenas o leve ruído das patas dos lamas pelo chão.

Entretanto, uma espécie de calma fugidia tornava o mercado em fonte estranha de alegria: interrompera-se momentâneamente o rígido ritmo da vida quotidiana.

AS RELAÇÕES COM O ESTRANGEIRO

Nada sabia o Índio do povo acerca do comércio estrangeiro. A própria palavra *estrangeiro* possuía, para ele, uma significação bastante vaga. Só os soldados em campanha davam à palavra

uma significação precisa: estrangeiro era o inimigo, que se tornava necessário combater, ou o bárbaro, cujo país ninguém poderia pensar em ocupar, uma vez que era demasiado miserável.

Obtinham os membros do escol, por troca, mercadorias oriundas de regiões longínquas, mormente quando viviam em regiões vizinhas das fronteiras. Ainda nesses casos, porém, o Índio do povo só mantinha relações com os vizinhos estrangeiros vindas dos tempos mais recuados ou estabelecidas anteriormente à conquista inca.

Um dos primeiros conquistadores espanhóis, o piloto Ruiz, antes de chegar a Tumbez, encontrou no Pacífico uma jangada, com Índios, súbditos do Inca, que singrava para norte, com um carregamento de tecidos, espelhos, conchas, pedras e metais preciosos [5].

Florescente fora o comércio, nas províncias recentemente conquistadas e ao longo das fronteiras, enquanto a regulamentação inca não começara a fazer sentir a sua acção abafadora. Pouco a pouco, porém, ia perdendo a sua importância. Não tinha, aliás, o soberano qualquer interesse em fazê-lo desaparecer, porquanto ele próprio ia auferindo certas vantagens pessoais, pois não só obtinha produtos desconhecidos no planalto, como ainda utilizava naturalmente os comerciantes como espiões.

Citem-se, como exemplo, os Pehuenches da serra de Mendoza, ao sul do Império, que negociavam em sal, peles de animais, peixe seco, pontas de flechas e ainda em colares de pedras, verdes ou azuis, penas de aves marinhas e algas comestíveis [6]. Serviam-se de uma moeda feita de pequenas conchas perfuradas, que se enfiavam em colares.

Com as mercadorias circulavam as notícias [7]. Se o Índio do povo, sempre fixo em sua terra, pouco sabia acerca do mundo exterior, já o mesmo não acontecia com os vizinhos do Império, os indomáveis Araucãs, os homens das florestas brasileiras ou da parte ocidental do actual Equador, todos ao corrente das instituições e dos acontecimentos do Império. A organização desse Estado monolítico enchia de espanto e admiração todos quantos dele ouviam falar.

Dessa forma, o que se escoava para além do território era o eco das vitórias, dos triunfos, das maravilhas da arquitectura e da perfeição das estatísticas. Mitos surgiam a juntar-se ainda a esse poder e a essa opulência. A intensidade do esplendor do Império não permitia que, do exterior, se pudessem distinguir os pormenores exactos e autênticos da vida quotidiana.

CONCLUSÃO

A primeira conclusão evidente a tirar desta exposição é, ainda uma vez mais, uma lição de realidade. Tal como hoje não poderíamos comprazer-nos na porcaria, a que o Índio tão perfeitamente se habituara, também não nos seria possível sujeitarmo-nos a uma planificação, que tanto lhe convinha. Aqueles que não concebem nem a liberdade nem a propriedade individuais, nada sofrem com a sua falta; mas nós, que conhecemos uma e outra, jamais poderíamos abdicar delas, sem angústia ou revolta.

O próprio Inca nada mais procurou do que uma solução oportunista, a melhor para firmar a sua autoridade, criando uma enorme máquina administrativa — aquela que mais se adaptava às condições naturais, históricas e psicológicas dos seus súbditos. Em tal concordância assentou, aliás, o segredo do seu êxito [1].

Não interessa averiguar o que teria acontecido se os Espanhóis não houvessem desembarcado em Tumbez. Um culto espírito pretende que o regime incaico constituía como que uma etapa no caminho da liberdade [2]. A individualização dos bens do escol parece confirmar, em parte, semelhante tese; mas a esclerose crescente do povo não permite que se mantenha.

Aos olhos do homem do século xx, a vida quotidiana no tempo dos últimos Incas dá a impressão de haver sido regulada, de uma vez para sempre, como um mecanismo de aflitiva perfeição. Absoluto e definitivo reinavam sem contestação. O homem do povo nada tinha que aprender, nada tinha que prever, nada tinha que desejar. Para ele, não havia concentração espiritual nem

irradiação. O Inca e o seu conselho constituíam, por eles sós, o cérebro dessa enorme personalidade colectiva.

Tal se nos apresentava o Império: gigantesco, mas com tudo localizado; momento grandioso, mas a repetir-se sempre igual a si próprio; sonho realizado de grandeza sem extensão e de duração sem sucessão.

«Monotonia fatigante e tristeza invencível» — no dizer de um comentador [3].

Entretanto, usufruía o Índio do século xv de certas vantagens de semelhante situação. Devia-lhe a ordem, a segurança contra a fome e a invasão, a tranquilidade de espírito, a fixação numa passividade total. Inútil ocupar-se dos outros, porque o Estado se ocupava de tudo — dos velhos e dos incapazes. «Desconhecem a caridade e a misericórdia» — afirma o padre Cobo, ao falar dos Índios. E admira-se de ver uma mulher passar por uma criança, a chorar e caída por terra, sem mesmo lhe lançar um olhar [4]. Polo de Ondegardo, por seu turno, indignava-se ao ver que os Índios, encontrando um dos seus com uma perna partida, se limitavam a dar conhecimento do facto ao funcionário a quem o caso dizia respeito [5]. Nada mais lógico. Não são os homens que merecem censura, mas tão-sòmente o sistema, que é o responsável por tal estado de coisas. Não teremos, porém, o direito de repetir o que Aristóteles afirmava da comunista *Cidade futura*, de Platão: Eis uma sociedade grosseira e sem atractivos?

Poder-se-ia crer, ao menos, — e alguns assim o pensaram — [6] que o Índio vivesse feliz. Imagina Durkeim que o traço característico do homem primitivo é o contentamento, facto que leva a caracterizar o civilizado pela sua perpétua insatisfação [7]. E também o padre J. de Acosta observava que o Peruano era, simultâneamente, escravo e feliz [8]. Ora, nós não acreditamos em que, mesmo a troco da liberdade, o Índio possa ter adquirido a felicidade.

Por certo que a felicidade é um bem subjectivo, visto o homem só ser feliz quando se crê feliz. A psicologia índia, porém, é muito complexa. Segurança, inércia, libertação do cuidado das escolhas e das responsabilidades — tudo isso contribuía para lhe assegurar uma felicidade negativa. Contentarmo-nos, porém, com semelhante

observação o mesmo seria que desconhecermos o predomínio do misticismo no espírito do homem do planalto andino. A angústia dominante no mundo visível, em troca da liberdade, encontrava outra fonte no além, como se fosse inseparável da natureza humana e pudesse ser transposta, mas nunca eliminada.

Bem-aventurada angústia essa que, no plano inacessível à planificação humana, onde reina, forçosamente e sempre, o imprevisto do nascimento, da doença, do acidente e da morte, arrancava a alma índia da sonolência em que o próprio rigor do perfeito sistema peruano ameaçava mergulhá-la.

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. R. Porras Barrenechea: *El cronista indio F. Huaman Poma de Ayala*, Lima, 1948.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

1. H. de Keyserling: *Méditations sud-américaines*, tradução francesa, Paris, 1932, capítulo I.
2. *El Peru en marcha*, Lima, 1943 (obra anónima e muito bem documentada, publicada pelo *Banco de Crédito do Peru*).
3. Tal é a separação que, segundo a lenda, algumas tribos antigas não consideravam de nenhuma utilidade a construção de prisões, uma vez que a natureza conservava os homens prisioneios no lugar do próprio domicílio.
4. J. de Sámanos: *Relación de los primeros descubrimientos de Francisco Pizarro y Diego de Almagro*, na *Colección de documentos inéditos para la historia de Espana*, tomo V.
5. Thor Heyerdahl: *L'Expédition du «Kon-Tiki»*, trad. francesa, Paris, 1951. O nome correcto do deus peruano é «Tiqsi», diferindo, por conseguinte, do nome do deus polinésico. O leitor encontrará uma crítica severa, mas justa, das pretensões científicas dos Escandinavos no artigo de um especialista qualificado. A. Metraux: *Le voyage du Kon-Tiki et l'Origine des Polynésiens*, na *Revue de Paris*, Julho de 1951, p.119, e outra não menos convincente no do Prof. R. Heine-Gelden: *Heyerdahl's hypothesis of Polynesian origins: a criticism*, no *Geographical Journal*, Londres, Dezembro de 1950.
6. P. Sarmiento de Gamboa: *Segunda Parte de la Historia general llamada indica*, Berlim, 1906, p. 90; M. Cavello de Balboa: *Miscelánea antárctica*,

trad. francesa, Paris, 1840, cap. VII (com o título de *Histoire du Pérou*, em francês).

7. Sabe-se o quanto sofreram os soldados bolivianos dos elevados planaltos, durante a guerra do Chaco, quando forçados a combater em planícies de baixa altitude.
8. P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica del Peru*, na *Biblioteca hispano-ultramarina*, t. V, Madrid, 1880, cap. CXI; J. D. von Tschudi: *Contribuciones a la historia, civilización y linguistica del Peru antiguo*, na *Colección de libros referentes a la historia del Peru*, t. IX, p. 226.
9. Ventura Garcia Calderón: *Vale un Perú*, Bruxelas, 1939.
10. Alguns arqueólogos, contudo, descobriram recentemente, na América do Sul, civilizações agrícolas sem milho. W. C. Bennet: *A Reappraisal of Peruvian Archeology*, em *American Antiquity*, t. XIII, 1948; W. C. Bennet e J. B. Bird: *Andean Culture History*, Nova Iorque, 1949.
11. A melhor documentação da matéria é fornecida pelo padre B. Cobo: *História del Nuevo Mundo*, Sevilha, 1890-1895, t. I, liv. IV; L. Parodi: *Relaciones de la agricultura prehispánica con ía agricultura argentina actual*, em *Anales de la Academia nacional de Agronomia y Veterinaria*, 1937, t. I, Buenos Aires; L. Valcárcel: *História de ía cultura antigua del Perú*, t. I, vol. II, Lima, 1949, p. 68; G. F. Carter: *Southwestern Journal of Anthropology*, 6 de Fevereiro de 1950; G. R. Stonor e E. Andersen: *Annals of the Missouri Botanical Garden*, 1949.

CAPÍTULO II

1. A. de Calancha: *Corónica moralizada del orden de San Agustin en el Perú*, Barcelona, 1638, liv. I, cap. XIV.
2. Garcilaso de la Vega: *Primera Parte de los Comentarios reales*, Madrid, 1723, liv. I, cap. XVIII; P. Sarmiento de Gamboa: op. cit., cap. IX e XIII.
3. R. Porras Barrenechea: *Mito, tradición y história del Perú*, Lima, 1951, p. 25.
4. Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. I, cap. XVIII.
5. A. Ramos Gavillan: *História del célebre santuário de Nuestra Señora de Copacabana*, Lima, 1621, p. 5.
6. R. Porras Barrenechea: *Mito, tradición y história*, op. cit., p. 23.
7. M. Cavello de Balboa: *Miscelánea antártica*, op. cit., III parte, cap. XVII.
8. J. Anello Oliva: *Histoire du Pérou*, trad. francesa, Paris, 1857, cap. III a V.
9. López de Gómara: *História general de las Indias*, em *Biblioteca de autores españoles*, t. XXII, Madrid, 1852, p. 232.

10. A hipótese de um cataclismo sísmico é combatida por J. Imbelloni: *Las tabletas parlantes de Pascua*, em *Runa* (Buenos Aires), vol. IV, 1951, p. 93.
11. J. Imbelloni: *La Esfinge indiana*, Buenos Aires, 1926, anexo de E. Palavecino: p. 335; R. Cúneo Vidal: *História de la civilización peruana*, Barcelona, s. d., p. 85.
12. R. Porras Barrenechea: *Mito, tradición e história*, op. cit., p. 21.
13. F. Montesinos: *Memórias antiguas historiales políticas del Perú*, na *Colección de libros españoles raros o curiosos*, Madrid, 1882, t. XVI, cap. IV.
14. R. Larco Hoyle: *Los Mochicas*, Lima, 1939, t. II, cap. V.
15. J. de Velasco: *Historia del Reino de Quito*, 1841-1844, 3 vol.
16. Vários Autores: *Lima precolombina y virreinal*, Lima, 1938, p. 49.
17. R. Carrión Cachot: *Ancón*, Lima, 1951.
18. H. Urteaga: *Tambo Colorado*, no *Boletin de la Sociedad geográfica de Lima*, 1939, p. 85.
19. J. Mendoza del Solar: *La evolución social y política del antiguo Perú*, Arequipa, 1920, p. 65; H. Castro Pozo: *Del ayllu al cooperativismo socialista*, Lima, 1936; F. Cosio: *La Propriedad colectiva del ayllu*, na *Revista Universitaria del Cusco*, 1948, I; J. A. Fonvielhe: *L'évolution juridique de l'Indien du Pérou*, tese dactilografada, Bordéus, 1952. A escola sociológica alemã de H. Cunow parte do princípio de que toda a organização do Peru pré-colombiano assenta no *ayllu* (*Die soziale Verfassung des Inkareichs*, Estugarda, 1896, p. 39).
20. P. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Peru*, Lima, 1621.
21. Vivas e confusas são as controvérsias sobre este ponto, mormente acerca das duas fratrias de Cusco. Veja-se, principalmente, F. Montesinos: *Memorias antíguas historiales*, op. cit., cap. I e VI; B. de las Casas: *De las antiguas gentes del Perú*, na *Colección de libros y documentos referentes a la historia del Perú*, Lima, 1939, cap. XVII; Sarmiento de Gamboa: *Historia general*, op. cit., cap. VIII e XIX; J. de Matienzo: *Gobierno del Peru*, Buenos Aires, 1910, cap. XV.
22. J. Vellard: *Un village de structure précolombienne en Bolivie*, nos *Annales de Géographie*, Julho de 1943, p. 206; Mc Bride: *The agrarian Indian communities of highlan Bolivia*, Nova Iorque, 1921, p. 14.
23. M. Kuczynski-Godard: *El pensamiento arcáico mítico del campesino peruano*, Lima, 1948, p. XXXIII; A. Miro Quesada: *Costa, sierra y montaña*, Lima, 1947, p. 400.
24. Principalmente na costa norte do Peru.
25. Ao casar-se, a mulher passa para o *ayllu* do marido. A. Sivirichi: *Derecho indígena peruano*, Lima, 1946, p. 221.
26. Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. IV, cap. VIII; Vaca de Castro: *Discurso sobre la descendencia y gobierno de los Incas*, na *Colección de libros y documentos referentes a la história del Peru*, t. III,

série II, Lima, 1920, p. 24; J. Mejia Valera: *Organización de la sociedad en el Perú precolombino*, Lima, 1946, cap. IV. Para C. Levi-Strauss, a afirmação da proibição do incesto marca um momento de extraordinária importância na história da humanidade: indica a passagem da ordem natural à ordem cultural, do sofrido ao querido, em suma, o princípio de uma nova ordem, visto corresponder à primeira formulação de uma regra independente da natureza. Tal regra não é arbitrária, antes obedece ao princípio da reciprocidade: renuncio à minha irmã e à minha filha, necessário se tornando que o meu vizinho proceda de igual forma, a fim de me permitir o procurar mulher em sua casa. Daí, o estabelecimento da exogamia (*Les structures élémentaires de la parenté*, Paris, 1949). Não iremos examinar aqui o demasiadamente obscuro problema da exogamia e da endogamia entre os *Incas*. Geralmente, o casamento é exógamo, em relação ao grupo totémico, e endógamo em relação à sociedade política (C. Bouglé: *Essais sur le régime des castes*, Paris, 1908). Sobre os graus de parentesco, veja-se H. Cunow: *El sistema de parentesco peruano y las comunidades gentilicias de los Incas*, Paris, 1929.

27. O mesmo se passa nas actuais *fiestas* da Bolívia.
28. L. Baudin: *L'Empire socialiste des Inka*, Paris, 1928, p. 84.
29. Na cidade de Ayacucho, traduzem-se as lembranças de *Potlatch* pela imposição feita, todos os anos, a duas famílias da organização de uma onerosa festa que dura vários dias. (M. Kuczynski-Godard: *El pensamiento arcáico*, op. cit., p. XXXII). Ao invés, o desprezo social rompe a solidariedade do grupo: quem rouba um vizinho, deve ser afastado (J. Delgado: *Folklores y apuntes para la sociologia indígena*, Lima, 1931).
30. H. Bingham: *Lost of the Incas*, Nova Iorque, 1948, p. 186.

CAPÍTULO III

1. E. G. Squier: *Peru, incidents of travel and explorations in the land of the Incas*, Londres, 1877, cap. VII, VIII, IX; O. Holstein: *Chanchan, capital of the Great Chimu*, na *Geographical Review*, 1927, p. 36; R. Larco Hoyle: *Los Mochicas*, 2 vol., Lima, 1938.
2. J. T. Polo: *Indios Uros del Perú y de Bolivia*, no *Boletin de la Sociedad geográfica de Lima*, 1901, p. 445; E. Palavecino: *Los Indios Urus de Iruito*, em *La Prensa*, Buenos Aires, 18 de Novembro de 1934; J. Uriel Garcia: *Pueblos y paisajes sudperuanos*, Lima, 1949, p. 54; J. Vellard: *Contribution à l'étude des Indiens Uru*, nos *Travaux de l'Institut français d'Études andines*, Lima, 1949.
3. A. Posnansky: *Tihuanacu*, Nova Iorque, 1946. É possível que tenha havido várias civilizações aimarás sucessivas, tendo sido bastante vivas

as controvérsias a esse respeito. Veja-se J. Imeblloni: *La Esfinge indiana*, op. cit., p. 45.

4. G. Rouma: *Quitchouas et Aymaras*, Bruxelas, 1933.
5. Pretende Garcilaso de la Vega que os Incas possuíam uma língua especial, diferente do quichua, e cujo emprego era interdito ao povo (*Comentarios reales*, op. cit., liv. VIII, cap. I).
6. Acerca da distinção entre escol e povo, veja-se L. Baudin: *L'Aube d'un nouveau Libéralisme*, Paris, 1953, cap. VIII.
7. A. Oliva: *Histoire du Pérou*, op. cit., p. 22; L. Baudin: *La Formation de l'élite et l'enseignement de l'histoire dans l'Empire des Incas*, na *Revue des Études historiques*, Abril de 1927, p. 107.
8. M. de Morua: *Historia del origen y genealogia real de los reyes Incas del Peru*, Lima, 1925; C. de Molina: *Relacion de las fábulas y ritos de los Incas*, Lima, 1916; F. Montesinos: *Memorias antiguas*, op. cit.; R. Porras Barrenechea: *Quipu y quilca*, no *Mercurio peruano*, Janeiro de 1947.
9. P. de Cieza de León: *Crónica del Perú*, op. cit., cap. XLIV.
10. P. Ainsworth Means: *Ancient Civilizations of the Andes*, Nova Iorque, 1931; M. R. T. de Diez Canseco: *Pachacutec Inca Yupanqui*, Lima, 1953. De particular utilidade nos foi esta última e excelente obra.

CAPÍTULO IV

1. P. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., p. 16.
2. Confronte-se Levy-Bruhl: *L'Ame primitive*, Paris, 1927, p. 134.
3. J. Tello: *Wira-Kocha*, revista *Inka*, Lima, 1923.
4. J. de Arona: *Diccionario de peruanismos*, na *Biblioteca de cultura peruana*, n.º 10, Paris, 1938, p. 233.
5. Se outrora o mito absorveu a realidade, é possível que ainda hoje o mesmo mito se mantenha no desejo de fugir a essa realidade (M. Kuczinsky-Godard: *El pensamiento arcáico*, op. cit., p. IX).
6. Garcilaso sabia muitíssimo bem que iria chocar os seus contemporâneos ao exprimir-se por essa forma. Fê-lo, todavia, em termos claros: *Comentarios reales*, op. cit., liv. II, cap. VI. Acrescenta Las Casas que os Índios conheceram Deus bem melhor que os Gregos e os Romanos: *Apologética historia sumaria*, Madrid, 1909, t. I, cap. 76. Veja-se, ainda, W. Prescott: *Histoire du Pérou*, trad. francesa, Paris, 1861, t. I, p. 98; P. Ainsworth Means: *Ancient Civilizations of the Andes*, op. cit., p. 429.
7. Nada podia ser mais estranho aos Espanhóis do que uma concepção dualista da religião. Pensa A. Bandelier que existem ainda sociedades secretas no alto Peru: *The Islands of Titicaca and Coati*, Nova Iorque, 1910, p. 123.

8. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., t. IV, p. 47; M. Uhle: *Pachacamac*, Filadélfia, 1903.
9. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., t. III, p. 124.
10. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., t. III, p. 156; J. de Betanzos: *Suma y Narración de los Incas*, na *Biblioteca hispano-ultramarina*, Madrid, 1880, cap. XI; C. de Molina: *Relación de las fábulas y ritos*, op. cit.; M. R. T. de Diez Canseco: *Pachacutec Inca Yupanqui*, op. cit. p. 136.
11. Essas estátuas tinham figura humana e eram cobertas com vestuários. Tal representação do deus abstracto é surpreendente. Existem ainda bastantes coisas obscuras nas narrativas dos cronistas.
12. Veja-se mais adiante: *A vida familiar do homem do povo.*
13. R. Porras Barrenechea: *Las Relaciones primitivas de la conquista del Peru*, Paris, 1937, p. 51.
14. L. Baudin: *La Vie de François Pizarre*, Paris, 1930, p. 91.
15. R. Porras Barrenechea: *Una Relación inédita de la conquista del Peru*, Madrid, 1940.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

1. A descrição por nós feita inspira-se nos desenhos de Poma de Ayala e principalmente naquele que representa Pachacutec (p. 108). Tais desenhos podem ser consultados na edição de Paris, de 1936, ou na de La Paz, de 1944, mais manuseável. O título do manuscrito de Poma de Ayala é: *Nueva Corónica y buen Gobierno.*
2. Assim aconteceu por morte de Huayna Capac. Nessa altura, surgiram dúvidas acerca da legitimidade da subida ao trono por parte de Huascar, designado por seu pai à hora da morte, mas sem ter sido oficialmente proclamado. Daí a origem da guerra civil entre os dois irmãos.
3. J. de Betanzos: *Suma y Narración de los Incas*, op. cit., cap. XVII; C. de Molina: *Fábulas y ritos*, op. cit., p. 35; De Diez Canseco: *Pachacutec Inca Yupanqui*, op. cit., p. 107.
4. M. de Morua: *Historia*, op. cit., liv. III, cap. XXXI; J. de Betanzos: *Suma y Narración*, loc. cit.
5. F. de Santillán: *Relación del origen, descendencia, política y gobierno de los Incas*, nas *Tres relaciones de antigüedades peruanas*, Madrid, 1879, parágr. 18.
6. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XII, cap. XX.
7. L. Baudin: *L'Inca Pachacutec, réformateur du monde*, nos *Annales de l'Université de Paris*, Abril de 1953.

8. Cieza de León: *Crónica del Perú, Primera Parte*, cap. LXXXI. Em escala bastante menor, o *Kreisjagd* austríaco é análogo a este método peruano de caça.
9. E. Yacovleff: *Los Falconidos en el arte y en las creencias peruanas*, na *Revista del Museo Nacional de Lima*, 1932, n.º 1, p. 56.
10. F. de Jerez: *Verdadera Relación de la conquista del Perú*, na *Biblioteca de cultura peruana*, n.º 2, p. 59; F. Montesinos, *Memorias antiguas*, op. cit., cap. XXII.
11. Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., p. 136.
12. Lope de Atienza: *Compendio historial del Estado de los Índios del Perú*, Quito, 1931, p. 58.
13. Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., p. 120 e ss.
14. Uriel Garcia: *La Ciudad de los Indios*, El Cusco, 1922; R. Larco Herrera: *El Cuzco precolombino*, na *Revista Universitaria de Cuzco*, 1929, p. 234; S. Hagar: *Cuzco, the celestial city*, Nova Iorque, 1902.
15. Considera Pedro Sancho que essa vala apenas deixa espaço suficiente para que um cavaleiro possa passar de cada lado: *Relación para S. M.*, na *Biblioteca de cultura peruana*, n.º 2, Paris, 1938, p. 177.
16. Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. VII, cap. VIII.
17. Os especialistas de arquitectura não são avaros de elogios a este respeito, como, por exemplo, Fergusson: *Handbook of Architecture*, Londres, 1865, liv. III, cap. III; H. Velarde: *Arquitectura peruana*, México, 1946, p. 44.
18. Para o palácio de Tomebamba: C. Balboa: *Histoire du Pérou*, op. cit., cap. XI. Para o de Latacunga: A. de Ulloa: *Voyage historique de l'Amérique méridionale*, Amsterdão, 1752, liv. VI, p. 387. A rsepeito do de Cajamarca: F. de Jerez: *Verdadera relación*, op. cit., p. 66.
19. E. Harth-Terré: *Incahuasi*, na *Revista del Museo Nacional de Lima*, 1933, n.º 2, p. 101.
20. Pedro Pizarro: *Relación del descubrimiento y conquista del Perú*, na *Biblioteca de cultura peruana*, Paris, 1938, n.º 2, pp. 291, 303, 304.
21. R. Porras Barrenechea: Introdução ao *Vocabulário* de D. Gonçalez Holguin, Lima, 1952, p. XXXIV.
22. P. Patrón e C. A. Romero: *La Tribu Tampu y la lengua especial de los Inkas*, em *Inca*, 1923, p. 432.

CAPÍTULO II

1. M. de Morua: *Historia*, op. cit., liv. III, cap. II e IV.
2. E. Yacovleff: *Los Falconidos en el arte y en las creencias de los antiguos Peruanos*, na *Revista del Museo Nacional de Lima*, 1932, op. cit., p. 96.

3. É pena que as narrativas dos cronistas divirjam em grande número de pontos: Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. VI, cap. XVI e XXV; B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., t. III, cap. XXVII; J. de Betanzos: *Suma y Narración de los Incas*, op. cit., cap. XIV; De Diez Canseco: *Pachacutec Inca Yupanqui*, op. cit., p. 222.
4. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., t. III, cap. XXXIV.
5. Garcilaso de la Vega: *Comentários reales*, op. cit., liv. IV, cap. I e II.
6. R. Porras Barrenechea: *Una Relación inédita*, op. cit. p. 14.
7. M. de Morua: *Historia*, op. cit., liv. III, cap. 35.
8. *Relación de las costumbres antiguas de los naturales del Perú*, nas *Tres relaciones de antigüedades peruanas*, op. cit., texto reproduzido na *Revista del Archivo del Cuzco*, 1953, n.º 4, p. 383. Atribui-se este documento ao padre jesuíta Blas Valera, nascido em 1545, no Peru, onde viveu até 1590. Morreu em Espanha, em 1596.
9. Ramos Gavilan: *Historia de Copacabana*, op. cit., p. 94 e 99; F. de Santillàn: *Relación*, op. cit., parágr. 35.
10. C. de Castro e D. de Ortega Morejón: *Relación y declaración del modo que este valle de Chincha y sus comarcanos se gobernaban*... etc., na *Colección de documentos inéditos para la historia de España*, t. I, p. 244; *Relaciones geográficas de Indias*, Madrid, 1881, t. I, p. 72 e t. III, p. 217.
11. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XII, cap. XV.

CAPÍTULO III

1. P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica del Perú*, op. cit., cap. XXXIX; Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., p. 365.
2. Certo texto anónimo fornece indicações acerca de tais esforços. J. H. Howland: *Inca culture at the time of spanish conquest*, no *Handbook of South-America Indians*, Washington, 1946, p. 328; G. V. Callegari pensa que os Peruanos já calculavam os solstícios e os equinócios: *Conoscenze astronomiche degli antichi Peruviani*, na *Rivista Abruzzese*, 1914.
3. J. Matos Mar: *Marco geográfico del area cultural del Kauke en el Peru*, Lima, 1950.
4. J. Vellard: *Contribution à l'étude des Indiens Uru*, op. cit., 1949, p. 145-1950, p. 51-1951, p. 3.
5. J. M. Camacho: *La Lengua aymará*, no *Boletin de la Sociedad geográfica de La Paz*, Dezembro de 1945, p. 3; R. Porras Barrenechea: introduções ao *Léxico*, à *Gramática* de Fray Domingo de S. Tomás e ao *Vocabulário* de Gonçalez Holguin, Lima, 1951-1952; L. J. Cisneros: *La primera gramatica de la lengua del Peru*, no *Boletin del Instituto Riva Agüero*, 1951-1952, n.º 1, p. 197.

6. Tais são as palavras que, segundo R. Porras Barrenechea, reflectem o culto do bem falar quichua: «o que fala mal e às cegas», «o que fala de maneira imprópria», «falar uma língua subtil e elegante», «dizer espontâneamente coisas admiráveis», «o que fala uma língua mesclada de elementos estrangeiros». (Introdução ao *Vocabulário de* D. Gonçalez Holguin, p. XLI).
7. Apresenta-nos o cronista os desenhos de dois secretários, transportando *quipus*, abundantemente fornecidos de cordões: *Nueva Corónica*, op. cit., pp. 358 e 360.
8. L. Locke: *The ancient quipou*, no *The American Museum of National History*, 1933; E. Nordenskiold: *The secret of peruvian quipus*, Göteborg, 1925; P. D. Kreichgaver: *Das Rätsel der Quipus*, em *Anthropos*, 1928, p. 322; J. G. Llosa: *La Estatistica en el Imperio de los Incas*, na *Revista Universitaria de Cuzco*, 1950, I, p. 105. Acerca do *quipu* do Museu do Homem, em Paris, veja-se o *Bulletin du Musée d'Ethnologie du Trocadéro*, Janeiro de 1931, p. 16.
9. R. Porras Barrenechea: *Quipu y Quilca*, no *Mercurio Peruano*, op. cit., p. 28.
10. Para maior precisão, veja-se o nosso trabalho sobre *L'Empire socialiste des Inka*, p. 125.
11. Esta classificação é inspirada naquela que Poma de Ayala nos fornece, mas há incerteza relativamente aos tributários, que poderiam muito bem compreender os homens dos vinte e cinco aos sessenta anos (e não aos cinquenta). É essa a indicação fornecida pelo manuscrito de Chucuito (M. Helmer: *La Vie économique au XVIª siècle sur le haut plateau andin*, em *Travaux de l'Institut français d'Études andines*, Lima, 1951, p. 128). Entretanto, F. de Santillán informa que os Índios dos cinquenta aos sessenta anos trabalhavam as terras, mas não pagavam tributo (no sentido por nós dado à palavra). (*Relación*, op. cit., parágr. 11). Cabeza de Vaca apresenta ainda outra classificação nas *Relaciones geograficas*, t. II, p. 71.
12. Polo de Ondegardo: *De la orden que los Indios tenyan en dividir los tributos*... na *Colección de documentos inéditos del archivo de Indias*, t. XVII.
13. F. de Santillán: *Relación*, op. cit., p. 52.
14. L. Valcárcel: *Historia de la cultura antigua del Peru*, t. I, vol. II, Lima, 1949, pp. 192 e 197.
15. Damián de la Bandera: *Relación general de la disposición y calidad de la provincia de Guamanga*, nas *Relaciones geográficas de Índias*, Madrid, 1881, p. 100.
16. C. de Castro y D. de Ortega Morejón: *Relación y declaración*, op. cit., p. 215.
17. P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica*, op. cit., cap. LXXVI e C.

18. P. de Ondegardo: *Relación de los fundamentos acerca del notable daño que resulte de no guardar a los Indios sus fueros*, na *Colección de documentos inéditos del Archivo de Indias*, t. XVII, p. 69.
19. P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica*, op. cit., cap. XV.
20. Pedro Sancho: *Relación*, op. cit., pp. 142 e 145.
21. «Em espiral», escrevem os Espanhóis.
22. General Langlois: *De-ci, de-là, à travers le Pérou précolombien, La Géographie*, 1936, p. 29.
23. P. Fejos: *Archeological Explorations in the Cordillera Vilcabamba South-Eeastern Peru*, Nova Iorque, 1944.
24. Existe uma na transversal que conduzia do vale de Rimac ao planalto, à entrada da montanha, perto de Chosica, nas vizinhanças de Lima.
25. Fica hoje a vários quilómetros do mar; o porto, à distância de quinze quilómetros, chama-se, como é lógico, Porto Pizarro.
26. Segundo Cieza de León: *Crónica, Primera Parte*, op. cit., cap. XXXVII.
27. Para uma comparação, absolutamente favorável às estradas andinas, veja-se General Langlois: *De-ci, de-là, à travers le Pérou précolombien*, em *La Géographie*, op. cit., p. 26.
28. Lopez de Gómara enumera uma série de maneiras para atravessar as torrentes (*Historia general de las Indias*, op. cit., cap. CXCIV). Encontrar-se-ão boas descrições de pontes em Miguel Estete, *Relación, Biblioteca de cultura peruana*, t. II, p. 80 (ponte sobre o rio Santa) e em Pedro Sancho: *Relación*, mesmo volume, p. 138 (ponte sobre o rio Jauja).
29. Assistimos a uma passagem deste género no alto Pastaza, no *Oriente* equatorial.
30. Ventura Garcia Calderón: *Le sang plus vite*, Paris, 1934, p. 108. Conseguiu este excelente romancista tirar efeitos dramáticos da paragem da cesta no meio da corrente, em resultado de um desarranjo, na altura em que dentro dela se encontrava um jovem casal condenado a passar a noite com meio corpo metido na água, enquanto esperava que a luz do dia pudesse permitir a sua reparação.
31. Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. VI, cap. XXXVI.
32. *Relación anónima*, nas *Tres relaciones de antigüedades peruanas*, Madrid, 1879, p. 200, lei 23. Em França, nos fins do século passado, certo oficial condenado à morte, e indultado depois pelo Chefe do Estado, solicitou ao Conselho de Estado que lhe anulasse o indulto, dado que o mesmo acarretava a degradação militar, pena maior do que a morte (Conselho de Estado, 30 de Janeiro de 1893).
33. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., t. VIII, liv. XII, cap. XXV; H. Urteaga apresenta um esquema desta organização em: *La Organización judicial en el Imperio de los Incas*, Lima, 1928, p. 28.

34. P. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., cap. V
35. H. Trimborn: *Straftat und Sühne in Alt-Peru*, em *Zeitschrift Ethnologie*, 1925.
36. C. de Castro y D. de Ortega Morejón: *Relación y declaración*, op. cit.
37. Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., p. 302 e ss.
38. *Revista del archivo histórico del Cuzco*, 1953, n.º 4, p. 91.
39. Vocabulário de Fray Domingo de S. Tomás e de D. Gonçalez Holguin.

CAPÍTULO IV

1. Léon Gautier: *La Chevalerie*, Paris, s. d., p. 753.
2. H. Urteaga: *El ejercito incáico*, em *El Peru*, Lima, 1928, p. 111.
3. M. E. de Rivero et J. D. de Tschudi: *Antiquités péruviennes*, Paris, 1859, p. 217.
4. P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica del Perú*, op. cit., cap. XVII.
5. A. B. Gayoso: *Relación*, nas *Relaciones geográficas de Indias*, op. cit., t. III, p. 159.
6. Os gaúchos de La Plata servem-se destes *ayllos*, chamados *bolas*, para capturarem os cavalos.
7. P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica del Peru*, op. cit., cap. XLVI.
8. E. Yacovleff: *Los Falconidos*, op. cit., p. 66.
9. Era com estes Guaranis que se encontrava um Português oriundo da costa brasileira. Foi esse audacioso isolado o primeiro Branco que atingiu os confins do império dos Incas, exactamente em 1526, a leste de Chequisaca (actual Açúcar). Chamava-se Aleixo Garcia (E. Nordenskiold: *The Guarani invasion of the Inca Empire in the sixteenth century*, em *The Geographical Review*, 1917, p. 103.
10. R. Schippee: *Air adventures in Peru*, no *National Geographical Magazine*, Janeiro de 1933.
11. Pedro Sancho: *Relación*, op. cit., p. 178.
12. Garcilaso de la Vega: *Comentários reales*, op. cit., liv. VII, cap. XXVII, XXVIII, XXIX.
13. H. Velarde: *Arquitectura peruana*, op. cit., p. 39. Nenhuma das muralhas incaicas desabou por ocasião do recente e terrível tremor de terra de 21 de Maio de 1950, que destruiu dois terços da cidade: intensidade 7 da escala Mercali, com a duração de dez segundos (*Cuzco*, publicação da U. N. E. S. C. O., Paris, 1951).

CAPÍTULO V

1. H. *Trimborn: Die Organisation der Öffentlichen Gewalt in Inka-Reich*, Viena, 1928.
2. *Tres relaciones de antigüedades peruanas*, op. cit., p. 157 e ss., texto da *Revista del archivo histórico del Cuzco*, 1953, n.º 4, p. 362.
3. P. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., cap. III.
4. *Literatura Inca*, na *Biblioteca de cultura peruana*, Paris, 1938, t. I, p. 201.
5. J. Wilbois: *Prolégomènes*, em M. Brillant et R. Aigrain: *Histoire des Réligions*, Paris, 1953, t. I, p. 31.
6. L. de Gómara: *Historia general de las Indias*, op. cit., p. 232.
7. Tais ideias conservaram-se bastante vivas. Será para compensar as alegrias do casamento que, entre os Collas, o marido abandona a mulher, após as núpcias, para viajar a pé, durante vários anos, através da América, vendendo drogas? Oliveira Cezar: *Leyendas de los Indios Quichuas*, Buenos Aires, 1893.
8. P. Gordon: *Les Réligions des Primitifs*, em M. Brillante R. Aigrain: *Histoire des Réligions*, op. cit., t. I, p. 240.
9. *Revista del archivo histórico del Cuzco*, 1953, n.º 4, op. cit., p. 373.
10. *Revista del archivo histórico del Cuzco*, loc. cit., p. 376.
11. *Poesia, música y danza inca*, na *Colección Mar Dulce*, Buenos Aires, 1943, p. 57.
12. M. Uhle: *Pachacamac*, Filadélfia, 1903, p. 86.
13. J. D. von Tschudi: *Contribuciones a la historia*, op. cit., p. 217; E. J. Payne: *History of the New World*, Oxónia, 1892, p. 548.
14. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XIII, cap. XXI-XXII; M. de Morua: *Historia*, op. cit., liv. XIII, cap. XIII; C. de Molina: *Relación de las fábulas y ritos*, op. cit.; J. C. Tello y P. Miranda: *Wallalo*, na *Inca*, 1913, p. 521.
15. Este dualismo religioso traduz-se na história pelo contraste entre os deuses heróis Montezuma e Cuauhtémoc: um, «sente a fascinação do suicídio»; o outro, obedece ao deus dos combates e, na manhã que se segue à *noite triste*, oferece ao ídolo os corações ainda palpitantes dos prisioneiros espanhóis (H. Perez Martinez: *Cuauhtémoc, vie et mort de la culture aztèque*, Paris, 1952).
16. P. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., p. 8.
17. M. Estete: *Relación*, op. cit., p. 231.
18. P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica del Perú*, op. cit, cap. XLIV.
19. P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica del Perú*, op. cit., cap. LXXXIX.

20. A. Ramos Gavilan: *Historia del célebre santuario de Nuestra Señora de Copacabana*, op. cit., *passim*.
21. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, liv. XIII, cap. XVIII.
22. L. Alayza y Paz Soldan: *Mi Pais*, Lima, 1944, t. III, p. 300.
23. Esse nome é: *Catachillay*.
24. Para um resumo desta descrição, veja-se L. Baudin: *La vie de François Pizarre*, Paris, 1930, p. 69. Encontra-se uma reprodução deste conjunto de desenhos em P. A. Means: *Ancient Civilizations of the Andes*, op. cit., p. 394.
25. R. Lehmann-Nitsche: *Coricancha, Revista del Museo de la Plata*, 1928, p. 1. Estabeleceu este autor que a descrição, apresentada pelo Índio Santa Cruz Pachacuti Yanqui Salcamayhua, reproduzida nas *Tres relaciones de antigüedades peruanas*, op. cit., se refere aos desenhos do altar do templo do Sol em Cusco. Completam esta descrição as indicações fornecidas pelo padre B. Cobo.
26. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., t. III, p. 325.
27. P. A. Means: *Ancient Civilizations of the Andes*, op. cit., p. 403. Provável é que haja sido Pachacutec quem mandou fabricar as mais antigas dessas múmias (Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. III, cap. XX).
28. R. Loredo: *El Reparto de los tesoros del Cuzco*, citado por M. R. de Diez Canseco: *Pachacutec Inca Yupanqui*, op. cit., p. 132.
29. C. de Molina: *Fábulas y ritos*, op. cit.; P. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., cap. V.
30. Foi a tampa de ouro de uma dessas fontes que coube, por ocasião da partilha dos despojos, feita por Francisco Pizarro, a Mâncio Serra de Leguizamo—e não o disco do Sol do templo de Cusco, como, sem razão, se tem repetido. (R. de Lizárraga: *La descripción y población de las Indias*, na *Nueva Biblioteca de autores españoles*, Madrid, 1903, liv. I, cap. LXIII). Foi essa tampa que o mesmo cavaleiro perdeu ao jogo. O célebre ditado «perde o Sol antes de nascer» não assenta em qualquer facto histórico exacto.
31. A igreja de S. Domingos, edificada pelos Espanhóis sobre os muros do templo do Sol, foi destruída pelo último terramoto de Maio de 1950. Tinha pouco valor artístico. Pretende-se aproveitar a sua desaparição para se construir o antigo edifício tal como se apresentava antigamente. Infelizmente, porém, faltam pormenores entre os cronistas e os vestígios são mínimos (M. Chavez Ballón: *El Templo del Sol o Quoricancha*, na *Revista del Instituto Americano de Arte*, Cusco, 1952, vol. II, p. 18).
32. Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. VI, cap. XX a XXIII.

33. A festa do Sol foi legalmente restabelecida no Peru, em 1930, com o nome de festa do Índio. Ainda actualmente se encontram por todo o país os antigos ritos sob as formas católicas. Alguns autores vão mesmo ao ponto de falarem em «religião mista».

CAPÍTULO VI

1. J. H. Howland Rowe: *Inca Culture at the time of spanish conquest*, op. cit., p. 323. Tais pilares ou pedestais têm o nome de *intihuatana*.
2. L. Alayza y Paz Soldan: *Mi Pais*, op. cit., t. III, p. 301.
3. F. Buck: *Inscripciones calendarias del Perú*, na *Revista del Museo Nacional de Lima*, 1939, n.º 1, p. 139.
4. A indicação de um metro e sessenta e dois centímetros, dada por H. Rowe, é um pouco superior à que resulta dos estudos actuais: G. de Crequi-Montfort et E. Senechal de la Grange: *Anthropologie bolivienne*, Paris, 1907, vol. II, p. 349; G. Rouma: *Quitchuas et Aymaras*, Bruxelas, 1933, p. 175. Acerca das distâncias, veja-se M. de Morua: *Historia*, op. cit., liv. III, cap. XXIV e XXIX.
5. A. Miro Quesada: *Costa, sierra y montaña*, op. cit., p. 415.
6. Assim acontece ainda hoje na região de Urcos: revista *Tradición*, Cusco, Janeiro de 1951, p. 156.
7. Para uma visão de conjunto desta matéria, o leitor terá vantagem em consultar a obra em três volumes de H. Valizan e A. Maldonado: *La Medicina popular peruana*, Lima, 1922, bem como R. d'Harcourt: *La Médicine dans l'ancien Pérou*, Paris, 1939.
8. L. R. Velez López: *El clister en el antiguo Peru*, 23.ª sessão do Congresso Internacional dos Americanistas, Nova Iorque, 1928, p. 296.
9. W. Golden Mortimer: *Perú, History of coca, the divine plant of the Incas*, Nova Iorque, 1901.
10. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. V, cap. XVII; C. W. Mead: *Old civilizations of Inca-Land*, Nova Iorque, 1932, p. 107.
11. Tal processo, ainda hoje existente, encontra-se descrito em M. Kuczynski-Godard: *Estudios medico-sociales en minas de Puno*, Lima, 1945.
12. Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., p. 279.
13. Os descendentes degenerados dos Collahuayas entregam-se, por vezes, a grosseiros estratagemas. Enchem a boca de pequenos objectos, que representam serpentes, sapos ou aranhas e cospem-nos, depois da sucção, para provarem à assistência que sugaram a doença. Noutros casos, entregam-se a frenéticos movimentos para testemunharem que o demónio, arrancado ao paciente, se encontra já neles. (G. A. Otero: *La Piedra mágica*, México, 1951, p. 208). Para um exemplo histórico de

feitiço e cura por transferência de doença, a que Pascal teria sido sujeito, veja-se o estudo do dr. Mouezy-Eon, na *Revue métapsychique*, Novembro 1953, p. 21.

14. Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. VII, cap. VI; J. de Acosta: *Historia natural y moral de las Indias*, Madrid, 1792, liv. V, cap. XXVIII.
15. Existia outra forma de jejum, menos rigoroso, que admitia o milho grelhado, as ervas cruas, o pimentão, o sal e a *chicha*, mas também só uma vez ao dia.
16. R. d'Harcourt: *La Médecine dans l'ancien Pérou*, op. cit., p. 142.
17. L. N. Saenz: *La Coca*, Lima, 1938, p. 14.
18. Santa Cruz Pachacuti Yanqui Salcamayhua, nas *Tres relaciones de antigüedades peruanas*, op. cit., p. 253. O museu de La Plata, na República Argentina (actualmente Cidade Eva Perón) contém uma impressionante colecção de crânios deformados. Veja-se a *Revista del Museo de La Plata*, principalmente um artigo de Lehmann-Nitsche, a propósito de três crânios, um trepanado, outro lesionado e outro perfurado.
19. M. Helmer: *La Vie économique au XVI^a siècle sur le haut plateau andin*, op. cit., p. 129. Acerca de tais deformações, podem consultar-se os trabalhos de J. Imbelloni, nos *Anales del Museo Argentino de Ciencias Naturales*, t. XL, 1942, p. 253 (Buenos Aires), nos *Anales del Museo Nacional de Historia Natural*, t. XXXVII, 1933, p. 209, e ainda o estudo de R. Latcham, na primeira destas revistas, t. XXXIX, p. 105.
20. Não poupam os especialistas elogios a este respeito: «Ciência admirável» — escreve Fergusson — «perfeição jamais atingida pelos Gregos ou Romanos ou pelos engenheiros da Idade Média (*Handbook of Architecture*, Londres, 1865-1867, t. II, p. 775).
21. H. Velarde: *Arquitectura peruana*, op. cit., p. 56.
22. O. Nuñez del Prado: *Diferencias de paramentos inca en el Cuzco*, na *Tradición*, Setembro de 1951, p. 4.
23. Ainda existem banhos neste lugar histórico, com as antigas fontes termais (A. Miro Quesada: *Costa, sierra y montaña*, op. cit., p. 173).
24. C. Wiener: *Pérou et Bolivie*, Paris, 1880, p. 132.
25. R. Larco Hoyle: *Los Mochicos*, op. cit., t. II, p. 147; J. Tello: *Arte antiguo peruano*, na *Inca*, vol. II, 1938.
26. F. Romero: *Papiros circulares del Perú*, na *Revista nacional de cultura*, Caracas, Janeiro de 1954, p. 40.
27. R. Carrión Cachot: *La Indumentaria en la antigua cultura de Paracas*, na revista *Wira-Kocha*, t. I, 1931, n.º 1.

28. H. Urteaga: *El Perú*, op. cit., *passim;* E. Yacovleff: *La Deidad primitiva de los Nasca*, na *Revista del Museo Nacional*, Lima, 1932, n.º 2, p. 103.
29. P. A. Means: *Ancient Civilizations of the Andes*, op. cit., p. 162.
30. *Ceramografia peruana*, na *Revista del Museo Nacional*, Lima, 1938, p. 17; N. Silvetti: *Los Lagrimones de la cerámica andina y particularmente del Nordeste argentino*, na *Runa*, Buenos Aires, 1952, vol. V, p. 72; M. Uhle e A. Stubel: *Die Ruinestätte von Tiahuanaco im Hochland des alten Perus*, Breslau, 1892, p. 23.
31. Não falaremos da estranha corrida ritual, de que fala, todavia, um dos mais sérios autores, o arcebispo de Lima, P. de Villagomez, nas *Exortaciones e instrucción acerca de las idolatrias*, na *Colección de libros y documentos referentes a la historia del Peru*, vol. XII, Lima, 1919, p. 173: «Os homens corriam atrás das mulheres, que se esforçavam por atingir uma meta, unindo-se com aquelas a que conseguiam juntar-se.»
32. Encontra-se uma sugestiva imagem no artigo de P. A. Means, no *National Geographic Magazine*, de Fevereiro de 1938, p. 236.
33. R. e M. d'Harcourt: *La Musique des Incas et ses Survivances*, Paris, 1925. Esta música é monódica, sem modulação: «Fica-se algo confundido com a imaginação índia, que sabe, através de meios rudimentares, exprimir com tamanha diversidade e tamanha força os grandes movimentos da alma» (p. 132).
34. Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. II, cap. XXVII.
35. P. A. Means: *Ancient Civilizations of the Andes*, op. cit., p. 436.
36. J. G. Cosio: *El drama quechua «Ollantay»*, na *Revista Universitária de Cuzco*, 1941, t. II, p. 3. Recentemente, foi encontrado um manuscrito da peça na igreja de S. Domingos, em Cusco (antigo templo do Sol). A tradução francesa, de Pacheco Zegarra, foi objecto de críticas. A peça foi publicada em espanhol, na *Biblioteca de cultura peruana*, op. cit., t. I.
37. V. Fidel López: *Les Races aryennes du Pérou*, Paris, 1871, p. 327.
38. Substituímos «o astrólogo», da tradução espanhola de Pacheco Zegarra, pelo «grande sacerdote». Com efeito, essa personagem é tratada respeitosamente por Ollantay e pelo próprio Imperador, o qual, por várias vezes, o trata por «grande sacerdote».
39. Acerca dos diversos argumentos invocados em favor da antiguidade do drama, veja-se a introdução de Pacheco Zegarra, no tomo I da *Biblioteca de cultura peruana*, op. cit., p. 163.
40. Tanto esta narrativa como a seguinte foram extraídas do tomo I da *Biblioteca de cultura peruana*, Paris, 1938. A distinção entre a *puna* e o *pampa* é bastante imprecisa. Talvez a primeira seja pedregosa, e o segundo herboso. Aquela é mais rude e selvagem do que este.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO I

1. L. Valcárcel: *La Religión de los antiguos Peruanos*, na *Revista del Museo Nacional*, Lima, 1939, p. 75.
2. O sonho tinha ainda maior importância na Califórnia e no México.
3. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XIII, cap. XI; A. Bandelier: *The Islands of Titicaca and Coati*, op. cit., p. 99.
4. G. A. Otero: *La Piedra Mágica*, op. cit., p. 212.
5. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XIII, cap. XIII e ss.; Jijón y Caamaño: *La Religión del Imperio de los Incas*, t. I, Quito, 1919, p. 381.
6. Gonçalez Holguin: *Gramática y arte nueva de la lengua general de todo el Perú*, Lima, 1607.
7. M. Brillant e R. Aigrain: *Histoire des Religions*, op. cit., p. 275; Jijón y Caamaño: *La Religión del Imperio de los Incas*, op. cit., pp. 32 e 74.
8. J. de Arona: *Diccionario de peruanismos*, op. cit., p. 233.
9. P. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., p. 20. Este autor cita o caso de uma jovem rapariga, da região de Conchucos, casada com um ídolo *huaca*, de pedra, e condenada, por este motivo, à virgindade.
10. Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., p. 274 a 282.
11. L. Alayza y Paz Soldan: *Mi Pais*, op. cit., t. III, p. 395.
12. H. Castro Pozo: *Nuestra Comunidad indígena*, Lima, 1924, p. 18.
13. H. Castro Pozo: *Nuesta Comunidad indígena*, op. cit., p. 287.
14. G. A. Otero: *La Piedra mágica*, op. cit., p. 203; H. Valdizan y A. Maldonado: *La Medicina popular peruana*, op. cit., t. I, p. 131.
15. J. C. Tello: *Wira-Kocha*, revista *Inca*, 1923, p. 203; R. Lehmann-Nitsche: *Studien zur südamerikanischen Mythologie. Die actiologischen Motive*, Hamburgo, 1939; H. Trimborn: *Francisco de Avila, Dämonen und Zauber in Inkareich*, Lípsia, 1939.
16. H. Castro Pozo: *Nuestra Comunidad indígena*, op. cit., p. 185.
17. *Biblioteca de la cultura peruana*, op. cit., t. II, p.p 78 e 82.

CAPÍTULO II

1. F. Herrera: *Etnobotánica*, na *Revista del Museo Nacional*, Lima, 1942, n.º 1.
2. L. E. Valcárcel: *Historia de la cultura antigua del Perú*, op. cit., t. I, vol. II p. 62.
3. O *chuño* e o *charque* são actualmente vulgaríssimos nos Andes.

4. M. Kuczynski-Godard e C. E. Paz Soldan consideram o Índio como sub-alimentado desde sempre: *Dirección del indigenismo peruano*, Lima, 1948, p. 105; L. E. Valcárcel pensa, pelo contrário, que a alimentação no Peru era tão racional antigamente como o é hoje: *Historia de la cultura antigua del Perú*, op. cit., t. I, vol. II, p. 75 e ss. As estimativas actuais de M. Cépède e M. Longellé são inexactas (*Économie alimentaire du Globe*, Paris, 1953, p. 192).

5. M. Druesne: *Les Problèmes économiques de la Technocratie*, Paris, 1933, p. 16. As estimativas dos tecnocratas não possuem qualquer base. J. Kuon Cabello dá à ração actual do Índio um poder calorífico de duas mil e quinhentas a três mil calorias (*Alimentación del Indio peruano*, na *Revista Universitaria de Cuzco*, 1948, t. III, p. 130). Para o dr. Kuczynski-Godard, esse número sobe, em certas épocas, a três mil e quatrocentas.

6. Quanto às bases teóricas, consulte-se L. Baudin: *La Consommation dirigée en France en matière d'Alimentation*, Paris, 1942.

7. A. Posnansky: *Nuevos Datos referentes a la quina*, no *Boletin de la Sociedad de Geografia de La Paz*, Dezembro de 1945, p. 132.

8. C. Vargas: *El Solanum Tuberosum a través del desenvolvimiento de las actividades humanas*, na *Revista del Museo de Lima*, t. V, n.º 2, 1936.

9. P. A. Means: *Ancient Civilization of the Andes*, op. cit., p. 312.

10. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XIV, cap. II.

11. J. de Acosta: *Historia Natural y moral*, op. cit., cap. V; L. de Atienza: *Compendio historial*, op. cit., cap. V; J. de Betanzos: *Suma y Narración de los Incas*, op. cit., cap. XIII; P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica del Perú*, op. cit., cap. XLI; A. de Zárate: *Historia del descubrimiento y conquista de la provincia del Perú*, na *Biblioteca de autores españoles*, t. XXVI, Madrid, 1853, liv. I, cap. VIII.

12. L. de Atienza: *Compendio historial*, op. cit., p. 105; Garcilaso de la Vega, *Comentarios reales*, op. cit., liv. IX, cap. VIII; J. Imbelloni: *Deformaciones intencionales del cráneo en Sud-América*, na *Revista del Museo de La Plata*, 1924, p. 329.

13. Jijón y Camaño: *La Religión del Imperio de los Incas*, op. cit., vol. I, p. 107.

14. R. A. de Matos: *L'Organisation sociale dans l'ile Taquile*, nos *Travaux de l'Institut français des études andines*, 1951, p. 82.

15. Garcilaso de la Vega: *Comentarios reales*, op. cit., liv. IV, cap. XI; J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., cap. II.

16. J. Mejia Valera: *Organización de la sociedad en el Perú precolombino*, op. cit., p. 34.

17. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., cap. VII.

18. P. de Villagomez: *Carta pastoral de exhortación contra las idolatrias de los Indios del Arcebispado de Lima*, op. cit., p. 168.

19. L. de Atienza: *Compendio historial*, op. cit., p. 108; P. Sarmiento de Gamboa: *Segunda parte de la historia general llamada indica*, op. cit., cap. XIII.

20. M. de Morua: *Historia*, op. cit., liv. III, cap. XXXV.

21. P. M. Oliveira: *Memorandum sobre matrimonio civil y divorcio*, nos *Actos de la Comisión reformadora del Código Civil*, t. II, p. 123.

22. V. J. Guevara: *Derecho consuetudinario de los Indios del Perú y su adaptación al Derecho moderno*, na *Revista Universitaria de Cuzco*, 1924, p. 120.

23. L. Baudin: *L'Indien dans l'économie des États andins*, na *Zeitschrift für die gesamte Staatswissenschaft*, 1949, *Band* 105, fasc. 2, p. 347.

24. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., cap. V; E. Romero: *El Departamento de Puno*, Lima, 1928, p. 221; P. de Villagomez: *Carta pastoral*, op. cit., cap. XLIV; L. Alayza y Paz Soldan: *Mi Pais*, op. cit., t. III, p. 427.

25. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XI, cap. VII.

26. J. de Arriaga: *Extirpación de la idolatria del Perú*, op. cit., cap. VI.

27. P. de Mercado de Peñalosa: *Relación de la provincia de Pacajes*, nas *Relaciones geográficas de Indias*, op. cit., t. II, p. 60; M. de Morua: *Historia del origen y genealogia real*, op. cit., liv. III, cap. XXXIII; F. de Sqantillàn: *Relación*, nas *Tres Relaciones*, op. cit., p. 24.

28. C. de Castro y D. de Ortega Morejón: *Relación y declaración*, op. cit., p. 241; M. de Morua: *Historia del origen y genealogia real*, op. cit., liv. III, cap. XXX; J. Basadre: *Historia del derecho peruano*, Lima, 1937, t. I, p. 160.

29. L. Alayza y Paz Soldan: *Mi Pais*, op. cit., t. III, p. 69.

30. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XI, cap. VI.

31. B. Cobo: *loc. cit.*; J. Delgado: *Folklores y apuntes para la sociologia indigena* op. cit., p. 18.

32. M. Frezier: *Relation du voyage de Mer du Sud*, 1732.

33. B. Cobo: *loc. cit.*

34. L. de Atienza: *Compendio historial*, op. cit., p. 43.

35. Flora Tristan: *Peregrinaciones de una paria*, Lima, 1946.

36. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XIV, cap. VII.

37. L. de Atienza: *Compendio historial*, op. cit., p. 40 e 67.

38. L. de Atienza: *Idem*, p. 59.

39. J. D. von Tschudi: *Contribuciones a la historia*, op. cit., p. 34.

40. R. Porras Barrenechea: Introdução à *Gramática* de Fray Domingo de S. Tomás, op. cit., p. XXVII.

41. J. Uriel Garcia: *Pueblos y paisajes sudperuanos*, op. cit., cap. 6. A mais estranha das danças «históricas» actuais é aquela em que os Índios, cobertos com vestuários de conquistadores e de Incas, imitam uma

cerimónia de homenagem prestada pelos primeiros aos segundos, espécie de tardia rectificação da história, de ingénuo desforço dos vencidos.

42. E. Romero: *Juegos del antiguo Peru*, p. 162.
43. H. Castro Pozo: *Nuestra Comunidad indigena*, op. cit., p. 162.
44. P. de Cieza de León: *Primera Parte de la Crónica del Perú*, op. cit., cap. LXIII.
45. C. W. Mead: *Old Civilizations of Inca Land*, op. cit., p. 90.
46. H. Trimborn: *Familien und Erbrecht in präkolumbischen Peru*, na *Zeitschrift für Vergleichende Rechtswissenschaft*, XLII, 1937.
47. C. de Castro y D. de Ortega Morejón: *Relación y declaración*, op. cit., p. 24.
48. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XII, cap. XV.
49. P. de Villagomez: *Carta pastoral*, op. cit., cap. XLII; J. Mejia Valera: *Organización de la Sociedad en el Perú precolombino*, op. cit., p. 38.

CAPÍTULO III

1. O calendário, que descrevemos, foi em grande parte tirado de Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., pp. 1131 a 1157.
2. Este mês é «o começo dos aguaceiros», escreve Poma de Ayala.
3. Poma de Ayala chama ao mês de Junho *Chuño Mocaya Zaroy Quilla*, ou seja, mês durante o qual se descasca a batata gelada, esmagando-a com os pés, para se obter o *chuño*.
4. Por esta época se procedia ao transporte dos produtos das terras do Sol e do Inca para os depósitos públicos.
5. J. de Acosta: *Historia Natural y Moral*, op. cit., liv. III, cap. XVIII; B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XIV, cap. VIII.
6. A. Miro Quesada: *Costa, sierra y montaña*, op. cit., p. 186.
7. Sobre as explicações relativas aos sistemas económicos, queira o leitor consultar o nosso *Manuel d'Économie Politique*, 7.ª ed., Paris, 1953, pp. 288 e ss.
8. Polo de Ondegardo: *De la orden que los Yndios tenyan en dividir los tributos é distribuyrlos entre si*, na *Colección de documentos inéditos del Archivo de Indias*, t. XVII.
9. Polo de Ondegardo: *Relación de los fundamentos acerca del notable daño que resulte de no guardar a los Indios sus fueros* (1571), na *Colección de documentos inéditos del Archivo de Indias*, t. XVII, p. 46. O marquês de Cañete, vice-rei do Peru, em 1555, mandou entregar, após inquérito, à província de Chucuito as terras que possuía no litoral, ao tempo dos Incas, e que lhe asseguravam a subsistência.

10. P. Rodriguez de Aguayo: *Descripción de la ciudad de Quito*, nas *Relaciones geográficas de Indias*, t. III, p. 95.
11. Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., p. 22.
12. R. Latcham: *La Organización agraria de los antiguos indigenas de Chile*, em *La Información*, Dezembro de 1926.
13. Não falamos das terras dos *curacas*, porque as informações a esse respeito são contraditórias. A relação referente à província de Chucuito não concorda com as declarações de Fernando de Santillán e do licenciado Falcón.
14. A. Jimenez Borja: *Imagem del mundo aborigen*, na *Tradición*, Cusco, Janeiro de 1951, p. 9.
15. Para uma bela descrição, veja-se o princípio de *Balseros del Titicaca*, de E. Romero, Lima, 1934.
16. Pedro Pizarro: *Relación del descubrimiento y conquista del Perú*, op. cit., p. 276.
17. Thor Heyerdahl: *L'Expédition du «Kon-Tiki»*, op. cit., p. 176.

CAPÍTULO IV

1. L. Capitan et H. Lorin: *Le Travail en Amérique avant et après Colomb*' Paris, 1930, p. 141.
2. *Gossypium peruvianum*, de fibras longas.
3. P. A. Means: *Ancient Civilizations of the Andes*, op. cit., cap. XI.
4. L. Capitan et H. Lorin: *Le Travail en Amérique avant et après Colomb*, op. cit., p. 150.
5. L. M. O'Neale: *Tejidos del periodo primitivo de Paracas*, na *Revista del Nacional de Lima*, 1932, n.º 2, p. 61.
6. F. de Santillàn: *Relación*, op. cit., parágr. 73; C. de Castro y D. de Ortega Morelón: *Relación y declaración*, op. cit., p. 218.
7. R. d'Harcourt: *Le Trenage des Frondes au Pérou et en Bolivie*, no *Journal des Américanistes de Paris*, 1940, p. 103.
8. E. Yacovleff: *Arte plumaria entre los antiguos Peruanos*, na *Revista del Museo Nacional de Lima*, 1933, n.º 2, p. 146; J. de Acosta: *Historia Natural*, op. cit., t. I, liv. IV, cap. XXXVII.
9. R. Porras Barrenechea: *Una Relación inédita*, op. cit.
10. R. Loredo: *El Reparto de los tesoros del Cuzco*, na *Revista del archivo histórico del Cuzco*, 1950, t. I, p. 259.
11. L. Baudin: *L'Empire socialiste des Incas*, op. cit., p. 167.
12. Pedro Sancho: *Relación para S. M.*, op. cit., p. 181.
13. No Equador, incrustava-se ouro nos incisivos de algumas grandes personagens. Encontraram-se objectos de ouro no litoral, a meio cami-

nho entre Lima e Trujillo, e também nas margens do lago Titicaca. Os buracos feitos nas pedras de Tiahuanaco destinavam-se a receber alfinetes de cabeça de ouro, segundo se conta aos visitantes. M. Saville: *The Gold treasure of Sigsig, Ecuador*, Nova Iorque, 1924; Wendell C. Bennett: *Peruvian Gold, Natural History*, Janeiro de 1932, p. 22; P. A. Means: *The Spanish Main*, Nova Iorque, 1935, p. 103.

14. No momento da sua ascensão ao trono, devia o chefe Chibcha de Guatabita, no alto planalto colombiano, fazer um sacrifício aos deuses, atirando ouro a um lago. No decurso da cerimónia ritual, que se seguia, era untado com uma substância viscosa, à qual se juntava ouro em pó, por forma a brilhar como se, de facto, se tratasse de ouro (P. A. Means: *The Spanish Main*, op. cit., p. 105).
15. J. de Acosta: *Historia natural y moral*, op. cit., t. II, liv. VI, cap. XVI.
16. J. A. Fonvielhe: *L'Évolution juridique et sociale de l'Indien du Pérou*, op. cit., p. 165; A. Sivirichi: *Derecho indigena peruano*, op. cit., pp. 289 e 290; O. Nuñez del Pardo: *Chinchero, un pueblo andino del Sud*, na *Revista Universitaria de Cuzco*, 1949, II, p. 201; G. Bedregal: *Nueva Organización de la comunidad indigena*, na *Revista Universitaria de Cuzco*, 1948, I, p. 236.
17. M. Helmer: *La Vie économique au XVIe siècle sur le haut plateau andin*, op. cit., p. 137.
18. Poma de Ayala: *Nueva Corónica*, op. cit., p. 352; P. de Cieza de León: *Segunda Parte de la Crónica del Perú*, op. cit., cap. XXII; J. H. Howland Rowe: *Inca Culture at the time of Spanish conquest*, op. cit., p. 231.
19. Há uma certa confusão entre os cronistas a respeito do *hatunchasqui*, ora considerado como o chefe dos correios, ora como um correio de longo curso.
20. Para apreciação das velocidades das marchas e dos sinais de reconhecimento por meio de bastonetes, veja-se L. Baudin: *L'Empire socialiste des Incas*, op. cit., respectivamente, nas pp. 197 e 125. A propósito dos Cañaris: G. Suárez: *Historia general del Ecuador*, Quito, 1890-1892, t. I, p. 174.
21. Pedro Sancho: *Relación para S. M.*, op. cit. p. 182.
22. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XII, cap. XXXVI.

CAPÍTULO V

1. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XI, cap. VIII; R. Latcham: *El Dominio de la tierra y el sistema tributario en el antiguo imperio de los Incas*, na *Revista chilena de historia y geografía*, Janeiro de 1927, p. 274.
2. J. M. Moscoso: *Les Ayllus reales de San Sebastian*, na *Revista Universitaria de Cuzco*, 1950, II, p. 151.

3. E. Nordenskiold: *Emploi de la balance romaine en Amérique du Sud avant la conquête*, no *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 1921. Do mesmo autor: *The Ancient Peruvian System of Weights*, em *Man*, 1930, p. 155; C. Letourneau: *L'Évolution du Commerce*, Paris, 1897, p. 202.
4. Reportagem do coronel Júlio Guerrero, na *Revista Universitaria de Cuzco*, 1949, II, p. 127.
5. J. de Sámanos: *Relación de los primeros descubrimientos de Francisco Pizarro y Diego de Almagro*, na *Colección de documentos inéditos para la historia de España*, t. V.
6. Escreve Ricardo Latcham, não sem certa dose de exagero, que o tráfego na América do Sul se tornara internacional antes do século XV (*El comercio precolombiano*, Santiago do Chile, 1909, p. 45).
7. É caso para perguntar se os Incas tiveram qualquer contacto com os Aztecas e se os seus predecessores o tiveram com os Maias ou com os Olmecas, mais célebres ainda, e só recentemente descobertos. Conheciam, provàvelmente, a sua existência, mas os conhecimentos, mais ou menos exactos, a esse respeito, eram irregulares, em razão da distância.

CONCLUSÃO

1. B. de las Casas, que sempre se mostra com tendência para o exagero, declara que as «Repúblicas índias», não só igualaram, como até ultrapassaram todas as antigas repúblicas «pelas suas boas leis e seus costumes (*Apologética historia sumaria*, op. cit., t. I, p. 681).
2. J. Guerrero, na *Revista Universitaria de Cuzco*, op. cit., p. 153.
3. S. Lorente: *Historia antigua del Peru*, Lima, 1860, p. 332.
4. B. Cobo: *Historia del Nuevo Mundo*, op. cit., liv. XI, cap. VIII.
5. Polo de Ondegardo: *Relación de los fundamentos*, op. cit., p. 87.
6. Também nós o acreditámos até agora.
7. E. Durkheim: *La Division du Travail social*, Paris, 1893, p. 268.
8. J. de Acosta: *Historia natural y moral*, op. cit., t. II, liv. VI, cap. XV.